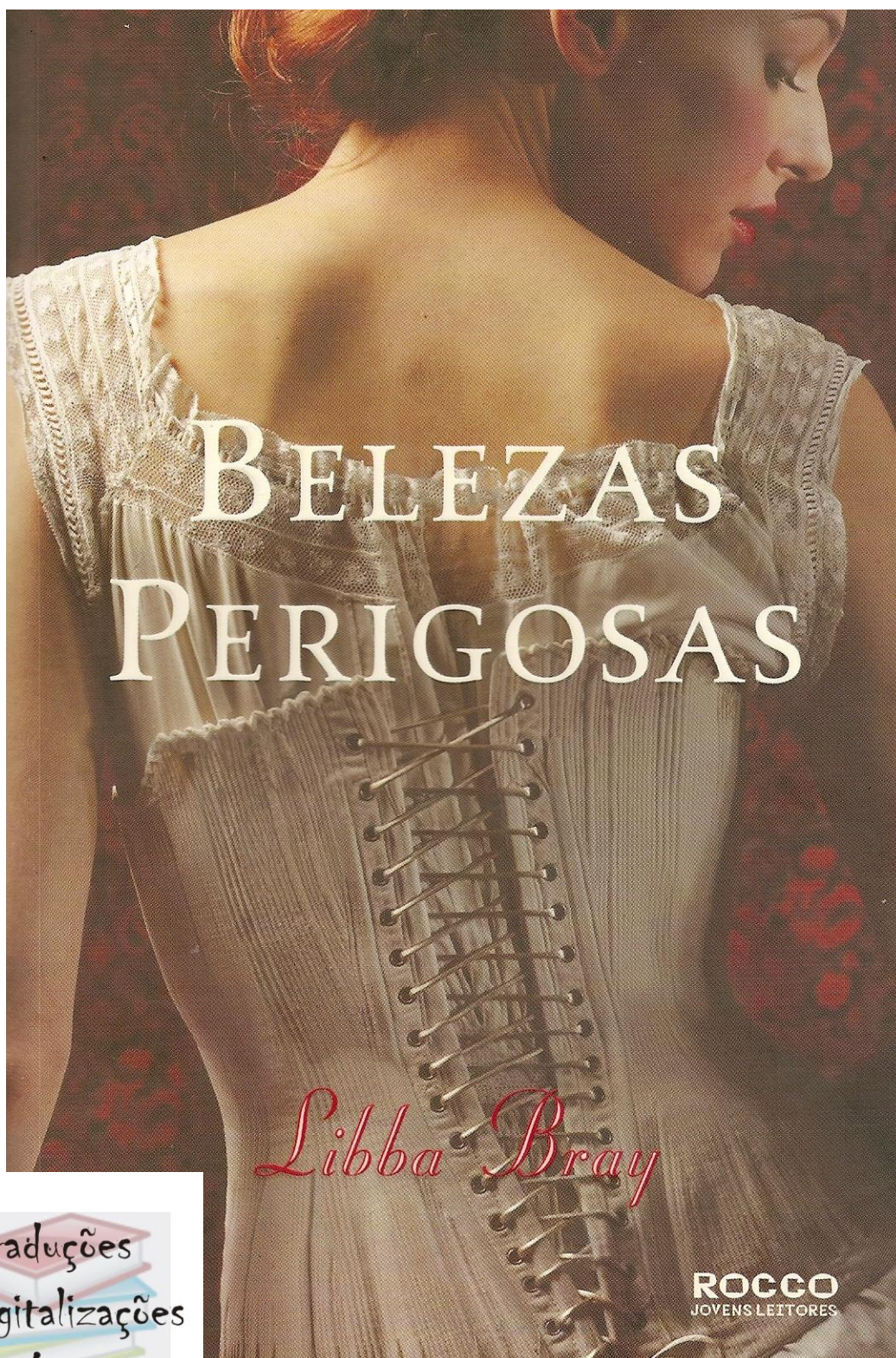




“Belezas Perigosas”



The Great and Terrible Beauty

Libba Bray

*

Gemma Doyle não é como as outras moças. Moças de modos impecáveis, que só falam quando alguém dirige a palavra a elas, que se lembram da sua posição social, que dançam com graça e que são capazes de mentir em nome da Inglaterra quando necessário.

Não, esta moça, Gemma, é única.

Ela foi mandada para a academia Spence em Londres depois da tragédia que se abateu sobre sua família, na Índia. Solitária, esmagada pela culpa e inclinada a visões do futuro que têm o desconfortável hábito de se tornarem realidade, Gemma é recebida com frieza. Mas ela não está totalmente sozinha... foi seguida por um jovem misterioso, enviado para avisá-la de que deve fechar sua mente a essas visões.

Pois é em Spence que o poder de Gemma em atrair o sobrenatural se revela; lá ela se envolve com as moças mais poderosas da escola e descobre a ligação de sua mãe com um grupo muito antigo e misterioso chamado a Ordem. É lá que o destino a aguarda... caso Gemma consiga acreditar nisso.

Belezas Perigosas é o primeiro volume da trilogia Gemma Doyle.

.

Libba Bray é autora de peças de teatro, contos, ensaios e outros textos que, segundo ela, "jamais deveriam ver a luz do dia". Trabalhou em atividades diversas, desde garçoneiro à revisora, mas hoje prefere o ofício de escritora, pela simples necessidade de escrever. A juventude no Texas (EUA) sob uma cultura underground rendeu-lhe a personalidade excêntrica e direta.

Atualmente, Libba mora no Brooklyn, em Nova York, com o marido e o filho.

Para Barry e Josh

Lá ela tece noite e dia
Uma teia mágica de cores vistosas.
Ela ouviu um sussurro dizendo:
Uma maldição cairá sobre ela se continuar a
Olhar com desprezo para Camelot.
Ela não sabe qual é a maldição,
E assim ela tece continuamente,
E outro pouco cuidado ela tem,
A senhora de Shalott

E movendo-se através de um espelho
Que pende diante dela o ano todo,
Sombras do mundo aparecem.

*Lá ela vê a estrada próxima
Que desce sinuosa até Camelot...*

*Mas em sua teia ela ainda se deleita
Em tecer as visões mágicas do espelho,
Pois frequentemente, nas noites silenciosas,
Um funeral, com plumas e luzes
E música, dirigia-se a Camelot;
Ou quando a lua brilhava no céu
Surgiam dois jovens amantes recém-casados.
"Eu estou cansada de sombras", disse
A senhora de Shalott.*

*E descendo o vasto e turvo rio
Como um bravo vidente em transe,
Ao ver toda a sua infelicidade
Com um olhar opaco,
Ela contemplou Camelot.
E ao final do dia
Ela soltou a âncora e se deitou;
A correnteza carregou-a para bem longe,
A senhora de Shalott.*

- "The Lady of Shalott", de Alfred, Lord Tennyson

CAPÍTULO UM

21 de junho de 1895

Bombaim, Índia

- Por favor, diga-me que isto não vai fazer parte do meu jantar de aniversário hoje à noite.

Estou olhando para a cara de uma serpente. Uma língua surpreendentemente rosada desliza para fora e para dentro de uma boca cruel enquanto um indiano cujos olhos têm o azul da cegueira inclina a cabeça na direção da minha mãe e explica em hindi que cobras são uma comida deliciosa.

Minha mãe estica um dedo enluvado de branco para acariciar as costas da cobra.

- O que você acha, Gemma? Agora que você já tem dezesseis anos, que tal jantar uma cobra?

Aquela coisa rastejante me faz estremecer.

- Acho que não, obrigada.

O indiano velho e cego sorri desdentadamente e aproxima a serpente de mim. É o suficiente pra me fazer recuar abruptamente e dar um encontrão numa estante de madeira cheia de pequenas estátuas de divindades indianas. Uma das estátuas, uma mulher cheia de braços e com o rosto crispado de raiva, cai no chão. Kali, a Destruidora. Ultimamente, minha mãe tem me acusado de mantê-la extra-oficialmente como minha santa padroeira. Ultimamente, mamãe e eu não temos nos dado muito bem. Declaro enfaticamente para quem quiser ouvir que é tudo porque ela se recusa a me levar para Londres.

- Eu soube que em Londres, você não tem que arrancar as presas da sua comida antes de comer – digo. Nós passamos pelo homem com sua serpente e nos misturamos com a multidão de pessoas que lota cada centímetro do frenético mercado de Bombaim. Mamãe não responde, mas afasta com um gesto um tocador de realejo e seu macaco. O calor é insuportável. Por baixo do meu vestido de algodão e das minhas anáguas, o suor escorre pelo meu corpo. As moscas, as minhas mais ardentes admiradoras, atacam o meu rosto. Tento matar um daqueles pequenos animais alados, mas ele escapa e quase posso jurar que está debochando de mim. O meu sofrimento está atingindo proporções epidêmicas.

No alto, as nuvens estão carregadas e escuras, avisando que esta é a estação das monções, quando chuvas torrenciais podem cair do céu numa questão de minutos. No bazar cheio de pó, um homem tagarela de turbante guincha e pechincha, erguendo sedas de cores brilhantes na nossa direção com suas mãos morenas, queimadas de sol. Por toda parte vêem-se carroças carregadas de cestas de vime oferecendo todo tipo de utensílios e comidas – vasos de cobre, caixas de madeira entalhadas com complicados desenhos florais e mangas amadurecendo no calor.

- Quanto falta ainda para chegar na casa nova da Sra. Talbot? Não podemos, por favor, pegar uma carruagem? – pergunto com uma contrariedade que espero que seja notada.

- Está um dia ótimo para uma caminhada. E eu agradeceria se você fosse mais gentil. Meu aborrecimento foi realmente notado.

Sarita, nossa sofredora empregada, oferece romãs com suas mãos curtidas.

- Memsahib, estas estão muito boas. Talvez pudéssemos levar para o seu pai, sim?

Se eu fosse uma boa filha, levaria algumas para o meu pai, veria seus olhos azuis brilharem quando ele abrisse a fruta vermelha e succulenta e depois comesse as pequenas sementes com uma colher de prata, como convém a um cavalheiro inglês.

- Só vai servir para ele sujar seu terno branco – resmungo. Minha mãe começa a me dizer alguma coisa, se arrepende no meio, suspira, como sempre. Nós costumávamos ir a toda parte juntas, minha mãe e eu, visitar templos antigos, explorar os costumes locais, assistir a festivais hindus, ficar acordadas até tarde para ver as ruas se acenderem com a luz das velas. Agora, ela mal me leva para algumas visitas sociais. É como se eu fosse uma leprosa sem uma colônia.

- Ele vai sujar o terno. Ele sempre suja – murmuro em minha defesa, embora ninguém esteja prestando a menor atenção em mim, exceto o tocador de realejo e seu macaco. Eles estão me seguindo, na esperança de conseguir algum dinheiro. A gola alta da renda do meu vestido está empapada de suor. Anseio pelo verde exuberante e fresco da Inglaterra, que só conheço das cartas da minha avó. Cartas cheias de fofocas sobre chás dançantes e bailes e quem scandalizou quem do outro lado do mundo, enquanto eu estou encalhada nesta Índia chata e poeirenta, vendo o macaco de um tocador de realejo fazer um truque com tâmaras, o mesmo truque que ele vem fazendo há um ano.

- Veja o macaco, memsahib. Veja como ele é adorável! – Sarita diz isso como se eu ainda tivesse três anos e estivesse agarrada na barra da saia do seu sári. Ninguém parece entender que tenho dezesseis anos e quero, não, preciso, ir para Londres, onde posso estar perto dos museus, dos bailes e dos homens que têm mais de seis e menos de sessenta anos.

- Sarita, esse macaco é um ladrão treinado que logo logo vai estar querendo o seu dinheiro – eu disse com um suspiro. Dito e feito, o moleque peludo na mesma hora pula no meu ombro com a pata estendida. – Que tal virar ensopado num jantar de aniversário? – digo a ele trincando os dentes. O macaco guincha. Mamãe faz uma careta ao ver minha falta de educação e deixa cair uma moeda na caneca do dono dele. O macaco sorri em triunfo e pula por cima da minha cabeça antes de fugir. Um vendedor estende uma máscara com dentes arreganhados e orelhas de elefante. Sem uma palavra, mamãe põe a máscara na frente do rosto.

- Encontre-me se puder – ela diz. É uma brincadeira que ela faz comigo desde que comecei a andar, uma espécie de esconde-esconde para me fazer sorrir. Uma brincadeira de criança.

- Vejo apenas minha mãe – digo entediada. – Os mesmos dentes. As mesmas orelhas.

Mamãe devolve a máscara ao vendedor. Atingi a vaidade dela, seu ponto fraco.

- Estou vendo que fazer dezesseis anos não cai muito bem na minha filha – ela diz.

- É, tenho dezesseis anos. Dezesseis. Uma idade em que a maioria das moças decentes foi mandada para uma escola em Londres. – Enfatizo a palavra *decentes*, na esperança de apelar para algum instinto maternal de vergonha e dignidade.

- Isto me parece um tanto verde – ela está examinando atentamente uma manga. Esta inspeção é desgastante.

- Ninguém tentou manter Tom preso em Bombaim – digo, invocando o nome do meu irmão como um último recurso. – Ele passou quatro anos inteiros lá! E agora está começando a universidade.

- É diferente para os homens.

- Isso não é justo. Eu nunca vou ter uma oportunidade. Vou acabar sendo uma solteirona com centenas de gatos que tomam leite em tigelas de porcelana. Estou choramingando. É deselegante, mas não consigo parar.

- Compreendo – mamãe diz, finalmente. – Você gostaria de ser exibida nos salões de Londres como um cavalo de raça para que avaliem suas capacidades reprodutoras?

Você ainda acharia Londres tão fascinante quando se tornasse objeto do mais cruel falatório por ter quebrado alguma regra sem importância? Londres não é tão idílica quanto as cartas de sua avó dão a entender.

- Eu não saberia dizer. Nunca estive lá.

- Gemma... – O tom de voz de mamãe é de advertência, embora continue a sorrir para os indianos. Ela não pode permitir que eles pensem que nós, damas britânicas, somos vulgares a ponto de discutir no meio da rua. Nós só falamos sobre o tempo, e quando o tempo está ruim, fingimos não notar.

Sarita ri nervosamente.

- Como é possível que memsabih já seja uma moça? Parece que era ontem que ela estava no berço. Ah, olhe, tâmaras! Suas favoritas. – Ela abre um sorriso de dentes falhados que faz com que cada ruga do seu rosto sobressaia. Está calor e de repente tenho vontade de gritar, de fugir de tudo e de todos.

- Essas tâmaras devem estar podres por dentro. Igualzinho à Índia.

- Gemma, agora chega – mamãe me fuzila com seus olhos verdes. Penetrantes e sábios, como dizem as pessoas. Tenho os mesmo olhos verdes, grandes e puxados. Os indianos dizem que eles são inquietantes, perturbadores. Como ser olhado por um fantasma. Sarita sorri para os próprios pés, mantém as mãos ocupadas ajustando o seu sári marrom. Sinto uma ponta de culpa por dizer uma coisa tão feia sobre a terra dela. A nossa terra, embora eu não me sinta realmente em casa em lugar nenhum esses dias.

- Memsahib, você não quer ir para Londres. Lá é frio e cinzento, e não tem ghee (manteiga clarificada) para o pão. Você não vai gostar de lá.

Um trem apita ao entrar na estação próxima à deslumbrante baía. Bombaim. Quer dizer boa baía, embora eu não consiga ver nada de bom nela neste momento. Uma coluna escura de fumaça do trem sobe na direção das nuvens. Mamãe a observa subir.

- Sim, fria e cinzenta. – Ela leva a mão à garganta e toca no colar que pende do seu pescoço, um pequeno medalhão de prata com um olho por cima de uma lua crescente. Um presente de um aldeão, segundo mamãe. Seu talismã. Eu nunca a vi sem ele.

Sarita põe a mão no braço de mamãe.

- Está na hora de ir, memsahib.

Mamãe afasta os olhos do trem, larga o colar.

- Sim. Vamos. Vamos nos divertir muito na casa da Sra. Talbot. Tenho certeza de que ela preparou bolos gostosos para o seu aniversário...

Um homem com um turbante branco e uma grossa capa preta de viagem dá um encontrão nela por trás com toda a força.

- Mil perdões, ilustre senhora.

Ele sorri e faz um profunda reverência para se desculpar da sua grosseria. Ao fazer isto, revela atrás de si um rapaz usando a mesma estranha capa. Por um momento, meus olhos se cruzam com os do rapaz. Ele não é muito mais velho do que eu, não deve ter mais de dezessete anos, é moreno, tem lábios grossos e os cílios mais longos que já vi. Sei que não devo achar homens indianos atraentes, mas não costumo ver muitos rapazes e me vejo ficando vermelha sem querer. Ele desvia os olhos e estica o pescoço para olhar por cima da multidão.

- O senhor devia ter mais cuidado – Sarita diz para o homem, ameaçando-o com o braço. – É melhor que o senhor não seja um ladrão, senão será punido.

- Não, não, memsahib, sou apenas muito desastrado. – Ele esquece o sorriso e o jeito simplório. Murmura baixo para a minha mãe num inglês perfeito.

- Circe está perto.

Isto não faz sentido para mim, são apenas palavras ditas por um ladrão astuto para nos distrair. Começo a dizer isso para minha mãe, mas a expressão de puro pânico em seu rosto me deixa gelada. Seus olhos estão desvairados quando ela examina as ruas apinhadas de gente como se estivesse procurando uma criança perdida.

- O que foi? O que aconteceu? – pergunto.

Os homens se foram. Eles desapareceram na multidão deixando apenas suas pegadas na poeira.

- O que foi que o homem disse para você?

A voz da minha mãe é dura como aço:

- Não foi nada. Ele deve ser maluco. As ruas não são mais seguras hoje em dia.

Nunca ouvi minha mãe falar assim. Com tanta dureza. Com tanto medo.

- Gemma, acho melhor eu ir sozinha à casa da Sra. Talbot.

- Mas e o bolo? – É ridículo dizer isso, mas é meu aniversário, e embora eu não queira passá-lo na sala de visitas da Sra. Talbot, certamente não quero desperdiçar o dia sozinha em casa, só porque um doido de capa preta e seu bando assustaram a minha mãe.

Mamãe aperta o xale ao redor dos ombros.

- Nós vamos comer bolo mais tarde...

- Mas você prometeu...

- Sim, bem, mas isso foi antes... – Ela não termina a frase.

- Antes do quê?

- Antes de você me irritar tanto! Francamente, Gemma, você não está com humor para visitas hoje. Sarita vai levar você para casa.

- Estou de ótimo humor – protesto, demonstrando o contrário.

- Não está, não! – Os olhos verdes de mamãe fitam os meus. Existe alguma coisa neles que nunca vi antes. Uma raiva enorme e aterradora que me deixa sem fôlego. Com a mesma rapidez com que surgiu, ela desaparece, e mamãe volta a ser mamãe.

- Você está muito cansada, precisa de um descanso. Hoje à noite vamos comemorar e vou deixar você beber um pouco de champanhe.

Vou deixar você beber um pouco de champanhe. Não é uma promessa – é uma desculpa para se livrar de mim. Houve um tempo em que nós fazíamos tudo juntas, e agora não podemos nem andar pelo mercado sem trocar alfinetadas. Sou motivo de vergonha e decepção. Uma filha que ela não quer levar a lugar nenhum, nem a Londres nem mesmo à casa de uma velhota que faz um chá fraco.

O trem torna a apitar, fazendo-a pular de susto.

- Olha, eu vou deixar você usar o meu colar, hummm? Toma, use o colar. Sei que você sempre gostou dele.

Eu fico parada, muda, e deixo que ela pendure no meu pescoço um colar que sempre desejei, é verdade, mas agora ele pesa em mim, uma coisa reluzente, odiosa. Um suborno. Mamãe lança outro olhar rápido em direção ao mercado antes de me fitar com seus olhos verdes.

- Pronto. Você parece... adulta. – Ela aperta o meu rosto com sua mão enluvada e se demora, como se quisesse memorizar as minhas feições. Eu a vejo em casa.

Não quero que ninguém repare nas lágrimas que estão saltando dos meus olhos, então tento pensar na pior coisa que poderia dizer e as palavras se formam nos meus lábios quando estou saindo do mercado:

- Não me importo se você nunca mais voltar para casa.

CAPÍTULO DOIS

Estou correndo no meio de uma multidão de vendedores e crianças mendigando dinheiro entre camelos fedorentos, quase esbarrando em dois homens carregando sáris pendurados num pedaço de corda amarrada em dois paus. Viro numa ruazinha estreita e vou seguindo por becos sinuosos até ser obrigada a parar para recuperar o fôlego. Lágrimas quentes descem pelo meu rosto. Eu me permito chorar agora que não tem ninguém para ver.

Deus me livre das lágrimas de uma mulher, pois não tenho forças para resistir a elas. Era isso que o meu pai iria dizer se estivesse aqui agora. Meu pai com seus olhos cintilantes e seu bigode farto, sua gargalhada sonora quando eu o agrado e seu olhar distante – como se eu não existisse – quando não me comporto como uma dama. Imagino que ele não vá ficar feliz quando souber como me comortei. Dizer coisas desagradáveis e sair correndo não é o tipo de comportamento capaz de conseguir uma viagem para Londres. Meu estômago dói ao pensar nisso. O que foi que deu em mim?

Agora só me resta engolir o meu orgulho, voltar e pedir desculpas. Se eu conseguir achar o caminho de volta. Nada me parece familiar. Dois velhos estão sentados no chão de pernas cruzadas, fumando pequenos cigarros marrons. Eles me vêem passar. Percebo que estou sozinha na cidade pela primeira vez. Sem acompanhante. Sem companhia. Uma dama desacompanhada. Isso é muito escandaloso. Meu coração bate mais depressa e apresso o passo.

O ar está muito parado. A tempestade se aproxima. A distância, posso ouvir o burburinho do mercado, as últimas ofertas do dia antes que tudo seja fechado devido ao temporal da tarde. Sigo o som e chego onde estava antes. Os velhos sorriem para mim, uma garota inglesa perdida e sozinha nas ruas de Bombaim. Eu poderia perguntar a eles como voltar ao mercado, embora meu hindi não seja nem de longe tão bom quanto o do papai, e é possível que *Onde fica o mercado* possa sair como *Eu invejo a bela vaca do seu vizinho*. Ainda assim, vale a pena tentar.

- Com licença – digo para o homem mais velho, o que tem uma barba branca. – Acho que estou perdida. O senhor poderia me dizer qual é o caminho para o mercado?

O sorriso do homem desaparece e é substituído por um olhar de medo. Ele fala com o outro homem num dialeto que não entendo. Rostos espiam de janelas e portas, tentando ver o que está causando problemas. O velho fica em pé, aponta para mim, para o colar. Será que ele não gosta do colar? *Alguma coisa* em mim assustou-o. Ele me enxota dali, entra e fecha a porta na minha cara. É revigorante saber que não só minha mãe e Sarita que me acham intolerável.

Os rostos nas janelas continuam a vigiar-me. Caem as primeiras gotas de chuva. A água molha o meu vestido. O céu vai desabar a qualquer momento. Tenho que voltar. Não sei o que mamãe vai fazer se acabar encharcada por minha causa. Por que me comortei como uma pirralha petulante? Agora ela nunca irá levar-me para Londres. Vou acabar num convento austríaco, cercada por mulheres de bigode, estragando a vista de tanta fazer rendas para o enxoval de outras moças. Não adianta amaldiçoar o meu mau humor, isso não vai me levar de volta. Escolha uma direção, Gemma, qualquer direção, e vá. Pego o caminho da direita. A rua desconhecida leva à outra e à outra, e assim que viro uma curva eu o vejo vindo. O rapaz do mercado.

Não entre em pânico, Gemma. Afaste-se devagar, antes que ele a veja.

Dou dois passos rápidos para trás. Meu calcanhar pisa numa pedra escorregadia e deslizo pela rua. Quando consigo me equilibrar, ele está olhando para mim, como um olhar que não consigo decifrar. Por um segundo, nenhum de nós se mexe. Ficamos tão imóveis quando o ar à nossa volta que está prometendo chuva ou ameaçando uma tempestade.

Um medo súbito toma conta de mim, provocado por conversas ouvidas no gabinete do meu pai – histórias acompanhadas de conhaque e charutos sobre a sorte de uma mulher desacompanhada, subjugada por homens maus, sua vida arruinada para sempre. Mas isso era apenas conversa. Ali estava um homem de verdade, caminhando na minha direção, diminuindo a distância entre nós com passadas vigorosas.

Ele quer me agarrar, mas eu não vou deixar. Com o coração aos pulos, levanto as minhas saias, pronta pra correr. Tento dar um passo, mas minhas pernas estão bambas. O chão treme e se ergue sobre mim.

O que está acontecendo?

Anda. Você tem que andar, mas não consigo. Sinto uma dormência estranha, que começa nos meus dedos, sobe pelos braços até chegar no meu peito. Meu corpo inteiro treme. Uma pressão terrível me impede de respirar, me faz cair de joelhos. O pânico cresce como erva daninha em minha boca. Quero gritar. As palavras não saem. Nenhum som. Ele me alcança quando caio no chão. Quero pedir a ele para me ajudar. Focalizo o olhar no rosto dele, nos seus lábios grossos, que formam um arco perfeito. Seus cachos caem sobre seus olhos, profundos, castanhos, de longos cílios. Olhos assustados.

Ajude-me.

As palavras ficam presas dentro de mim. Não tenho mais medo de perder a minha virtude; sei que devo estar ficando corada. Tento fazer a minha boca dizer isso a ele, mas só consigo produzir um som estrangulado na garganta. Um cheiro forte de rosa e especiarias me domina enquanto o horizonte se afasta, minhas pálpebras tremem e luto para ficar acordada. São os lábios dele que se abrem, se movem, falam.

É a voz dele que diz:

- Está acontecendo.

A pressão aumenta até eu sentir que vou estourar, e aí estou caindo, um túnel giratório de cor e luz ofuscantes puxando-me para baixo como uma corrente marítima. Caio sem parar. Imagens se sucedem rapidamente. Passo por mim mesmo aos dez anos, brincando com Julia, uma boneca de pano que perdi num piquenique um ano depois; tenho seus anos, e Sarita está lavando o meu rosto para o jantar. O tempo recua vertiginosamente, estou com três anos, com dois, sou um bebê, e depois algo pálido e estranho, uma criatura do tamanho de um girino e tão frágil quanto. A forte corrente me agarra com força, puxando-me através de um véu escuro, até eu tornar a ver de novo aquela rua na Índia. Sou uma visitante, caminhando como num sonho, sem ouvir nenhum som, exceto as batidas do meu coração, o ar entrando e saindo dos meus pulmões, o sangue correndo pelas minhas veias. Nos telhados acima de mim, o macaco do tocador de realejo escapa correndo, mostrando os dentes. Tento falar mas não consigo. Ele pula para outro telhado. Uma loja onde ervas secas pendem das calhas e um pequeno símbolo com um olho e uma meia lua – igual ao do colar da minha mãe – está afixado na porta. Uma mulher sobe rapidamente a rua inclinada. Uma mulher de cabelo castanho-dourado, vestido azul, luvas brancas. Minha mãe. O que a minha mãe está fazendo aqui? Ela devia estar na casa da Sra. Talbot, tomando chá e conversando sobre tecidos.

Meu nome flui dos seus lábios. *Gemma. Gemma.* Ela veio me procurar. O indiano de turbante está logo atrás dela. Ela não percebe. Chamo por ela, mas minha boca não

emite nenhum som. Com uma das mãos, ela abre a porta da loja e entra. Vou atrás dela, e o meu coração bate cada vez mais alto e depressa. Ela deve saber que o homem está atrás dela. Ela deve estar ouvindo a respiração dele. Mas ela só olha para frente.

O homem tira um punhal de dentro do casaco, mas ela não se vira. Sinto que vou vomitar. Quero fazê-la parar, tira-la dali. Cada passo adiante é como empurrar o ar, erguer as pernas, uma agonia em câmera lenta. O homem pára, escutando. Ele arregala os olhos. *Ele está com medo.*

Tem alguma coisa enroscada, esperando nas sombras no fundo da loja. É como se a escuridão comesse a se mover. Como ela pode estar se movendo? Mas está, com um som gelado, deslizante, que faz a minha pele se arrepiar. Uma figura escura estende-se para fora do seu esconderijo. Ela cresce até tomar todo o espaço. A escuridão no centro da coisa está girando, e o som... os gritos e gemidos mais medonhos vêm de dentro dela.

O homem avança e a coisa cai sobre ele. Ela o *devora*. Agora ela paira sobre a minha mãe e fala num sibilo astuto:

Junte-se a nós, linda. Estávamos esperando...

O meu grito implode dentro de mim. Mamãe olha para trás, vê o punhal no chão, agarra-o. A coisa uiva de raiva. Ela vai lutar. Ela vai ficar bem. Uma lágrima solitária desce pelo seu rosto enquanto ela fecha os olhos em desespero, diz meu nome baixinho com uma prece: *Gemma*. Com um movimento rápido, ela ergue o punhal e enfia-o em si mesma.

Não!

Uma corrente forte me arranca de dentro da loja. Estou de volta às ruas de Bombaim, como se nunca tivesse saído de lá, gritando feito louca enquanto o jovem indiano aperta meus braços dos lados do meu corpo.

- O que você viu? Diga-me!

Chuto e me debato sob as mãos dele. Não há ninguém ali que possa me ajudar? O que está acontecendo? Mamãe! Minha mente luta por controle, lógica, razão, e consegue. Minha mãe está tomando chá na casa da Sra. Talbot. Vou até lá para provar isto. Ela vai ficar zangada e me mandar para casa com Sarita e não haverá champanhe mais tarde, nem Londres, mas isso não importa. Ela vai estar viva e bem, e zangada, e eu vou ficar radiante de ser castigada por ela.

Ele ainda está gritando comigo:

- Você viu o meu irmão?

- Solte-me! – Eu o chuto com as minhas pernas que recuperaram as suas forças. E o atinjo no mais sensível dos lugares. Ele desaba no chão, saio correndo às cegas pela rua, dobro a esquina e continuo a correr, movida pelo medo. Uma pequena multidão está parada na frente de uma loja. Uma loja com ervas secas penduradas no telhado. Não. Isto tudo é um terrível pesadelo. Vou acordar na minha própria cama e ouvir a voz alta e grossa do meu pai contando uma de suas piadas compridas, e a risada delicada de mamãe soando em seguida.

Minhas pernas ficam duras e cheias de câimbras, vacilam quando eu me aproximo da multidão e abro caminho no meio dela. O macaquinho do tocador de realejo pula para o chão e inclina a cabeça de um lado para o outro, fitando o corpo com curiosidade. As poucas pessoas que estão à minha frente se afastam. Minha mente assimila a situação aos poucos. Um sapato virado, o salto quebrado. Uma mão estendida, com os dedos ficando rígidos. O conteúdo de uma bolsa espalhado pelo chão. Um pescoço nu saindo do corpete de um vestido azul. Aqueles famosos olhos verdes abertos sem enxergar. A boca de mamãe entreaberta, como se ela estivesse tentando dizer alguma coisa quando morreu.

Gemma.

Uma poça de sangue vermelho-escuro se espalha por baixo do seu corpo. Ele entra pelas fendas da terra fazendo-me lembrar das pinturas que vi em Kali, a deusa misteriosa que derrama sangue e esmaga ossos. Kali, a Destruidora. Minha santa padroeira. Fecho os olhos, desejando que aquilo tudo desapareça.

Isso não está acontecendo. Isso não está acontecendo. Isso não está acontecendo.

Mas quando abro os olhos, ela ainda está lá, olhando fixamente para mim, acusadora. *Não me importo se você nunca mais voltar para casa.* Foi a última coisa que eu disse a ela. Antes de fugir. Antes de ele vir atrás de mim. Antes de eu a ver morrer numa visão. Sinto uma dormência nas pernas e nos braços. Desabo no chão onde o sangue da minha mãe toca a bainha do meu melhor vestido, manchando-o para sempre. E então o grito que eu estava retendo sai de dentro de mim com a força e rapidez de um trem noturno no momento em que o céu se abre e desaba o temporal, abafando qualquer som.

Londres, Inglaterra. Dois meses depois.

CAPÍTULO TRÊS

- Victoria! Esta é a Estação Victoria!

Um condutor forte, de uniforme azul, passa a caminho da parte traseira do nosso trem, anunciando que cheguei, finalmente, em Londres. O trem está quase parando. Grandes nuvens de vapor flutuam do lado de fora da janela fazendo com que tudo pareça um sonho.

No assento em frente ao meu, meu irmão, Tom, está acordando, endireitando o paletó preto, verificando se está tudo perfeito. Nos quatro anos em que estivemos separados, ele ficou muito alto e com as costas mais largas, mas ainda é magro e tem um topete que cai sobre seus olhos azuis e o faz parecer mais moço que os seus vinte anos.

- Tente não parecer tão séria, Gemma. Você não está sendo mandada para a forca. Spence é uma escola muito boa, com a reputação de formar jovens cativantes. Uma escola muito boa. Jovens cativantes. Isso foi, palavra por palavra, o que minha avó disse depois de passarmos duas semanas em Pleasant House, sua casa de campo. Ela tinha me examinado atentamente, minha pele sardenta, minha indomável cabeleira ruiva, minha fisionomia mal-humorada, e decidiu que eu precisava de uma boa escola caso quisesse conseguir um casamento decente.

- É um espanto que você não tenha sido mandada para cá anos atrás - ela disse. - Todo mundo sabe que o clima da Índia não é bom para o sangue. Tenho certeza que era isto que sua mãe iria querer.

Eu teria que morder a língua para não perguntar como ela podia saber o que minha mãe iria querer. Minha mãe queria que eu ficasse na Índia. Eu queria ir para Londres, e agora que estou aqui, não podia estar mais infeliz.

Durante três horas, enquanto o trem atravessava pastagens verdes e montanhosas, e a chuva batia nas janelas do trem, Tom tinha dormido. Mas eu só conseguia ver o que tinha ficado para trás, o lugar de onde eu tinha vindo. As quentes planícies da Índia. A polícia fazendo perguntas: Eu tinha visto alguém? Minha mãe tinha inimigos? O que eu estava fazendo sozinha na rua?

E quanto ao homem que tinha falado com ela no mercado - um comerciante chamado Amar? Eu o conhecia? Ele e minha mãe eram (e aqui eles ficaram sem jeito e arrastaram os pés tentando encontrar uma palavra que não fosse muito indelicada) "conhecidos"?

Como eu poderia dizer a eles o que tinha visto? Nem eu mesma conseguia acreditar. Do lado e fora das janelas do trem, a Inglaterra ainda em flor. Mas a confusão do carro de passageiros me fez lembrar do navio que nos trouxe da Índia através de mares agitados. A costa da Inglaterra tomando forma diante de mim como um alerta. Minha mãe enterrada no chão frio e implacável da Inglaterra. Meu pai olhando com olhos vidrados a lápide - *Virginia Doyle, amada esposa e mãe* -, olhando através dela como se pudesse mudar o que tinha acontecido por um ato de vontade. E como não pôde, ele se retirou para o seu escritório e para a garrafa de láudano que se tornava sua mais constante companhia. Às vezes eu o encontrava adormecido na cadeira, com os cachorros a seus pés, a garrafa marrom ali perto, seu hálito forte e adocicado. Antes um homem grande, ele tinha emagrecido, definhado de tristeza e ópio. E eu só

podia ficar ali ao lado dele, muda e impotente, a causa de tudo aquilo. A guardiã de um segredo tão terrível que tinha medo de falar, tinha medo de que ele se derramasse de mim como querosene, queimando todo mundo.

- Você está pensativa de novo - diz Tom, lançando um olhar desconfiado na minha direção.

- Desculpe. Sim, desculpe, desculpe por tudo.

Tom suspira e diz:

- Não se desculpe. Simplesmente pare.

- Está bem, desculpe - eu torno a dizer sem querer. Toco no amuleto da minha mãe. Ele agora está pendurado no meu pescoço, uma recordação da minha mãe e da minha culpa, escondido por baixo do vestido de luto de crepe preto que vou usar por seis meses.

Através da neblina cada vez mais espessa do lado de fora da nossa janela, posso ver os carregadores acotovelando-se ao lado do trem, acompanhando o ritmo do trem, prontos para colocar degraus de madeira sob as portas abertas para podermos descer até a plataforma. Finalmente o nosso trem pára assobiando e soltando vapor.

Tom fica em pé e se espreguiça.

- Chegamos. Vamos logo, antes que ocupem todos os carregadores.

A Estação Victoria me deixa sem fôlego de tanta agitação. Hordas andam de um lado para o outro na plataforma. Na extremidade do trem, os passageiros da terceira classe desembarcam numa confusão de braços e pernas. Carregadores correm para transportar as malas e embrulhos dos passageiros da primeira classe. Jornaleiros erguem no ar os jornais do dia, anunciando aos berros as manchetes mais atraentes. Floristas perambulam por ali com sorrisos tão duros e gastos quanto as bandejas de madeira penduradas em seus pescoços delicados. Sou quase carregada por um homem que passa apressado, com o guarda-chuva enfiado debaixo do braço.

- Perdão - murmuro aborrecida. Ele me ignora. Quando olho para a extremidade da plataforma, vejo uma coisa estranha. Uma capa preta de viagem, que faz meu coração bater mais depressa. Minha boca fica seca. É impossível que ele esteja aqui. Entretanto, tenho certeza de que é ele desaparecendo atrás de um quiosque. Tento me aproximar mas está cheio demais.

- O que você está fazendo? - Tom pergunta, enquanto eu me esforço para vencer a multidão.

- Só estou olhando - digo, torcendo para ele não perceber o medo em minha voz. Um homem sai de trás de um quiosque carregando no ombro um pacote de jornais. Seu casaco, fino e preto e vários números acima do seu tamanho, cobre-o como se fosse uma capa. Quase rio de alívio. *Está vendo, Gemma? Você está imaginando coisas. Pare com isso.*

- Bem, se você vai dar uma olhada por aí, veja se consegue encontrar um carregador. Não sei onde eles se enfiaram tão depressa.

Um jornaleiro mirrado aparece e se oferece para nos conseguir um trole por dois pence. Ele carrega com dificuldade a mala com os meus poucos pertences: um punhado de vestidos, o diário da minha mãe, um sári vermelho, um elefante branco esculpido da Índia e o adorado bastão de críquete do meu pai, algo que o lembra em dias melhores.

Tom me ajuda a entrar na carruagem, e o cocheiro se afasta da enorme dama esparramada que é a Estação Victoria, trotando na direção do coração de Londres. A atmosfera é sombria, coberta da fumaça dos lampiões e gás que ladeiam as ruas de Londres. A neblina cinzenta dá a impressão de estar anoitecendo, embora sejam apenas quatro horas da tarde. Qualquer coisa poderia arrastar-se atrás de você

nessas ruas escuras. Não sei por que penso nisso, mas penso, e na mesma hora afasto esse pensamento.

As torres finas como agulhas do Parlamento erguem-se acima dos contornos escuros das chaminés. Nas ruas, diversos homens cobertos de suor cavam buracos profundos nas pedras do calçamento.

- O que eles estão fazendo?

- Colocando cabos de eletricidade - Tom responde, tossindo sobre um lenço branco com suas iniciais bordadas no canto numa elegante letra preta. - Em breve esta luz a gás sufocante será coisa do passado.

Nas ruas, vendedores apregoam as mercadorias que carregam em carroças, cada um com seu grito característico: - *Afiador de facas; vendem-se peixes; comprem maçãs - maçãs aqui!* Leiteiras entregam o último leite do dia. Estranhamente, tudo isso me faz lembrar a Índia. Há vitrines tentadoras com tudo o que se posso imaginar - chá, roupas de cama, porcelanas e lindos vestidos copiados dos melhores estilistas de Paris. Uma placa pendurada numa janela do segundo andar anuncia que ali existem escritórios para alugar, informações no local. Bicicletas passam zunindo no meio dos troles nas ruas. Eu me seguro com medo de o cavalo se assustar com elas, mas a égua que nos conduz parece totalmente desinteressada. Ele já viu tudo isso antes, ao contrário de mim.

Um ônibus cheio de passageiros passa por nós, puxado por uma parelha de cavalos magníficos. Há um grupo de senhoras empertigadas nos assentos de cima do ônibus, com os guarda-sóis abertos para protegê-las das forças da natureza. Uma longa tira de madeira anunciando o sabonete Pear esconde engenhosamente os tornozelos delas, em nome da decência. É uma visão extraordinária, e a vontade que eu tenho é de continuar a percorrer as ruas de Londres, respirando a poeira da história que só conheço de fotografias. Homens de ternos escuros e chapéus-coco deixam seus escritórios, marchando confiantemente para casa depois de um dia de trabalho. Vejo a cúpula branca da Catedral de St. Paul erguendo-se acima dos telhados sujos de fuligem. Um cartaz pendurado anuncia uma produção de Macbeth estrelada pela atriz americana Lily Trimble. Ela está encantadora com seu cabelo castanho solto e selvagem, um vestido vermelho com um decote ousado. Eu me pergunto se as garotas no Spence serão tão bonitas e sofisticadas.

- Lily Trimble é linda, não é? - digo, tentando uma conversa fútil e agradável com Tom, tarefa aparentemente impossível.

- É uma atriz - Tom diz com desprezo. - Que tipo de vida é essa para uma mulher, sem um lar sólido, marido, filhos? Andando por aí como se fosse seu dono e senhor. Ela jamais será aceita na sociedade como uma dama.

E foi nisso que deu a minha conversa fútil.

Em partes tenho vontade de dar um chute em Tom por sua arrogância. Mas tenho que confessar que, por outro lado, estou louca para saber o que os homens procuram numa mulher. Meu irmão pode ser afetado, mas ele sabe certas coisas que podem ser úteis para mim.

- Entendo - digo com naturalidade, como se quisesse saber o que torna um jardim bonito. Eu me mostro controlada. Educada. Elegante. - E quais são os atributos de uma dama?

Ele dá a impressão de que deveria estar com um cachimbo na boca quando diz:

- Um homem quer uma mulher que torne a vida fácil para ele. Ela deve ser atraente, bem-educada, conhecer música, pintura, saber dirigir uma casa, mas acima de tudo ela deve manter o nome dele livre de qualquer escândalo e nunca chamar atenção para si mesma.

Ele deve estar brincando. Daqui a um minuto vai rir e dizer que era só uma brincadeira, mas não muda o seu sorriso presunçoso. Não vou aceitar este insulto.

- Mamãe tinha o mesmo valor que papai – digo friamente. – Ele não esperava que ela andasse atrás dele como uma imbecil.

O sorriso de Tom murcha.

- Exatamente. E veja o que isso nos causou. – Outro silêncio. Do lado de fora das janelas do trole, Londres vai passando, e Tom vira a cabeça para acompanhá-la. Pela primeira vez, percebo sua dor, vejo-a no modo como ele passa de dedos pelo cabelo, sem parar, e compreendo o quanto é difícil para ele ocultar tanto sofrimento. Mas não sei como quebrar aquele silêncio pesado, então nós prosseguimos, olhando tudo, vendo muito pouco e não dizendo nada.

- Gemma... – A voz de Tom falseia e ele pára por um momento. Está lutando contra algo que borbulha dentro dele. – Aquele dia com mamãe... por que diabos você fugiu? O que foi que deu em você?

Minha voz é um sussurro:

- Eu não sei. – Pois a verdade não seria um consolo.

- A falta de lógica das mulheres.

- Sim – digo, não porque eu concordo com ele, mas porque quero dar alguma coisa para ele, qualquer coisa. Digo isso porque quero que ele me perdoe. E aí talvez eu consiga perdoar a mim mesma. Talvez.

- Você conhecia aquele – ele trinca os dentes ao dizer a palavra – homem que encontraram morto junto com ela?

- Não – sussurro.

- Sarita disse que você estava histérica quando ela e a policia a encontraram. Falando de um rapaz indiano e uma visão de... uma coisa qualquer. – Ele faz uma pausa, esfrega as palmas das mãos nos joelhos das calças. Ele ainda não está me encarando.

Minhas mãos tremem. *Eu podia contar a ele. Eu podia contar a ele o que estava trancado dentro de mim.* Neste momento, coma aquela mecha de cabelo caindo nos olhos, ele é o irmão de quem eu tinha mais saudade, aquele que em dia me trouxe pedrinhas do mar e me disse que elas eram jóias do rajá. Quero dizer a ele que estou com medo, enlouquecendo aos poucos e que nada mais me parece real. Quero contar a ele sobre a visão, quero que ele me dê um tapinha na cabeça daquele seu modo irritante e forneça uma explicação perfeitamente lógica para o fato. Quero perguntar a ele se é possível que uma garota já nasça com uma incapacidade de se fazer amar ou se ela apenas desenvolve essa característica. Quero contar tudo a ele e fazer com que compreenda.

Tom pigarreia.

- O que quero dizer é... aconteceu alguma coisa com você? Ele... você está bem?

Minhas palavras nos empurram de volta a um silêncio pesado e profundo.

- Você quer saber se eu sou casta.

- Se você quer ser assim tão direta, sim.

Agora vejo que fui ridícula em pensar que ele queria saber o que tinha realmente acontecido. Ele só está preocupado em saber se não envergonhei a família.

- Sim, eu estou, conforme suas palavras, perfeitamente bem.

Isto é uma mentira tão grande que tenho vontade de rir – é claro que eu não estou nada bem. Mas conforme eu esperava, funciona. Viver no mundo deles é isto – uma grande mentira. Uma ilusão em que todo mundo olha para o outro lado e finge que não existe nada que seja desagradável, nem demônios da escuridão nem fantasmas da alma.

Tom endireita os ombros, aliviado.

- Certo. Muito bem. – O momento humano passou e ele está perfeitamente controlado de novo. – Gemma, o assassinato de mamãe é um golpe para esta família. Séria um escândalo se os fatos verdadeiros fossem conhecidos. – Ele olha para mim.

- Mamãe morreu de cólera – ele diz enfaticamente, como se até ele acreditasse naquela mentira. – Sei que você não concorda, mas como seu irmão estou lhe dizendo que quanto menos for dito a respeito, melhor. Isto é para a sua própria proteção.

Ele só se importa com fatos, não com sentimentos. Isto vai ser bom para ele como médico algum dia. Sei que o que ele está me dizendo é verdade, mas não consigo deixar de odiá-lo por isso.

- Você tem certeza de que é com a minha proteção que está preocupado?

Ele torna a trincar os dentes.

- Vou ignorar esse último comentário. Se você não quer pensar em mim, em si mesma, então pense em papai. Ele não está bem, Gemma. Você pode ver isso. As circunstâncias da morte de mamãe arruinaram com ele. – Tom brinca com os punhos da camisa. – É bom que você saiba que papai adquiriu alguns péssimos hábitos na Índia. Partilhar o houkah com os indianos pode tê-lo tornado um empresário popular, alguém que eles consideravam como um deles, mas não ajudou muito a sua saúde. Ele sempre gostou dos seus prazeres. Dos seus escapes.

Papai às vezes chegava em casa tarde e exausto do trabalho. Vi mamãe e os empregados ajudando-o a ir para a cama mais de uma vez. Ainda assim, dói ouvir isso. Odeio Tom por me contar.

- Então, por que você continua a conseguir o láudano para ele?

- Não há nada errado como o láudano. É medicinal – ele diz, ofendido.

- Se usado com moderação...

- Papai não é nenhum viciado. Não papai – ele diz, como se quisesse convencer um júri. – Ele vai ficar bem agora que está de volta a Inglaterra. Apenas lembre-se do que eu disse. Você pode ao menos prometer isso? Por favor?

- Sim, está bem – respondi, sentindo-me morta por dentro. Spence não imagina o péssimo negócio que fez ao me aceitar, o fantasma de uma garota que vai balançar a cabeça, sorrir e tomar seu chá, mas que não está realmente aqui.

O cocheiro dirige-se a nós:

- Senhor, vamos ter que passar pelo East caso queria fechar as cortinas.

- O que ele está dizendo? – pergunto.

- Vamos passar pelo East End. Whitechapel? Ora, pelo amor de Deus, as *favelas*, Gemma – ele diz, fechando as cortinas para bloquear a visão da miséria e da sujeira.

- Eu vi as favelas na Índia – digo, deixando minhas cortinas abertas. A carruagem segue aos solavancos pelo calçamento de pedras, passando por ruas estreitas e sujas. Dúzias de crianças sujas e magras correm para olhar para nós na nossa bela carruagem. Diversas mulheres estão reunidas debaixo de um lampião, costurando. Faz sentido elas usarem a luz da cidade, em vez de gastar suas preciosas velas para esse trabalho ingrato. O cheiro nas ruas, uma mistura de lixo, bosta de cavalo, urina e desespero, é realmente terrível, e sinto vontade de vomitar. Música alta e gritos invadem a rua vindo de dentro de uma taverna. Um casal embriagado sai aos tropeções. A mulher tem cabelo da cor do pôr-do-sol e um rosto duro, pintado. Eles estão discutindo com o nosso cocheiro, segurando-nos ali.

- O que houve agora? – Tom bate na carroceria da carruagem para apressar o cocheiro. Mas a dama está dando uma espinhação em regra no cocheiro. É capaz de ficarmos presos aqui a noite inteira. O bêbado dá um sorriso debochado na minha direção, pisca um olho e faz um gesto obsceno com o dedo médio.

Enjoada, eu me viro e olho para um beco vazio. Tom está debruçado para fora da janela. Eu o ouço falar, conciliador e impaciente, tentando argumentar com o casal na rua. Mas alguma coisa deu errado. Sua voz fica abafada, como sons ouvidos através de uma concha encostada no ouvido. E então ouço apenas o meu sangue correndo

rápido nas veias. Uma pressão tremenda no meu peito tira todo o ar dos meus pulmões.

Está acontecendo de novo.

Quero chamar Tom, mas não consigo, e então estou caindo por aquele túnel de cor e luz outra vez, enquanto o beco se entorta e brilha. E com a mesma rapidez flutuo para fora da carruagem, pisando de leve no beco escuro com suas bordas faiscantes. Uma menina de uns oito anos está sentada no chão coberto de palha, brincando com uma boneca de pano. O rosto dela está sujo, mas a não ser por isso ela parece deslocada ali, com sua fita cor-de-rosa no cabelo e seu avental branco engomado, grande demais para ela. Ela está cantando um fragmento de canção, algo que identifico vagamente como uma velha canção folclórica inglesa. Quando me aproximo, ela ergue os olhos.

- A minha boneca não é linda?

- Você pode me ver? – pergunto.

Ela balança a cabeça afirmativamente e volta a passar os dedos sujos pelos cabelos da boneca.

- Ela está procurando você.

- Quem?

- Mary.

- Mary? Que Mary?

- Ela me mandou aqui para procurar você. Mas temos que ter cuidado. Isso também está procurando você.

O ar muda e fica frio e úmido. Estou tremendo incontrolavelmente.

- Quem é você?

Atrás da garotinha, percebo um movimento no escuro. Pisco para clarear os olhos, mas não é nenhum truque – as sombras estão se movendo. Rápido como prata líquida, a escuridão toma uma forma medonha, ossos brilhando numa caveira, buracos pretos onde devia haver olhos. O cabelo um emaranhado de cobras. A boca se abre e lança o seu gemido rouco. *Venha para nós, minha linda, linda...*

- Corra. – A palavra é um sussurro estrangulado em minha língua. A coisa está crescendo, deslizando na minha direção. Os urros e gemidos dentro dela deixaram cada célula do meu corpo fria como gelo. Um grito tenta escapar pela minha garganta. Se eu o deixar sair, nunca mais vou parar de gritar.

Com o coração disparado, torno a dizer, desta vez mais forte:

- Corra!

A coisa hesita, recua. Fareja o ar como se estivesse seguindo um cheiro. A meninazinha me fita com seus olhos castanhos e sem expressão.

- Tarde demais – ela diz, no mesmo momento em que a criatura vira os seus olhos cegos na minha direção. Os lábios apodrecidos se abrem, revelando dentes como pregos. Meu Deus, a coisa está sorrindo para mim. Ela abre aquela horrível boca e berra. Um som que solta finalmente a minha língua.

- Não! – Num instante estou de volta dentro da carruagem, debruçada na janela, gritando com o casal:

- Saiam do maldito caminho, agora! – grito, batendo no traseiro do cavalo com meu xale. A égua relincha e dá um salto para a frente, fazendo o casal correr para dentro da taverna.

O cocheiro domina o cavalo, enquanto Tom me puxa de volta para o assento.

- Gemma! O que foi que deu em você?

- Eu...

No beco, procuro a coisa e não consigo encontrá-la. É apenas um beco, com uma iluminação fraca e várias crianças sujas tentando roubar o chapéu de um menino

menor, suas gargalhadas ecoando nas cocheiras e cabanas em ruínas. A cena fica para trás e se perde na noite.

- Gemma, você está bem? - Tom está genuinamente preocupado.

Eu estou ficando louca, Tom. Ajude-me.

- Eu só estava com pressa.

O som que sai da minha boca é uma mistura de riso e uivo, o som típico de uma louca.

Tom olha pra mim como se eu sofresse de uma doença rara que ele não fosse capaz de tratar.

- Pelo amor de Deus! Controle-se. E, por favor, modere sua linguagem no Spence.

Não quero ter que voltar para buscá-la horas depois de tê-la colocado lá.

- Sim, Tom – digo enquanto a carruagem volta à vida sobre as pedras, levando-nos para longe de Londres e de fantasmas.

CAPÍTULO QUATRO

- Ali está a escola, senhor – O cocheiro anuncia.

Nós estivemos viajando uma hora por colinas pontilhadas de árvores. O sol já se pôs, o céu tem aquele azul enevoadado do crepúsculo. Quando olho pela minha janela, só consigo ver uma cobertura de galhos no alto, e através do rendado das folhas, enxergo a lua, madura como um melão. Estou começando a achar que o nosso cocheiro está imaginando coisas também, mas alcançamos o alto de uma colina e Spence aparece em todo o seu esplendor.

Eu tinha esperado um pequeno chalé, do tipo descrito em folhetos baratos onde garotas de bochechas rosadas jogam tênis em gramados verdes e bem tratados. Não há nada de aconchegante em Spence. O lugar é enorme, um castelo esquecido com enormes torres e pináculos finos e pontudos. Seria preciso pelo menos um ano para eu conhecer cada aposento do castelo, sem dúvida.

- Oa! – O cocheiro pára abruptamente. Tem alguém na estrada.

- Quem está aí? – Uma mulher vem para o meu lado da carruagem e espia para dentro. Uma velha cigana. Ela tem um xale ricamente bordado amarrado na cabeça e suas jóias são de ouro puro, mas fora isso ela está totalmente desgrehada.

- O que foi agora? – Tom diz, suspirando.

Estico a cabeça para fora. Quando o luar ilumina o meu rosto, a expressão da cigana se suaviza.

- Ah, mas é você. Você voltou para mim.

- Desculpe, madame. A senhora deve ter me confundido com outra pessoa.

- Ah, mas onde está Carolina? Onde ela está? Você a levou? – Ela começa a gemer baixinho.

- Por favor, senhora, agora nos deixe passar – o cocheiro diz. – Muito bem.

Com um estalo de rédeas, a carruagem avança novamente, enquanto a mulher grita atrás de nós:

- Mãe Elena vê tudo. Ela conhece o seu coração! Ela conhece!

- Meu Deus, eles têm seu próprio eremita – Tom diz debochando. – Que chique!

Tom pode rir, mas não vejo a hora de sair da carruagem e da escuridão.

O cavalo nos conduz por baixo de uma arcada de pedra e através de portões que vão dar num belo jardim. Consigo distinguir um gramado maravilhoso, perfeito para jogar tênis ou croqué, e jardins exuberantes. Um pouco mais adiante fica um bosque de árvores enormes, fechado como uma floresta. Além das árvores há uma capela no alto de uma colina. A paisagem parece estar ali intocada há séculos.

A carruagem sobe a colina que vai dar na porta principal de Spence. Estico a cabeça para fora da janela para olhar o enorme edifício. Tem alguma coisa se projetando do telhado. É difícil distinguir o que é naquela luz fraca do anoitecer. A lua sai de trás das nuvens e eu as vejo claramente: gárgulas. O luar passeia sobre o telhado, iluminando pedaços das figuras – dentes afiados, uma boca arreganhada, olhos raivosos.

Bem-vinda á escola para moças, Gemma. Você vai aprender a bordar, a servir chá, a fazer reverência. Ah, por falar nisso, você corre o risco de ser exterminada no meio da noite por uma das terríveis criaturas aladas do telhado.

A carruagem pára com um solavanco. Minha mala é colocada na enorme escadaria de pedra que vai dar nas amplas portas de madeira. Tom bate na porta com a imensa

aldrava de latão, que é do tamanho da minha cabeça. Enquanto esperamos, ele não resiste e me dá mais um conselho fraternal:

-É muito importante que você se comporte de acordo com a sua posição social aqui em Spence. Está bem que você seja gentil com as moças de posição inferior, mas lembre-se de que elas não estão no mesmo nível que você.

Posição social. Moças de posição inferior. Não estão no mesmo nível que você. É realmente uma piada. Afinal de contas, sou a responsável indireta pelo assassinado da própria mãe, aquela que tem visões. Finjo endireitar o chapéu no reflexo do metal da aldrava. Qualquer mau pressentimento que eu possa ter provavelmente irá desaparecer assim que a porta se abrir e uma bondosa governanta aparecer para me dar um braço e um largo sorriso.

Certo. Dou mais uma batida na porta para mostrar que sou uma garota boa e firme, do tipo que todo colégio interno gostaria de ter em seus quadros. As pesadas portas de carvalho de abrem, revelando a fisionomia dura e a figura pesadona de uma governanta que tem o calor do País de Gales em pleno inferno. Ela me lança um olhar zangado, enxugando as mãos no seu aventar branco engomado.

- A senhora deve ser Miss Doyle. Nós esperávamos que chegasse há meia hora. A senhorita está fazendo a diretora esperar. Vamos. Siga-me.

A governanta nos manda esperar um instante numa sala grande e fracamente iluminada, cheia de livros empoeirados e samambaias ressecadas. A lareira está acesa. Ela cospe e chia enquanto devora a lenha. Risos soam através das portas duplas abertas e, logo em seguida, vejo diversas garotas de aventais brancos passando pelo hall. Uma delas espia para dentro, me vê e prossegue como se eu fosse apenas um móvel. Mas logo depois ela volta com outras. Elas se derretem para Tom, que se assanha para elas, inclinando-se, o que as faz corar e dar risinhos. Deus nos ajude.

Tenho ímpetos de dar com o atizador de lareira na cabeça do meu irmão para acabar com este espetáculo. Felizmente, sou poupada destes impulsos assassinos. A governanta mal-humorada está de volta. Está na hora de Tom e eu nos despedirmos, despedida esta que consiste principalmente em nós dois olhando fixamente para o tapete.

- Bem. Acho que verei você no próximo mês do Dia da Assembléia, junto com as outras famílias.

- Suponho que sim.

- Seja motivo de orgulho para nós, Gemma – ele diz finalmente. Nenhuma palavra de conforto: *Eu amo você, tudo vai dar certo, você vai ver.* Ele torna a sorrir para o grupo embevecido de garotas que ainda está escondido no hall, e então sai. Eu fico sozinha.

- Por aqui por favor, senhorita – a governanta diz. Eu a acompanho até um vestíbulo incrivelmente grande, com uma enorme escadaria dupla. A escadaria se divide tanto para a esquerda quanto para a direita. Um sopro de vento que entra por uma janela aberta balança os cristais de um lustre no teto. É fantástico. Cristais delicados presos em serpentes de metal.

- Vá com cuidado, senhorita – a governanta avisa. – A escada é íngreme.

A escadaria parece não acabar nunca. Por cima do corrimão, posso ver o mármore preto-e-branco formando losangos no chão lá embaixo. O retrato de uma mulher de cabelos brancos usando um vestido que devia estar no auge da moda uns vinte anos atrás nos dá as boas-vindas no alto da escadaria.

- Essa é a Sra. Spence – a governanta me informa.

- Ah – digo. – Encantadora.

O quadro é enorme – é como ter o olho de Deus vigiando você.

Percorrermos um longo corredor, até um conjunto imponente de portas duplas. A governanta bate à porta e espera. Uma voz responde de dentro:

- Entre. – E entro num aposento com paredes forradas de papel verde-escuro modelo penas de pavão. Uma mulher um tanto pesadona com uma vasta cabeleira castanha já meio grisalha está sentada a uma larga escrivaninha, com um par de óculos de aro de metal no nariz.

- Isso é tudo, Brigid – ela diz, dispensando a simpática e carinhosa governanta. A diretora continua a tratar da correspondência enquanto fico ali parada no tapete persa, fingindo que estou absolutamente fascinada pela estátua de uma empregadinha alemã carregando baldes de leite nos ombros. O que quero mesmo fazer é dar meia-volta e sair correndo dali.

Desculpe, o erro foi meu. Acho que eu deveria ter me apresentado em outro colégio interno, dirigido por seres humanos que fossem capazes de oferecer um chá ou pelo menos uma cadeira a uma moça. Um relógio marca os segundos, e seu ritmo me faz mergulhar num cansaço contra o qual eu vinha lutando.

Finalmente, a diretora pousa a sua pena. Ele aponta para uma cadeira do outro lado da escrivaninha.

- Sente-se.

Ela não diz “por favor”. Nem “faça a gentileza”. Eu me sinto tão bem-vinda quanto uma dose de óleo de fígado de bacalhau. O monstro tenta um olhar beatífico que poderia ser confundindo com uma rajada de vento.

- Sou a Sra. Nighthwing, diretora da Academia Spence. Espero que tenha feito boa viagem, Miss Doyle.

- Ah, sim, obrigada.

Tique-taque. Tique-taque. Tique-taque.

- Brigid deixou-a à vontade?

- Sim, obrigada.

Tique, tique, tique, tique.

- Normalmente não aceitamos alunas novas de idade tão avançada. Acho que é mais difícil para elas se acostumarem com o estilo de vida em Spence. – Isso já é um ponto negativo para mim. – Mas nestas circunstâncias, acho que é nosso dever cristão abrir uma exceção. Sinto muito por sua perda.

Eu não digo nada e fixo o meu olhar naquela tola leiteirinha alemã. Ela tem bochechas rosadas e sorri, e deve estar percorrendo o caminho de volta para uma pequena aldeia onde sua mãe está esperando por ela e não há nenhum monstro espreitando nas sombras.

Como não respondo, a Sra. Nighthwing continua:

- Sei que a tradição prevê um período de luto de pelo menos um ano. Mas não acho saudável este lembrete persistente. Ele nos mantém centrados nos mortos, e não nos vivos. Reconheço que isto é pouco convencional. – Ela me lança um longo olhar por cima dos óculos para ver se vou discordar. Eu não discordo. – É importante que você fique na mesma situação das outras meninas. Afinal de contas, algumas delas estão conosco há anos, muito mais do que ficaram com suas próprias famílias. Spence é como uma família, onde existe afeição e honra, regras e consequências. – Ela enfatiza esta última palavra. – Portanto, você vai usar o mesmo uniforme que todas usam. Está bem assim pra você?

- Sim – digo. E embora me sinta um tanto culpada por abandonar o luto tão cedo, na verdade agradeço a chance de ficar igual às outras. Isso vai me ajudar a passar despercebida, espero.

- Esplêndido. Bem, você vai ficar na primeira série, com seis mocinhas da sua idade. O café-da-manhã é servido pontualmente às nove horas. Você terá aulas de francês com Mademoiselle LeFarge, desenho com Miss Moore, música com o Sr. Grunewald.

Eu me encarreguei das suas aulas de comportamento. As orações são feitas todas as noites, às seis horas, na capela. De fato – Ela olha para o relógio – iremos para a capela daqui a pouco. O jantar é servido em seguida, às sete horas. Depois tem-se um tempo livre no salão e todas as meninas devem estar na cama às dez horas. Ela tenta dar um daqueles sorrisos confessionais, do tipo que se vê geralmente em retratos a óleo de Florence Nightingale. Na minha experiência, esses sorrisos significam que a verdadeira mensagem – aquela que está oculta por trás das boas maneiras – precisará ser traduzida.

- Acho que vai ser muito feliz aqui, Miss Doyle.

Tradução: isto é uma ordem.

- Spence já formou jovens maravilhosas que conseguiram ótimos casamentos.

Nós não esperamos muito mais de você. Por favor, não nos envergonhe.

- Ora, um dia você poderá estar sentada aqui nesta cadeira.

Se você não conseguir arranjar nenhum marido e não terminar num convento austríaco fazendo camisolas de renda.

O sorriso da Sra. Nighthwing treme um pouco. Sei que ela está esperando que eu diga alguma coisa encantadora, alguma coisa que a convença de que não cometeu um erro ao aceitar uma garota deprimida que parece totalmente inadequada para Spence. *Vamos, Gemma. Atire um osso para ela – diga-lhe o quanto se sente feliz e orgulhosa em fazer parte da família Spence.* Eu simplesmente balanço a cabeça. O sorriso dela desaparece.

- Enquanto você estiver aqui, posso ser uma sólida aliada, desde que você siga as regras. Ou a espada que irá moldá-la caso não o faça. Estamos entendidas?

- Sim, Sra. Nighthwing.

- Excelente. Vou mostrar-lhe a casa e depois você pode ir se vestir para as orações.

*

- Seu quarto é aqui.

Estamos no terceiro andar, caminhando por um corredor com muitas portas. Retratos de diversas turmas de alunas do Spence estão pendurados nas paredes – rostos granulados mais difíceis ainda de ver na luz fraca dos poucos lampiões a gás.

Finalmente, chegamos a um quarto no final do corredor, do lado esquerdo. A Sra. Nighthwing abre a porta e mostra um quarto apertado, com cheiro de mofo, que poderia ser descrito, de forma otimista, como triste e, de forma realista, como desmazelado. Tem uma escrivaninha e uma cadeira com manchas de umidade e um lampião. Duas camas de ferro estão encostadas nas paredes do lado direito e do lado esquerdo. Uma das camas parece usada e está coberta com uma colcha. A outra, a minha cama, está encaixada sob um teto inclinado que provavelmente quebraria o meu crânio caso eu me levantasse depressa demais. É um quarto de dormir projetado do lado do edifício como algo que não havia sido previsto antes – perfeito para uma aluna inesperada, acrescentada à lista no último minuto.

A Sra. Nighthwing passa o dedo no tampo da escrivaninha e franze a testa ao descobrir a existência de poeira.

- É claro que nós damos preferência às meninas que já estiveram conosco no ano passado – ela diz, desculpando-se pelo meu novo lar. – Mas creio que você vai achar o seu quarto alegre e bastante prático. Ele tem uma vista maravilhosa.

Ela tem razão. Parada em frente à janela, vejo o gramado dos fundos iluminado pelo luar, os jardins, a capela sobre a colina e um grande muro de árvores.

- É uma linda vista – digo, tentando ser ao mesmo tempo alegre e prática.

Isto agrada a Sra. Nighthwing, que sorri.

- Você vai dividir o quarto com Ann Bradshaw. Ann é muito prestativa. Ela é uma das nossas alunas com bolsa de estudo.

Essa é uma maneira simpática de dizer “um dos nossos casos de caridade”, alguma pobre menina despachada para a escola por um parente distante ou ganhadora de uma bolsa de estudos por parte de um dos benfeitores de Spence. A colcha de Ann está perfeitamente lisa e enfiada sob o colchão, e imagino qual será a situação dela, ou se nos daremos bem o suficiente para que ela queira me contar.

A porta do armário está aberta. Tem um uniforme pendurado lá dentro - uma saia branca, reluzente; blusa branca com enfeites de renda na frente e mangas bufantes que se estreitam em punhos apertados; botas brancas com ganchos e cadarços, e uma capa de veludo azul-escuro com capuz.

- Você pode se vestir para as orações. Vou dar-lhe alguns minutos. - Ela fecha a porta e visto o uniforme, fechando os diversos botõezinhos. A batinha está curta demais, mas fora isso o uniforme cabe bem em mim.

A Sra. Nighthwing nota a saia curta demais e franze a testa.

- Você é bem alta. - Exatamente o que uma garota quer ouvir. - Bem, Brigid vai descer a batinha. - Ela se vira e vou atrás dela.

- Onde vão dar estas portas? - pergunto, apontando para a ala escura do outro lado do hall guardada por duas portas maciças com grandes ferrolhos. É o tipo de ferrolho que serve para impedir a entrada de pessoas. Ou para prender alguma coisa lá dentro.

A Sra. Nighthwing franze as sobrancelhas e aperta os lábios.

- Essa é a Ala Leste. Ela foi destruída por um incêndio há muitos anos. Nós não a usamos mais, então a desativamos. Poupa aquecimento. Vamos embora.

Ela passa por mim. Sigo atrás dela, depois olho para trás e vejo uma réstia de luz por baixo daquelas portas trancadas. Talvez seja o adiantado da hora ou a longa viagem, mas posso jurar que estou vendo uma sombra mover-se pelo chão atrás das portas. Não. Vá embora.

Eu me recuso a deixar o passado me encontrar ali. Preciso me controlar. Então, fecho os olhos por um segundo para fazer uma promessa a mim mesma.

Não há nada ali. Eu estou cansada. Vou abrir os olhos e ver apenas uma porta.

Quando olho, não vejo nada.

CAPÍTULO CINCO

Quando chego de volta no salão, há cerca de cinqüenta garotas ali reunidas, todas com suas capas de veludo. A noite cai, banhando a sala com uma luz arroxeadada. O murmúrio de vozes, quebrado por uma risada ocasional, ecoa no teto baixo e cai ao meu redor como se fosse vidro. Um sino anuncia que está na hora de deixar a escola e subir a colina na direção da capela.

Lanço um olhar rápido em volta para ver se consigo achar garotas da minha idade. Reunidas na frente da fila estão algumas garotas que parecem ter dezesseis ou dezessete anos. Elas estão paradas, com as cabeças juntas, confabulando e rindo. Uma delas é incrivelmente bonita, com cabelos castanho-escuros e um rosto de marfim que parece saído de um camafeu. Ela é provavelmente a moça mais linda que eu já vi. Há outras três que são praticamente iguais – narizes aristocráticos, bem-arrumadas, com uma travessa ou um broche caro para distingui-las e mostrar sua posição.

Um das garotas atrai a minha atenção. Ela parece diferente das outras. Seu cabelo louro-branco esta preso num coque, como convém a uma jovem dama, mas mesmo assim ele parece um tanto selvagem, como se os grampos fossem incapazes de contê-lo. Sobrancelhas arqueadas emolduram pequenos olhos cinzentos num rosto tão pálido que é quase uma opala. Ela está achando graça de alguma coisa, e joga a cabeça para trás e ri abertamente, sem tentar disfarçar. Embora a moça morena seja linda e perfeita, é a loira que atrai a atenção de todas na sala. Ela é claramente a líder.

A Sra. Nightwing bate palmas e o murmúrio de vozes vai sumindo aos poucos.

- Meninas, eu gostaria de apresentar-lhes a mais nova aluna da Academia Spence. Esta aqui é Gemma Doyle. Miss Doyle acabou de chegar de Shropshire e vai freqüentar a primeira série. Ela passou a maior parte de sua vida na Índia, e tenho certeza de que terá prazer em lhes contar seus curiosos hábitos e costumes. Sei que vocês irão recebê-la com a cordialidade típica de Spence e familiarizá-la com os procedimentos adotados aqui.

Quase morro de vergonha quando cinqüenta pares de olhos me fitam e me avaliam como algo que deveria estar pendurado sobre a lareira do escritório de um cavalheiro. Qualquer esperança de me misturar e passar despercebida foi anulada pelo pequeno discurso da Sra. Nightwing. A garota loura inclina a cabeça de lado, avaliando-me. Ela disfarça um bocejo e volta a fofocar com as amigas. Talvez eu consiga me misturar, afinal.

A Sra. Nightwing aperta mais a capa ao redor do pescoço e aponta o caminho com o braço estendido.

- Vamos às orações, meninas.

As outras saem em fila pela porta enquanto a Sra. Nightwing vem na minha direção com uma garota atrás dela - Miss Doyle, essa é Ann Bradshaw, a sua nova colega de quarto. Miss Bradshaw tem quinze anos e também esta na primeira série. Ela irá acompanhá-la esta noite para orientá-la.

- Muito prazer – ela diz, e seus olhos inexpressivos e aquosos não revelam nada. Penso na sua colcha bem esticada e não tenho esperança de que ela seja do tipo que gosta de se divertir.

- Prazer em conhecê-la – respondo. Nós ficamos ali paradas por um segundo, sem dizer nada. Ann Bradshaw é uma garota comum, sem graça, o que é duplamente

condenável. Uma garota sem dinheiro, mas que se fosse bonita poderia ter a chance de melhorar sua posição na vida. O nariz dela está escorrendo. Ela o enxuga com um lenço de renda surrado.

- Não é horrível ficar resfriada? – digo, tentando ser amável.

Seu olhar permanece inexpressivo.

- Eu não estou resfriada.

Certo. Ainda bem que eu perguntei. Começamos bem, Miss Bradshaw e eu. Sem dúvida, seremos como irmãs amanhã de manhã. Se eu pudesse dar meia-volta e desaparecer naquele instante, eu o faria.

- A capela é por aqui – ela diz, quebrando o gelo com esta frase brilhante. - Não devemos chegar atrasadas nas orações.

Seguimos atrás do grupo, subindo a colina no meio das árvores, em direção à capela de pedra e madeira. Começa a baixar uma espessa neblina. Ela se instala na paisagem, dando ao lugar uma qualidade misteriosa.

À frente, as capas azuis das meninas tremulam na noite antes que a densa neblina apague tudo, menos o eco de suas vozes.

- Por que sua família mandou-a para cá? – Ann pergunta de uma maneira desconcertante.

- Para civilizar-me, eu suponho – respondo rindo. *Está vendo como sou divertida? Rá-rá.* Ann não acha graça.

- Meu pai morreu quando eu tinha três anos. Minha mãe teve que trabalhar, mas, então, ela adoeceu e morreu. A família dela não queria ficar comigo, mas também não queria me mandar para um orfanato. Então me mandaram para cá, para ser treinada como governanta para os netos, um dia.

Esta franqueza é estarrecedora. Ela nem mesmo pisca. Eu não sei o que responder.

- Ah, sinto muito – digo, quando torno a recuperar a fala.

Aqueles olhos inexpressivos me fitam.

- Sente mesmo?

- Bem... sim. Por que não sentiria?

- Porque as pessoas geralmente dizem isso para se livrar de alguém. Sem sinceridade.

Ela tem razão, e fico vermelha. É só um comentário, e quantas vezes tive que aguentar as pessoas dizendo a mesma coisa a respeito da minha própria situação. No meio da neblina, tropeço numa raiz de árvore e solto a impressão favorita de meu pai:

- Maldição!

Ann me olha espantada. Sem dúvida ela é do tipo pudico, que vai correr para a Sra. Nightwing toda a vez que eu olhar atravessado para ela.

- Perdoe-me, não sei como pude ser tão grosseira – digo, tentando consertar a situação. É claro que não quero ser repreendida no meu primeiro dia.

- Não se preocupe – diz Ann, olhando em volta para ver se alguém estava ouvindo.

Como estávamos no final da fila, não havia ninguém – As coisas por aqui não são tão certinhas quanto a Sra. Nightwing dá a entender que são.

Esta é com certeza uma notícia interessante.

- É mesmo? Como assim?

- Isso eu não posso dizer – ela responde.

O som do sino ecoa na neblina junto com as vozes abafadas. Fora isso, o silêncio é absoluto. A neblina é realmente impressionante.

- Este seria um ótimo lugar para um passeio à meia-noite – digo, tentando parecer jovial. Ouvi dizer que as pessoas gostam de garotas joviais. – Talvez os lobisomens saiam para brincar mais tarde.

- Exceto pelas vésperas, nós não temos permissão para sair depois que escurece – Ann responde com naturalidade.

A jovialidade não funcionou.

- Por que não?

- É contra as regras. Eu não gosto muito da noite. – Ela faz uma pausa, enxuga o nariz. – às vezes há ciganos no bosque.

Penso na velha que se aproximou da minha carruagem mais cedo.

- Sim, acho que conheci uma. Ela disse chamar-se Mãe qualquer coisa...

- Mãe Elena?

- Isso mesmo.

- Ela é completamente louca. Fique longe dela. Ela é capaz de ter uma faca e enfiá-la em você quando estiver dormindo – Ann diz, ofegante.

- Ela me pareceu inofensiva...

- Mas nunca se sabe, não é?

Não sei se é a neblina, o sino ou o nervosismo de Ann, mas começo a andar mais depressa. Uma garota que tem visões junto com outra que é guia ambulante de coisas que atacam durante a noite. Talvez este seja o critério de Spence para combinar pessoas.

- Você está na primeira série comigo.

- Sim – digo – Quem são as outras?

Ela vai dizendo os nomes, um por um.

- E Felicity e Pippa. – Ann pára, subitamente nervosa.

- Felicity e Pippa. São nomes encantadores – digo alegremente. É um comentário tão sem graça que eu deveria ser fuzilada, mas estou louca para saber mais sobre estas duas garotas que vão estar na nossa classe.

Ann baixa a voz:

- Elas não são encantadoras. Não mesmo.

O sino finalmente pára de tocar, deixando um vazio estranho e oco com sua ausência.

- Não? Elas são metade menina, metade lobo? Elas lambem suas facas de passar manteiga?

Ann não só não me acha engraçada, como me lança um olhar frio.

- Tome cuidado com elas. Não confie...

De trás de nós, uma voz rouca a interrompe:

- Falando demais outra vez, Ann?

Nós nos viramos ao mesmo tempo e vemos dois rostos surgirem no meio da neblina. A loura e a bela. Elas devem ter ficado para trás e se aproximado sorrateiramente de nós. A voz rouca pertence à loura:

- Você não sabe que este é um traço muito desagradável?

Ann abre a boca, mas não responde.

A morena ri e cochicha alguma coisa no ouvido da loura, o que provoca aquele sorriso largo, perfeito. Ela aponta para mim.

- Você é a garota nova, não é?

Não gosto do modo como ela diz isso. Garota nova. Como seu eu fosse algum tipo de inseto que ainda não foi classificado. *Corpus horrendo*, fêmea.

- Gemma Doyle – digo, tentando não me encolher nem desviar os olhos primeiro.

Este é um truque que meu pai usava quando regateava algum preço. Agora estou regateando algo indefinido, porém mais importante, meu lugar na lei do mais forte de Spence.

Há uma pausa de um segundo antes dela desviar os olhos de mim e pousá-los em Ann com uma frieza imobilizante.

- Fofocar é um hábito muito feio. Nós não aprovamos maus hábitos aqui em Spence, Mademoiselle Bolsa de Estudos – ela diz, enfatizando perversamente as últimas

palavras. Para lembrar que Ann não pertence à mesma classe social e que não deve esperar o mesmo tratamento. – Você já foi avisada.

- Prazer em conhecê-la, Miss Doyle – ela diz, dando o braço à morena, que esbarra com força no meu ombro ao passar.

- Mil desculpas – ela diz e cai na gargalhada. Se eu fosse um homem, pisava nela. Mas não sou um homem. Estou aqui para ser uma dama. Não importa o quanto eu deteste isso.

- Vamos – Ann diz com voz trêmula assim que elas desaparecem. – Está na hora de rezar.

Não sei se ela diz isso de forma geral ou estritamente para si mesma.

Nós entramos rapidamente na capela silenciosa e cavernosa e nos sentamos, com nossos passos ecoando no chão de mármore. O teto abobado, com vigas de madeira, fica pelo menos a uns cinco metros acima de nós. Os lados da igreja estão tomados por candelabros que lançam longas sombras sobre os bancos de madeira.

As paredes são cobertas por vitrais, anúncios coloridos de Deus, cenas pastoris de anjos fazendo coisas angélicas – visitando os aldeões, dando-lhes boas notícias, acariciando ovelhas, embalando bebês. Há um estranho painel com uma cabeça decepada de bruxa, um anjo de armadura ao lado, brandindo uma espada de onde pinga sangue. Não conheço esse trecho da Bíblia – nem quero conhecer, de fato. É um tanto macabro, então desvio a minha atenção para o altar, onde está o vigário, alto e magro como um espantalho.

O vigário, cujo nome é Reverendo Waite, conduz as orações, começam todas com “Ó Senhor” e terminam dizendo que não somos dignas – pecadoras que sempre foram pecadoras e que vão continuar a ser pecadoras até morrer. Esta não é uma percepção muito otimista, mas somos encorajadas a continuar tentando assim mesmo.

Tenho de olhar para Ann e para as outras para saber quando ajoelhar, quando ficar em pé e quando cantar o hino. Minha família é vagamente anglicana, como todo mundo, mas a verdade é que nós raramente íamos à igreja na Índia. Aos domingos, mamãe me levava a piqueniques sob o céu quente e sem nuvens. Nós nos sentávamos sobre uma manta e ficávamos ouvindo o vento soprar sobre a terra seca, assobiando para nós.

- Esta é nossa igreja – ela dizia, passando os dedos pelo meu cabelo.

Meu coração é um punho fechado no meu peito enquanto meus lábios murmuram palavras que não sinto. Mamãe me dizia que a maioria dos ingleses só rezava com devoção quando queria alguma coisa de Deus. O que mais quero de Deus é ter a minha mãe de volta. Mas isso não é possível. Se fosse, eu rezaria para qualquer deus, noite e dia, para conseguir.

O vigário se senta e a Sra. Nightwing se levanta. Ann geme baixinho.

- Oh, não. Ela vai fazer um discurso – Ann murmura.

- Ela faz isso todos os dias? – pergunto.

- Não – diz Ann, me lançando um olhar de esguelha. – Ela está fazendo isso em seu benefício.

De repente, sinto todos os olhos voltados para mim. Bem, isso vai me proporcionar um começo sensacional.

- Damas da Academia Spence – a Sra. Nightwing começa – Como vocês sabem, há vinte e quatro anos Spence tem a reputação de ser uma das melhores escolas para moças da Inglaterra. Embora possamos ensinar-lhes as habilidades necessárias para se tornarem as futuras esposas e mães da Inglaterra, anfitriãs e depositárias das tradições femininas do Império, caberá a cada uma de vocês alimentar suas almas e

se dedicar com graça, charme e beleza a suas tarefas. Este é o lema de Spence: graça, charme e beleza. Vamos nos levantar e repetir isso todas juntas. Cinquenta meninas ergueram-se ao mesmo tempo e recitam o lema, com os queixos erguidos na direção do futuro.

- Obrigada. Podem sentar-se. As meninas que retornam para cá este ano devem servir de exemplo para as outras. Aquelas que são novas – a Sra. Nightwing passeia os olhos pela capela até me localizar ao lado de Ann -, esperamos que dêem o melhor de si.

Pensando que ela tivesse terminado, eu me levanto do banco. Ann puxa a minha saia.

- Ela apenas começou – sussurra.

E, realmente, a Sra. Nightwing me deixa estarelecida ao continuar o discurso sobre virtude, o que é ser uma moça bem-educada, quais as frutas adequadas para o café-da-manhã, a má influência dos americanos na sociedade britânica, e seus saudosos tempos de escola. O tempo não tem nenhum significado. Sinto como se tivesse sido abandonada no deserto para morrer, e aguardo ansiosamente que os abutres comecem o seu trabalho e ponham fim ao meu sofrimento.

As sombras das velas entendem-se pelas paredes, deixando os nossos rostos encovados e assombrados. A capela não é um lugar reconfortante. É fantasmagórica. Certamente não é um lugar onde eu gostaria de ficar sozinha depois de escurecer. Treme ao pensar nisso. Finalmente, a Sra. Nightwing termina a sua longa preleção, o que me faz dizer uma prece silenciosa em agradecimento. O Reverendo Waite dá a bênção e somos liberadas para o jantar.

Uma das garotas mais velhas está parada na porta. Quando nos aproximamos dela, ela estica a perna e Ann tropeça e cai no chão. Ela olha na direção de Felicity e Pippa, que estão algumas cabeças atrás.

Eu dou a mão a Ann e ajudo-a a levantar-se.

- Você está bem?

- Estou ótima – ela diz, com aquele olhar sempre-em-frente que parece ser a sua única expressão.

A garota passa por ela.

- Você devia ter mais cuidado. – As outras vão passando, lançando olhares para nós, rindo.

- Graça, charme e beleza – Felicity diz ao passar. Imagino como ficaria se alguém cortasse todo o seu cabelo enquanto ela dormisse. Minha primeira noite de orações não me havia tornado uma garota particularmente caridosa.

Do lado de fora a neblina se tornou uma sopa cinzenta que gruda nas nossas pernas. No sopé da colina vê-se o contorno da enorme escola pontilhado das luzes das diversas janelas. Só uma ala permanece completamente às escuras. Imagino que seja a ala Leste, aquela que foi destruída pelo fogo. Ela está encolhida e silenciosa como as gárgulas do telhado, como quem espera. Pelo quê, eu não sei.

Movimento. À minha direita. Uma capa preta correndo no meio das árvores, desaparecendo na neblina. Minhas pernas ficam bambas.

- Você viu aquilo? – pergunto, com a voz trêmula.

- Vi o quê?

- Alguém correndo com uma capa preta.

- Não. É a neblina. Faz você ver coisas.

Eu sei o que vi. Alguém estava esperando lá, nos vigiando.

- Está frio – Ann diz. – Vamos andar mais depressa?

Ela caminha rapidamente na minha frente, deixando a neblina envolvê-la até se transformar numa mancha azulada, numa sombra, desaparecendo no nada.

CAPÍTULO SEIS

Estou sendo vigiada. A sensação me persegue durante um tedioso jantar de carneiro e batatas seguido de pudim. Quem estaria me vigiando e por quê? Isto é, quem além das garotas de Spence que me olham e cochicham umas com as outras, só parando quando a Sra. Nightwing repreende uma delas por deixar cair o garfo.

Quando termina o jantar, temos um período livre no salão. Esta é a hora em que podemos ficar à vontade – ler, rir, conversar ou simplesmente descansar. O salão é imenso. Uma enorme lareira se destaca no centro de uma das paredes. Seis colunas de mármore lindamente trabalhadas formam um círculo no meio do salão. Criaturas míticas estão gravadas em cada uma – fadas aladas, ninfas e sátiros. No mínimo um cenário estranho.

Numa extremidade da sala, as meninas menores estão sentadas, brincando de boneca. Algumas se reuniram para ler, outras para bordar e algumas para fofocar. No melhor canto possível, Pippa e Felicity estão presidindo a corte, rodeadas de umas poucas garotas. Felicity isolou uma área e transformou-a no seu próprio feudo, com xales ciganos para dar a idéia de tenda de uma xequê árabe. As outras escutam, enlevadas, o que ela está dizendo. Não imagino o que possa ser tão emocionante, já que não fui convidada. Não que eu queira ser convidada. Não tanto assim.

Ann não está à vista. Não posso ficar parada no meio da sala como uma imbecil, então encontro um lugar tranquilo perto do fogo e abro o diário da minha mãe. Embora eu não o abra há mais ou menos um mês, esta noite estou a fim de me torturar. Na luz do fogo, a caligrafia elegante da minha mãe dança sobre a página. É surpreendente como a simples visão de suas palavras sobre o papel me enche os olhos de lágrimas. Muita coisa a respeito dela começa a desaparecer. Não quero que isso aconteça. Então leio, virando páginas e mais páginas de anotações acerca de chás e visitas a templos e listas de compras, até chegar à sua última anotação:

2 de junho – Gemma está zangada comigo de novo. Ela quer muito ir para Londres. Essa vontade de ferro é formidável, e estou simplesmente exausta com tudo isso. O que seu aniversário irá trazer? É uma agonia esperar e uma tortura o fato de ela me detestar tanto assim.

As frases ficam embaçadas, as palavras se juntam umas às outras enquanto as lágrimas escorrem. Eu queria poder voltar e mudar tudo.

- O que você está fazendo? – Ann pergunta, em pé do meu lado.

Enxugo o rosto com as costas da mão e fico de cabeça baixa.

- Nada.

Ann se senta e tira o tricô de dentro de uma cesta.

- Eu também gosto de ler. Você já leu *The Perils of Lucy, A Girl's Own Story*?

- Não. Não li. – Conheço o tipo de livro a que ela está se referindo: alguma bobagem sentimental sobre garotas maltratadas triunfando sobre a adversidade sem perder aquela bondade, aquela doçura feminina que todo mundo parece valorizar tanto. O tipo de garota que jamais causaria preocupação e sofrimento à família. Garotas nada parecidas comigo. A amargura é tanta que não me contenho.

- Ah, espere – respondo. – Este é aquele em que a heroína é uma garota tímida e pobre num colégio interno, que é maltratada por todo mundo por ser tão boba? Ela lê para os cegos ou cria um irmão aleijado, ou talvez até um irmão cego e aleijado. E no fim todo mundo descobre que ela é na verdade uma duquesa ou algo assim, que então vai viver como uma rainha em Kent. Tudo porque ela aceitou seu castigo com um sorriso e um sentimento de caridade cristã. Que baboseira!

Fico sem fôlego. O grupo de bordado-e-fofoca ouviu o que eu disse e riu, ao mesmo tempo chocado e encantado com minha falta de modos.

- Isso pode acontecer – diz Ann, baixinho.

- Francamente – respondo com uma risada amável, como se isso pudesse desculpar a dureza de minhas palavras. – Você conhece alguma órfã que tenha sido tirada da obscuridade e transformada em duquesa? – *Controle-se, Gemma. Você não pode chorar.*

A voz de Ann ganha uma nova determinação:

- Mas poderia acontecer. Não poderia? Uma órfã, uma garota da qual ninguém esperasse muita coisa, alguém que tivesse sido jogada numa escola porque seus parentes achavam que ela era um fardo, uma garota da qual as outras riem por causa da sua falta de graça, charme e beleza... essa garota poderia mostrar a todas elas um dia.

Ela contempla o fogo, tricotando furiosamente, uma agulha batendo na outra, dois dentes afiados na lâ. Tarde demais eu percebo o que fiz. Atingi o âmago da esperança de Ann, a esperança de se tornar uma outra pessoa, alguém com uma vida que não seja passar o resto dos seus dias como governanta dos filhos de um homem rico, educado-os para uma vida maravilhosa e para oportunidades que ela jamais terá.

- Sim – digo, com voz rouca. – Sim, acho que isto poderia acontecer.

- Aquelas garotas, aquelas que foram injustas com... Lucy. Elas iriam arrepender-se um dia, não é?

- Iriam sim – concordo. Não sei o que dizer, então ficamos ali sentadas vendo o fogo crepitar.

Uma série de gargalhadas atrai nossa atenção para o outro canto da sala. Pippa sai da tenda cigana onde as outras garotas ainda estão sentadas. Ela vem saltitando até nós e dá o braço a Ann.

- Ann querida, Felicity e eu estamos muito arrependidas pelo modo como tratamos você mais cedo. Foi muito pouco cristão de nossa parte.

O rosto de Ann ainda está infeliz, mas ela fica vermelha e eu sei que está satisfeita, certa de que isto é o começo da sua nova e maravilhosa vida no meio das belas. O fim de *The Perils of Ann*.

- A mãe de Felicity mandou uma caixa de chocolates. Você quer se juntar a nós? Eu não sou incluída no convite. É uma enorme desfeita. Do outro lado da sala, as outras garotas estão esperando para ver como vou reagir. Ann olha para mim como um ar culpado e sei qual será a resposta dela. Ela vai se sentar para comer chocolate com as mesmas garotas que a atormentam. E agora sei que Ann é tão tola quanto o resto. Mais do que nunca quero ir para casa, mas não tenho mais casa.

- Bem... – diz Ann, olhando para os próprios pés.

Eu deveria deixar que ela chafurdasse no seu desconforto, deveria obrigá-la a me desprezar, mas não vou permitir que elas levem a melhor.

- Você devia ir – digo, com um sorriso que faria o sol ficar envergonhado – Preciso terminar a minha leitura.

Sim, afinal de contas, se eu me juntasse a vocês, poderia divertir-me, e isso não seria horrível? Por favor, não se preocupem comigo.

Pippa está toda sorridente.

- Boa menina. Vamos, Ann.

Ela carrega Ann para o outro lado da sala. Com um bocejo forçado, dirigindo às garotas que me olham da tenda, eu me sento e torno a abrir o diário da minha mãe, como se não ligasse a mínima para o fato de ser ignorada. Viro as páginas como se estivesse cativada, embora já tivesse lido todas elas. Quem elas pensam que são para me tratar assim? Viro outra página e mais outras. Mais risadas soam de dentro da tenda cigana. Os chocolates devem ser de Manchester, e aqueles xales são ridículos. Felicity é tão boêmia quanto o Banco da Inglaterra. Meus dedos tocam em algo duro dentro do livro, algo que eu nunca havia notado antes. Um artigo de um jornal sensacionalista de Londres, do tipo que a classe alta finge ignorar. Ele foi dobrado tantas vezes que a tinta desbotou nas dobras, dificultando a leitura. Só consigo perceber o sentido geral do artigo, algo sobre “os escandalosos segredos dos colégios internos de meninas”

É de mau gosto, claro. E é isso que o torna tão fascinante. Num estilo fúnebre, o artigo menciona uma escala em Wales onde algumas meninas saíram para passear “e nunca mais foram encontradas”! “Uma rosa virtuosa da Inglaterra retalhada pelo trágico punhal do suicídio” num colégio interno de moças da Escócia. Uma menção a respeito de uma garota que ficou “completamente louca” depois de um envolvimento misterioso com uma “seita diabólica”. Diabólico é alguém ser pago por um lixo desses.

Já vou guardar o artigo quando vejo algo perto do final da página sobre o incêndio em Spence vinte anos atrás. Mas está apagado demais para ler. É típico de minha mãe guardar um artigo sórdido daqueles para acrescentar à sua lista de preocupações. Não é de espantar que ela não quisesse me mandar para Londres. Ela estava com medo de que eu acabasse na primeira página de um jornal. Engraçado como as coisas que eu não suportava nela me causam um aperto no peito agora. Um grito vem do santuário de Felicity.

- Meu anel! O que foi que você fez com meu anel? – Os xales ciganos se abrem. Ann sai recuando, enquanto as outras garotas avançavam para ela, e Felicity aponta o dedo acusadoramente na direção dela.

- Onde está ele? Diga já!

- N-n-não está comigo. Eu n-n-não fiz n-nada. – Ann tropeça nas palavras, e de repente compreendo que parte da sua inexpressividade, do seu controle, deve ser um esforço para não gaguejar.

- Você n-n-não fez? Por que eu n-n-não acredito em você? – O rosto de Felicity mostra desprezo e ódio. – Eu convidei você para se sentar conosco e é assim que retribui a minha bondade? Roubando o anel que o meu pai me deu? Eu devia ter esperado uma coisa dessas de uma garota como você.

Nós todos sabemos o que significa “como você”. *Gentinha*. Comum. Feia, pobre e sem esperança. Você é o que nasceu, para todo o sempre. Esse é o entendimento.

Uma mulher imponente, com um rosto bonito, se dirige para as meninas:

- O que está acontecendo? – ela pergunta, colocando-se entre Ann, que está acovardada, e Felicity, que parece prestes a trucidar Ann.

Pippa arregala os olhos como uma *ingénue* numa peça vagabunda.

- Ah, Miss Moore! Ann roubou o anel de safira de Felicity.

Felicity mostra o dedo sem anel como prova e faz beicinho.

- Eu estava com ele cedo e notei sua falta assim que ela entrou.

É uma performance pouco convincente. O macaco do tocador de realejo é bem melhor como artista, mas não há como saber se Miss Moore vai ser ou não enganada por aquelas duas. Afinal, elas têm dinheiro e posição, e Ann não tem. É incrível como você pode ter razão quando tem essas duas coisas trabalhando em seu favor. Estou preparada para ver Miss Moore empertigar-se e humilhar Ann na frente de todo mundo, obrigando-a a admitir sua culpa – e chamando-a de coisas horríveis também.

Há um certo tipo de solteirona que se diverte torturando os outros sob o pretexto de “dar um bom exemplo”. Mas Miss Moore surpreende-me por não morder a isca.

- Muito bem, então vamos procurar aqui pelo chão. Talvez ele tenha caído em algum lugar. Venham todas, vamos ajudar Miss Worthington a achar seu anel.

Ann fica parada olhando para o chão, incapaz de se mover ou falar, como se esperasse ser considerada culpada. Sei que deveria sentir pena dela, mas ainda estou zangada pelo modo como ela me abandonou, e uma parte minha, pouco caridosa, acha que ela merece isso por ter confiado nelas. As outras arrastam cadeiras e espiam atrás de cortinas, tentando, sem muito entusiasmo, encontrar o anel.

- Ele não está aqui – uma garota anuncia triunfante logo depois, ao ver que o anel não apareceu.

Miss Moore dá um longo suspiro e morde o lábio inferior por alguns momentos.

Quando ela fala, sua voz sai calma, mas firme:

- Miss Bradshaw, você pegou o anel? Se admitir que o pegou, o castigo será menos severo.

O rosto de Ann está coberto de placas vermelhas. Ela gagueja: - N-n-não, senhora. Eu n-n-não p-peguei.

- É isso que acontece quando permitem que alguém da categoria social dela freqüente uma escola como Spence. Nós todas seremos vítimas da inveja dela – diz Felicity, triunfante. As outras meninas concordam. Ovelhas. Estou enterrada num colégio interno cheio de ovelhas.

- Agora chega, Miss Worthington. – Miss Moore ergue uma sobrancelha. Felicity a encara com uma das mãos na cintura.

- Eu ganhei esse anel do meu pai quando fiz dezesseis anos. Tenho certeza de que ele vai ficar muito aborrecido quando souber que foi roubado e ninguém tomou nenhuma providência.

Miss Moore vira-se para Ann, estende a mão.

- Sinto muito, Miss Bradshaw, mas vou ter que pedir para examinar a sua cesta de costura. Ann, com ar acabrunhado, entrega a cesta e, de repente, sei exatamente o que está acontecendo, o que vai acontecer em seguida. É uma armadilha. Uma armadilha maldosa, cruel. Miss Moore vai achar o anel lá. O incidente será registrado na ficha acadêmica de Ann. E que família vai querer contratar como governanta uma moça que foi rotulada de ladra? A infeliz fica ali parada, pronta para aceitar a sua destruição.

Miss Moore tira da cesta uma maravilhosa safira azul, com a tristeza e a decepção estampando-se em seus olhos, mas logo ela se recompõe e seu rosto assume uma máscara de moderação e dignidade.

- Bem, Miss Bradshaw, o que tem a dizer em sua defesa?

Uma mistura de infelicidade e resignação faz Ann abaixar a cabeça. Pippa abre um sorriso, Felicity ri debochadamente e ambas trocam um rápido olhar. Não posso deixar de me perguntar se isto será um castigo pelo fato de Ann ter conversado comigo no caminho para a capela. Será um aviso para eu olhar onde eu piso?

- Acho melhor irmos falar com a Sra. Nightwing. – Miss Moore toma a mão de Ann para levá-la até seu carrasco. O que eu devia fazer era voltar para perto do fogo e ler meu livro. A razão me diz que é melhor ficar calada, me aliar com o time vencedor. Mas há dias em que a minha razão não é páreo para o meu temperamento.

- Ann, querida – digo, imitando o tom falsamente simpático usado por Pippa mais cedo. Todo mundo parece surpreso ao me ouvir falar, ninguém mais surpreso do que eu mesma. – Não seja modesta. Diga a verdade a Miss Moore.

Os olhos de Ann procuram os meus tentando entender.

- A v-v-verdade?

- Sim – digo, na esperança de conseguir inventar uma desculpa plausível. – A verdade, que Miss Worthington perdeu o anel esta noite na capela. Você o encontrou e guardou-o na sua cesta de costura por precaução.

- Então, por que ela não o devolveu na mesma hora? – Felicity se aproximou, desafiando-a, seus olhos cinzentos a poucos centímetros dos meus.

Está ficando complicado. *Cuidado, Gem.*

- Ela não quis envergonhá-la na frente de todo mundo e deixar claro que você foi descuidada com algo tão valioso, um presente do seu pai. Então ela estava esperando por um momento de privacidade. Você sabe o quanto Ann é bondosa.

Um pouco de *Perils of Lucy*. Um pouco da história petulante de Lucy sobre o querido papai. Pensando bem, nada mau.

Miss Moore me olha pensativamente. Não dá para dizer se ela acredita em mim ou não.

- Miss Bradshaw, isso é verdade?

Vamos, Ann. Entre no jogo. Reaja.

Ann engole em seco, ergue o queixo e responde:

- S-s-sim. É verdade.

Boa menina.

Estou sentindo muito satisfeita comigo mesma, até olhar para Felicity, que me olha com uma mistura de admiração e ódio. Eu ganhei este round, mas sei que com garotas como Felicity e Pippa sempre haverá uma próxima vez.

- Fico contente que isto esteja resolvido, Miss...? – Miss Moore olha para mim.

- Doyle. Gemma Doyle.

- Bem, Miss Gemma Doyle, parece que estamos em débito com você. Tenho certeza de que Miss Worthington gostaria de agradecer a todas as duas por ter recuperado o seu anel, não é verdade?

Pela segunda vez esta noite, Miss Moore me surpreende, e tenho quase certeza de ver um sorriso satisfeito repuxado os cantos de sua comportada boca britânica.

- Ela podia ter falado antes, em vez de nos assustar desse jeito – Felicity diz como forma de agradecimento.

- Graça, charme e beleza, Miss Worthington – adverte Miss Moore, sacudindo o dedo em desaprovação.

Felicity tem o ar de alguém cujo pirulito acabou de cair na terra. Mas logo ela sorri, disfarçando a raiva.

- Parece que estou em débito com você, Gemma – diz Felicity. Ela está me provocando ao me chamar pelo nome sem que eu tenha lhe dado permissão para isso.

- Não seja por isso, Felicity – retribuo imediatamente.

- Este anel foi um presente do meu pai, o Almirante Worthington. Quem sabe você já tenha ouvido falar dele?

Metade do mundo de língua inglesa já ouviu falar do Almirante Worthington – um herói da Marinha, condenado pela própria Rainha Vitória.

- Não, não ouvi – minto.

- Ele é muito famoso. Ele me manda todo tipo de coisas das suas viagens. Minha mãe preside um salão em Paris, e quando Pippa e eu nos formarmos, vamos para lá, onde mama nos fará vestir pelas melhores modistas francesas. Talvez possamos levá-la conosco.

Não é um convite. É um desafio. Elas querem saber se eu tenho meios para acompanhá-las.

- Talvez – digo. Elas não convidam Ann.

- Vai ser uma temporada maravilhosa, embora Pippa provavelmente vá atrair todas as atenções. – Pippa sorri radiante ao ouvir isso. – Ela é tão linda que todos os

rapazes vão querer ser apresentados a ela. Você e eu vamos ter que nos conformar com isso.

-E Ann também – digo.

- Sim, e Ann também, é claro. Querida Ann. – Felicity ri, dando um beijo no rosto dela, o que a faz enrubescer de novo. É como se tudo estivesse esquecido.

O relógio bate dez horas e a Sra. Nightwing aparece na porta.

- Hora de dormir, meninas. Boa-noite a todas.

As meninas vão saindo, de duas em duas ou três em três, de braço dado, com vozes e espíritos elevados. A excitação da noite continua em murmúrios contagiosos que passam de uma para outra. Seguimos girando pelas escadarias intermináveis, na direção do labirinto de portas onde ficam os nossos quartos.

Finalmente dou vazão à minha irritação com Ann.

- De nada – digo a ela.

- Por que você fez isso? – ela pergunta. Será que ninguém aqui é capaz de dizer um simples “obrigada”?

- Por que você não se defendeu?

- De que adianta? É impossível ganhar delas.

- Aí está você, Ann querida. – Pippa se aproxima e dá o braço a Ann, retardando-se para que Felicity possa emparelhar comigo. A voz dela no meu ouvido é uma voz de confessorário:

- Vou ter que pensar num meio de recompensá-la por encontrar o meu anel esta noite. Temos uma espécie de clube particular, Pippa, Cecily, Elizabeth e eu, mas pode haver um lugar para você.

- Que sorte a minha, não? Acho até que vou comprar um chapéu para a ocasião. Felicity aperta os olhos, mas não pára de sorrir.

- Há garotas que dariam tudo para estar na sua posição.

- Ótimo. Então as convide.

- Olha aqui, estou lhe oferecendo uma chance de se dar bem em Spence. De ser parte de alguma coisa e tornar-se um exemplo para as outras garotas. Seria bom você pensar nisso.

- Ser parte de alguma coisa do jeito como você fez Ann ser parte de alguma coisa esta noite? – respondo. Olho para trás, para Ann, vários degraus abaixo de mim agora, com o nariz escorrendo de novo.

Felicity vê isso.

- Não é que eu não queira envolver Ann. É só que a vida dela não vai ser como a nossa. Você acha que está sendo boa para ela quando sabe muito bem que não pode ser amiga dela lá fora. É muito mais cruel fazê-la pensar o contrário, enganá-la. Ela tem razão. Eu não confio nela nem um pouquinho, mas ela tem razão. A verdade é dura e injusta, mas é inegável.

- Se eu estivesse interessada em me juntar a vocês, e não digo que estou, mas se estivesse, o que teria que fazer?

- Nada por enquanto – diz ela, dando o tipo de sorriso que não me deixa nada à vontade. – Não se preocupe, nós procuramos você. Ela ergue as saias e sobe a escada correndo, passando por nós como um cometa.

CAPÍTULO

SETE

É o barulho que me acorda. Abro os olhos com dificuldade, lutando contra restos de sonhos. Estou deitada do lado direito, de frente para a cama de Ann. A porta e o que possa estar do lado de dentro dela ficam atrás dos meus pés, na extremidade do quarto. Para enxergar direito, eu teria que me virar e me sentar na cama, e não quero mostrar que estou acordada. Esta é uma lógica típica de uma criança de cinco anos; se não posso ver a coisa, a coisa também não pode me ver. Sem dúvida, muitos desgraçados tiveram suas cabeças cortadas ao presumir a mesma coisa.

Muito bem, Gem, Não vale a pena ficar com medo. Não deve ser nada. Pisco e deixo os meus olhos se acostumarem com o escuro. Réstias de luar entram pela fresta das longas cortinas de veludo, quase tocando o teto. Do lado de fora, um galho arranha o vidro da janela. Meus ouvidos ficam atentos a qualquer outro ruído, algo ali dentro do quarto. Não há nada, exceto o barulho ritmado do ronco de Ann. Por um momento acho que devo ter sonhado. E então torno a ouvir. O ranger do assoalho sobre passos cuidadosos que dizem que não se trata da minha imaginação. Fecho os olhos, deixando apenas uma pequena abertura para fingir que estou dormindo. Ninguém vai cortar a minha cabeça sem resistência da minha parte. Uma figura se aproxima. Sinto a boca seca e a língua grossa. A figura estende a mão na minha direção e me levanto depressa, batendo a cabeça na laje projetada sobre minha cama.

Grito de dor, esquecendo o meu visitante e apertando a testa com a palma da mão. Uma mão surpreendentemente pequena tapa a minha boca.

- Você quer acordar a droga da escola inteira ? – Felicity se inclina pra mim, o luar iluminando o seu rosto de tal modo que só vejo ângulos pronunciados e uma pele cor de leite. Ela poderia ser a própria face da Lua.

- O que vocês está fazendo aqui ? – pergunto, esfregando o ovo de ganso que está se formando em minha testa.

- Eu disse que viríamos buscá-la.

- Você não disse que seria no meio da droga da noite – retruco, imitando seu tom. Tem algo em Felicity que me faz querer impressioná-la, mostrar que sou tão forte quanto ela e que ela não pode me vencer facilmente.

- Venha. Quero mostrar uma coisa pra você.

- O quê?

Ela fala devagar, como se estivesse falando com uma criança.

- Vem comigo que eu mostro.

Minha cabeça ainda está doendo da pancada. Ann ronca baixinho, ignorando completamente que nós estamos tendo esta conversa.

- Volte de manhã – digo, tornando a deitar a cabeça no travesseiro. Estou acordada o bastante pra saber que o que quer que ela queira me mostrar a esta hora não pode ser boa coisa.

- Não vou fazer esse convite de novo. É agora ou nunca.

Volte a dormir, Gem. Isto não parece nada promissor. É a minha consciência falando. Mas a minha consciência não vai ter que passar os próximos dois anos conversando sobre banalidades, entediada até ficar catatônica. Isto é um desafio, e eu nunca recusei um desafio na minha vida.

- Está bem, então. Vou me levantar – digo.

Então, só pra ter certeza de não estou sendo mole demais, acrescento:

- Mas é melhor que isso valha a pena.

- Ah, vai valer. Prometo.

Eu me vejo seguindo Felicity pelo longo corredor, deixando para trás os quartos com garotas adormecidas escondidos atrás das paredes cobertas de retratos de mulheres do passado de Spence, fantasmas de branco, com as bocas crispadas em reprovação por esta pequena escapada, mas cujos olhos tristes parecem dizendo: *Vão. Vão enquanto podem. A liberdade é breve.*

Quando chegamos no enorme patamar de escadas, eu paro.

- E quanto à Sra. Nightwing? – digo, olhando para a enorme escadaria que se estende para um quarto andar que não consigo enxergar no escuro.

- Não se preocupe com ela. Depois que toma seu cálice de Sherry, só acorda no dia seguinte.

Ela começou a descer.

- Espere! – mumuro o mais alto que posso, sem acordar ninguém. Felicity pára, vira-se para mim, com uma expressão zombeteira no rosto pálido. Balançando os quadris, ela sobe alguns degraus, até ficar logo abaixo de mim.

- Se você quiser passar o tempo aqui bordando paninhos com Deus Abençoe o Nosso Lar e aprendendo a jogar tênis de saia e espartilho, volte para a cama. Mas se quiser se divertir de verdade, bem...

E ela desce as escadas saltitando, desaparecendo da minha vista.

Pippa nos espera no salão. As enormes lareiras estão apagadas, com umas poucas brasas ainda ardendo e crepitando, mas sem fornecer calor nem luz. Ela estava escondida atrás de uma enorme samambaia. E sai de lá agitada, com os olhos arregalados.

- Por que vocês demoraram tanto?

- Foram só uns poucos minutos – diz Felicity.

- Não gosto de esperar aqui embaixo. Todos aqueles olhos nas colunas. É como se estivessem me vigiando.

No escuro, as fadas e ninfas de mármore assumem uma aparência repulsiva. A sala parece viva, observando cada movimento nosso, contando cada respiração.

- Deixa de ser boba. Vamos ser corajosas, certo? Onde estão as outras?

Como se estivessem esperando por essa deixa, duas garotas descem a escada e se juntam a nós. Sou apresentada a Elizabeth, uma criatura igual a um ratinho, que só emite uma opinião depois que todo mundo já se pronunciou, e a antipática Cecily, cujo estreito lábio superior entorta quando ela dá de cara comigo. Martha, a que deu a rasteira na capela, não está entre elas, e compreendo que ela não faz parte do clube; apenas gostaria de fazer. Por isso é que ela passou uma rasteira em Ann – pra ganhar pontos com elas.

- Prontas? – Cecily pergunta ironicamente.

Onde foi que eu me meti? Pó que não digo, simplesmente; *Tudo bem, meninas, foi ótimo? Obrigada pela excursão noturna pelo castelo. Não perderia por nada a visão do salão no meio da noite, o modo como ela ganha vida com esse colorido*

maravilhoso e apavorante, mas agora vou voltar para a cama. Em vez disso, vou atrás delas, para o gramado dos fundos, onde a lua cheia emite um clarão amarelo por trás das nuvens. A maldita neblina continua lá e faz um frio terrível. Estou só de camisola. Elas são espertas e estão usando capa de veludo azul.

- Sigam-me. – Felicity começa a subir a colina na direção da capela, e é imediatamente engolida pela neblina. Sigo atrás dela e as outras vêm atrás de mim, de modo que voltar não é mais uma opção. De repente estou pondo em dúvida a minha decisão de acompanhar as irmãs Mistério até as portas da capela.

- Nós temos uma tradição aqui em Spence – diz Felicity. – Uma pequena cerimônia de iniciação para garotas novas que, talvez, sejam dignas de entrar em nosso círculo.

- Você pode mesmo ter um círculo com apenas quatro pessoas? – pergunto, parecendo mais corajosa do que realmente me sinto. – Parece mais um quadrado, não acha?

- Você tem sorte de estar aqui – Cecily responde.

Sim, eu me sinto incrivelmente sortuda por estar aqui fora, neste frio terrível, só de camisola. Algumas pessoas poderiam considerar isto uma estupidez total, mas estou me sentindo muito otimista.

- Então, que iniciação secreta é essa ?

Elizabeth olha para Felicity, esperando permissão para falar.

- Você só precisa tirar uma coisa da capela.

- Tipo roubar alguma coisa? – pergunto, não gostando nem um pouco do rumo que as coisas estão tomando, mas envolvida demais pra cair fora agora.

- Não é roubo. Afinal, a coisa nunca vai sair de Spence. É só uma maneira de provar que você é confiável – diz Felicity.

Tenho alguns segundos para pensar, e, embora a resposta mais razoável seja dizer que não estou interessada e vou voltar para a cama, digo:

- O que vocês querem que eu tire de lá?

As nuvens se dissipam e o luar se espalha por toda a parte. Felicity abre a boca e passa a língua pelos dentes superiores.

- O vinho da comunhão.

- O vinho da comunhão? – repito.

Pippa faz um barulho esquisito com a garganta e depois começa a rir. Percebo que esta é uma escolha de improviso, uma ousadia extra da parte de Felicity.

Cecily ficou horrorizada.

- Mas, Fee, que sacrilégio!

- Sim, não sei se essa é uma boa idéia – digo.

- É mesmo? Pois eu acho uma ótima idéia – Felicity diz secamente. A filha do almirante não gosta que sua tripulação a desobedeça. – E você, Elizabeth, o que acha ?

Elizabeth, a marionete, está dividida entre suas duas senhoras, Felicity e Cecily.

- Bem, eu, eu acho...

Pippa a interrompe:

- Acho que é uma idéia sensacional.

Eu poderia jurar que ouvi as árvores murmurando Idiota. Onde foi que eu me meti?

- Não me diga que você está com medo de entrar lá sozinha? – diz Felicity.

É exatamente disso que estou com medo, mas não posso admitir.

- O que vai acontecer quando o Reverendo Waite descobrir que o vinho da comunhão desapareceu? Ele não vai ficar desconfiado?

Um “Ah” de desprezo escapa da boca de Felicity.

- Aquele beberrão só vai desconfiar que foi ele mesmo que bebeu o vinho. Além disso, sempre tem caravanas de ciganos por aqui nesta época do ano. Nós podemos pôr a culpa neles se for necessário.

Não gosto muito desta idéia. As portas da capela parecem ter ficado maiores e mais ameaçadoras desde a hora das vésperas. Apesar dos meus temores, sei que vou entrar.

- Onde ele guarda o vinho?

Pippa me empurra na direção da porta.

- Atrás do altar. Tem um esconderijo lá.

Ela empurra o trinco com força. As portas se abrem para a escuridão tumular lá dentro.

- Não vou conseguir encontrar nada no escuro.
- Vá Tateando – diz Felicity, empurrando-me para dentro.

Não posso acreditar que estou aqui nesta capela escura e sombria, prestes a cometer sacrilégio. Tu não roubarás. Eu me lembro que este é um dos *Eu preferia que não o fizesse para não ter que te transformar em cinzas* mandamentos de Deus. E acho que não vai me ajudar em nada o fato de estar roubando o que a Igreja acredita ser o sangue sagrado de Cristo. Não é tarde demais. Ainda posso dar meia-volta e voltar para a cama. Eu posso, mas estaria abdicando para sempre de qualquer poder que tenha agora sobre essas garotas.

Certo. Acabe logo com isso, então. A luz que vem da porta aberta ilumina o vestíbulo, mas o outro lado, onde ficam o altar e o vinho, está em total escuridão. Começo a caminhar para lá e ouço a porta se fechando, a luz desaparecendo junto com as garotas, a pancada seca da tranca de madeira sendo colocada no lugar. Elas estão me trancando aqui dentro. Sem ver, bato com o ombro na porta, tentando abri-la. Ela não cede. E, na verdade, dói um bocado.

Estúpida, estúpida, estúpida Gem. O que eu esperava? Como pude me deixar enganar com essa história de querer que eu faça parte do clube privado delas? A voz de Ann soa na minha cabeça; *De que adianta? É impossível ganhar delas.* Não tenho tempo para sentir pena de mim mesma. Preciso pensar.

Deve haver alguma outra saída. Eu só preciso achá-la. À minha volta, a igreja parece respirar na escuridão. Camundongos correm por entre os bancos, com suas garras arranhando o chão de mármore. Minha pele fica arrepiada só de pensar. Mas a lua está clara. Ela entra pelos vitrais, dando vida a um anjo, depois à cabeça de uma górgone, cujos olhos lançam uma luz amarela.

Vou Tateando de banco em banco, torcendo para não encontrar nenhum roedor peludo ou coisa pior. O ruído de répteis noturnos. O rangido da madeira com o vento. Silenciosamente, eu me repreendo por ter caído naquela conversa. É só uma pequena iniciação que temos aqui em Spence – nós gostamos de torturar umas às outras.

Beleza, graça e charme uma ova! É uma escola de sádicas que desenvolvem habilidades para servir chá.

Clique-Clique. Craque

Provavelmente Felicity é tão aparentada com o Almirante Worthington quanto eu.

Clique-Clique. Craque

E eu nem quero ir para Paris.

Clique-Clique. Tosse.

Uma tosse. Eu não tossi. E se não fui eu, quem foi, então?

Só levo um segundo para perceber isso e desato a correr pelo corredor central o mais depressa possível. Meu pé bate no primeiro degrau do altar. Tropeço e caio no mármore duro, batendo com a perna na quina. Mas ouço passos correndo atrás de mim, então começo a engatinhar na direção do que acabo de ver atrás do órgão – uma porta ligeiramente aberta. Chego no último degrau e me levanto com as pernas bambas, correndo para a promessa do que está do outro lado daquela porta. Estendo a mão e...

Tem alguma coisa no alto, Meu deus, eu devo estar imaginando coisas, porque alguma coisa, alguém, está voando sobre a minha cabeça, e cai no espaço entre a porta e mim. O outro braço me puxa e me imobiliza.

É o instinto que me faz morder a mão que tapa minha boca.

Eu sou atirada ao chão, sem a mínima cerimônia. Então torno a me levantar e dou um salto na direção da porta. Uma mão agarra o meu tornozelo, derrubando-me com força no chão, fazendo-me ver estrelas. Tento me arrastar para longe, mas meu joelho e minha cabeça estão doendo demais.

- Pare. Por favor. – A voz é jovem, masculina e vagamente familiar.

Um fósforo brilha no escuro. Meus olhos seguem a chama que acende um lampião. A luz se espalha, mostrando o contorno de ombros largos e uma capa preta, antes de emoldurar um rosto com grandes olhos escuros rodeados de longos cílios. Não estou imaginado coisas. Ele está mesmo aqui. Dou um salto, mas ele é mais rápido e bloqueia o acesso à porta...

- Eu vou gritar. Juro que vou. – Minha voz é apenas um rangido no escuro. Ele está tenso e a postos, para que eu não sei, mas sinto o coração bater loucamente.

- Não vai não. Como você vai explicar o que está fazendo aqui comigo no meio da noite, vestida desse jeito, Miss Doyle?

Instintivamente, cubro o meu corpo com os braços, tentando esconder o contorno do meu corpo por baixo da fina camisola branca. Ele me conhece, sabe o meu nome.

Meu coração bate nos meus ouvidos. Quanto tempo meus gritos levariam para alcançar alguém? Será que tem alguém por perto para me escutar?

Vou para trás do altar, colocando-o entre nós.

- Quem é você?

- Você não precisa saber quem sou.

- Você sabe o meu nome. Por que não posso saber o seu?

Ele reflete sobre isso, antes de responder secamente.

- Kartik.

- Kartik. Esse é o seu verdadeiro nome?

- Eu lhe dei um nome. Isso basta.

- O que você quer?

- Apenas conversar com você.

Continue pensando, Gemma. Continue fazendo-o falar.

- Você tem me seguido. Na estação de trem, hoje. E mais cedo, durante as vésperas. Ele balançou a cabeça, concordando.

- Embarquei no Mary Elizabeth em Bombaim. Travessia difícil. Sei que os ingleses são tremendamente sentimentais em relação ao mar, mas posso viver sem ele.

O lampião projeta a sombra dele na parede como se fosse uma coisa alada, enorme. Ele ainda está guardando a porta. Nenhum de nós se move.

- Por quê? Por que viajar para tão longe?

- Como eu já disse, preciso conversar com você.

Ele dá uma passo pra frente. Eu me encolho para trás, e ele pára.

- É sobre aquele dia e sua mãe.

- O que você sabe sobre a minha mãe? – Minha voz assusta um pássaro escondido nas vigas. Em pânico, ele voa para outra viga, batendo as asas freneticamente.

- Sei que ela não morreu de cólera, para começar.

Respiro fundo.

- Se você está pretendendo chantagear a minha família...

- Não é nada disso. – Ele dá mais um passo para a frente.

Encostada no mármore frio do altar, minhas mãos tremem sem saber se terão que enfrentar uma luta.

- Continue.

- Você viu o que aconteceu, não viu?

- Não - a mentira me deixa sem fôlego.

- Você está mentindo.

-N-não... eu...

Rápido como uma cobra, ele sobe no altar, fica agachado diante de mim, com o lampião a poucos centímetros do meu rosto. Ele poderia facilmente me queimar ou quebrar o meu pescoço.

- Pela última vez, o que foi que você viu?

Minha boca ficou completamente seca com o tipo de medo que nos faz dizer qualquer coisa.

- Eu... eu a vi sendo morta. Eu vi os dois sendo mortos.

Ele trinca os dentes.

- Continue.

Um soluço sobe na minha garganta, mas eu o reprimo.

- Eu... eu tentei chamar por ela, mas ela não podia me ouvir. E então...

- O quê?

O peso no meu peito é intolerável, e cada palavra é um esforço sobre-humano.

- Eu não sei. Foi como se as sombras comessem a se mover... eu nunca vi nada parecido... Uma criatura horrenda.

Por alguma razão, é agradável despejar em cima de um completo estranho o que venho escondendo de todo mundo.

- A sua mãe se matou, não foi?

- Sim – murmuro, espantada por ele saber disso.

- Ela teve sorte.

- Como você tem coragem...

- Confie em mim, ela teve sorte de não ser apanhada por aquela coisa. O meu irmão não teve a mesma sorte.

- O que é aquilo?

- É algo que você não pode derrotar.

- Eu tornei a ver aquela coisa. Na viagem de carruagem. Eu tive outra... visão.

Ele fica assustado. Percebo o medo dele, e me arrependo de ter lhe contado aquilo.

Com um único movimento, ele desce do altar e fica parado na minha frente.

- Ouça bem, Miss Doyle. Você não vai contar pra ninguém o que viu. Está entendendo?

O luar penetra pelo vitral em pequenos estilhaços.

- Por que não?

- Por que isso a colocará em perigo.

- O que era aquela coisa que eu vi?

- Era um aviso. E se você não quiser que outras coisas terríveis aconteçam, não provocará mais nenhuma visão.

A noite, o medo, a exaustão – tudo provoca um riso nervoso que não consigo controlar.

- E como vou fazer isso, você pode me dizer? Eu não pedi para ter nenhuma visão.

- Feche a sua mente para elas e elas irão parar.

- E se eu não conseguir?

Sem um ruído, ele estende a mão e agarra o meu pulso, apertando-o com força.

- Você vai conseguir.

No corredor central, um camundongo dá uma corrida e vai até o outro lado da igreja.

Eu me curvo debaixo da pressão no meu pulso. Ele me solta, com um sorriso satisfeito. Esfrego a pele dolorida.

- Estaremos vigiando você, Miss Doyle.

As pesadas portas de madeira da capela balançam barulhentemente. Ouço o canto embriagado do reverendo Waite tentando erguer a tranca, que cai pesadamente de volta do lugar. Não sei se devo me alegrar ou temer. Assim eu me viro para olhar, o meu perseguidor desaparece. Ele simplesmente some. A porta está livre. Tenho uma saída. E então eu o vejo. O jarro de vinho dentro do esconderijo.

A tranca é aberta. Ele está quase lá dentro. Mas esta noite o reverendo Waite vai ficar sem o seu vinho. Eu o levo quando saio pela porta lateral e paro no alto de uma escada escura. E se ele estiver esperando por mim naquelas escadas?

O Reverendo Waite grita, meio bêbado:

- Tem alguém aí?

Desço as escadas e saio da capela como se tivesse sido projetada de uma canhão. Só paro pra respirar depois de descer a colina e estar diante dos tijolos imponentes de Spence. Um corvo grasna, fazendo-me pular. Eu me sinto observada de todos os lados.

Estaremos vigiando você.

O que ele quis dizer com isso? "Nós" quem? E por que alguém iria querer vigiar uma garota que não conseguiu nem levar a melhor contra um quarteto de bobocas de colégio interno? O que ele sabe sobre a minha mãe?

Continue olhando para a escola, Gemma. Você vai ficar bem. Mantenho os olhos fixos nas fileiras de janelas à minha frente. Elas balançam para cima e para baixo com cada passo que dou. Você não vai provocar mais nenhuma visão.

Isso é ridículo. Irritante, de fato. Como se eu tivesse algum controle sobre elas. Como se eu pudesse fechar os olhos, assim, agora mesmo, e provocar uma visão. O som da minha respiração fica mais lento, mais alto. Meu corpo todo fica quente e relaxado, como se eu estivesse flutuando no mais delicioso banho de água-de-rosas. Ao sentir o cheiro de rosas, abro os olhos.

A garotinha do beco está parada na minha frente, cintilando. Ela me faz um sinal com a mão.

- Por aqui.

CAPÍTULO OITO

- Para onde estamos indo?

Ela não responde, apenas parte como uma flecha na direção de um bosque, seu brilho mostrando o caminho na noite, como uma chama sob vidro.

- Espere – digo. – Não tão depressa.

- Nós temos que nos apressar.

Ela vai esvoaçando pelo atalho. O que estou fazendo? Fiz exatamente o que me disseram para não fazer – provoquei mais visões. Mas como eu podia saber que era capaz de fazer isso por um ato de vontade? Estamos em um tipo de clareira. Tem um morro bem na nossa frente. Estou com medo de que essas sombras ganhem vida e que eu escute aquela voz terrível do beco, mas a garotinha não parece assustada. O morro é oco, formando uma espécie de caverna, mas mesmo assim mal consigo enxergar alguma coisa além de umas pedras e um espaço coberto de musgo.

- Atrás daquela pedra.

A mão dela, pequena e incandescente, aponta para a parede da caverna onde tem uma enorme pedra.

- Ela diz que você deve olhar atrás dela.

- Ela quem?

- Mary, é claro.

- Eu já disse a você: não conheço nenhuma Mary.

Estou discutindo com uma visão, um espírito. Daqui a pouco vou estar me intitulado a rainha da Romênia e caminhando pelo jardim usando um lençol como manto.

- Ela conhece você, senhorita.

Mary. Este é simplesmente o nome de mulher mais comum na Inglaterra. E se for um truque, um modo de me testar? Ele disse que eu estava em perigo. E se essa menina do outro mundo for um espírito maligno que quer me prejudicar? E se as histórias que contam para crianças na hora de dormir para mantê-las quietas – histórias de fantasmas, duendes e bruxas que usam de estratégias para se apoderarem de sua alma – forem verdadeiras? E se agora estou presa aqui nesta caverna escura com alguma força sinistra que tem apenas a aparência de uma criancinha abandonada? Engulo com força, mas o bolo que sinto em minha garganta não desaparece.

- E se eu não quiser olhar?

- Ela diz que você tem que olhar, Miss. É o único meio de compreender o que está acontecendo com você. De compreender o poder.

Eu não faço idéia do que ela está falando. Só sei que não quero ficar de costas para ela.

- Então, por que você não vai lá buscar?

Ela sacode a cabeça.

- Ela diz que você mesma precisa achar. Essa é a regra.

Estou cansada, com frio e sem nenhuma disposição para mistérios.

- Por favor, eu não entendo. Quer me dizer o que significa tudo isso?

- É melhor se apressar, Miss.

Aqueles grandes olhos castanhos voltam-se para a entrada da caverna, e depois tornam a fitar-me, e estremeço ao imaginar o que tem lá fora que a está deixando assustada.

Não importa o que aconteça, eu não posso continuar nesta ignorância que estou agora. A pedra é sólida, mas não irremovível. Com esforço, eu a empurro. Tem um buraco na parede da caverna com a profundidade de um braço. Meu coração dispara quando enfio a mão na abertura. Só Deus sabe o que poderá haver lá dentro, e mordo o lábio para não gritar. No fundo do buraco, sinto algo sólido. Está preso lá dentro, e tenho que puxar com força pra tirar. É um diário com uma capa de couro. Eu o abro na primeira página. Limpo a terra que cobre o papel. Tem um envelope enfiado no forro. Tiro uma folha solta lá dentro.

O que amedronta você?

O que faz os pêlos dos seus braços se eriçarem, as palmas das suas mãos ficarem suadas, a respiração ficar presa em seu peito, como um animal enjaulado?

É o escuro? A lembrança fugidia de uma história contada na hora de dormir, de fantasmas, duendes e bruxas ocultos nas sombras? É o vento soprado antes da tempestade, o indício de umidade no ar que a faz querer voltar correndo para casa, para a segurança da sua lareira?

Ou é algo mais profundo, algo muito mais assustador, um monstro dentro de você que você só vislumbrou em pedaços, a vasta região desconhecida da sua própria alma onde os segredos se reúnem com um terrível poder, a escuridão interior?

Se você quiser ouvir, eu lhe contarei uma história – uma história em que fantasmas não podem ser banidos pelo conforto do fogo crepitando na lareira. Eu lhe contarei a história de como nos vimos num reino onde os sonhos se formam, o destino é traçado e a magia é tão real quanto a marca da sua mão na neve. Eu lhe contarei como abrimos a caixa de Pandora de nós mesmas, experimentamos a liberdade, manchamos nossas almas com sangue e com a escolha, e soltamos no mundo um horror que destruiu a sua cara Ordem. Estas páginas são uma confissão de tudo o que levou a esta fria e cinzenta aurora. O que acontecerá agora, não sei dizer.

Seu coração está batendo mais depressa?

As nuvens parecem estar se juntando no horizonte?

A pele do seu pescoço está toda esticada, esperando por um beijo que você ao mesmo tempo teme e deseja?

Você vai ficar com medo?

Você vai conhecer a verdade?

Mary Dowd, 7 de abril de 1871

É esta a Mary que me conhece? Não conheço nenhuma Mary Dowd. Minha cabeça dói e estou com frio aqui vestida apenas com minha roupa de dormir.

- Diga a Mary para me deixar em paz. Não quero esse poder que ela está me dando.

- Ela não está lhe dando o poder, senhorita. Está mostrando o caminho.

- Bem, eu não quero seguir este caminho! Você entende, Mary Dowd? – grito para a caverna até minha voz ecoar nos meus ouvidos. É o suficiente para dissipar a visão, e estou sozinha na caverna, com o diário nas mãos.

A vida de Mary Dowd está em cima da minha cama, provocando-me. Eu poderia queimá-la. Levá-la de volta e enterrá-la. Mas sei que a minha curiosidade é grande demais para isso. Sozinha na cama, acendo uma vela, coloco-a no parapeito da janela e leio o máximo que posso naquela luz fraca. Descubro que Mary Dowd tem dezesseis anos em 1871. Ela adora caminhar na floresta, sente saudades da família, gostaria de ter a pele mais branca. Sua melhor amiga é uma garota chamada Sarah Rees-Toome, que é "a garota mais charmosa e virtuosa do mundo". Elas são como irmãs, estão sempre juntas. Sinto ciúme de uma garota que nunca conheci. Em resumo, as primeiras vinte páginas do diário são uma chatice, e não consigo entender por que a

garotinha quis que eu ficasse com ele. O sono me faz cabecear, então coloco o diário no fundo do meu armário, atrás do bastão de críquete do meu pai. E então vou dormir, banindo-o da minha mente.

Quando sonho, é com minha mãe. Ela puxa carinhosamente o meu cabelo para trás, seus dedos quentes penteando-os como se fossem raios de sol, deixando-me sonolenta e feliz. Seus braços me apertam com força, mas fujo do seu abraço e entro nas ruínas de um antigo templo. Serpentes deslizam por trepadeiras verdes que sobem por um altar. Uma tempestade se aproxima, com pesadas nuvens cobrindo o céu. O rosto de mamãe é uma máscara de terror. Rapidamente, ela tira seu colar e o atira para mim. Ele cruza o ar em lentas espirais, até cair na minha mão, e o canto do olho prateado corta a minha palma. O corte sangra. Quando ergo os olhos, mamãe está gritando para mim por cima do barulho da tempestade. O vento quase não me deixa ouvir. Mas consigo entender uma palavra.

Corra.

CAPÍTULO

NOVE

Quando acordo, está fazendo um dia claro, com o sol entrando pela janela, formando desenhos no chão. Tudo do lado de fora é dourado. Ninguém está me pedindo para roubar nada. Não há nenhum homem de capa dando avisos misteriosos. Nenhuma garotinha cintilante montando guarda enquanto revisto lugares escuros. É como se a noite de ontem não tivesse existido. Estendo os braços acima da cabeça, tentando recordar meus estranhos sonhos, algo sobre minha mãe, mas não consigo. O diário está no armário, onde pretendo deixá-lo juntando poeira. Hoje, a prioridade para mim é vingança.

- Você está acordada – diz Ann. Ela está totalmente vestida, sentada na cama bem-arrumada, olhando para mim.

- Sim – respondo.

- É melhor você se vestir se quiser um café da manhã quente. Depois que esfria, fica incomível. – Ela faz uma pausa – Limpei a lama que você deixou ontem no chão. Olho rapidamente para baixo e vejo o meu pé sujo saindo do lençol branco. Cubro-o rapidamente.

- Onde você esteve?

Não quero falar sobre isso. Está fazendo sol lá fora. Tem bacon lá embaixo. Minha vida está recomeçando hoje. Acabei de resolver isso.

- Em lugar nenhum. Simplesmente não consegui dormir. – minto, conseguindo abrir um sorriso que torço para ser radiante.

Ann fica olhando enquanto derramo água numa bacia e lavo os pés cheios de lama. Vou para trás do biombo e enfio o vestido branco pela cabeça, depois passo uma escova pelos meus cachos de Medusa e prendo-os num coque apertado na base do pescoço. O grampo arranha o couro cabeludo ao entrar e tenho vontade de usar o cabelo solto como quando era criança.

Tem o problema do espartilho. Não consigo apertar os cadarços sozinha. E ao que me consta não há nenhuma empregada para nos ajudar a vestir. Com um suspiro, eu me viro pra Ann.

- Você se importa?

Ela puxa com força os cadarços, expulsando o ar dos meus pulmões até parecer que minhas costelas vão quebrar.

- Um pouco mais frouxo por favor – reclamo. Ela obedece, e agora estou só desconfortável e não mais aleijada.

- Obrigada – digo quando ela termina.

- Você está com uma mancha no pescoço.

Eu bem que gostaria que ela parasse de me vigiar. No espelhinho sobre a minha escrivaninha, descubro a mancha, bem debaixo do meu queixo. Lambo o dedo para limpá-la, torcendo para Ann ficar suficientemente horrorizada e desviar os olhos antes que eu seja obrigada a fazer algo realmente horrível – tirar melecas, examinar uma cicatriz, procurar pêlos no nariz – para ter um pouco de privacidade. Dou uma última olhada no espelho. O rosto que eu vejo refletido não é lindo, mas também não é de assustar. Nesta manhã, com o sol aquecendo meu rosto, nunca me pareci tanto com a minha mãe.

Ann pigarreia.

- Você não devia andar sozinha por aí.

Eu não estava sozinha. Ela sabe disso, mas não quero contar a Ann que fui humilhada pelas outras. Ela pode achar que isto nos une como párias, e sou uma excentricidade única, e a minha estranheza é complicada demais para explicar ou compartilhar.

- Da próxima vez que eu não conseguir dormir vou acordar você – digo – Meu Deus, o que foi que aconteceu?

A parte de dentro do pulso de Ann está cheia de arranhões vermelhos, como uma costura em ziguezague. Parece que ela foi marcada com uma agulha ou um alfinete. Rapidamente, ela cobre os pulsos com as mangas.

- N-n-nada – ela diz. – Foi um a-a-ci-cidente.

Que tipo de acidente deixaria uma marca daquelas? Para mim parece ter sido de propósito, mas digo apenas “Ah” e desvio os olhos. Ann caminha na direção da porta.

- Espero que haja morangos frescos hoje. É bom para a pele. Li em *Perils of Lucy*. - Ela fica parada na porta, balançando-se para frente e para trás nos calcanhares. Seu olhar irritante vacila um pouco. Ela examina os dedos e diz:

- A minha pele precisa de toda a ajuda possível.

- A sua pele é ótima. – Finjo endireitar a minha gola.

Ela não se deixa enganar tão facilmente.

- Não tem importância. Eu sei que sou feia. Todo mundo diz isso.

Há um certo desafio em seu olhar, como se ela estivesse me desafiando a dizer que não é verdade. Se eu disser, ela vai saber que estou mentindo. Se eu ficar calada, seus piores temores estarão confirmados.

- Você falou em morangos? Vou ter que experimentar alguns.

Seu olhar calmo e inexpressivo está de volta. Ela estava esperando que eu mentisse, que dissesse que ela é bonita. Mas eu não correspondi à sua expectativa.

- Como quiser – ela diz, deixando-me finalmente sozinha para refletir se algum dia conseguirei fazer alguma amiga em Spence.

Só tenho tempo para fazer a primeira parada da manhã – uma pequena oferenda em agradecimento à gentileza demonstrada por Felicity ontem à noite – e vou direto para o café, subitamente faminta. Como chego atrasada, consigo evitar um encontro com Felicity, Pippa e as outras. Infelizmente, não consigo evitar também os ovos e o mingau, já quase frios, que estão tão ruins quanto Ann anunciou, ou até piores. O mingau endurece na minha colher, formando uma massa pegajosa.

- Eu avisei – diz ela, comendo o último pedaço de bacon e me deixando com água na boca.

Quando nos apresentamos para a primeira aula, a aula de francês de Mademoiselle LeFarge, minha maré de sorte mudou. O grupinho de Felicity está me aguardando. Elas tomam conta da última fileira de carteiras da sala pequena e apertada, de modo que sou obrigada a passar por elas para me sentar. Pronto. Lá vai.

Felicity estica o pé, impedindo a minha passagem, entre a carteira dela e a de Pippa.

- Dormiu bem?

- Muito bem – digo com um entusiasmo forçado para mostrar que não estou ligando para brincadeiras de mau gosto. O pé continua esticado.

- Como foi que você conseguiu sair de lá? – Cecily pergunta.

- Tenho poderes ocultos – digo, divertindo-me com esta triste informação. Martha percebe que foi deixada de fora da brincadeira noturna. Mas não consegue mencionar o fato. Então, tenta se enturmar me imitando:

- Tenho poderes ocultos – ela cantarola.

Fico vermelha.

- Por falar nisso, peguei o objeto que vocês pediram.

Felicity fica atenta.

- É mesmo? Onde você o escondeu?

- Ah, achei que não era aconselhável escondê-lo. Talvez não conseguisse mais encontrá-lo – digo alegremente. – Ele está bem à vista na sua cadeira, no salão. Espero ter escolhido o lugar certo para ele.

Felicity fica boquiaberta de horror. Dou um empurrão no pé dela com a minha perna e vou para uma carteira na primeira fila, sentindo o calor dos olhares delas no meu pescoço.

- O que foi que aconteceu? – pergunta Ann, cruzando as mãos sobre a carteira como uma aluna modelo.

- Nada de importante – respondo.

- Elas a trancaram na igreja, não foi?

Levanto o tampo da carteira para bloquear o rosto de Ann.

- Não, é claro que não. Não seja boba.

Mas pela primeira vez vejo a sombra de um sorriso – um sorriso de verdade – em seus lábios.

- Será que elas nunca vão se cansar dessa brincadeira? – ela murmura, sacudindo a cabeça.

Antes que eu possa responder, Mademoiselle LeFarge, com seus cem quilos, entra na sala com um alegre *Bonjour*. Ela agarra um pedaço de pano e esfrega vigorosamente a lousa já limpa, falando em francês o tempo todo, parando para fazer uma ou outra pergunta que, entro em pânico ao descobrir, todo mundo tem que responder – em francês. Não faço idéia do que está acontecendo, já que francês é uma língua que sempre achei que soava vagamente como um gargarejo.

Mademoiselle LeFarge pára diante da minha carteira e bate palmas, encantada.

- *Ah, une nouvelle fille! Comment vous appelez-vous?*

O rosto dela paira bem próximo ao meu e posso ver o espaço entre seus dois dentes da frente e cada poro do seu amplo nariz.

- O que foi que disse? – pergunto.

Ela sacode o dedo gordo.

- *Non, non, non... en Français, s'il vous plaît. Maintenant, comment vous appelez-vous?*

Ela torna a abrir aquele sorriso largo e esperançoso. Atrás de mim, ouço risadinhas de Felicity e Pippa. O primeiro dia da minha nova vida e já estou me dando mal. O silêncio parece interminável, até que Ann finalmente intercede.

- *Elle s'appelle Gemma.*

Como é o seu nome? Todas aquelas vogais estranguladas para fazer uma pergunta tão idiota? Está é a língua mais tola da Terra.

- *Ah, bon, Ann. Très bon.*

Felicity ainda está sufocando o riso. Mademoiselle Lefarge faz um pergunta a ela. Rezo para ela se dar mal, mas seu francês é perfeito. Não existe justiça no mundo. Cada vez que Mademoiselle LeFarge me faz uma pergunta, olho para frente e digo “Como?”, como se o fato de ser surda ou educada pudesse me ajudar a entender aquela língua impossível. O sorriso dela vai se transformando numa careta, até que ela desiste de me perguntar qualquer coisa, o que eu acho ótimo. Quando termina aquela tortura, aprendi a balbuciar frases do tipo “Que encanto” e “Sim, meus morangos estão muito suculentos”.

Mademoiselle ergue os braços, e nós nos levantamos todas juntas e nos despedimos com um *Au revoir*, Mademoiselle LeFarge.

- *Au revoir, mes filles.* – ela responde enquanto guardamos livros e tinteiros dentro das carteiras. – Gemma, você pode ficar mais um pouco, por favor? – seu sotaque inglês parece uma ducha de água fria depois daquele francês fluente. Mademoiselle Lefarge é tão parisiense quanto eu.

Felicity quase tropeça na sua pressa de sair da sala.

- Mademoiselle Felicity! Não precisa correr.

- *Pardon*, Mademoiselle LeFarge. – Ela me olha com raiva. – Acabei de me lembrar que preciso pegar uma coisa importante antes da próxima aula.

Quando ficamos apenas nós duas na sala, Mademoiselle LeFarge ajeita seu corpanzil atrás da escrivaninha. A escrivaninha está vazia, exceto pelo retrato de um belo homem de uniforme. Provavelmente um irmão ou outro parente qualquer. Afinal de contas, ela é mademoiselle, e tem mais de vinte e cinco anos – uma solteirona sem nenhuma esperança de casamento, senão, o que estaria fazendo aqui, dando aulas para meninas como último recurso?

Mademoiselle LeFarge sacode a cabeça.

- O seu francês precisa melhorar muito, Mademoiselle Gemma. Você deve saber disso. Vai ter que trabalhar muito para permanecer na turma junto com as outras garotas da sua idade. Se eu não notar uma grande melhora, vou ter que passá-la para uma turma mais atrasada.

- Sim, Mademoiselle.

- Você pode pedir ajuda às outras meninas, se precisar. O francês de Felicity é muito bom.

- Sim – digo, engolindo em seco, sabendo muito bem que preferiria mastigar pregos a pedir ajuda a Felicity.

O resto do dia passa devagar, mas sem grandes novidades. Temos aula de elocução, dança, postura e latim. Temos música com o Sr. Grunewald, um homenzinho curvado, de nacionalidade austríaca, com a voz cansada e um ar de derrota estampado no rosto. Cada suspiro que ele dá demonstra que ensinar-nos a tocar e cantar é quase ser torturado lentamente até a morte. Nós todas somos competentes, mesmo que pouco inspiradas, em música – exceto Ann.

Quando ela se levanta para cantar, uma voz límpida e doce flui de dentro dela. É linda, embora um pouco tímida. Com prática e um pouco mais de sentimento, ela poderia ser muito boa. É uma pena que ela nunca possa ter essa chance. Ela está aqui para ser treinada como governanta, nada mais. Quando a música termina, fica de cabeça baixa, até voltar para a sua cadeira, e eu me pergunto quantas vezes por dia ela morre um pouco.

- Você tem uma linda voz – murmuro quando ela senta.

- Você só está dizendo isso para ser gentil – ela diz, roendo uma unha. Mas seu rosto fica vermelho, e compreendo o que significa para ela cantar sua canção, mesmo que seja por pouco tempo.

As semanas passam num entediante desfile de rotinas. Orações. Comportamento. Postura. De manhã à noite, gozo do mesmo banimento social que Ann. De noite, nós duas nos sentamos perto do fogo no salão, o silêncio quebrado apenas pelas risadas de Felicity e seu bando, que nos ignoram propositalmente. No fim da semana, tenho certeza de ter-me tornado invisível. Mas não para todo mundo.

Há uma única mensagem de Kartik. Na noite seguinte à descoberta do diário, encontro uma carta de papai presa na minha cama com uma faca. A carta, incoerente e piegas, tinha sido doída de ler, então eu a tinha guardado na gaveta da minha escrivaninha, bem escondida. Mas era o que eu pensava. Ao vê-la sobre minha cama, furada, com as palavras *Você foi avisada* rabiscadas por cima da assinatura de papai, fico apavorada. A ameaça é clara. A única forma de manter a mim e à minha família seguras é fechar minha mente às visões. Mas descubro que não posso fechar minha mente sem fechar o resto de mim. O medo faz com que eu me recolha pra dentro de

mim mesma, isolando-me de tudo, tão inútil quanto a Ala Leste toda queimada, lá em cima.

A única hora em que me sinto viva é durante a aula de desenho de Miss Moore. Eu achava que ela ia ser entediante – cenas da natureza, coelhinhos focinhando alegremente numa campina inglesa –, mas Miss Moore torna a me surpreender. Ela escolheu o famoso poema de Lord Tennyson, “A Senhora de Shalott”, como inspiração para o nosso trabalho. É sobre uma mulher que irá morrer se abandonar a segurança da sua torre de marfim. Mais surpreendente é que Miss Moore quer saber a nossa opinião sobre arte. Ela tem a intenção de nos fazer falar e de nos arriscar a dar nossa opinião, em vez de reproduzir belas frutas. Isto deixa o rebanho totalmente confuso.

- O que vocês tem a me dizer sobre este desenho da senhora de Shalott? – Miss Moore pergunta, colocando sua tela sobre um cavalete. No desenho, uma mulher está em pé na frente de uma janela, olhando para um cavaleiro no bosque. Um espelho reflete o interior do aposento.

Há um momento de silêncio.

- Alguém?

- É a carvão – Ann responde.

- Sim, seria difícil negar isto, Miss Bradshaw. Mais alguém? – Ela olha em volta, à procura de uma vítima dentre nós oito ali presentes. – Miss Temple? Miss Poole? – Ninguém diz nada. – Ah, Miss Worthington, você raramente fica calada.

Felicity inclina a cabeça de lado, finge examinar o desenho, mas percebo que ela já sabe o que vai dizer.

- É um lindo desenho, Miss Moore. Uma bela composição que harmoniza o espelho e a mulher, creio que de influência pré-rafaelita. – Felicity sorri, pronta para ser parabenizada. A verdadeira arte aqui é o seu refinamento.

Miss Moore balança a cabeça afirmativamente.

- Uma declaração precisa, embora sem emoção. – O sorriso de Felicity murcha. Miss Moore continua: – Mas o que vocês acham que está acontecendo no quadro? O que o artista quer que saibamos sobre esta mulher? O que vocês sentem quando olham para ele?

O que vocês sentem? Nunca me tinham feito esta pergunta antes. Para nenhuma de nós. Querem que tenhamos sentimentos. Nós somos britânicas. O silêncio na sala é absoluto.

- É muito agradável – Elizabeth arrisca, no que percebo ser sua opinião sem opinião.

- Bonito.

- Ele a faz sentir-se bonita? – Miss Moore pergunta.

- Não. Sim. Eu deveria sentir-me bonita?

- Miss Poole, eu não me atreveria a dizer-lhe como reagir a uma obra de arte.

- Mas quadros ou são bonitos e agradáveis ou não prestam. Não é assim? Nós não estamos aqui para aprender a fazer bonitos desenhos? – Pippa pergunta.

- Não necessariamente. Vamos tentar de outro jeito. O que está acontecendo neste desenho, Miss Cross?

- Ela está olhando pela janela para Sir Lancelot? – Pippa responde interrogativamente, como se não tivesse certeza do que está vendo.

- Sim. Bem, vocês todas conhecem o poema de Tennyson. O que acontece com a senhora de Shalott?

Martha responde, feliz por saber a resposta:

- Ela deixa o castelo e desce o rio em seu barco.

- E?

Martha já não se sente tão segura.

- E... ela morre.

- Por quê?

Ouvem-se alguns risinhos nervosos, mas ninguém responde.

Finalmente, Ann interrompe o silêncio com sua voz calma e meiga:

- Porque ela é amaldiçoada.

- Não, ela morre por amor – Pippa diz, sentindo-se segura pela primeira vez. – Ela não pode viver sem ele. É terrivelmente romântico.

Miss Moore esboça um sorriso.

- Ou romanticamente terrível.

Pippa fica confusa.

- Eu acho que é romântico.

- Pode-se argumentar que é romântico morrer por amor. É claro que aí você está morta e não pode viajar pelos Alpes em lua-de-mel junto com outros casais, o que é uma pena.

- Mas ela foi amaldiçoada, não foi? – Ann diz. – Não é amor. É algo que está fora do controle dela. Se ela abandonar a torre, morre.

- E no entanto, ela não morre ao sair da torre. Ela morre no rio. Interessante, não? Alguém mais que dizer alguma coisa? Miss... Doyle?

Levo um susto ao ouvir o meu nome. Minha boca fica seca na mesma hora. Aperto as sobancelhas e contemplo atentamente o desenho, esperando que a resposta me seja revelada. Não consigo pensar em nada para dizer.

- Por favor, não se esforce tanto, Miss Doyle. Não quero que as minhas alunas fiquem vesgas em nome da arte.

Ouvem-se risinhos. Sei que devia ficar envergonhada, mas o que sinto é alívio por não ser obrigada a inventar uma resposta. Torno a me recolher para dentro de mim mesma.

Miss Moore atravessa a sala, passa por uma longa mesa com telas parcialmente pintadas e tubos de tinta a óleo, pilhas de aquarelas e copos de estanho contendo pincéis. No canto, há um quadro sobre um cavalete. É o estudo da natureza com árvores, grama e um campanário, uma cena que vemos reproduzida do lado de fora das janelas da sala.

- Acho que a senhora não morre porque deixa a torre pelo mundo do lado de fora, mas sim porque ela se deixa levar através daquele mundo, empurrada pela correnteza atrás de um sonho.

Há alguns instantes de silêncio, em que só se ouve o barulho dos pés se arrastando no chão sob as carteiras, das unhas de Ann batucando na madeira como se fosse um piano imaginário.

- A senhora quer dizer que ela deveria ter remado? – Cecily pergunta.

Miss Moore ri.

- De certa forma, sim.

Ann pára de batucar.

- Mas não faria diferença se ela remasse. Ela foi amaldiçoada. Ela vai morrer, não importa o que faça.

- E ela também vai morrer se ficar na torre. Talvez isso demore muito, mas ela vai morrer. Todas nós vamos – Miss Moore diz com suavidade.

Ann não desiste:

- Mas ela não tem escolha. Ela não pode ganhar. Não vão deixar! – Ela se inclina para a frente, quase saindo da cadeira, e eu entendo, nós todas entendemos, que ela não está mais falando da senhora do quadro.

- Minha nossa, Ann, é só um poema idiota – Felicity diz, revirando os olhos. As acólitas vão atrás dela e começam a cochichar.

- Shhh, já chega – Miss Moore diz. – Sim, Ann, é só um poema. É só um quadro. Pippa de repente fica agitada.

- Mas as pessoas podem ser amaldiçoadas, não podem? Elas podem ter algo, uma aflição, que está fora do seu controle, não podem? Eu fico sem ar. Sinto um formigamento na ponta dos dedos.

Não. Eu não vou ser tragada. Vá embora.

- Nós todas temos desafios a enfrentar, Miss Cross. Acho que o segredo está na forma como lidamos com eles – Miss Moore diz delicadamente.

- A senhora acredita em maldições, Miss Moore? Felicity pergunta. Parece uma provocação.

Eu estou vazia. Não sinto nada, nada, nada. Mary Dowd ou quem quer que seja, por favor, vá embora.

Miss Moore olha para a parede atrás de nós como se a resposta pudesse estar escondida lá, no meio das aquarelas de naturezas-mortas. Maçãs vermelhas e maduras. Uvas suculentas. Laranjas levemente manchadas. Tudo isso apodrecendo lentamente numa tigela.

- Eu acredito... – Ela emudece. Ela parece perdida. Uma brisa entra pela janela aberta, derrubando um copo cheio de pincéis. Meus dedos param de formigar. Por ora, estou salva. Solto o ar que estava preso em meus pulmões.

Miss Moore endireita os pincéis.

- Eu acredito... que esta semana vamos dar um passeio pelo bosque e explorar as velhas cavernas onde existem alguns fantásticos desenhos primitivos. Eles podem dizer muito mais a vocês sobre arte do que eu.

A turma bate palmas de alegria. Uma chance de sair da sala de aula é uma ótima notícia, realmente um sinal de que temos mais privilégios do que as turmas mais jovens. Mas sinto uma certa inquietação ao me lembrar da minha ida às cavernas e do diário de Mary Dowd no fundo do meu armário.

- Bem, está um dia bonito demais para vocês ficarem presas nessa sala discutindo donzelas amaldiçoadas em barcos. Podem ir mais cedo para o recreio, e se alguém perguntar alguma coisa, vocês estão observando a natureza em busca de inspiração artística. Quanto a isto aqui – ela diz, analisando o seu desenho –, está faltando uma coisa.

Com um gesto floreado, Miss Moore desenha um bigode na senhora de Shalott.

- Deus está nos detalhes – ela diz.

Exceto por Cecily, que cada vez mais tenho a impressão de que no fundo é uma beata, nós todas rimos da ousadia dela, felizes por partilharmos aquela travessura. O rosto de Miss Moore se ilumina com um sorriso, e minha inquietação desaparece.

Quando corro para o meu quarto para apanhar o diário de Mary Dowd, escorrego e bato com a cabeça nas costas de Brigid, que está supervisionando o treinamento de uma nova arrumadeira.

- Sinto muitíssimo – digo com o máximo possível de dignidade, considerando que estou esparramada no chão, com as saias levantadas até os joelhos. Esbarrar em Brigid é quase o mesmo que abalroar um navio. Sinto um apito no ouvido e tenho medo de ficar surda, tal foi a força da pancada.

- Você deve ter sentido muito mesmo – Brigid diz, ajudando-me a levantar e endireitando a minha saia. A arrumadeira nova vira de costas, mas posso ver seus ombros magros se sacudindo num riso abafado.

Começo a agradecer a Brigid por ter-me ajudado a levantar, mas ela não terminou o que estava dizendo:

- Correndo desse jeito, galopando como um cavalo! Isso é modo de se comportar? Humm? O que a Sra. Nightwing diria se visse você dando esse espetáculo?

- Sinto muito. – Baixo os olhos, tentando parecer arrependida.

Brigid estala a língua.

- É bom que você esteja arrependida. Mas o que fez você correr desse jeito? É bom dizer a verdade para a velha Brigid aqui. Depois de vinte anos aqui, ninguém pode me enganar.

- Eu esqueci meu livro – digo, dirigindo-me rapidamente para o meu armário. Pego a minha capa e escondo o diário dentro dela.

- Uma correria dessas por causa de um livro – Brigid resmunga, como se fosse ela e não eu que tivesse se esparramado no chão.

- Desculpe por ter atrapalhado. Já estou indo – digo, tentando passar por ela.

- Espera um instante. Deixa eu ver se você está apresentável – Brigid pega o meu queixo e vira o meu rosto para a luz, para ver melhor. Ela fica pálida.

- Aconteceu alguma coisa? – pergunto, imaginando se estou mais machucada do que pensava. As costas de Brigid podem ser formidáveis, mas não acho que a pancada tenha sido o suficiente para me abrir a cabeça.

Brigid larga o meu queixo, recua um pouco, limpando as mãos no avental como se estivessem sujas.

- Nada... É só... que os seus olhos são muito verdes. Só isso. Agora vá. É melhor se juntar às outras.

Com isso, ela volta a sua atenção para Molly, que aparentemente está usando o espanador de forma errada, e me deixa em paz.

CAPÍTULO DEZ

As garotas estão tomando ar fresco quando chego no gramado. O sol brilhou o dia inteiro, e a tarde está clara e azul. Nuvens baixas percorrem o céu preguiçosamente. No alto da colina, a capela se destaca, alta e reta. No gramado, as meninas menores amarraram uma venda nos olhos de uma garotinha de cabelos castanhos. Elas a fazem girar em círculos, e depois se espalham como bolas de gude. Ela estende os braços, meio desequilibrada, e cambaleia pelo gramado gritado: "Cabra-cega.". Elas gritam de volta "Bluff", e ela vai tateando na direção das vozes. Ann está sentada num banco, lendo um jornal. Ela olha na minha direção, porém finjo que não estou vendo. Não é muito gentil da minha parte, mas quero ficar sozinha. O conjunto de árvores à minha direita parece convidativo, e é para lá que eu me dirijo. O sol se infiltra por entre as folhas, irradiando calor. Tento agarrá-lo com os dedos, mas ele escorre para o chão. Há um silêncio ali que só é quebrado pelos gritos das meninas brincando de cabra-cega. O diário de Mary Dowd está guardado dentro da minha capa, e seus segredos pesam no bolso encostado na minha perna. Se eu conseguir descobrir o que ela quer que eu saiba, talvez consiga entender o que está acontecendo comigo. Viro uma página e leio.

31 de dezembro de 1870

Hoje é meu décimo sexto aniversário. Sarah foi maliciosa comigo. "Agora você vai saber como é", ela disse. Quando eu insisti com ela para me dizer mais, ela se recusou – logo ela, que é como uma verdadeira irmã para mim! "Eu não posso contar pra você, minha amiga querida. Mas logo vai saber. E vai ser como uma porta se abrindo pra você." Confesso que fiquei bem zangada com ela. Ela já tem dezesseis anos e sabe mais do que eu, querido diário. Mas aí ela segurou minhas duas mãos, e eu só posso sentir carinho por ela quando ela é assim gentil comigo.

Não entendo o que há de tão glorioso em ter dezesseis anos. Eu me enganei ao pensar que o diário de Mary ia ser mais interessante ou revelador. Mas como não tenho nada para fazer, procuro outro trecho.

7 de janeiro de 1871

Coisas tão assustadoras estão acontecendo comigo, querido diário, que não tenho nem coragem de contar aqui. Tenho medo de falar sobre elas, até mesmo com Sarah. O que vai ser de mim?

Sinto um aperto no estômago. O que poderia ser tão terrível que ela não pôde confiar nem ao próprio diário? Sopra uma brisa, trazendo os gritos das meninas. Cabra-cega. Bluff. A próxima anotação é datada de 12 de fevereiro. Meu coração bate mais depressa enquanto leio.

Querido diário, que alívio! Eu não estou maluca, conforme temia. Minhas visões não me dominam mais com seu poder, pois finalmente comecei a controlá-las. Ah, diário, elas não são assustadoras, e sim lindas! Sarah prometeu que seria assim, mas confesso que estava amedrontada demais com seu brilho para me entregar

completamente a elas. Eu era empurrada contra a vontade, resistindo. Mas hoje, ah, foi glorioso! Quando senti a febre chegando, pedi que ela viesse. Escolhi isto, eu disse, e me enchi de coragem. Não senti uma grande pressão sobre mim. Desta vez, foi mais como um leve tremor, e lá estava ela – uma bela porta feita de luz. Ah, diário, passei por ela e entrei num reino de tal beleza, num jardim com um rio cantante e flores que caem das árvores como uma chuva leve. Lá, tudo o que você imagina pode ser seu. Corri, rápido como uma corça, com pernas fortes e poderosas, e senti uma alegria que não posso descrever. Parecia que eu já estava lá há horas, mas quando tornei a atravessar a porta, foi como se nunca tivesse saído. Eu me vi de novo no meu quarto, onde Sarah estava me esperando para me abraçar. "Mary, querida, você conseguiu! Amanhã nós vamos dar as mãos e nos tornar uma só junto com nossas irmãs. Aí iremos conhecer todos os mistérios dos reinos."

Eu estou tremendo. Tanto Mary quanto Sarah tinham visões. Não estou sozinha. Em algum lugar, existem duas garotas – duas mulheres – que talvez possam me ajudar. É isto que ela quer que eu saiba? Uma porta de luz. Eu nunca vi uma coisa assim – nem um jardim. E se minhas visões não forem como as dela? Kartik me disse que elas me poriam em perigo, e tudo o que eu experimentei até agora parece provar que ele tinha razão. Kartik, que pode estar me vigiando neste exato momento, aqui neste bosque. Mas e se ele estiver errado? E se estiver mentindo?

Isso é demais para a minha cabeça neste momento. Torno a guardar o livro e fico andando no meio das árvores gigantescas, passando os dedos pelos nós de seus velhos troncos. O chão está coberto de bolotas, de folhas mortas, pedaços de galho, de vida selvagem.

Chego numa clareira e vejo, bem na minha frente, um lago sereno. Uma casa de barcos monta guarda do outro lado. Um barco azul, já bem gasto, com um único remo, está amarrado num cotoco de árvore. Ele desliza de um lado para o outro com a brisa, encrespando de leve a superfície do lago. Não há ninguém por perto, então solto o barco e subo nele. O sol é um beijo quente no meu rosto e descanso a cabeça na proa. Estou pensando em Mary Dowd e suas belas visões de uma porta de luz, de um jardim fantástico. Se eu pudesse controlar minhas visões, o que eu mais queria era ver o rosto da minha mãe.

- Eu a escolheria – murmuro, com os olhos se enchendo de lágrimas. *Seria bom você chorar, Gem.* Cobrindo o rosto com o braço, soluço baixinho, até esgotar minhas lágrimas e sentir os olhos ardendo. O ritmo da água batendo no barco me deixa sonolenta e em pouco tempo adormeço.

Os sonhos chegam. Estou correndo descalça pela floresta, de noite, no meio da neblina, minha respiração saindo em pequenos tufoes brancos de fumaça. É um veado que persigo, sua pele marrom surgindo no meio das árvores como um fogo-fátuo. Mas estou chegando perto. Minhas pernas ganham velocidade até eu quase voar, com as mãos estendidas para segurar o veado. Meus dedos roçam o pêlo e não é mais o veado, e sim o vestido azul da minha mãe. É minha mãe, minha mãe ali naquele lugar, o vestido dela é real sob meus dedos. Ela sorri para mim.

- Vem me procurar – ela diz, e sai correndo.

A bainha do vestido prende num galho de árvore, mas ela se solta. Agarro o pedaço rasgado de tecido, guardo no meu espartilho e corro atrás dela pelo bosque coberto de neblina até as ruínas de um templo, cujo chão está coberto de pétalas de lírios. Tenho medo de tê-la perdido, mas ela me chama com um gesto do meio do caminho. Vou atrás dela através da neblina, até estarmos nos corredores úmidos de Spence, subimos as escadas intermináveis, atravessamos o corredor do terceiro andar onde há cinco retratos de turma pendurados em fila. Sigo a risada dela pelo último lance de escadas até me ver parada, sozinha, diante das portas fechadas da Ala Leste. O ar

está murmurando uma cantiga de ninar para mim... *Junte-se a nós, junte-se a nós, junte-se a nós.* Eu empurro a porta com a palma da mão. Não é mais o lugar destruído pelo fogo. A sala está toda iluminada, as paredes são douradas e o chão brilha. Minha mãe desapareceu. Em vez dela, vejo a garotinha curvada sobre sua boneca.

Ela me olha com aqueles olhos grandes e que não piscam.

- Eles me prometeram minha boneca.

Quero dizer *Sinto muito, não compreendo*, mas as paredes se dissolvem. Estamos num terreno coberto de árvores nuas, neve e gelo, no meio de um rigoroso inverno. A escuridão se move no horizonte. Surge o rosto de um homem. Eu o conheço. Amar, o irmão de Kartik. Ele está perdido e com frio, fugindo de alguma coisa que não posso ver. E então a escuridão fala comigo...

- *Tão perto...*

Acordo com um barulho e, por instantes, com o sol se refletindo na água em ângulos agudos, não sei onde estou. O que sei é que meu coração está martelando dentro do peito. O sonho parecia mais real do que a água que lambe os meus dedos. E a minha mãe. Ela estava suficientemente perto para me abraçar. Porque ela correu? Para onde estava me levando?

Meus pensamentos são interrompidos pelo som de uma risada feminina vinda de trás da casa de barcos. Não estou sozinha. A risada se repete e eu a identifico como de Felicity. Tudo se mistura dentro de mim. Saudades da minha mãe, que foge de mim até em sonhos. Os mistérios do diário de Mary. O ódio que sinto por Felicity e Pippa, e por todas aquelas que passeiam pela vida sem nenhuma preocupação. Elas escolheram o dia errado, a garota errada para suas brincadeiras cruéis. Eu poderia quebrar seus pescoços delicados com um único golpe.

Cuidado. Eu sou um monstro. É melhor fugir. Sair correndo com seus cascos de veado.

Saio do barco tão silenciosamente quanto penas caindo na neve, caminho na ponta dos pés até o outro lado da casa de barcos, mantendo-me perto dos arbustos. Não sou eu quem vai levar um susto hoje. De jeito nenhum. O riso transforma-se num murmúrio e em alguma outra coisa. Tem uma voz mais grossa. Masculina. As Gêmeas Torturadoras não estão sozinhas. Tanto melhor. Vou surpreender todas elas, vou deixá-las saber que nunca mais vão me fazer de boba.

Eu me aproximo bem a tempo de ver Felicity abraçada com um cigano. Ela me vê e solta um grito de pavor. Eu grito. Ela torna a gritar. E agora estamos as duas ofegantes, enquanto o cigano, de camisa branca, olha espantado para nós, com seus olhos de reflexos dourados e suas sobranceiras escuras e grossas.

- O que...o que você está fazendo aqui? – Felicity pergunta.

- Eu pergunto o mesmo para você – digo, indicando com um gesto de cabeça o seu companheiro. Ser encontrada a sós com um homem é chocante, motivo para um casamento rápido e necessário. Mas ser encontrada com um cigano! Se eu contasse, Felicity estaria arruinada para o resto da vida. Se eu contasse.

- Eu sou Ithal – ele diz com um forte sotaque romeno.

- Não diga nada a ela – Felicity pede, ainda tremendo.

A voz estridente da Sra. Nightwing soa na floresta, aproximando-se de nós.

- Meninas! Meninas!

Os olhos cinzentos de Felicity enchem-se de pânico.

- Meu Deus, ela não pode nos encontrar.

Uma dúzia de vozes grita nossos nomes. Elas estão se aproximando.

Ithal segura Felicity.

- Melhor. Deixe que nos encontrem. Eu não estou gostando de me esconder.

Ela o empurra e diz rispidamente:

- Pára com isso! Você está louco? Eu não posso ser encontrada com você. Você tem que voltar.

- Vem comigo. – Ele pega a mão dela e tenta levá-la, mas ela resiste.

- Você não entende? Eu não posso ir com você. – Felicity se vira pra mim. – Você tem que me ajudar.

- Este é um pedido da pessoa que me trancou na capela ontem à noite? – digo, cruzando os braços.

Ithal tenta passar o braço pela cintura dela, mas Felicity se solta.

- Ontem à noite foi só uma brincadeira, nada mais.

Quando ela vê que não estou achando graça, tenta uma tática diferente:

- Por favor, Gemma. Eu lhe dou o que você quiser. Meu conjunto de canetas. Minhas luvas. Meu anel de safira!

Ela começa a tirar o anel do dedo, mas seguro sua mão. Por mais que fosse maravilhoso ver Felicity sofrer debaixo do interrogatório da Sra. Nightwing, é melhor saber que ela deve a mim a sua salvação. Isso deve ser um castigo suficiente para ela.

- Você vai ficar me devendo esta – digo.

- Está certo.

Eu a empurro na direção do lago.

- O que você está fazendo?

- Salvando você – digo e a empurro para dentro.

Enquanto ela cospe e grita na água fria do lago, aponto para o outro lado, na direção da floresta, e digo para Ithal:

- Agora vá, se quiser tornar a vê-la!

- Eu não vou fugir como um covarde. – Ele finca o pé teimosamente, adotando o que deve pensar ser uma pose heróica. É como se estivesse pedindo para um pombo fazer cocô em cima dele.

- Você acha mesmo que ia ver um centavo da herança dela? Ela seria deserdada. Isso se você não for posto a ferros e enforcado diante de Newgate – digo, invocando o nome da prisão mais notória de Londres. O rosto dele fica pálido, mas ele ainda insiste. Orgulho masculino. Se eu não conseguir tirá-lo daqui, nós estamos perdidas. Kartik aparece de trás de uma árvore, assustando-me. Exceto por sua capa preta, ele está vestido igual a um cigano – um lenço em volta do pescoço, um colete colorido, calças enfiadas dentro das botas altas. Ele fala com Ithal em romeno. Não sei o que ele diz, mas o cigano vai embora junto com ele. No meio do caminho, Kartik olha para trás e nossos olhos se encontram. Por alguma razão, eu me vejo inclinando a cabeça num agradecimento silencioso. Ele responde com um cumprimento seco, e os dois caminham rapidamente na direção do acampamento cigano.

- Segure a minha mão. – Puxo Felicity, furiosa, para fora do lago. Ela perdeu toda a cena se debatendo dentro do lago.

- Para que você fez isso!

Ela está encharcada, com as bochechas vermelhas de raiva.

A Sra. Nightwing nos encontra.

- O que está acontecendo aqui? Que gritaria era essa?

- Ah, Sra. Nightwing! Felicity e eu resolvemos andar de barco no lago e ela caiu acidentalmente. Foi uma grande bobagem de nossa parte e sentimos muitíssimo ter assustado todo mundo.

Nunca falei tão depressa na minha vida. Felicity perde a voz de espanto e dá um espirro, o que imediatamente deixa a Sra. Nightwing irritada e preocupada.

- Miss Doyle, ponha a sua capa em volta de Miss Worthington antes que ela pegue uma pneumonia. Vamos voltar para a escola. Este não é o lugar apropriado para

senhoritas. Às vezes aparecem ciganos nestes bosques. Estremeço só de pensar no que poderia ter acontecido.

Felicity e eu não conseguimos tirar os olhos do chão. Para minha surpresa, ela me dá um cutucão nas costelas com o cotovelo.

- Sim – ela diz, sem esboçar um sorriso. – Está é uma idéia realmente assustadora, Sra. Nightwing. Nós duas estamos muito gratas por essa sábia recomendação.

- Sim, bem, tenham mais cuidado no futuro. – A Sra. Nightwing pigarreia, um tanto vaidosa pelas palavras de Felicity. – Está bem, meninas, voltem para a escola. O dia ainda está claro e vocês têm trabalho a fazer.

A Sra. Nightwing e as meninas iniciam o caminho de volta. Jogo minha capa sobre os ombros de Felicity.

- Isso foi um tanto melodramático, não foi? “Nós duas estamos muito gratas por essa sábia recomendação.”? – Eu não quero que ela pense que pode me impingir essas besteiras.

- Mas funcionou, não foi? Se você disser a elas o que querem ouvir, não tentam ver – ela diz.

Pippa vem correndo, sem fôlego.

- Minha nossa, o que foi que aconteceu de verdade? Vocês têm que me contar antes que eu morra de curiosidade!

Ann aparece do meu lado como uma sombra. Ela não diz nada, apenas segue junto com passos firmes.

- Foi como Gemma disse – Felicity mente. – Eu caí na água e ela me tirou de lá.

Pippa faz cara de desapontada.

- Só isso?

- Sim, só isso.

- Não aconteceu mais nada?

- Não é o bastante eu quase ter morrido afogada? – Felicity reclama. Ela é tão convincente que eu até podia jurar que ela própria quase acredita nisso. Agora eu sei que ela nunca confessou ter um namorado cigano para Pippa, sua maior amiga.

Felicity e eu temos um segredo, que ela não contou a mais ninguém. Pippa percebe que ela não está contando toda a verdade. Os olhos dela têm aquele olhar desconfiado, ferido, típico das meninas quando elas sabem que perderam o posto de melhor amiga para outra, mas não sabem quando ou como ocorreu a mudança.

Ela se inclina para Felicity.

- O que você estava fazendo aqui com *ela*?

Acho que uma diretora de escola já é o suficiente, Pippa – Felicity zomba. –

Realmente, a sua imaginação é tão brilhante que você deveria se tornar romancista.

Gemma, vem para perto de mim.

Ela passa o braço pelo meu e deixamos Pippa, que para disfarçar lança um olhar de desprezo para Ann e corre para falar com as outras garotas.

- Às vezes ela é tão infantil – Felicity diz quando estamos poucos passos atrás delas.

- Achei que vocês fossem a melhor amiga uma da outra.

- Eu adoro Pippa. Realmente. Mas ela é muito recatada. Há coisas que eu nunca poderia contar a ela. Como Ithal por exemplo. Mas você compreende. Eu sei que sim. Acho que vamos ser grandes amigas, Gemma.

- Nós ainda seríamos grandes amigas se eu não soubesse um segredo seu? – pergunto.

- Amigas não costumam compartilhar segredos?

Será que algum dia eu compartilharia os meus segredos com alguma daquelas garotas? Ou elas fugiriam horrorizadas ao saber a verdade a meu respeito? Lá na frente, Miss Moore está levando as meninas mais moças por entre as árvores até o

gramado. Ela nos observa com uma expressão curiosa, como se fôssemos janelas para o passado. Fantasmas.

- Andem logo, meninas – ela diz. – Não fiquem fazendo cera.

- Fazendo cera? Eu mal posso respirar depois de ter subido esta ladeira a galope! – Felicity reclama.

- Há quanto tempo Miss Moore ensina aqui em Spence? – pergunto.

- Ela chegou aqui no verão passado. Ela é um sopro de ar fresco neste lugar velho e mofado, isso eu garanto. Ei, o que é isso? – Felicity diz.

- O que é o quê? – pergunto.

- Esta coisa na sua blusa. Rasgada e suja de lama. Se você estiver precisando de um lenço, é só pedir. Eu tenho um monte – Ela coloca a tira de pano na palma da minha mão. É de seda azul, esgarçado e sujo nas beiradas, como se tivesse rasgado por um galho. Minhas pernas tremem tanto que eu sou obrigada a me apoiar na primeira árvore que vejo.

Felicity fica espantada.

- O que foi?

- Nada – digo, com um fio de voz.

- Parece que você viu um fantasma.

Eu posso ter visto.

A seda azul enlameada é uma promessa em minhas mãos. Minha mãe esteve aqui. Eu a escolheria. Foi isto que eu disse antes de adormecer. De algum modo, mudei as coisas. Eu a trouxe de volta com este meu estranho poder. Pela primeira vez, quero saber tudo a respeito dele. Se Kartik não quiser me contar, vou descobrir sozinha. Vou procurar Mary Dowd e fazê-la contar-me o que preciso saber. Ninguém pode me impedir.

Felicity dá um puxão na minha mão.

- Anda mais depressa.

- Estou indo – digo, apertando o passo até sair do meio das árvores e estar de novo sob o sol quente.

CAPÍTULO

ONZE

Depois do jantar, invento uma dor de cabeça e a Sra. Nightwing me manda direto para a cama com uma bolsa de água quente. Isto significa recusar um convite para o santuário de Felicity no salão, agora aberto para mim graças a meu novo status de guardiã dos seus segredos, mas só tenho um pensamento: tem que haver uma maneira de controlar as minhas visões, em vez de ser controlada por elas.

Estou no corredor quando um barulho me faz parar. Sombras movimentam-se rapidamente pelo chão e pela parede. Tem alguém no meu quarto. Com o coração disparado, encostada na parede, vou pé ante pé até a porta e espio para dentro. Kartik está na minha escrivaninha, sem dúvida deixando-me mais um dos seus avisos enigmáticos. Certo. Não desta vez. Corro o mais depressa que posso até a janela aberta por onde ele entrou e fecho-a. Ele se vira, pronto para brigar.

- Agora só tem uma saída – digo, ofegante.

Ele aperta os olhos

- Sai da frente.

- Só depois de você me responder algumas perguntas.

Bloqueei a única saída dele. Se eu fizer um som, se gritar, ele será apanhado. Por ora, ele está acuado. Ele cruza os braços e olha zangado para mim, esperando que eu fale.

- O que você está fazendo no meu quarto?

- Nada – ele diz, amassando o papel com força suficiente para eu ouvir.

- Deixando outra mensagem?

Ele sacode os ombros. Não estamos indo a lugar nenhum.

- Por que você me ajudou hoje no bosque?

- Você precisava de ajuda.

Eu fervo de raiva.

- Não precisava coisa nenhuma.

Ele fez um ar de escárnio e isto o deixa com uma aparência menos ameaçadora. Ele tem dezessete anos de novo.

- Como quiser.

- Meu plano funcionou, não foi?

Ele descruza os braços. Arregala os olhos.

- O seu plano funcionou porque eu convenci Ithal a ir embora. O que você acha que teria acontecido se eu não o tivesse convencido?

A verdade é que eu não sei. Não encontro nada para dizer.

- Certo. Eu vou dizer para você. Aquele cigano teimoso teria ficado e sua amiguinha que gosta de brincar com fogo teria se queimado, seria expulsa, seria arruinada socialmente, difamada para o resto da vida.

Ele imita a voz aguda e afetada de uma matrona da sociedade.

- “Ah, você soube o que aconteceu com ela? Sim, meu bem, ela foi apanhada no bosque com um pagão”. Diga a sua amiga para procurar gente igual a ela e parar de brincar com Ithal.

- Ela não é minha amiga – digo.

Ele levanta sua sobancelha.

- Então quem são as suas amigas?

Abro a boca, mas não digo nada.

Ele dá um sorriso debochado.

- Posso ir agora?

- Ainda não

É muita ousadia minha, mas preciso de mais informação.

- Quem é o "nós" que você mencionou? Por que eles estão com medo das minhas visões?

- Eu não tenho que lhe contar nada.

Sinto ódio dele, ali parado no meu quarto, como se fosse dono do quarto e de mim, emitindo avisos e insultos, sem dividir nada.

- Quer que eu lhe diga o que vai acontecer se eu começar a berrar neste instante e você for pego como se fosse um ladrão? – eu disse a coisa errada. Rápido como um raio, ele me encosta na parede, com o braço apertando minha garganta.

- Você acha que pode me deter? Eu sou um Rakshana. Nossa irmandade existe há séculos, vem desde o tempo dos Cavaleiros Templários, Artur e Carlos Magno. Nós somos os guardiães dos reinos agora, e não temos a intenção de devolvê-los. A época dos velhos costumes terminou. Nós não vamos deixar que você os traga de volta.

A pressão do braço dele me deixa tonta.

- Eu-eu não entendo.

- Você poderia mudar tudo. Entrar nos reinos. É isso que querem que você faça. – Ele me solta.

Meus olhos lacrimejam. Esfrego a garganta.

- Quem? Quem quer que eu faça isso?

- A Ordem. – Ele cospe com o nome. – Circe.

Circe. Foi esse nome que o irmão de Kartik disse para a minha mãe no mercado.

- Eu não entendo esses nomes. Quem são Rakshana, a Ordem, Circe...

Ele me interrompe:

- Você só precisa saber o que digo, e eu digo para você parar com essas visões, antes que elas ponham você em perigo.

- E se eu disser que minha mãe apareceu hoje para mim numa visão?

- Eu não acredito em você. – Kartik diz, mas fica pálido.

- Ela me deixou isto. – Mostro o pedaço de pano que guardei perto do coração. Ele olha para o pano. – Eu também vi seu irmão

- Você viu Amar?

- Sim. Ele estava numa espécie de deserto gelado...

A voz dele é baixa, mas áspera:

- Pára com isso.

- Você conhece esse lugar? É lá que minha mãe está?

- Eu disse para você parar com isso!

- Mas e se eles estiverem tentando me alcançar através dessas visões? Por que outro motivo ela teria me deixando isto? – Mostro a seda azul.

- Isto não prova nada! – ele diz, segurando com força meu braço. – Presta atenção: o que você viu não foi meu irmão nem a sua mãe, está entendendo? Foi só uma ilusão.

Você tem que tirar isso da cabeça.

Tirar da cabeça? Mas essa é a única coisa que me dá força para viver.

- Acho que ela estava tentando me dizer alguma coisa.

Ele sacode a cabeça.

- Isso não é real.

- Como você sabe?

As palavras dele são duras e intencionais:

- Porque isso é o que Circe e a Ordem fazem, utilizam todos os estratagemas possíveis para conseguir o que querem. Sua mãe e meu irmão estão mortos. Eles os mataram para chegar até você. Lembre-se disso da próxima vez que for tentada por

essas visões Miss Doyle.

O olhar dele é de pena. Isto é mais difícil de aturar do que o seu ódio.

- Os reinos precisam permanecer fechados, Miss Doyle. Para o bem de todos nós.

Sou responsável pela morte deles. Foi o que ele acabou de declarar. Ele não vai me ajudar. Não adianta tentar. As vozes abafadas das garotas chegam até mim. Elas vão subir a qualquer momento. Mas tem uma coisa que eu preciso saber:

- E quanto a Mary Dowd? – digo, esperando para ver o que ele sabe a respeito dela.

- Quem é Mary Dowd? – ele diz, distraído pelo som de passos nas escadas. Ele não sabe. As pessoas para quem ele trabalha, sejam elas quem forem, não contam tudo para ele.

- Minha amiga. Você me perguntou se eu tinha alguma amiga, não foi?

- É, perguntei.

Ouvem-se passos no alto da escada. Ele me empurra e, como um gato, salta pela janela. Vejo a corda que ele prendeu com um nó na grade. Ela está disfarçada no meio da hera, e é por isso que é difícil de ser percebida. Um truque esperto, mas não infalível. Assim como ele.

Fechando a janela, encosto a boca no vidro e escrevo uma mensagem com meu hálito quente: “Você pode levar esta mensagem para a Rakshana, Kartik, o mensageiro. Era minha mãe lá no bosque hoje. E vou encontrá-la quer você me ajude ou não.”

CAPÍTULO DOZE

A tarde seguinte está cinzenta e tempestuosa, mas Miss Moore cumpre sua promessa de nos levar até as cavernas. É uma caminhada pesada no meio das árvores, passando pela casa de barcos, pelo lago e ao longo de um despenhadeiro profundo. Ann tropeça na encosta e quase cai lá dentro.

- Cuidado – diz Miss Morre. – Este despenhadeiro é perigoso. Parece surgir de repente e, quando você se dá conta, está caindo e quebrando o pescoço.

Atravessamos o despenhadeiro por uma pequena ponte até um lugar onde as árvores se abrem para formar um pequeno círculo. Prendo a respiração. É o mesmo lugar onde a meninazinha me levou, onde achei o diário de Mary Dowd. As cavernas estão diante de nós, por baixo de uma plataforma de pedra coberta de trepadeiras que espetam os nossos braços quando penetramos em sua escuridão aveludada. Miss Moore acende os lampiões que trouxemos e as paredes da caverna dançam na claridade repentina. Gerações de chuva alisaram a pedra e a deixaram tão polida quem em alguns lugares vejo o meu reflexo na sua superfície irregular – um olho, uma boca, outro olho, um conjunto de pedaços desconjuntados.

- Aqui estamos. – A voz grave e melodiosa de Miss Moore ecoa nas paredes da caverna. – Os pictogramas estão logo ali, naquela parede.

Ela ilumina uma área larga. Nós todas trazemos nossos lampiões e os desenhos ganham vida repentinamente, um tesouro revelado.

- Um tanto primitivos, não? – Ann diz, examinando o desenho de uma serpente. Penso na mesma hora na colcha da cama dela, sem uma ruga, sem pontas.

- Eles são primitivos, Ann. As pessoas nestas cavernas desenhavam com o que tinham, pedras afiadas, facas improvisadas, um pouco de tinta de carro ou corante. Às vezes até mesmo sangue.

- Que horror! – É Pippa, claro. Mesmo no escuro, posso praticamente sentir o seu narizinho empinado franzindo-se de nojo.

Felcity ri e fala como uma dama sofisticada:

- Querida, os Bryn-Joneses acabaram de fazer uma coisa maravilhosa em sua sala com sangue humano. Nós temos que encomendar uma igual imediatamente!

- Eu acho nojento – Pippa diz, embora eu desconfie que ela está mais aborrecida pelo fato de Felcity e eu estarmos partilhando uma piada do que pela menção do sangue.

- O sangue era usado em desenhos sagrados, para render homenagem a uma deusa cuja influência estava sendo solicitada. Vejam aqui. – Miss Moore aponta para um desenho vermelho, meio apagado, de um arco e flecha. – Este aqui é para Diana, a deusa romana da lua e da caça. Ela era uma protetora de donzelas. Da castidade. Ao ouvir isto, Felcity me dá um cutucão. Nós todas tossimos e arrastamos os pés para encobrir nosso constrangimento. Miss Moore prossegue:

- O mais impressionante a respeito desta caverna é que há desenhos de todos os tipos de deusas aqui. Não são só as deusas pagãs ou romanas, mas as nórdicas, as germânicas, as celtas. Provavelmente, este era um lugar conhecido de viajantes que sabiam que podiam praticar sua magia em segurança.

- Magia? – Elizabeth pergunta. – Elas eram feiticeiras?

- Não no sentido que damos à palavra hoje. Elas deviam ser místicas e curandeiras, mulheres que trabalhavam com ervas e faziam partos. Mais isto devia torná-las suspeitas. Mulheres que têm poder são sempre temidas – ela diz com tristeza. Penso

como Miss Moore veio parar aqui, ensinando-nos a desenhar, em vez de viver lá fora no mundo. Ela não é feia.

Seu rosto é simpático, seu sorriso fácil, e seu corpo, esguio. O broche em seu pescoço tem diversos rubis, o que sugere que ela não é pobre.

- Acho que são extraordinários - Felicity diz, aproximando o seu lampião da parede. Ela passa os dedos sobre a silhueta do que parece ser uma mulher-corvo ladeada por outras duas mulheres que foram parcialmente apagadas pelo tempo.

- Arg, que coisa feia - Cecily diz. Sombras movem-se pelo seu rosto, e por um instante posso imaginar como ela vai ser quando ficar velha, magra, encolhida e com o nariz grande.

Miss Moore contempla o desenho.

- Essa dama em particular está provavelmente relacionada a Morrigan.

- A quê? - Pippa pergunta, piscando os olhos e sorrindo de um jeito que faz os homens prometerem o céu.

- A Morrigan. Uma antiga deusa celta da guerra e da morte. Ela era muito temida. Alguns diziam que ela podia ser vista lavando as roupas daqueles que estavam prestes a morrer na guerra, e depois voava sobre os campos de batalha, levando consigo os crânios dos mortos em sua fúria.

Cecily estremece.

- Por que alguém iria querer venerá-la?

- Você tem espírito guerreiro, Miss Temple? - Miss Moore pergunta.

Cecily fica horrorizada.

- Eu espero que não. Que coisa... desagradável.

- E por quê?

- Bem. - Cecily está claramente incomodada. - É como ser... um homem, não é? Uma mulher nunca deve mostrar nada tão indecoroso.

- Mas sem essa centelha de raiva, de destruição, não pode haver renascimento.

Morrigan também era associada a força, independência e fertilidade. Ela era guardiã da alma até esta poder regenerar-se. Pelo menos é o que dizem.

- Quem são estas mulheres? - Ann aponta um dedo gorducho para os desenhos desbotados.

- Morrigan era uma deusa tríplice, normalmente vista como uma bela donzela, a grande mãe e a bruxa sanguinária. Ela podia mudar de forma sempre que quera. Realmente fascinante.

Felicity olha friamente para Miss Moore.

- Como é que a senhora sabe tanto sobre essas deusas e coisas assim, Miss Moore? Miss Moore aproxima o rosto do de Felicity até elas estarem separadas por um sopro. Acho que Felicity vai levar uma boa espinhação por ter sido tão metida. Miss Moore fala devagar e intencionalmente:

- Eu sei porque leio. - Ela se afasta e fica em pé, com as mãos nos quadris, desafiando-nos. - Eu sugiro que vocês todas leiam. E muito. Acreditem, é bom ter outra coisa pra falar além do tempo e da saúde da rainha. A mente de vocês não é uma jaula. É um jardim. E precisa ser cultivado. Bem, acho que tivemos mitologia suficiente por hoje. Vamos desenhar um pouco?

Obedientemente, pegamos nossos blocos de desenho e nossos paizinhos de carvão. Pippa já está reclamando que a caverna é quente demais para desenhar. A verdade é que ela não sabe desenhar. Nem um pinga. Tudo que ela tenta fazer acaba parecendo um amontoado de pedras, e ela não tem o menor senso de humor para aceitar isso. Ann está trabalhando com o perfeccionismo de sempre, fazendo traços pequenos e cuidadosos. O meu carvão voa pela folha e, quando terminei, consegui capturar algo da deusa da caça, de lança na mão, um veado correndo na frente dela. O desenho parece nu, então acrescento alguns símbolos da minha cabeça. Em pouco tempo, a

parte de baixo do papel está coberta pelo símbolo de olho e lua do colar da minha mãe.

- Muito interessante, Miss Doyle. - Miss Moore espia por cima do meu ombro. - Você desenhou o olho crescente.

- Ele tem nome?

- Ah, sim. É um símbolo muito famoso. Um tanto semelhante a pirâmide de Freemason.

Ann diz:

- É como esse colar estranho que você usa.

As meninas olharam para mim desconfiadas. Eu tenho vontade de dar um chute em Ann por sua língua maior do que a boca. Miss Moore engue uma sobrancelha.

- Você tem este símbolo em um colar?

Com esforço, tiro o amuleto do seu esconderijo debaixo da minha gola.

- Ele era da minha mãe. Um aldeão deu a ela já faz muito tempo.

Miss Moore inclina-se para examiná-lo.

Ela esfrega o polegar sobre o metal amassado da lua.

- Sim, é ele mesmo.

- Mas o que é isso exatamente? - Pergunto, enfiando-o de volta na blusa.

Miss Moore se levanta, ajeita o chapéu na cabeça.

- A lenda diz que o olho crescente era o símbolo da Ordem.

- Do quê? - diz Cecily, fazendo uma careta.

- Você nunca ouviu falar na Ordem? - Miss Moore diz, como se isto devesse ser tão familiar para nós quanto aritmética.

- Conte para nós, Miss Moore! - Pippa se aproxima correndo. Ela faria qualquer coisa para se livrar do desenho.

- Ah, a Ordem. Bom, esta é uma história interessante. Se me lembro bem do meu folclore, elas eram um grupo poderoso de feiticeiras que existiam desde o início dos tempos. Supostamente, elas tinham acesso a um mundo místico que ficava além deste, um lugar de muitos reinos onde elas podiam exercitar sua magia.

Kartik mencionou reinos. E também o diário de Mary Dowd. Fico gelada e estou louca para saber mais.

- Que tipo de magia? - Eu me vejo perguntando.

- A mais poderosa de todas, o poder da ilusão.

- Isso não me parece tão especial assim. - diz Cecily. Elizabeth cruza os braços. É óbvio que elas não estão muito interessadas do assunto.

- É mesmo, Miss Temple? Essa travessa no seu cabelo está na última moda, não é? Cecily fica envaidecida.

- Está sim.

- E isso a deixa elegante? Ou simplesmente cria a ilusão de que você é elegante?

- Eu não estou entendendo o que a senhora quer dizer com isso. - Os olhos de Cecily faíscam de raiva.

- Tenho certeza que não. - diz Miss Moore. O sorriso zombeteiro está de volta.

- Elas podiam fazer alguma outra coisa? - Pergunto.

- Ah, sim. Essas mulheres podiam ajudar na passagem dos espíritos para a outra vida. Elas tinham o poder da profecia e da clarividência. O véu entre o mundo sobrenatural e este aqui era muito tênue para elas. Elas podiam ver e sentir coisas que os outros não podiam.

Minhas boca está seca como uma lixa.

- Visões?

- Você está muito interessada - Elizabeth zomba. Felicity puxa o cabelo dela e ela grita, depois se cala.

- Como elas faziam para chegar nesse outro mundo? - é a voz de Felicity agora,

fazendo a pergunta que eu quero fazer. Sinto arrepios percorrendo os meus braços.

- Ora, estou vendo que acendi uma fogueira. - Miss Moore ri. - Vocês não tiveram babás sádicas que contavam essas histórias para mantê-las quietas e bem comportadas à noite? Meu Deus, o que vai ser do Império se as governantas tiverem perdido o jeito para assustar suas garotinhas?

- Por favor, conte-nos Miss Moore. - Pippa pede, lançando um olhar para Felicity.

- De acordo com as lendas, e com a minha babá malvada, que Deus conserve a sua alma perversa, as irmãs da Ordem davam as mãos e se concentravam numa maneira de entrar, uma porta, um tipo de portal.

Uma porta de luz.

- Elas tinham que fazer alguma outra coisa para atravessar? Dizer alguma coisa, um encantamento ou algo assim? - insisto. Atrás de mim, Martha fica fazendo sua imitação irritante, e se eu não tivesse tão absorvida, daria um jeito de abaixar sua crista.

Miss Moore ri, sacode a cabeça.

- Eu não faço a menor idéia! É um mito. Como todos esses símbolos. Um pouco de história passada através das gerações. Ou perdida através delas. Essas lendas tendem a desaparecer diante da industrialização.

- A senhora está dizendo que nós devíamos voltar ao que era antes? - Felicity pergunta.

- Não estou dizendo nada disso. Nunca é possível voltar. É preciso seguir adiante.

- Miss Moore - digo, incapaz de me conter -, por que alguém teria dado a minha mãe o olho crescente?

Miss Moore pensa um pouco.

- Suponho que alguém deve ter achando que ela precisava de proteção.

Um pensamento terrível me invade a cabeça.

- Mas suponha que uma pessoa estivesse sem o colar, sem a proteção dele. O que aconteceria com ela?

Miss Moore sacode a cabeça.

- Eu não havia imaginado que você fosse tão impressionável, Miss Doyle.

As garotas riem. Meu rosto fica vermelho.

- Estes símbolos não são mais eficazes do que um pé de coelho. Eu não me fiaria muito nos poderes protetores do seu amuleto, por mais bonito que ele seja.

Não posso deixar isto ficar assim.

- Mas e se...

Miss Moore me interrompe:

- Se vocês quiserem saber mais sobre lendas antigas, senhoritas, existe um lugar que pode ajudá-las. É a biblioteca. E eu acredito que existe uma em Spence.

Ela tira um relógio da bolsa de lona onde carrega os apetrechos de desenho. Nunca vi uma mulher carregando um relógio de homem antes, e isto só aumenta o mistério a respeito de Miss Moore.

- Está quase na hora de voltarmos - ela diz, fechando o relógio com um gesto decidido. - Mas como foi que nós acabamos discutindo deusas antigas quando viemos aqui para admirar arte? Quero desenhar um pouco perto da entrada da caverna. Vocês podem juntar-se a mim quando acabarem de guardar suas coisas.

Enfiando a bolsa debaixo do braço, ela se dirige confiantemente para a entrada da caverna, deixando-nos sozinhas na semi-escuridão. Meus dedos estão tremendo tanto que mal consigo juntar minhas coisas. Estou vagamente consciente das outras garotas. Seus cochichos enchem a caverna como zumbidos de moscas.

- Bem, isto foi sem dúvida uma perda de tempo. - Cecily resmungava. - Aposto que a Sra. Nightwing ficaria interessada em saber o que Miss Moore está nos ensinando.

- Ela é uma criatura curiosa - Elizabeth concorda. - Estranha.

- Eu achei tudo muito interessante - diz Felicity.
- O meu futuro marido não vai achar. - Cecily reclama. - Ele vai querer que eu saiba desenhar algo agradável para impressionar as visitas. Não arruinar o jantar com conversas sobre buxas sanguíneas.
- Pelo menos isso nos fez passar a tarde fora daquela escola horrorosa - lembra Felicity.

Os lápis de Ann escorregam de suas mãos e ecoam alto ao cair. Ela cai de joelhos desajeitadamente, tentando juntá-los.

- A cara de Ann deve ser um talismã contra todos os homens - Elizabeth murmura suficientemente alto para ser ouvida. As outras riem do jeito que as meninas riem quando não podem acreditar que alguém foi cruel a ponto de dizer o que elas todas sentem. Ann nem mesmo levanta os olhos.

Felicity me dá o braço e murmura baixinho:

- Não fique zangada. Elas são inofensivas.

Sacuro o braço para me soltar.

- Elas são cães do inferno. Você poderia fazer o favor de afugentá-las?

Cecily ri.

- Cuidado, Felicity, ela pode usar seu olho do mal contra nós.

Nem Felicity consegue conter o riso. Eu gostaria de poder usar meu olho do mal. Ou pelo menos a minha bota do mal para dar um chute em Cecily.

Miss Moore nos leva de volta para a luz do dia e segue por um caminho diferente, que vai dar numa estradinha de terra. Do outro lado do muro de pedra que margeia a estrada, posso ver a caravana de ciganos no meio das árvores abaixo. De repente, Felicity está do meu lado, usando a vantagem da minha altura para não ser vista, no caso de Ithal estar por ali.

- Ann, acho que Miss Moore está precisando de você - ela diz. Ann obedece, dirigindo-se com seu andar desajeitado para a nossa professora. - Gemma, por favor, não fique aborrecida. - Ela estica o pescoço, procurando. - Você está vendo ele?

Não há nada lá, exeto três carroças e alguns cavalos.

- Não - respondo mal-humorada.

- Graças a Deus. - Ela me dá o braço, ignorando o meu mau humor. - Isso teria sido desagradável. Você pode imaginar? - Ela tenta me conquistar com seu charme. Está funcionando. Eu sorrio sem querer, e ela dá uma daquelas risadas gostosas que fazem do mundo um lugar divertido e atraente.

- Escuta, tive uma idéia brilhante. Por que não fundamos a nossa própria Ordem? Paro, espantada.

- E fazemos o quê?

- Nós já estamos vivendo.

- Não. Estamos jogando um joguinho predeterminado. Mas e se nós tivéssemos um lugar onde agíssemos de acordo com nossas próprias regras, e não a dos outros?

- E onde, pode me dizer, faríamos isso?

Felicity olha em volta.

- Por que não nos reunirmos aqui nas cavernas.

- Você está brincando - digo. - Você está brincando, não está?

Ela sacode a cabeça.

- Pense só nisso: faríamos nossos próprios planos, exerceríamos nossa influência, nos divertiríamos enquanto púdessemos. Nós podemos ser as donas de Spence.

- Nós seríamos expulsas, isso sim.

- Nós não vamos ser apanhadas. Somos espertas demais para isso.

Mais adiante, Cecily está tagarelando com Elizabeth, que parece aborrecida porque suas botas estão ficando enlameadas. Lanço um olhar significativo para Felicity.

- Elas não são tão más depois que você as conhece melhor.

- Tenho certeza que as piranhas também são boas para a família, mas não quero chegar perto delas.

Ann olha para mim com um ar espantado. Ela acabou de descobrir que Miss Moore não estava precisando dela. Ninguém precisa. Este é o problema. Mas talvez haja um jeito de mudar isto.

- Está bem - digo. - Eu topo com uma condição.

- Pode dizer.

- Você tem que convidar a Ann.

Felicity não sabe se ri ou se cospe veneno em cima de mim.

- Você não pode estar falando sério.

Como eu não respondo, ela diz:

- Eu não vou fazer isso.

- Se bem me lembro, você me deve uma.

Ela faz uma careta.

- As outras meninas não vão deixar. Você sabe disso, não sabe?

- Este será o seu dilema.

E não posso deixar de acrescentar, com um sorriso:

- Não fique tão zangada. Elas são inofensivas. De verdade.

Felicity aperta os olhos e sai andando para alcançar Pippa, Elizabeth e Cecily. Logo em seguida, elas começam a discutir, com Elizabeth e Cecily sacudindo a cabeça, e Felicity dando sinais de aborrecimento. Pippa, por seu lado, parece feliz simplesmente por ter a atenção de Felicity. Em pouco tempo Felicity volta, fumegando.

- E então?

- Eu disse a você: elas não permitem que ela entre. Ela não é da mesma classe social que elas.

- Sinto muito saber que o seu clubinho está condenado antes mesmo de começar - digo, com um ar de vitória.

- Eu disse que tinha desistido? Sei que posso convencer Pippa. Cecily anda muito arrogante ultimamente. Eu a tirei do nada. Se ela e Elizabeth pensam que podem se dar bem nesta escola sem a minha influência, estão muito enganadas.

Eu subestimeei a necessidade de controle de Felicity. Ela preferia ser vista com Ann e comigo do que admitir a derrota diante de suas acólitas. Afinal de contas, ela é filha de um almirante.

- Quando vamos nos reunir?

- Hoje à meia-noite - diz Felicity.

Tenho quase certeza de que isto tudo irá levar à vergonha, desgraça e, no mínimo, a ter que ouvir Pippa falar até cansar sobre o ideal romântico de amor, mas pelo menos elas vão ter que parar de atormentar Ann por algum tempo.

Ithal aparece numa curva da estrada. Felicity pára subitamente, como um cavalo espantado. Ela agarra o meu braço, recusando-se a olhar na direção dele.

- Meu Deus - ela diz.

- Ele não ousaria falar com você na frente de todo mundo, ousaria? - murmuro, tentando ignorar as unhas de Felicity enterradas no meu braço.

Ithal pára para colher uma flor. Cantando, ele pula em cima do muro e presenteia Felicity com ela como se eu não tivesse parada entre os dois. As outras param e se viram para ver o que está acontecendo. Elas arregalam os olhos e dão risadinhas nervosas, ao mesmo tempo chocadas e encantadas com a cena. Felicity fica de cabeça baixa olhando para o chão.

Miss Moore parece achar engraçado.

- Acho que você tem um admirador, Felicity.

As garotas olham de Itthal para Felicity e virse-versa, observando e esperando.

Ithal estende a flor para ela. Ela está lá entre seus dedos, vermelha e perfumada.

- Uma beleza para outra beleza - ele diz com sua voz que mais parece um grunhido. Posso ouvir Cecily murmurando: "Que audácia". O rosto de Felicity é uma pedra enquanto ela atira a flor no chão.

- Miss Moore, não podemos livrar os bosques dessa ralé? É uma praga.

As palavras dela são uma bofetada. Ela ergue as saias delicadas com as mãos, pisa na flor, esmagando-a com a bota, e sai andando na frente do grupo. As outras vão atrás.

Não posso deixar de me sentir humilhada por Ithal. Ele fica parado no muro, vendon os ir, e quando chegamos na entrada da escola, ele ainda está lá atrás, com a flor pisada na mão, bem ao longe, como uma estrelinha se apagando na nossa constelação.

CAPÍTULO

TREZE

Nós escapulimos logo depois da meia-noite, caminhando pelo bosque à luz de lampiões até estarmos dentro do ventre escuro das cavernas. Felicity acende velas que roubou de dentro de um armário. Em minutos, o lugar está iluminado, com os desenhos dançando nas paredes de pedra. Na luminosidade lúgubre, os crânios da Morrigan se mexem como se estivesse vivos e desvio os olhos.

- Arg, como é úmido aqui - Pippa diz, sentando-se com cuidado no chão da caverna. Felicity conseguiu convencê-la a vir, e só o que ela fez até agora foi reclamar de tudo. - Alguém pensou em trazer comida? Estou faminta.

O olhar dela cai em Ann, que tirou uma maçã do bolso da sua capa. Ann, está com ela na mão, sem saber quem irá vencer, se a sua fome ou sua vontade de agradar. Depois de um minuto excruciante, ela a oferece a Pippa: - Pode ficar com a minha maçã.

- Acho que vai ter que servir - Pippa diz com um suspiro. Ela estende a mão, mas Felicity agarra a maçã primeiro.

- Ainda não. Temos que fazer isto direito. Com um brinde.

Os olhos de Felicity brilham quando ela tira de dentro da roupa a garrafa de vinho da comunhão. Os gritos de prazer de Pippa encham a caverna. Ela abraça Felicity.

- Ah, Fee, você é brilhante!

- Sou mesmo, não sou?

Tenho vontade de lembrar a elas que fui eu que arrisquei a vida, a salvação da minha alma e o perigo de expulsão para conseguir o vinho, mas sei que vai ser inútil, então só faço uma cara zangada.

- O que é isso? - diz Ann.

Felicity revira os olhos.

- Óleo de fígado de bacalhau. O que você acha que é?

Ann fica pálida.

- Não é bebida alcoólica, é?

Pippa aperta a própria garganta dramaticamente.

- Meu Deus, não!

Ann está começando a perceber onde se meteu. Ela tenta aliviar a situação com uma brincadeira:

- Damas não tomam bebidas alcoólicas - ela diz, imitando a voz da Sra. Nightwing. É uma imitação perfeita, e nós todas rimos.

Encantada, Ann repete a brincadeira várias vezes até deixar de ser divertida e passar a ser irritante.

- Você pode parar agora - Felicity diz. Ann volta a se retrair.

- A Sra. Nightwing nunca deixa de tomar o seu *sherry* à noite. Ah, elas são todas hipócritas. Saúde! - Pippa diz, tomando um gole generoso diretamente da garrafa. Ela passa a garrafa para Ann, que enxuga a boca com a mão e hesita.

- Vamos, ela não vai morder você - Felicity diz.

- Eu nunca bebi nada.

- É mesmo? Estou chocada. - Pippa dá uma risadinha irônica e não posso deixar de imaginar qual seria a sensação de despejar aquela garrafa sobre seus cachos perfeitos.

Ann tenta devolver a garrafa, mas Felicity fica firme.

- Não é uma opção. Ou você bebe ou está fora do clube. E pode voltar sozinha para Spence.

Ann arregala os olhos. As garotas mimadas não imaginam quando é difícil para Ann desobedecer a uma norma. Elas podem dar um jeito de se safar dos problemas, mas para Ann uma infração pode ser sua desgraça.

- Deixe-a em paz, Felicity,

- Foi você que quis que ela viesse, não nós - ela diz, com uma crueldade proposital. - Chega de favores. Se ela quiser ficar, tem que beber. E você também.

- Está bem. Me dá aqui - digo. A garrafa é passada para mim.

- E nada de cuspir de volta - Felicity avisa.

Ao erguer a garrafa, sinto um cheiro doce e forte. É um cheiro poderoso, mágico e proibido. Ele queima ao descer, fazendo-me tossir e engasgar, como se alguém tivesse posto fogo nos meus pulmões.

- Ah, a videira da vida. - Felicity abre um sorriso maldoso, e todas riem, até Ann. Isso é que é gratidão.

Eu mal consigo dizer: "O que é isso?" Não se parece com nenhum vinho que eu tenha provado na taça dos meus pais, e tenho a impressão de ser algo que os empregados usam para limar o chão ou para fazer verniz.

Felicity está radiante.

- Uísque. Acidentalmente, você se apossou da coleção particular do Reverendo Waite. Lágrimas escorrem pelos meus olhos, mas pelo menos consigo respirar de novo. Um calor surpreendente me invade e sinto uma lassidão deliciosa. Gosto da sensação, mas Felicity arranca a garrafa da minha mão e passa para Ann, que toma o seu remédio como uma boa menina, fazendo apenas uma careta ao sentir o gosto. Depois que Felicity bebe, termina a nossa iniciação, não sei bem a quê. A garrafa passa de mão em mão mais algumas vezes, até estarmos todas de pernas bambas. Eu me sinto flutuar. Eu poderia flutuar assim por muito tempo. O mundo real, com suas tristezas e decepções, é apenas algo que pulsa de encontro à membrana protetora que a bebida nos forneceu. É algo que está do lado de fora, esperando, mas nós estamos bêbadas demais para nos importarmos com ele. Vendo o brilho das rochas, ouvindo a conversa abafada das minhas novas amigas, eu me pergunto se é assim que meu pai se sente, fechado no seu casulo de láudano. Nenhuma dor, só a longínqua pulsação da memória. Sinto uma tristeza avassaladora e começo a me afogar nela.

- Gemma? Você está bem? - É Felicity, que está olhando espantada para mim, e percebo que estou chorando.

- Não é nada - respondo, enxugando os olhos com as costas da mão.

- Não me diga que você vai ser um desses bêbados chorões - ela diz, tentando brincar, mas isso só provoca mais lágrimas.

- Já chega para você. Agora como alguma coisa. - Ela guarda a garrafa atrás de uma pedra e me entrega a maçã que ainda não foi comida. - Esta festa está ficando muito chata. Quem tem alguma boa idéia?

- Se isto aqui é um clube, não deveríamos arranjar um nome adequando pra ele? A cabeça de Pippa gira sobre uma pedra. Seus olhos brilham por causa da bebida.

- Que tal Jovens Damas de Spence? - Ann sugere.

Felicity faz uma careta.

- Isso nos faz parecer um bando de solteironas com dentes podres

Eu rio um tanto alto, mas fico contente por ter parado de chorar, apesar de estar tendo dificuldade para recuperar o fôlego.

- Essa foi apenas uma primeira idéia. - Ann responde. O uísque que soltou sua língua.

- Não precisa ficar irritada - Felicity responde. - Aqui, toma mais um gole.

Ann sacode a cabeça, mas a garrafa está ali na mão de Felicity, então ela bebe mais um pouquinho.

Pippa bate palmas.

- Eu sei, vamos nos chamar de Senhoras de Shalott!

- Isso quer dizer que nós todas vamos morrer? - pergunto, começando a rir incontrolavelmente. Minha cabeça é uma pluma ao vento.

Felicity ri junto comigo.

- Gemma tem razão. É deprimente demais.

Nós sugerimos nomes, rindo dos mais estravagantes - Sacerdotisas de Atena! Filhas de Perséfone! - e gemendo ao ouvir o terrível Quatro Ventos do Amor! Por fim, ficamos em silêncio recostadas nas pedras, com nossas cabeças tocando suavemente uma nas outras. Nas paredes, as deusas caçam e correm, livres de todas as amarras, autoras de suas próprias regras, executoras dos transgressores.

- Por que não nos denominamos "A Ordem"? - sugiro.

Felicity ergue o corpo com tanta rapidez que ainda posso sentir o calor dela ao meu lado, correndo para alcançá-lo.

- É perfeito! Gemma, você é um gênio!

Fico um tanto sem jeito, então entorto a haste da maçã até quebrá-la. Felicity puxa a minha mão e dá uma mordida na fruta que estou segurando. Com a boca ainda melada do sumo, ela me beija na boca. Tapo os lábios com a mão para eles pararem de formigar, e meu corpo inteiro fica ruborizado.

Felicity ergue a maçã e meu braço no ar, ambos bem apertados em seu punho pálido.

- Senhoras, eu lhes ofereço a Ordem, renascida!

- A Ordem renascida! - nós todas repetimos, nossas vozes escoando ao redor da caverna. Pippa me abraça. Estamos animadas com nosso segredo, com o modo como pertencemos umas às outras e com algo mais além do tedioso passar das horas sem nada para nos incentivar além da nossa rotina diária. Ele me faz sentir ainda mais poderosa do que o uísque, e quero que ele continue para sempre.

- Você acha que existiu mesmo uma Ordem de mulheres?

- Felicity faz um muxoxo.

- Não seja boba Pip. É só um conto de fadas.

Pippa fica magoada.

- Eu só estava na dúvida, só isso.

Eu não quero que a magia da nossa noite termine tão depressiva. - E se fosse verdade? - O pequeno diário com capa de couro está aberto nas minhas mãos antes mesmo que eu tenha tempo para raciocinar.

- O que é isso? - Ann pergunta.

- O diário secreto de Mary Dowd.

Ann tem medo de ter perdido alguma coisa.

- Quem é Mary Dowd?

Conto a elas o que sei de Mary Dowd, sua amiga Sarah, e a participação delas na Ordem. Felicity tira o diário da minha mão, e as páginas vão sendo viradas cada vez mais depressa à medida que elas lêem, boquiabertas de espanto.

- Vocês encontraram a parte em que ela entra no jardim? - pergunto.

- Já passamos dessa parte. - diz Felicity.

- Esperem um minuto! Eu só li até aí! Onde vocês estão? - digo, choramingando como uma criança.

- Quinze de março. Eu vou ler alto - anuncia Felicity.

Sarah e eu fomos muito travessas hoje e entramos nos reinos de novo sem a orientação de nossas irmãs. A princípio, ficamos com medo de estarmos perdidas, quando nos vimos num bosque coberto de névoa onde muitos espíritos perdidos, pobre almas infelizes, nos pediram socorro, mas não havia nada que pudéssemos fazer por elas. Eugénia diz...

- Eugénia! Vocês acham que ela está se referindo à Sra. Spence? - Ann pergunta.

Nós todas a mandamos calar a boca, e Felicity continua:

...Eugenia diz que eles não podem atravessar para o outro lado enquanto o trabalho de suas almas não tiver terminado, seja num plano ou no outro, e só então eles puderam descansar. Alguns desses espíritos que vagam jamais terão descanso, e eles foram corrompidos, tornando-se espíritos do mal, que podem causar todo tipo de desgraça. Eles foram banidos para as Terras Invernais, um reino de gelo, fogo e sombras. Só as mais fortes e mais sábias de nossas irmãs têm permissão para ir até lá, pois os espíritos maus daquele reino podem sussurar-lhe mil desejos. Eles farão de você uma escrava do poder se você não souber como usá-los e bani-los como fazem as antepassadas. Responder a um espírito decaído, ligá-lo a você, poderia desequilibrar os reinos para sempre.

Felicity pára.

- Ah, francamente, esta é a pior tentativa de romance medieval que já li. Só estão faltando castelos sinistros e uma heroína em perigo para perder sua virgindade!

Pippa ri.

- Vamos continuar lendo para ver se elas perdem a virgindade!

Hoje estivemos novamente naquele jardim de beleza onde os maiores desejos de uma pessoa podem ser realizados...

- Isso está melhor - Felicity diz. - É capaz de ter algo mais carnal aqui.

O urzal, o cheiro doce, da cor do vinho, termulava sob um céu alaranjado. Ficamos horas ali deitadas, sem querer mais nada, transformando folhas de grama em borboletas só com o toque dos nossos dedos, e o que quer que imaginássemos tornava-se realidade apenas com o poder da nossa vontade e do nosso desejo. As irmãs nos mostraram as coisas maravilhosas que podíamos realizar, maneiras de curar, feitiços para a beleza e amor...

- Ahh, isso eu quero aprender! - Pippa grita. Felicity ergue a voz, falando mais alto do que ela, até ela calar a boca.

... para nos tornar invisíveis, para dobrar a mente dos homens à vontade da Ordem, influenciando seus pensamentos e seus sonhos até seus destinos tremularem diante deles como um punhado de estrelas no céu noturno. Estava tudo escrito no Oráculo das Runas. O simples fato de tocar com as mãos nesses cristais funcionaria como um condutor, com o universo fluindo forte e rápido como um rio. Na realidade, nós só poderíamos ficar por poucos segundos, tal era a sua grandeza. Mas quando nos afastássemos dele, estaríamos transformadas por dentro. "Vocês foram iniciadas", nossas irmãs disseram...

Pippa dá uma risadinha.

- Talvez elas tenham perdido a virgindade, afinal.

- Vocês querem me deixar terminar? - Felicity resmunga.

... e nós também sentimos isso. Levantamos dentro de nós o nosso pedacinho de magia, atravessando o véu que cobre este mundo. Nossa primeira tentativa se deu no jantar. Sarah contemplou sua sopa pobre e seu pedaço de pão, fechou os olhos e decretou que se tratava de faisão. E deu a impressão de ser mesmo, o gosto era igual. Estava tão bom que Sarah sorriu satisfeita depois e disse "Eu quero mais". Estou tão pensativa que não noto que Felicity parou de ler. O silêncio é completo, exeto pelo som da água escorrendo por uma parede.

- Onde foi que você encontrou isto? - Ela está olhando para mim como se eu fosse uma criminosa.

Ora, o fantasma de uma criança me levou a ele no meio da noite. Isso nunca acontece com você?

- Na biblioteca - minto.

- E você achou mesmo que era um relato verdadeiro de feitiçaria em Spence? -

Felicity está me olhando com um ar de riso.

- Não, é claro que não - minto. - Eu só estava me divertindo um pouco com vocês.

- Uuuh, a hora de bruxarias da Ordem. É pouco antes das vésperas ou logo depois da música? - Pippa está rindo tanto que relincha como um cavalo. Não é um espetáculo nada atraente, e sou horrível o bastante para sentir grande satisfação com isso.

- Muito esperta. Você é um gênio - digo, tentando parecer bem-humorada quando, na verdade, me sinto zangada e humilhada.

Felicity ergue o diário com uma seriedade fingida.

- Eu fui iniciada, minhas irmãs. De agora em diante, este será nosso livro sagrado. Vamos começar todas as reuniões com uma leitura deste estimulante - ela olha em minha direção - e absolutamente verdadeiro diário.

Isto faz Pippa dar urros.

- Acho essa uma esplêndida idéia! - Ela tropeça na palavra de modo que soa como *esplêndida*.

- Espera um instante, isso é meu - digo, tentando pegar o diário, mas Felicity o guarda no bolso.

- Achei que você disse que o tinha apanhado na biblioteca. - diz Ann.

- Ah! Muito bem Ann. - Pippa sorri para ela, e eu já estou lamentando o início da amizade delas. Minha mentira me pegou, deixando-me sem o livro e sem uma forma de compreender o que está acontecendo comigo, o que as minhas visões podem significar. Mas não há como recuperá-lo sem contar-lhes toda a verdade, e não estou preparada para isso. Não enquanto eu mesma não a conhecer.

Ann torna a passar a garrafa para mim, mas recuso.

- *Je ne voudrais pas le whiskey* - digo no meu francês horrível.

- Nós temos que ajudar você com o francês, Gemma, antes que LeFarge a rebaixe - diz Felicity.

- Como é que você sabe tanto francês? - pergunto, irritada.

- Para sua informação, Miss Doyle, minha mãe dirige um *salon* muito famoso em Paris. - Ela enfatiza a pronúncia francesa de *salon*. - Todos os melhores escritores da Europa já foram recebidos por minha mãe.

- Sua mãe é francesa? - pergunto. Minhas idéias estão um tanto enevoadas por causa do uísque. Tudo me dá vontade de rir.

- Não. Ela é inglesa. Descendente dos York. Ela mora em Paris.

Por que ela moraria em Paris, e não aqui, para onde o marido irá retornar depois de cumprir o seu dever para com Sua Majestade?

- Os seus pais não vivem juntos?

Felicity me lança um olhar zangado.

- Meu pai passa a maior parte do tempo no mar. Minha mãe é uma linda mulher. Por que ela não deveria gozar da companhia de amigos em Paris?

Eu não sei o que disse de errado. Começo a me desculpar, mas Pippa se adianta:

- Eu gostaria que minha mãe dirigisse um salão. Ou fizesse algo interessante. Tudo o que ela faz é me enlouquecer com suas críticas. "Pippa, não seja relaxada. Assim você nunca vai arranjar um marido." "Pippa, nós temos sempre que manter as aparências." "Pippa, o que você acha de você não é nada importante comparado com o que os outros dizem de você." E tem o último protégé dela - o desajeitado e sem graça Mr. Bumble.

- Quem é Mr. Bumble? - pergunto.

- É o amante de Pippa - diz Felicity, sublinhado a palavra.

- Ele não é meu amante! - Pippa grita.

- Não, mas quer ser. Se não, por que ele vive visitando você?

- Ele deve ter uns cinquenta anos no mínimo!

- E é muito rico, senão sua mãe não o estaria atirando em cima de você.

- Mamãe só vive para o dinheiro - Pippa suspira. - Ela não gosta do jeito como papai joga. Ela tem medo de que ele vá perder todo o nosso dinheiro. É por isso que ela

está tão desesperada para me casar com um homem rico.

- Provavelmente ela vai arranjar um cara de pés chato com uns doze filhos, muito mais velho que você. - Felicity ri.

Pippa estremece.

- Vocês precisavam ver alguns dos homens com quem ela desfilou na minha frente. Um deles tinha um metro e vinte!

- Você não pode estar falando sério! - digo.

- Bem, talvez ele tivesse um metro e meio. - Pippa ri de forma contagiante, fazendo todas nós rirmos histericamente. - Uma outra vez, ela me apresentou a um homem que ficava beliscando a minha bunda quando dançávamos. Vocês podem imaginar? "Ah, que linda valsa." Um beliscão. "Vamos tomar um ponche?" Outro beliscão. Eu fiquei roxa por uma semana.

Nossos berros são sons animais, vagos e barulhentos. Eles acabaram em tosses e murmúrios, e Pippa diz:

- Ann, Gemma. Vocês não têm que se preocupar com coisas como mães insuportáveis tentando controlá-las o tempo todo. Que sorte vocês têm. Meus pulmões ficam sem ar. Felicity dá um chute na canela de Pippa.

- Bom, isso não foi muito gentil, foi? - Pippa esfrega a perna.

- Não seja tão sensível - diz Felicity, mas quando olha para mim, vejo uma certa bondade em seu olhar e me pergunto se poderíamos mesmo ser amigas.

- Que coisa nojenta! - Ann está folheando o diário. Ela está com uma espécie de inlustração na mão, que larga aquilo como se aquilo pudesse queimá-la.

- O que é? - Pippa corre para perto, sua curiosidade mais forte do que seu orgulho. Nós nos inclinamos para ver. É o desenho de uma mulher com uvas no cabelo copulando com um homem vestido com peles de animais, a cabeça coberta por uma máscara com chifres. A legenda diz: *Os Ritos da primavera por Sarah Rees-Toome*. Ficamos surpresas e dizemos que é nojento enquanto tentávamos ver melhor.

- Eu acho que ele já cresceu - digo, rindo numa voz esganiçada que eu não reconheço como minha.

- O que eles estão fazendo? - Ann pergunta, desviando os olhos depressa.

- Ela está deitada pensando na Inglaterra! - Pippa grita, invocando a frase que toda mãe inglesa usa para falar com a filha sobre atos da carne. Uma moça não deve gostar daquilo. Só devemos pensar em fazer bebês para o futuro do Império e em agradar os nossos maridos. Por alguma razão, é o rosto de Kartik que aparece na minha mente. Aqueles olhos com cílios longos e abundantes se aproximando, fazendo-me entreabrir os lábios. Um estranho calor começa na minha barriga e se espalha pelo meu corpo.

- Ann, não me diga que você não sabe o que homens e mulheres fazem quando estão juntos? Quer que eu lhe mostre? - Felicity escorrega de cima da pedra e se arrasta pelo chão aproximando-se de Ann, que recua, encostando-se na parede da caverna.

- Não, obrigada - ela murmura. Felicity a encara por um momento, depois dá uma longa lambida no rosto de Ann.

Horrorizada, Ann enxuga o rosto. Felicity ri e se deita de costas numa pedra baixa, estendendo os braços por cima da cabeça. Seus seios fartos pressionam o corpete do vestido. Ela olha para um ponto acima das nossas cabeças.

- Eu vou ter muitos homens - diz isso normalmente, como se estivesse falando sobre o tempo, mas deve saber que está sendo escandalosa.

Pippa não sabe se fica indignada ou se ri, ou as duas coisas.

- Felicity, isso é chocante!

Felicity sente cheiro de sangue. Ela fareja nosso desconforto e não desiste.

- Vou sim. Hordas de homens! Membros do Parlamento e cavaleiros. Mouros e irlandeses. Duques decadentes! Reis!

Pippa tapa os ouvidos com as mãos.

- Não! - ela grita. - Não diga mais nada! - Mas ela está rindo. Ela adora o atrevimento de Felicity.

Felicity fica em pé, dançando, atirando-se de um lado para outro como um dervixe rodopiante.

- Vou ter presidentes e capitães da indústria! Atores e ciganos! Poetas, artistas e homens que morrerão só para poder tocar na fímbria do meu vestido!

- Você esqueceu os príncipes! - Ann grita, dando um sorriso malicioso.

- Príncipes! - Felicity grita com alegria. Ela pega as mãos de Ann, dança em círculos com ela, seu cabelo louro chicoteando o ar.

Pippa se levanta e se junta a elas.

- E trovadores!

- E trovadores que entoam canções a respeito das safiras dos meus olhos!

Eu me junto a elas, atraída por aquela loucura.

- Não se esqueça dos malabaristas, acrobatas e almirantes!

Felicity pára. Sua voz é fria:

- Não. Nada de almirantes.

- Desculpe, Felicity. Eu não quis sugerir nada com isso - digo, endireitando o vestido enquanto Pippa e Ann olham sem jeito para os próprios pés. O silêncio é como uma faísca elétrica entre nós, um toque, uma palavra errada e estaremos queimadas. A garrafa está nas mãos de Felicity. Ela dá um longo gole, dobra o corpo ao meio com a força do uísque e passa as costas da mão pelos lábios, manchados de bebida.

- Vamos criar um ritual?

- Q-que tipo de r-ritual? - Ann não percebe que se afastou de nós alguns passos, na direção da boca escancarada da caverna.

- Eu sei! Nós podíamos fazer um juramento! - Pippa está toda satisfeita consigo mesma.

- Tem que ser uma coisa mais consistente que isso - diz Felicity, com um olhar distante. - Promessas podem ser esquecidas. Vamos fazer um ritual de sangue.

Precisamos de alguma coisa afiada.

Os olhos dela batem no meu amuleto, que está à vista.

- Acho que isso seria perfeito.

Instintivamente, eu o cubro com a mão.

- O que você vai fazer?

Felicity suspira, revirando dramaticamente os olhos.

- Vou abrir sua barriga e deixar os seus órgãos enfiados num espeto no meio do pátio como um aviso para quem usa jóias grandes.

- Ele foi da minha mãe - digo. Todo mundo está olhando para mim, esperando.

Finalmente eu me curvo à pressão silenciosa e entrego o colar.

- *Merci* - Felicity faz uma reverência. Com um movimento rápido, ela faz um pequeno corte na ponta do dedo com a lâmina da lua. O sangue aparece imediatamente.

Ela passa o dedo sujo de sangue pelos dois lados do meu rosto.

- Vamos marcar umas às outras. Fazer um pacto.

Ela passa o colar para Pippa, que faz uma careta.

- Não posso acreditar que você queira que eu faça isso. É tão animalesco. Eu odeio ver sangue.

- Ótimo. então pode deixar que eu faço para você. Feche os olhos. - Felicity faz um pequeno corte em Pippa, e ela grita como se estivesse sido mortalmente ferida. - Por Deus, você ainda está respirando, não está? Não seja tão chorona.

Usando os dedos de Pippa, ela passa o sangue pelo rosto de Ann. Em retribuição, Ann passa o dedo sujo de sangue na pele de porcelana de Pippa.

- Andem logo. Eu vou vomitar. Estou sentido que vou - Pippa choraminga.

Finalmente, chega minha vez. A ponta afiada da lua paira sobre o meu dedo. Eu me lembro de um fragmento de sonho - uma tempestade, eu acho, minha mãe gritando, e minha mão ferida.

- Anda - diz Felicity. - Não me diga que eu vou ter que fazer isso por você também.

- Não - respondo, e enfio a ponta do colar no dedo. A dor sobe pelo meu braço, fazendo-me gemer. O pequeno corte sangra rapidamente. Meu dedo lateja quando eu o passo delicadamente pelo rosto de porcelana branca de Felicity.

- Pronto - diz ela, olhando para todas nós, sob a luz de velas. - Estendam as mãos. -

Ela estende a mão e colocamos as palmas das nossas sobre a dela. - Nós juramos lealdade umas às outras, juramos guardar segredo sobre os ritos da nossa Ordem, experimentar a liberdade e não permitir que ninguém nos traia. Ninguém. - Ela olha para mim ao dizer isso. - Este é o nosso santuário. E enquanto estivermos aqui só falaremos a verdade. Jurem.

- Nós juramos.

Felicity leva uma vela até o centro do grupo.

- Que cada um revele o seu desejo mais ardente por sobre esta vela.

Pippa segura a vela e diz sinceramente:

- Encontrar o amor verdadeiro.

- Isto é bobagem - diz Ann, tentando passar a vela para Felicity, que não aceita.

- O seu desejo mais ardente, Ann - ela diz.

Ann não olha para nenhuma de nós quando diz:

- Ser bonita.

Felicity segura a vela com força e sua voz é determinada:

- Eu quero ser muito poderosa.

De repente, a vela está na minha mão, a cera quente escorrendo pelos lados e queimando a pele antes de formar uma bola no pulso. Qual é o meu desejo mais ardente? Elas querem a verdade, mas a resposta mais verdadeira que posso dar é que não conheço meu coração.

- Compreender a mim mesma.

Isso parece satisfazer Felicity, porque ela diz:

- Ó grandes deusas que estão nestas paredes, concedam-nos os nossos mais ardentes desejos.

Uma brisa sopra pela entrada da caverna, apagando a vela e nos assustando.

- Acho que elas nos ouviram - murmuro.

Pippa cobre a boca com as mãos.

- É um sinal.

Felicity passa a garrafa pela última vez e nós bebemos.

- Parece que as deusas nos responderam. À nossa nova vida. Bebam. A primeira reunião da Ordem está terminada. Vamos voltar enquanto ainda temos velas.

CAPÍTULO CATORZE

Eu me sinto morta durante a aula de francês de Mademoiselle LeFarge na manhã seguinte. As conseqüências do uísque são terríveis. Minha cabeça lateja o tempo todo, e o café-da-manhã – torrada com geléia – oscila precariamente no mar do meu estômago.

Nunca mais vou tomar uísque. De agora em diante, só o sherry.

Pippa parece tão acabada quanto eu. Ann parece bem – embora eu desconfie que ela tenha fingido beber mais do que realmente bebeu, uma estratégia que eu posso vir a usar na próxima vez. Exceto pelas olheiras, Felicity não parece afetada pela noite em claro.

Elizabeth vê o meu estado e pergunta:

- O que aconteceu com ela? – Tentando chegar-se novamente a Felicity e Pippa. Eu me pergunto se elas vão morder a isca, se a amizade da noite passada será esquecida e Ann e eu ficaremos outra vez de fora.

- Não posso divulgar nenhum dos segredos da nossa Ordem – diz Felicity, lançando-me um olhar furtivo.

Elizabeth fecha a cara e cochicha com Martha, que balança a cabeça. Mas Celily não vai desistir facilmente.

- Fee, não fique zangada – ela diz, com uma vozinha doce – Recebi um novo lote de papéis de carta. Vamos escrever para casa esta noite no salão?

- Eu tenho outros compromissos – Felicity responde, o mais secamente possível.

- Então agora é assim, não é? – Cecily franze os lábios finos. Ela daria uma perfeita esposa de pároco, com aquela mortal combinação de hipocrisia e rancor. Eu apreciaria muito mais o fora se não estivesse me sentindo tão mal. Solto um arrote, para horror de todas, mas me sinto muito melhor.

Martha abana a mão na frente do nariz.

- Você está cheirando igual a uma destilaria.

Cecily se anima ao ouvir isto. Ela e Felicity se encaram – Felicity com um ar desolado, enquanto um sorriso maldoso franze os lábios de Celily. Mademoiselle LeFarge entra na sala, lançando frases em francês que fazem minha cabeça girar. Ela nos manda traduzir quinze frases do livro. Cecily cruza as mãos sobre a carteira.

- Mademoiselle LeFarge...

- *Em français!*

- Perdoe-me, Mademoiselle, mas acho que Miss Doyle não está passando bem. – Ela lança um olhar vitorioso para Felicity quando mademoiselle me chama até sua mesa para me examinar melhor.

- Você parece um tanto abatida, Miss Doyle. – Ela cheira o ar e fala com uma voz baixa e severa: - Miss Doyle, você andou bebendo?

Atrás de mim, quase cessa o barulho da pena sobre o papel. Eu não sei o que é mais palpável – o uísque que escorre pelos meus poros ou o cheiro de pânico na sala.

- Não, mademoiselle. Foi geléia demais no café. – respondo com um meio sorriso. – É a minha fraqueza.

Ela torna a cheirar, como se tentando convencer a si mesma de que seu nariz errou.

- Bem, pode sentar-se.

Trêmula, eu me sento, erguendo os olhos rapidamente para ver Felicity rindo de orelha a orelha. Cecily parece estar querendo me estrangular. Discretamente, Felicity me passa um bilhete.

Achei que você estava perdida.

Respondo: *Eu também. Estou me sentindo péssima. Como está a sua cabeça?* Pippa vê o bilhete sendo passado. Ela entorta a cabeça para ver o que tem escrito e se é a respeito dela. Felicity faz uma parede com a mão. Relutante, Pippa volta a fazer a lição, mas não sem antes me lançar um olhar zangado com aqueles olhos cor de violeta.

Rapidamente, Felicity torna a passar o bilhete e Mademoiselle LeFarge esconde os olhos.

- O que está havendo aí atrás?

- Nada – Felicity e eu dizemos ao mesmo tempo, provando, sem sombra de dúvida, que alguma coisa está realmente acontecendo.

- Eu não vou repetir a lição de hoje, então espero sinceramente que vocês não estejam deixando de anotar.

- *Oui*, mademoiselle – diz Felicity, cheia de charme francês e sorrisos.

Quando mademoiselle torna a baixar a cabeça, eu abro o bilhete que Felicity passara para mim. *Vamos nos encontrar de novo hoje à noite, depois da meia-noite. Lealdade à Ordem!*

Por dentro, gemo só de pensar em outra noite sem dormir. Minha cama, com seu cobertor de lã quentinho, é mais convidativa do que um chá com um duque. Mas já sei que estarei atravessando o bosque esta noite, ansiosa para conhecer mais segredos do diário.

Pippa está passando um bilhete para Felicity quando olho. É duro admitir, mas quero desesperadamente saber o que está escrito nesse bilhete. Algo duro e mau passa pela fisionomia de Felicity, mas é imediatamente substituído por um sorriso de boca fechada. Surpreendentemente, ela não responde a Pippa, mas passa o bilhete para mim, para horror de Pippa. Desta vez, Mademoiselle LeFarge está andando por entre as carteiras, então só o que eu posso fazer é enfiar o bilhete dentro do livro e deixar para lê-lo mais tarde. Quando a aula termina, Mademoiselle LeFarge torna a me chamar à sua mesa. Felicity me lança um olhar de advertência ao sair. Respondo com um olhar que diz: *O que você quer que eu faça?* Sabendo que ainda estou com seu bilhete ardendo dentro do meu livro de francês, Pippa tem no rosto uma expressão ao mesmo tempo de medo e náusea. Ela começa a me dizer alguma coisa, mas Ann fecha a porta, deixando-me sozinha com Mademoiselle LeFarge e com o coração acelerado.

- Miss Doyle – ela diz, lançando-me um olhar cansado –, tem certeza de que seu hálito está cheirando a geléia e não a alguma outra substância?

- Tenho, mademoiselle – digo, tentando expelir o mínimo de possível de ar.

Ela desconfia de que estou mentindo, mas não pode provar. Ela suspira, desapontada. Eu pareço exercer esse efeito nas pessoas.

- Geléia demais engorda, você sabe.

- Sim, mademoiselle. Vou me lembrar disto.

É estarrecedor que Mademoiselle LeFarge, com sua cintura grossa, ache que tem condições de falar sobre gordura, mas o que quero é escapar dali sem problemas.

- Sim, bem, faça isso. Os homens não gostam de mulheres gordas – ela diz. Sua franqueza nos faz desviar os olhos. – Bem, alguns homens não gostam. –

Instintivamente, ela passa o dedo sobre o retrato do jovem de uniforme.

- É um parente seu? – pergunto, tentando ser amável. Não é mais o uísque que está revirando no meu estômago, mas sim a culpa. Gosto sinceramente de Mademoiselle LeFarge e detesto enganá-la.

- Meu noivo. Reginald. – Ela pronuncia o nome dele com grande orgulho, mas também com um quê de desejo que me faz corar.

- Ele parece... muito... – Percebo que não faço idéia do que dizer a respeito do

homem. Eu não o conheço. Ele é apenas uma fotografia ruim. Mas já comecei. – Confiável – digo com dificuldade.

Isto parece agradar Mademoiselle LeFarge.

- Ele tem um rosto bondoso, não tem?

- Sem dúvida – confirmo.

- É melhor não prender você aqui. Você não vai querer chegar atrasada à aula do Sr. Grunewald. Lembre-se: não abuse da geléia.

Eu sou mais insignificante do que um crustáceo. Não mereço uma professora como Mademoiselle LeFarge. E, mesmo assim, sei que vou estar na caverna hoje à noite, desapontando-a de uma forma que espero que ela jamais descubra.

O bilhete de Pippa está me olhando de dentro do livro de francês. Vagarosamente, eu o abro. Sua caligrafia redonda e perfeita é cruel e irônica:

Vamos nos encontrar na casa de barcos esta tarde. Minha mãe me mandou umas luvas novas e eu deixo você usá-las. Pelo amor de Deus, não a convide. Se ela tentar enfiar aquelas patas de vaca nas minhas luvas, vai arruiná-las.

Pela primeira vez no dia, tenho a impressão de que vou mesmo vomitar, embora não seja por causa do uísque, e sim pelo ódio que sinto delas neste momento – de Pippa por ter escrito o bilhete, e de Felicity por tê-lo dado para mim.

Só que Pippa não vai poder ir até a casa de barcos. O salão está fervilhando com a novidade – o Sr. Bumble está aqui. Todas as meninas de Spence, dos seis aos dezesseis anos, estão amontoadas em volta de Brigid, que está contando as últimas novidades, numa voz ofegante. Ela está dizendo o quanto ele é fino e respeitável, como Pippa está linda e que casal fantástico eles formam. Eu acho que nunca vi Brigid tão animada. Quem poderia adivinhar que aquela velha azeda no fundo era uma romântica?

- Sim, mas como ele é? – Martha quer saber.

- Ele é bonito? Alto? Tem todos os dentes? – Cecil insiste.

- Sim – Brigid diz. Ela está adorando isso, ser o oráculo por algum tempo. – Bonito e respeitável – ela diz de novo, no caso de termos ignorado esta importante qualidade da primeira vez. – Ah, que ótimo pretendente a nossa Miss Pippa arranhou. Que isso sirva de lição para vocês, se levarem a sério tudo o que a Sra. Nightwing e as outras dizem, inclusive esta que vos fala, vocês poderão chegar no mesmo lugar de Miss Pippa: no altar, na carruagem de um homem rico.

Parece a hora errada para mencionar que a Sra. Nightwing e as outras, inclusive Brigid, fossem tão sabidas, elas próprias poderiam ter chegado ao altar. Posso ver pelos olhares encantados das outras meninas que elas estão acreditando piamente nas palavras de Brigid.

- Onde eles estão agora? – Felicity pergunta.

- Bem. – Brigid chega mais perto – Eu ouvi a Sra. Nightwing dizer que eles iam dar um passeio pelos jardins, mas...

Felicity se dirige às meninas:

- Podemos ver os jardins da janela do segundo andar.

Sob protestos de Brigid, saem todas correndo pelas escadas até a janela. Nós, as garotas mais velhas, abrimos caminho no meio das mais novas, cujos protestos não funcionam diante da nossa força. Em segundos, garantimos nossa posição na janela e as outras ficam espremidas atrás de nós, tentando enxergar.

Lá fora nos jardins, a Sra. Nightwing acompanhada de Pippa e o Sr. Bumble pelo caminho ladeado de rosas e jacintos. Pela janela aberta, nós temos uma visão clara deles parados ali, pouco à vontade. Pippa está com o rosto enterrado num buquê de flores vermelhas que ele deve ter sido trazido. Ela parece totalmente entediada. A Sra. Nightwing está discursando sobre as diferentes espécies de flores no caminho.

- Vocês podem abrir espaço para nós, por favor? – uma garota gordinha diz, com as mãos nas cadeiras.

- Dá o fora – Felicity grunhe, sendo propositalmente grosseira para intimidá-la.

- Eu vou contar à Sra. Nightwing – a garota guincha.

- Faça isso e verá o que vai acontecer. Agora cala a boca que estou tentando escutar! Todo mundo se empurra, mas finalmente param de reclamar. É tão estranho ver Pippa e o Sr. Bumble juntos. Apesar do relato entusiasmado de Brigid, ele é de fato, um homem gordo, de fartos bigodes e costeletas, muito mais velho que Pippa. Ele olha por cima da cabeça da Sra. Nightwing, como se estivesse acima daquilo tudo. Pelo que posso ver, não há nada de especial nele.

Algumas meninas menores conseguiram engatinhar por baixo de nós. Elas estão tentando enfiar-se entre os nossos corpos e a janela como se fossem plantas buscando a luz do sol. Nós as empurramos e elas nos empurram de volta. Estamos umas por cima das outras, tentando ver e ouvir melhor.

- Pip é uma sortuda – Cecily diz. – Ela pode se casar com um bom partido e não ser obrigada a enfrentar uma temporada social, sendo avaliada por todos os homens e suas mães.

- Eu não acho que Pippa vá concordar com você – diz Felicity. – Acho que não é isso que ela quer, de jeito nenhum.

- Bem, nós não podemos fazer tudo o que queremos, não é? – Elizabeth diz com candura.

Ninguém tem resposta para isso. A brisa sopra na nossa direção, trazendo a voz da Sra. Nightwing. Ela diz algo a respeito de as rosas serem as flores do amor verdadeiro. E depois eles desaparecem atrás de uma sebe.

CAPÍTULO

QUINZE

- Vocês acreditam que ele me trouxe cravos vermelhos? Vocês sabem o que isso significa na linguagem das flores? Admiração! "Eu admiro você." Isso certamente conquista o coração de uma garota. – Pippa está desfolhando os cravos, um a um, e espalhando as pétalas coloridas pelo chão da caverna.

- Eu gosto de cravos – diz Ann.

- Eu só tenho dezessete anos! Minha temporada social mal começou. Pretendo desfrutar bastante dela e não me casar com o primeiro advogado velho e bexiguento que aparecer. – Pippa arranca a última flor e fica apenas com uma haste comprida na mão.

Eu não disse uma palavra. Ainda estou aborrecida com a carta maldosa de hoje de manhã e com o fato de Felicity estar usando uma das luvas novas de Pippa, enquanto Pippa está usando a outra, como símbolos da amizade delas.

- Por que ela está com tanta pressa de ver você casada? – pergunta Ann.

- Ela não quer que ninguém saiba... – Pippa pára, apavorada.

- Ela não quer que ninguém saiba o quê? – pergunto.

- O que eles estão levando antes que seja tarde demais – Ela atira a haste de flor no chão.

Eu não faço idéia do que ela está dizendo. Pippa é linda. E a família dela pode ser de comerciantes, mas são ricos e respeitáveis. Tirando o fato de ser fútil, detestável e sujeita a ilusões românticas, ela é legal.

- O que você faz quando está com um pretendente? – Ann pergunta. Ela desenha pequenos x na terra com um cravo decapitado.

Pippa suspira.

- Ah, é sempre a mesma coisa. Você tem que bajulá-los.

Depois que eles deixam você morta de tédio com alguma história sobre uma causa qualquer que tenham defendido, você tem que baixar os olhos e dizer: "Puxa, eu não sabia que o direito podia ser tão fascinante, Sr. Bumble. Mas quando o senhor explica desse jeito, é como estar lendo um romance!"

Nós todas rimos.

- Não! Você não disse isso! – Felicity diz à gargalhadas.

O mau humor de Pippa está passando.

- Ah, disse sim! E que tal esta? – Ela pisca os olhos e faz um ar doce e tímido. –

"Bem, talvez eu pudesse aceitar só um chocolate..."

Isto me faz rir sem querer. Nós todas sabemos que Pippa é uma comilona enrustida.

- Um chocolate? – Felicity grite. – Meu Deus, se ele pudesse ver você devorando um saco inteiro de caramelos, ia ficar horrorizado! Quando você se casar, vai ter que escondê-los no seu quarto de vestir e devorá-los quando ele não estiver olhando.

Pippa berra e finge bater em Felicity com a haste do cravo.

- Você é má! Ey não vou me casar com o Sr. Bumble. Minha nossa, o nome dele é Bumble! Isso é uma maldição!

Felicity foge do alcance do cravo.

- Ah, sim, você vai se casar com ele! Ele já visitou você quatro vezes. Aposto que a sua mãe já está planejando o casamento!

O riso de Pippa morre.

- Você não acha isso, acha?

- Não – felicity diz depressa. – Não, eu só estava brincando.

- Quero me casar com o meu amor verdadeiro. Sei que é bobagem, mas não posso fazer nada.

Pippa pareceu tão pequena de repente, ali sentada no meio das pétalas espalhadas, que eu quase me esqueço do quanto estou zangada. Eu nunca fui mesmo capaz de guarda rancor.

Felicity ergue o queixo de Pippa com um dedo.

- E você vai conseguir. Agora vamos pôr ordem nesta reunião. Pip, por que você não administra o sacramento ?

Ela mostra o uísque de novo. Eu tremo por dentro. Mas quando chega a minha vez, bebo meu veneno e vejo que ele não é tão ruim se você tomar goles bem pequenos, desta vez, eu só bebo até me sentir aquecida e leve, não mais do que isso.

- Temos que continuar a leitura do diário da nossa irmã, Mary Dowd. Gemma, você faz as honras esta noite? – Com uma reverência, Felicity me entrega o diário.

Pigarreio e começo.

21 de março de 1871

Hoje nós estivemos junto ao Oráculo das Runas. Sob a orientação de Eugenia, encostamos nossos dedos nelas por um instante, recebendo a mágica. A sensação foi extraordinária. Foi como se pudéssemos sentir os pensamentos umas das outras, como se fôssemos uma só pessoa.

Felicity ergue uma sobrancelha.

- Isto parece sacanagem. Mary e Sarah devem ser safistas.

- E o que é safista? – Pippa já está entediada. Ela está enrolando as pontas dos seus cachos pretos em volta do dedo enluvado, tentando conseguir um cacho mais perfeito.

- Será que eu tenho que ensinar tudo para vocês? – Felicity reclama.

Eu também não faço idéia do que seja safista, mas não vou perguntar.

- Vem de safo, uma poetisa grega que gostava de amar outras mulheres.

Pippa pára de enrolar o cabelo.

- E o que há de mal nisso?

Felicity abaixa a cabeça e lança um olhar zombeteiro para Pippa.

- As safistas preferem o amor das mulheres ao dos homens.

Agora entendo perfeitamente, assim como Ann, imagino, pelo modo como ela endireita nervosamente a saia com as mãos, sem encarar ninguém. Pippa olha atentamente para Felicity como se pudesse ler o significado daquilo na testa dela, mas vagarosamente um rubor vai subindo pelo seu pescoço até o rosto e ela diz, espantada:

- O quê... não é possível, você não pode estar querendo dizer que... que elas... como marido e mulher?

- Exatamente.

Pippa perde a voz devido ao seu espanto. Seu rosto e pescoço continuam vermelhos. Eu também estou envergonhada, mas não quero que elas saibam disso.

- Será que posso continuar?

Os ciganos voltaram hoje e montaram acampamento. Quando vimos a fumaça da fogueira deles, Sarah e eu corremos para ver Mãe Elena.

- Mãe Elena! – Ann exclama, espantada.

- Aquela maluca com um xale rasgado na cabeça? – Pippa franze o nariz de nojo.

- Shhh! Continue – Felicity diz.

Elas nos recebeu carinhosamente com um chá de ervas e histórias de suas viagens.

Nós demos doces a Carolina, que os devorou. Para mãe, demos cinco pence. E aí ela prometeu ler as cartas para nós, como tinha feito antes. Mas assim que Mãe distribui as cartas de Sarah no desenho de cruz, ela parou e tornou a empilhá-las. "As cartas estão de mau humor hoje", ela disse, largando a minha mão como se ela fosse uma pedra quente. "Não consigo ver o que vai acontecer." Então, de forma muito abrupta, ela nos pediu para ir embora, porque precisava ver se o acampamento estava em ordem.

Ann está espiando por cima do meu braço, tentando ler mais adiante. Puxo o livro e acabo deixando-o cair, espalhando as folhas.

- Bravo, Madame Graciosa! – Felicity aplaude.

Ann me ajuda a juntar os papéis. Não agüento ver nada desarrumado. Aparece um pedaço do pulso dela. Posso ver os arranhões vermelhos, formando um zinguezague. Isso não é nenhum acidente, ela mesma está fazendo isso. Ela vê que estou olhando e puxa a manga com força, cobrindo o seu segredo.

- Anda – Felicity diz, - O que mais o diário de Mary Dowd irá nos revelar esta noite? Eu pego uma folha.

- Aqui vai – digo. Não é a mesma folha, mas isso não faz diferença para elas.

1º de abril de 1871

Sarah se aproximou de mim chorando.

- Mary, Mary, eu não consigo encontrar a porta. O poder está me abandonando.

- Você está nervosa, Sarah. É só isso. Tente outra vez amanhã.

- Não, não – ela gemeu. – estou tentando há horas. Estou dizendo que acabou. Meu coração ficou gelado.

- Sarah, venha. Eu vou ajudá-la a encontrá-lo.

Ela se virou para mim com uma tal fúria que mal a reconheci.

- Você não entende? Tenho que conseguir sozinha, senão não é real. Não posso viajar nos seus poderes, Mary. – Aí ela começou a chorar. – Ah, Mary, Mary, eu não suporto pensar que nunca mais irei tocar as runas ou sentir sua magia fluindo através de mim. Não posso suportar pensar que vou ser apenas a Sarah comum de agora em diante.

Não consegui comer nada nem descansar naquela noite. Eugenia viu a minha tristeza e me chamou para conversar com ela em seu quarto. Ela diz que normalmente é assim – o poder surge de repente e depois desaparece. Ela tem que ser alimentado no fundo da alma, senão não dura. Oh, diário, ela me contou que o poder de Sarah é assim, solto e flutuante. Ela diz que os reinos decidem quem irá subir dentro da Ordem, aprender todos os antigos mistérios e quem vai ficar para trás. Eugenia acariciou a minha mão e confessou que o meu poder é muito forte, mas não consigo pensar em continuar sem a minha querida amiga e irmã.

Quando Sarah me procurou tarde da noite, senti que faria tudo para que as coisas voltassem a ser como eram, para que fôssemos outra unidas como irmãs e tivéssemos a magia dos reinos ao nosso alcance. Eu disse isso a ela.

- Ah, Mary – ela disse – Isto é um consolo. Você sabe que existe uma maneira de ficarmos sempre juntas.

- Como assim?

- Tenho uma confissão a fazer. Visitei as Terras Invernais. Eu as vi.

Fiquei chocada ao ouvir isto, e assustada.

- Mas, Sarah, esse é um reino que ainda não podemos conhecer. Há coisas que não deveríamos ver sem a orientação das mais velhas.

Sarah me lançou um olhar duro.

- Você não percebe? As mais velhas só querem que a gente conheça aquilo que elas

podem controlar, Elas têm medo de nós, Mary. É por isso que Eugenia está tirando o poder de mim. Eu falei com um espírito que vaga por lá. Ele me contou a verdade. As palavras dela me pareceram verdadeiras, mas eu ainda estava com medo.

- Sarah, eu estou com medo. Invocar um espírito das trevas é ir de encontro a tudo que nos ensinaram.

Sarah agarrou a minha mão.

- É só para nos trazer o poder que precisamos. Iremos amarrar o espírito a nós. Obrigá-lo a nos obedecer. Não se preocupe tanto, Mary. Nós seremos seus senhores, e não o contrário, e quando a Ordem vir o que podemos fazer, o poder que possuímos, ela terá que me deixar ficar. Nós ficaremos juntas para sempre.

Eu estremeci ao perguntar:

- O que teremos que fazer?

Sarah acariciou o meu rosto amorosamente.

- Um pequeno sacrifício, nada demais. Uma pequena cobra ou, talvez, uma andorinha. Ela irá dizer-nos. Agora durma, Mary. E amanhã nós faremos nossos planos.

Ah diário, meu coração está aflito, mas o que posso fazer? Sarah é a minha amiga mais querida neste mundo. Eu não posso prosseguir sem ela. E talvez ela tenha razão. Talvez, se mantivermos nossos corações fortes e puros, possamos submeter a criatura à nossa vontade, usando-a apenas com a melhor das intenções.

Pippa está quase sem ar.

- Ora, bom momento para parar.

- Sim, o enredo está ficando complicado – Felicity diz. De fato, está quase virando um nó.

Todo mundo ri, exceto eu. Aquele trecho me deixou inquieta. Ou talvez seja o calor. Está quente demais para setembro. O ar dentro da caverna é pegajoso e comecei a suar por baixo do espartilho.

- Vocês acham que Mãe Elena poderia prever nosso futuro? – Ann pergunta.

Eu não consigo evitar. Quando penso nos ciganos, olho para Felicity. Ela me lança um olhar penetrante. Como se eu a estivesse traindo com aquele rápido olhar.

- Acho que Mãe Elena não seria capaz de dizer nem qual é o dia da semana – afirma Felicity.

- Tive uma idéia maravilhosa – Pippa diz, e de repente eu sei que vamos nos dar mal.

- Vamos ver se conseguimos fazer nossa própria mágica.

- Eu topo – diz Felicity. – Quem mais quer se comunicar com o outro mundo?

Pippa se senta à direita de Felicity, e elas entrelaçam suas mãos enluvadas. Ann se instala ao lado de Pippa. Sinto eriçarem-se os pêlos da minha nuca.

- Eu não acho que seja uma boa idéia – digo, percebendo na mesma hora que isso parece covardia.

- Você está com medo de a transformarmos num sapo? – Felicity bate no chão ao lado dela. Não há como escapar. Vou ter que me juntar ao círculo; de má vontade, eu me sento e dou a mão para Ann e Felicity.

Pippa tem outro ataque de riso.

- O que dizemos para começar?

- Vamos em círculo e cada uma acrescenta alguma coisa – Felicity determina. – Eu começo. Ó grandes espíritos da Ordem. Nós somos suas filhas. Falem conosco.

Contem-nos seus segredos.

- Venham até nós, ó filhas de Safo. – Pippa começa a rir.

- Nós não sabemos se elas são safistas – Felicity diz, aborrecida. – Se vamos fazer isso, vamos fazer direito.

Pippa fica séria e diz baixinho:

- Venham até nós aqui neste lugar.
- Nós imploramos – Ann acrescenta.

Silêncio. Elas estão esperando que eu fale.

- Tudo bem – digo, suspirando e revirando os olhos. – Mas faço isso contra a minha vontade, e espero que as minhas palavras não sejam usadas para fazer piadinhas comigo depois.

Fecho os olhos e me concentro na respiração pesada de Ann, esvaziando minha mente.

- Sarah Rees-Toome e Mary Dowd. Onde quer que vocês estejam, apareçam. Vocês são bem-vindas aqui.

Só se ouve o som da água escorrendo pelas paredes da caverna. Nada de espíritos. Nem de visões. Não sei se fico aliviada ou desapontada com a minha falta de poder. Não tenho oportunidade para refletir sobre esse dilema por muito tempo. O ar estremece com faíscas de luz. De repente, é como se a caverna estivesse pegando fogo, as chamas subindo, tão quentes que eu não consigo respirar.

- Não! – Usando toda a minha força, rompo o círculo e me vejo de volta na caverna, enquanto Pippa, Ann e Felicity olham para mim, perplexas.

- Gemma, o que foi? – Ann pergunta, respirando com força; Estou ofegante.

- Ora, ora, acho que alguém ficou um pouco assustada – diz Felicity.

- Acho que sim – digo, desabando no chão. Meus braços estão pesados, mas fico aliviada ao ver que nada aconteceu.

- É estranho – diz Pippa. – Mas eu posso jurar que senti uma espécie de formigamento por alguns instantes.

- Eu também – Felicity Diz.

Ann concorda:

- Eu também.

Elas todas olham para mim. Meu coração está batendo tanto que parece que vai saltar do peito. Finjo uma calma que não sinto.

- Não sei do que vocês estão falando.

Felicity põe a ponta do cabelo na boca, umedecendo-o com a língua.

- Você não sentiu nada?

- Nada – Eu faço força para não tremer.

- Bem – ela diz, com um sorriso triunfante -, parece que o resto de nós possui um pouco de magia. Que pena que você não tem, Gemma.

Este momento é muito engraçado. Elas acham que não tenho aptidão para o sobrenatural. Se eu não estivesse tão nervosa, ia até rir.

- Minha nossa, Gemma – Pippa diz, franzino o nariz com nojo. – Você está suando como um estivador.

- É porque está quente demais aqui dentro – respondo, aliviada pela mudança de assunto.

Felicity se levante e me oferece a mão.

- Venha. Vamos encerrar a noite.

Nós saímos da caverna. Quilômetros acima de nós, a lua começou a desaparecer, suas pontas cortadas, mas ficamos sob sua luz assim mesmo, uivando como lobos. Nós nos damos as mãos e corremos num círculo, respirando o ar frio da noite, e eu me sinto melhor na mesma hora.

- Está muito quente. Eu mal consigo respirar com este espartilho – diz Felicity.

- É, bem que eu gostaria de dar um mergulho no lago – Ann diz.

- Por que não? – Felicity pergunta. – Quem vai me desamarrar? Alguém?

Pippa tapa a boca e dá uma risadinha, como se estivesse ao mesmo tempo horrorizada com a idéia e preocupada em parecer recatada.

- Nós não podemos fazer isso.

- Por que não? Não tem ninguém aqui para nos ver. E quero respirar livremente por algum tempo. Gemma, me ajuda aqui.

Meus dedos lutam com os laços e colchetes, mas logo o corpo magro e a pele macia de Felicity estão expostos. Ela brilha ao luar, uma lasca de osso.

- Quem quer dar um mergulho no lago?

- Espere? – Pippa corre atrás dela. – O que você está fazendo? Felicity, isso é obsceno!

- Como os meus tornozelos e braços podem ser obscenos? – ela pergunta.

- Mas você não deveria mostrá-los. Não é decente!

A voz de Felicity flutua até nós:

- Faça o que quiser. Eu vou entrar.

A água parece fresca e convidativa. Com esforço, consigo livrar-me do espartilho apertado. Meu corpo agradece.

- Você também? – Pippa diz quando passo por ela.

A água fria aplaca imediatamente o calor do meu corpo, congelando o ar nos meus pulmões. Quando finalmente recupero o fôlego, digo para Pippa e Ann:

- Entrem no lago. A água está perfeita, desde que vocês não precisem respirar nem sentir as pernas.

Pippa reage com um grito esganiçado assim que a água chega na altura dos seus joelhos.

- Shhh, não faz barulho. Se a Sra. Nightwing nos encontrar aqui, ela vai nos castigar obrigando-nos a ensinar em Spence para o resto da vida, igual à aquele grupo de solteironas que nos dão aula – diz Felicity.

Pippa tenta cobrir-se com as mãos. Ela está envergonhada. Neste momento, eu não me importaria se o próprio Príncipe Albert me visse. E só quero ficar ali boiando, suspensa no tempo.

- Se você tem tanta vergonha assim, Pip, fica debaixo d'água – Felicity diz.

- Está frio demais! – Pippa responde com a mesma voz esganiçada.

- Faça como quiser – Felicity diz, nadando para o meio do lago.

Ann fica na margem, inteiramente vestida.

- Eu vou ficar vigiando – diz.

Nós três damos os braços para nos esquentar e deslizamos os pés sobre a areia do fundo. Somo como um bando de nômades flutuantes.

- O que vocês acham que a Sra. Nightwing iria dizer se pudesse nos ver agora com toda a nossa graça, charme e beleza? – Pippa pergunta, rindo.

- Ela provavelmente cairia morta – Ann diz.

- Ah! – diz felicity. – Quem dera! – Ela atira a cabeça para trás, deixando o cabelo flutuar na água como um halo.

Pippa ergue a cabeça de repente.

- Vocês ouviram isso?

- O quê? – A água nos meus ouvidos não me deixa ouvir nada. Mas é verdade. O bosque ecoa com o som de um galho se partindo ao meio.

- Olha aí de novo! Vocês ouviram?

- Incrível – Ann resmunga.

- Nossas roupas! – Pippa sai da água aos tropeções e corre atrás de sua blusa bem na hora que Kartik sai de trás das árvores, carregando um bastão de críquete. Não sei quem fica mais chocado e surpreso, Kartik ou Pippa.

- Não olhe para mim! – ela diz histérica, tentando desesperadamente cobrir-se com a roupa.

Espantado demais para discutir, Kartik obedece, mas não antes de eu avistar a expressão dos seus olhos. Espanto e admiração. Como se ele tivesse visto uma deusa em carne e osso. O impacto visceral da beleza dela é mais poderoso do que qualquer palavra ou ato. A névoa que cobre minha mente clareia a suficiente para eu registrar isso.

- Se estivéssemos nos tempos antigos, nós o derrubaríamos e arrancaríamos os seus olhos por ter visto o que viu – Felicity rosna de dentro do lago.

Kartik não diz nada. Com a mesma rapidez com que apareceu, ele desaparece, correndo pelo bosque.

- Da próxima vez – Felicity diz, indo ajudar Pippa – nós *vamos mesmo* arrancar os olhos dele.

O quarto está escuro, mas sei que ela está acordada porque não está roncando.

- Ann, você está acordada?

Ela não responde, mas não vou desistir.

- Eu sei que você está, então é melhor responder. – Silêncio. – Eu não vou desistir.

Do lado de fora, uma coruja anuncia que está próxima.

- Por que você faz isso com você? Por que se corta dessa maneira?

Passa-se um longo minuto sem resposta e penso que talvez ela tenha adormecido, mas então ela fala. A voz dela... tão baixa que eu tenho que me esforçar para ouvir no escuro, para ouvir o grito que ela está prendendo.

- Eu não sei. Às vezes não sinto nada, e fico com medo. Com medo de nunca mais sentir nada. De desaparecer dentro de mim mesma. – Ela tosse e funga. – Eu preciso sentir alguma coisa.

A coruja torna a lançar seu grito na noite, esperando para ver se tem alguém em casa.

- Não faça mais isso – digo. – Promete?

Mais fungadelas.

- Está bem.

Tenho a impressão de que deveria fazer alguma coisa. Pôr o braço em volta dela.

Abraçá-la. Não sei o que posso fazer sem causar constrangimento em nós duas.

- Se você não cumprir a promessa, vou ser obrigada a confiscar seu bordado, e aí você não teria o prazer de terminar o moinho e a holandêsinha em sete cores diferentes de linha, hummm?

Ela faz um esforço para rir e eu me sinto aliviada.

- Gemma? – ela diz logo depois.

- Hummm?

- Você não vai contar, vai?

- Não.

Mais segredos. Como foi que acabei guardando tantos segredos? Satisfeita, Ann se vira na cama e começa a roncar. Fico olhando para o teto, querendo que o sono chegue, ouvindo a coruja gritar para uma noite que nunca responde.

CAPÍTULO DEZESSEIS

- Eu sei que você não acredita que tenha acontecido alguma coisa ontem à noite, mas acho que nós deveríamos tentar entrar em contato com o outro mundo de novo – Felicity cochicha para mim. Nós estamos paradas no meio do cavernoso salão de baile, esperando a Sra. Nightwing para dar início a aula de dança. Acima de nós, quatro candelabros de cristal iluminam o chão de mármore, formando quadrados brilhantes.
- Eu não acho que seja uma boa idéia – digo, disfarçando o pânico.
- Por que não? Você está com o orgulho ferido por não ter sentido o que o resto de nós sentiu?
- Não seja ridícula – digo com uma risada idiota, um som que parece acompanhar minhas mentiras, o que é terrível. Estou a caminho de me tornar uma completa idiota.
- Então, por quê?
- Por que eu acho chato. Só isso.
- Chato? – Felicity fica boquiaberta de espanto. – Você chama isso de chato? Chato é o que vamos fazer daqui a pouco.
- Pippa está parada perto de Cecily e sua turma, tentando atrair desesperadamente a atenção de Felicity.
- Fee, vem aqui conosco. A Sra. Nightwing vai dividir os pares.
- Toda vez que começo a gostar de Pippa, ela faz alguma coisa que me faz despezá-la de novo.
- É tão bom ser amada – resmungo baixinho.
- Felicity contempla o grupinho elegante e se vira de costas para ele, acintosamente. Pippa faz uma cara de desapontada. Não posso deixar de me sentir um tanto prosa com isso.
- Senhoritas, sua atenção, por favor! – A voz da Sra. Nightwing ressoa pela sala. – Hoje nós vamos praticar valsa. Lembrem-se: a postura é o mais importante. Vocês têm que imaginar que sua espinha está presa a um cordão puxado pelo próprio Deus.
- Isso dá a impressão de que somos marionetes de Deus – Ann resmunga.
- E somos mesmo, se acreditarmos no Reverendo Waite e na Sra. Nightwing – Felicity diz com uma piscadela.
- Tem alguma coisa que você queira compartilhar com todas nós, Miss Worthington?
- Não, Sra. Nightwing. Desculpe.
- A Sra. Nightwing faz um pausa, deixando-nos em suspense.
- Miss Worthington, você faz par com Miss Bradshaw. Miss Temple com Miss Poole, e Miss Cross, quer, por favor, fazer par com Miss Doyle.
- Que falta de sorte. Pippa solta um suspiro petulante e fica parada diante de mim com uma cara de raiva, lançando um olhar para Felicity, que sacode os ombros.
- Não olhe para mim. A culpa não é minha – digo.
- Você conduz. Eu quero ser a mulher – Pippa diz.
- Nós todas vamos nos revezar conduzindo e sendo conduzidas. Todo mundo vai ter a chance de fazer as duas coisas – A Sra. Nightwing diz com voz cansada. – Muito bem, senhoritas. Braços erguidos. Não deixem os cotovelos pendurados. Postura, sempre postura. Muitas vezes a chance de arranjar um bom casamento está numa postura perfeita.
- Especialmente se a postura está atrelada a um monte de dinheiro – Felicity diz.

- Miss Worthington... – a Sra. Nightwing chama a atenção

Felicity fica com o corpo ereto como um obelisco. Satisfeita, a diretora pega o braço da vitrola e pousa a agulha no disco. Os acordes de uma valsa encham o salão.

- E um, dois, três; um dois três. Sintam a musica! Miss Doyle! Preste atenção nos seus pés! Passos pequenos e elegantes. Você é uma gazela não um elefante. Senhoritas, endireitem o corpo! Vocês jamais encontraram um marido olhando para o chão!

- Ela obviamente nunca viu um desses homens depois de alguns conhaques – Felicity murmura, valsando.

A Sra. Nightwing fala com severidade:

- Nada de conversas. Os homens não gostam de mulheres tagarelas. Contem alto o ritmo, por favor. Um, dois, três; um, dois, três. E troquem a condução, um, dois, três.

A troca confunde Elizabeth e Cecily, que tentam conduzir ao mesmo tempo. Elas vêm direto para cima de Pippa e mim. Esbarramos em Ann e Felicity, e todas nós caímos no chão, umas por cima das outras.

A música pára abruptamente.

- Se vocês dançarem com tão pouca graça, a sua temporada social estará terminada antes mesmo de começar. Permitam que eu lembre a vocês, senhoritas, que isto não é uma brincadeira? A temporada londrina é uma coisa muito séria. É a chance que vocês têm de provar que são dignas dos deveres que lhes serão impostos como esposas e mães. E, mais importante, o comportamento de vocês se reflete na própria alma de Spence.

Há uma batida na porta e a Sra. Nightwing pede licença, enquanto nós nos levantamos do chão. Ninguém ajuda Ann. Eu lhe ofereço a minha mão para ajudá-la. Ela aceita timidamente, sem olhar para mim, ainda envergonhada da sua fraqueza na noite passada.

- Spence tem uma alma? – digo, tentando brincar para nos deixar mais à vontade.

- Não tem graça – Pippa diz zangada. – Algumas de nós querem melhorar. Ouvi dizer que você é avaliada desde que entra no salão para o seu primeiro baile. Não quero que falem de mim como *aquela garota que não sabe dançar*.

- Relaxe, Pippa – Felicity diz, alisando a saia. – Você vai se sair muito bem. Não corre o risco de ficar solteirona. Sem dúvida o Sr. Bumble vai resolver isso.

Pippa sabe que todos os olhos estão voltados para ela.

- Eu não acho que tenha dito que vou me casar com o Sr. Bumble, ou disse? Afinal de contas, posso conhecer alguém muito especial num baile.

- Como um duque ou um lorde – Elizabeth diz, sonhadora. – É isso que eu gostaria.

- Exatamente – Pippa dá um sorrisinho superior para Felicity.

Algo duro brilha nos olhos de Felicity.

- Querida Pippa, você não está entrando de novo naquela fantasia, está?

Pippa ostenta seu sorriso de debutante.

- Que fantasia?

- Aquela que atualmente flutua na sua cabeça com asas transparentes. Aquela em que o seu verdadeiro amor é um príncipe em busca de uma princesa, e você, por acaso, está com o vestido prontinho dentro do armário.

Pippa tenta manter sua compostura.

- Bem, uma mulher deve sempre querer o melhor.

- Isso é um tanto presunçoso da parte da filha de um comerciante. – Felicity cruza os braços no peito. O ar está carregado. A sala, cheia de eletricidade.

Pippa fica vermelha.

- Você não esta exatamente na posição de dar conselhos, está? Com a sua história familiar?

- O que está insinuando? – Felicity diz com uma calma assustadora.
- Eu não estou insinuando nada. Estou constatando um fato. O que quer que sejam meus pais, pelo menos minha mãe não é... – Ela para de repente.
- Não é o que? – Felicity grunha.
- Acho que estou ouvindo a senhora Nightwing chegando – Ann diz nervosamente.
- Sim, será que podemos parar com essa discussão – diz Cecily. Ela tenta tirar Felicity dali, mas sem sucesso.

Felicity chega mais perto de Pippa.

- Não, se Pippa tem algo a dizer sobre o meu caráter, eu gostaria de ouvir. Pelo menos sua mãe não é o que?

Pippa endireita os ombros.

- Pelo menos minha mãe não é uma vagabunda.

O tapa de Felicity ecoa na sala como um tiro. Nós pulamos de susto com a violência inesperada. A boca de Pippa abre-se num “Ó”, seus olhos azuis lacrimejam com a pancada.

- Retire o que disse! – Felicity diz entre os dentes.
- Não retiro! – Pippa está chorando. – Você sabe que é verdade. Sua mãe é uma cortesã e uma concubina. Ela largou o seu pai por um artista. Ela fugiu para a França para ficar com ele.
- Não é verdade!
- É sim! Ela fugiu e deixou você para trás.

Ann e eu ficamos paralisadas de espanto. Cecily e Elizabeth mal conseguem disfarçar um sorriso. Esta é uma novidade estonteante e sei que mais tarde elas vão fofocar um bocado a respeito. Felicity nunca mais vai poder andar pelos corredores de Spence sem que cochichem por trás dela. E tudo por culpa de Pippa.

Felicity dá uma gargalhada cruel.

- Ela vai mandar me buscar quando eu em formar. Irei para Paris e terei o meu retrato pintado por um artista famoso. E aí, você vai se arrepender de ter duvidado de mim.
- Isso é um tanto presunçoso da parte da filha de um comerciante. – Felicity cruza os braços no peito. O ar está carregado. A sala, cheia de eletricidade.

Pippa fica vermelha.

- Você não está exatamente na posição de dar conselhos, está? Com a sua história familiar?

- O que está insinuando? – Felicity diz com uma calma assustadora.
- Eu não estou insinuando nada. Estou constatando um fato. O que quer que sejam meus pais, pelo menos minha mãe não é... – Ela para de repente.
- Não é o que? – Felicity grunha.
- Acho que estou ouvindo a senhora Nightwing chegando – Ann diz nervosamente.
- Sim, será que podemos parar com essa discussão – diz Cecily. Ela tenta tirar Felicity dali, mas sem sucesso.

Felicity chega mais perto de Pippa.

- Não, se Pippa tem algo a dizer sobre o meu caráter, eu gostaria de ouvir. Pelo menos sua mãe não é o que?

Pippa endireita os ombros.

- Pelo menos minha mãe não é uma vagabunda.

O tapa de Felicity ecoa na sala como um tiro. Nós pulamos de susto com a violência inesperada. A boca de Pippa abre-se num “Ó”, seus olhos azuis lacrimejam com a pancada.

- Retire o que disse! – Felicity diz entre os dentes.
- Não retiro! – Pippa está chorando. – Você sabe que é verdade. Sua mãe é uma cortesã e uma concubina. Ela largou o seu pai por um artista. Ela fugiu para a França

para ficar com ele.

- Não é verdade!

- É sim! Ela fugiu e deixou você para trás.

Ann e eu ficamos paralisadas de espanto. Cecily e Elizabeth mal conseguem disfarçar um sorriso. Esta é uma novidade estonteante e sei que mais tarde elas vão fofocar um bocado a respeito. Felicity nunca mais vai poder andar pelos corredores de Spence sem que cochichem por trás dela. E tudo por culpa de Pippa.

Felicity dá uma gargalhada cruel.

- Ela vai mandar me buscar quando eu em formar. Irei para Paris e terei o meu retrato pintado por um artista famoso. E aí, você vai se arrepender de ter duvidado de mim.

Como eu gostaria de escapar daqui e ser uma outra pessoa por um tempo, num lugar onde ninguém me conhecesse nem esperasse certas coisas de mim.

O que acontece em seguida não é por culpa minha. Pelo menos, não faço de propósito. A necessidade de fugir me domina. O formigamento familiar está de volta, puxando-me para baixo, incontrolavelmente. Mas desta vez é diferente. Eu não estou simplesmente caindo, estou me movimentando! Estou atravessando o limiar de uma floresta coberta de névoa. Ali suspensa por um momento entre dois mundos, fito o rosto de Pippa. Está pálido. Confuso. Assustado. E compreendo que ela também está vindo.

Meu Deus, o que está acontecendo? Onde estou? Como foi que ela chegou aqui? Eu preciso fazer isso parar, não posso deixar que ela caia junto comigo.

Fecho os olhos e luto com todas as forças contra a corrente avassaladora da minha visão. Mas não é o bastante para me impedir de ver pequenos clarões. Escuridão no horizonte. Algo caindo na água. E o som do grito estrangulado de Pippa.

Estamos de volta. Estou ofegante, ainda segurando com força a mão e Pippa. Será que ela viu alguma coisa? Será que agora ela conhece o meu segredo? Ela não está falando. Está com os olhos revirados para cima. Os brancos dos olhos dela são como asas batendo.

- Pippa? – O pânico na minha voz chama a atenção da Sra. Nightwing. Ela corre para nós enquanto o corpo de Pippa se retesa. Seu braço bate com força na minha boca ao voar na direção do seu peito. Sinto gosto de sangue nos lábios, que estão pegado fogo. Com um grito agudo, Pippa cai no chão, contorcendo-se em agonia.

Pippa está morrendo. O que foi que eu fiz a ela?

A Sra. Nightwing agarra os ombros de Pippa, prendendo-a no chão.

- Ann, traga-me uma colher de pau da cozinha! Cecily, Elizabeth, vão chamar uma das professoras! Já!

Para mim ela diz:

- Segure firme a cabeça dela.

A cabeça dela se debate em minhas mãos. *Pippa, eu sinto muito. Perdoe-me.*

- Ajude-me a virá-la – A Sra. Nightwing diz. – Ela não pode morder a língua.

Com esforço, nós a viramos de lado. Ela é surpreendentemente sólida, apesar de tão delicada. Brigid abre a porta do salão de baile e solta um grito.

A Sra. Nightwing berra ordens como um comandante:

- Brigid! Mande chamar imediatamente o Dr. Thomas! Miss Moore, aqui, por favor.

Brigid sai correndo, enquanto Miss Moore se aproxima com uma colher na mão. Ela enfia na boca de Pippa como se quisesse sufocá-la.

- O que a senhora está fazendo? – grito. – Ela não pode respirar! – Tento arrancar a colher, mas Miss Moore segura minha mão.

- A colher vai evitar que ela morda a língua.

Eu quero acreditar nela, mas, do modo como Pippa está se debatendo no chão, é difícil imaginar que possamos fazer alguma coisa para ajuda-la. E então o violento

tremor acaba. Ela fecha os olhos e fica imóvel como se estivesse morta.

- Ela está...? – mas não consigo terminar a frase. Não quero saber a resposta.

A Sra. Nightwing se levanta com dificuldade.

- Miss Moore, quer verificar se o Dr. Thomas já está a caminho, por favor?

Miss Moore balança afirmativamente a cabeça e caminha para a porta, ralhando com as meninas que estão espiado para dentro, mandando-as embora. A Sra. Nightwing coloca seu xale sobre Pippa. Ali no chão, ela parece exatamente a princesa adormecida de um conto de fadas.

Eu nem percebo que estou murmurando baixinho para ela:

- Desculpe Pippa.

A Sra. Nightwing me olha espantada.

- Eu não sei o que você está pensando, Miss Doyle, mas isto não é por sua causa.

Pippa sofre de epilepsia. Ela teve um ataque.

- Epilepsia? – Cecily repete, fazendo a palavra soar como *lepra* ou *sífilis*.

- Sim, Miss Temple. E eu peço a vocês que jamais falem uma palavra sobre o assunto. Isso deve ser esquecido. Se eu ouvir algum comentário a respeito disso, tirarei trinta pontos em um comportamento de cada uma das responsáveis e todos os privilégios. Estou sendo clara?

Nós concordamos com a cabeça, silenciosamente.

- Podemos fazer alguma coisa para ajudar? – Ann pergunta.

A Sra. Nightwing enxuga a atesta com um lenço.

- Vocês podem rezar.

A tarde cai suavemente. Sombras entram pelas janelas, escurecendo as salas. Não tenho apetite para jantar, nem me junto as outras no santuário de Felicity. Fico vagando pelos corredores e, quando dou por mim, estou diante da porta do quarto de Pippa. Bato de leve na porta. Miss Moore atende. Atrás dela, Pippa está deitada na cama, imóvel e linda.

- Como ela está?

- Dormindo – Miss Moore responde. – Entre. Não fique aí parada no corredor. – Ela abre mais a porta. Manda-me sentar na cadeira que está ao lado da cama e puxa outra para si. É um gesto simples, bondoso, e por alguma razão me deixa ainda mais triste. Se ela soubesse o que eu causei a Pippa, não seria tão gentil comigo.

Pippa está respirando profundamente, aparentemente tranqüila. Eu mesma estou com medo de dormir. Com medo de ver o resto aterrorizado de Pippa ao entrar na minha maldita visão. O medo e a culpa me deixaram exausta. Cansada demais para conter as lágrimas, enterro o rosto nas mãos e choro, por Pippa, por minha mãe, por meu pai, por tudo.

Miss Moore passa um braço pelos meus ombros.

- Shhh, não se preocupe. Pippa estará bem em um ou dois dias.

Balanço a cabeça e choro ainda mais.

- Não sei por que, mas estou achando que nem todas essas lágrimas são por Pippa.

- Sou uma pessoa horrível, Miss Moore. A senhora não sabe do que sou capaz.

- Ora, ora, que bobagem é essa? – ela murmura.

- É verdade. Não sou uma pessoa boa. Se não fosse por mim, minha mãe ainda estaria viva.

- Sua mãe morreu de cólera. Isso não foi culpa sua.

A verdade estava guardada dentro de mim há tanto tempo que saiu de um jorro só:

- Não. Ela foi assassinada. Fugi dela, e ela veio atrás de mim e foi assassinada. Eu a matei com minha crueldade. A culpa é toda minha. – Solução incontrolavelmente.

Miss Moore ainda em abraça com firmeza, o que faz me lembrar da minha mãe. Mal

posso suportar. Finalmente, minhas lágrimas se esgotam e meu rosto está inchado como um balão.

Miss Moore me entrega o seu lenço e me faz assoar o nariz. Tenho outra vez cinco anos. Não importa o quanto eu pense que amadureci, sempre acabo tendo cinco anos quando choro.

- Obrigada – agradeço, tentando devolver o lenço de renda branca.

- Pode ficar com ele – ela diz diplomaticamente, olhando para aquela coisa molhada e nojenta em minhas mãos. – Miss Doyle, Gemma, quero que você preste atenção no que vou dizer. Você não matou sua mãe. Todo mundo é cruel de vez em quando. Todo mundo faz coisas que gostaria de poder desfazer. Esses remorsos se tornam parte de quem somos, junto com todo o resto. Tentar mudar isso é como perseguir nuvens.

Novas lágrimas escorrem pelo meu rosto. Miss Moore me faz enxugar o rosto com o lenço.

- Ela vai mesmo ficar boa? – digo, olhando para Pippa.

- Sim. Embora eu ache que é muito pesado para ela ser obrigada a guardar um segredo desses.

- Por que tem que ser um segredo?

Miss Moore demora um pouco para responder, ajeitando o cobertor sob o queixo de Pippa.

- Se soubesse disso, ela jamais conseguiria casar-se. Isso é considerado como um defeito, igual a loucura. Nenhum homem iria querer uma mulher que tivesse uma doença dessas.

Eu me lembro do estranho comentário de Pippa nas cavernas, a respeito de se casar antes que fosse tarde de mais. Agora compreendo.

- É tão injusto.

- Sim, é, mas o mundo é assim mesmo.

Nós ficamos ali sentadas por um momento, vendo Pippa respirar, observando as cobertas subirem e descerem num ritmo regular.

- Miss Moore... – eu não continuo.

- Aqui em particular você pode me chamar de Hester.

- Hester. – digo. O nome soa como algo proibido em minha boca. – Essas histórias que a senhora nos contou sobre a Ordem. A senhora acha que pode haver alguma verdade nelas?

- Acho que tudo é possível.

- E se existiu um poder assim tão grande, e se não se sabe se ele foi bom ou mau, a senhora o exploraria assim mesmo?

- Você pensou um bocado sobre isso.

- Foi só uma indagação – eu digo, olhando para os meus pés.

- As coisas não são boas ou más em si e por si mesmas. É o que fazemos com elas que as faz boas ou más. Pelo menos, é assim que eu vejo. – Ela me dá um sorriso enigmático. – Mas por que isso?

- Nada – eu respondo, mas minha voz falseia. – Só estava curiosa.

Ela sorri.

- Talvez seja melhor manter entre nós o que dissemos nas cavernas. Nem todo mundo tem mente tão aberta, e se isso se espalhasse, talvez eu não pudesse mais levar vocês a lugar nenhum, exceto à sala de arte para passar a tarde pintando vasilhas de frutas. – Ela retira uma pequena mecha de cabelo do meu rosto ainda úmido e a coloca atrás da minha orelha. É tão carinhosa, tão parecida com a minha mãe, que eu poderia chorar novamente.

- Eu compreendo – digo finalmente.

Pippa mexe com a mão. Seus dedos agarram o ar. Ela dá um suspiro entrecortado e

depois volta a dormir.

- A senhora acha que ela vai se lembrar do que aconteceu quando acordar? – Não estou pensando no ataque dela, mas no que aconteceu antes, quando eu a puxei para baixo.

- Eu não sei – Miss Moore diz.

Meu estômago ronca.

- Você comeu alguma coisa esta noite?

Sacudo a cabeça.

- Por que você não desce e vai tomar chá junto com as outras meninas? Vai fazer bem a você.

- Sim, Miss Moore.

- Hester.

- Hester.

Ao fechar a porta, finalmente faço uma prece – para que Pippa não se lembre de nada.

No corredor, os quatro retratos de turma me saúdam em toda sua melancólica glória.

- Olá, senhoras – digo para seus olhos vazios e resignados. – Tentem não ser tão alegres. É muito desagregador.

Uma camada de poeira cobre aqueles rostos. Com a ponta do dedo, limpo a poeira em círculos, revelando rostos granulados. Eles contemplam um futuro que não revela os seus segredos. Será que algum dia elas se esgueiraram para a floresta escura na lua nova? Será que beberam uísque e desejaram coisas que não conseguiam exprimir com palavras? Será que fizeram amigas e inimigas, choraram a morte de suas mães, viram e sentiram coisas que não podiam controlar?

Duas delas sim, até aí eu sei. Sarah e Mary. Por que não pensei antes em procurar por elas nestas paredes? Elas devem estar aqui. Rapidamente, examino as datas escritas na parte inferior de cada retrato: 1870, 1872, 1873, 1874...

Não tem nenhum retrato de turma do ano de 1871.

Eu me junto às outras na sala de jantar. Depois daquela tarde difícil, a Sra. Nightwing teve pena de nós e mandou Brigid dizer à cozinheira para preparar um segundo pudim. Faminta, devoro a sobremesa doce e cremosa como se não fosse sobreviver àquela noite.

- Por Deus – A Sra. Nightwing ralha comigo. – Não estamos nas corridas de cavalos, Miss Doyle, e a senhorita não é um puro-sangue. Por favor, coma mais devagar.

- Sim, Sra. Nightwing – digo envergonhada, engolindo o pudim.

- Agora, sobre o que vamos falar? – A Sra. Nightwing diz isto como uma avó indulgente perguntando os nomes de nossas bonecas favoritas.

- Nós vamos mesmo assistir à demonstração espiritualista de Lady Wellstone na semana que vem? – Martha pergunta.

- Vamos sim. O convite diz que vai haver uma médium de verdade lá, Madame Romanoff.

- Minha mãe foi a uma sessão espírita – Cecily diz. – Está na moda. Até a própria rainha Vitória é uma aficionada.

- Minha prima Lucy, isto é, Lady Thornton – Martha se corrige, para não nos esquecermos do quanto ela é bem relacionada – me contou a respeito de uma demonstração a que ela assistiu, em que um vaso de vidro levitou sobre a mesa como se alguém o estivesse carregando! – Ela diz isso com uma voz sussurrante, para produzir um efeito dramático.

Felicity revira os olhos.

- Por que não recorrer aos ciganos para ver o futuro?

- Os ciganos são uns ladrões ordinários que estão atrás de dinheiro, ou coisa pior! – Martha diz intencionalmente.

Elizabeth se inclina para ela, na esperança de saber de mais algum detalhe sórdido. A Sra. Nightwing deposita com força a xícara no pires e lança um olhar de advertência para Martha.

- Miss Hawthorne, cuidado com o que diz.

- Eu só estava dizendo que os ciganos são mentirosos e bandidos. Enquanto o espiritualismo é uma ciência de verdade, praticada por pessoas bem-intencionadas.

- É um modismo que logo vai acabar. Nada mais – Felicity diz, bocejando.

- Tenho certeza de que será uma noite bem agradável – a Sra. Nightwing diz, restabelecendo a paz. – Embora eu não aprecie muito essa conversa fiada, Lady Wellstone é uma mulher de ótimo caráter e uma das maiores benfeitoras do Spence, e não tenho dúvida de que o passeio de vocês com Mademoiselle LeFarge vai ser... de alguma forma proveitoso.

Nós tomamos nosso chá em silêncio. As meninas mais moças saíram em grupos de três ou quatro, cochichando e rindo. Posso ouvir o murmúrio de suas vozes no salão. Entediada, Cecily e seu séquito pedem licença, impedindo que o resto de nós deixe a Sra. Nightwing sozinha sem parecer mal-educadas. Agora só estamos nós quatro na sala de jantar vazia, com Brigid se movimentando de um lado para o outro.

- Sra. Nightwing. – Paro, tomando coragem. – É uma coisa estranha... no corredor, não tem o retrato da turma de 1871.

- É, não tem – ela responde, no seu estilo telegráfico.

- Eu estava imaginando por quê. – Tento parecer inocente, mas meu coração está batendo na garganta.

A Sra. Nightwing não olha para mim.

- Esse foi o ano do grande incêndio na Ala Leste. Não houve retrato por respeito aos mortos.

- Aos mortos? – repeti.

- Às duas meninas que perdemos no incêndio. – Ela olha para mim como se eu fosse uma imbecil.

Ficamos apreensivas. Poucos andares acima de nós, onde portas fechadas escondem o assoalho queimado e podre, duas meninas morreram. Sinto um arrepio.

- As duas meninas que morreram... como eram os nomes delas?

A Sra. Nightwing está irritada. Ela meche o chá com força.

- Será que temos que discutir um assunto tão desagradável depois de um dia longo e cansativo?

- Desculpe – digo, sem conseguir abandonar o assunto. – Eu só estava querendo saber o nome delas.

A Sra. Nightwing dá um suspiro.

- Sarah e Mary – ela diz finalmente.

Felicity engasga com a última colherada do pudim.

- Como disse?

A notícia esta me avassalando. Meu corpo fica pesado. Com um ar de extrema impaciência, a Sra. Nightwing repete os nomes devagar, como uma advertência:

- Sarah Rees-Toome e Mary Dowd.

CAPÍTULO DEZESSETE

As duas únicas pessoas que poderiam compartilhar o meu segredo e explicá-lo para mim estavam mortas há vinte anos, e tudo o que elas sabiam tinha virado pó.

- Que horror – Felicity diz, lançando-me um olhar rápido.

- Sim – a Sra. Nightwing diz secamente. – Acho que deveríamos conversar sobre coisas mais agradáveis. Acabei de receber uma carta encantadora de uma das nossas antigas alunas, agora Lady Buxton. Ela voltou de uma viagem ao Oriente, onde teve o privilégio de ver os famosos dervixes rodopiantes. A carta dela é o exemplo perfeito de uma correspondência inteligente, que distrai e não sobrecarrega o destinatário com problemas de natureza pessoal. Se alguém quiser vê-la, está à disposição.

Ela toma um gole de chá. Estamos perdendo terreno rapidamente. Olho para Felicity, que olha para Ann, que olha de volta para mim. Finalmente, Felicity suspira profundamente, produzindo lágrimas de verdade.

- Miss Worthington, o que aconteceu?

- Ah, desculpe, Sra. Nightwing, mas não consigo parar de pensar nessas meninas e no fogo, e no quanto isso deve ter sido terrível para a senhora.

Fico tão perplexa que sou obrigada a enfiar as unhas na palma das mãos para não rir. Mas a Sra. Nightwing morde a isca.

- Sim, foi terrível – ela diz, parecendo estar a quilômetros daqui. – Eu era professora aqui na época. A Sra. Spence era a diretora, que sua alma descansa em paz. Ela morreu naquele incêndio tentando salvar as meninas. Tudo por causa de uma travessura.

Ela parece torturada por aquela lembrança, e eu me sinto culpada por ter provocado isso. Brigid está parada perto de mim, tirando a mesa e escutando.

Felicity descansa o queixo nas mãos.

- Como eram elas, Sarah e Mary?

A Sra. Nightwing reflete por um momento.

- Eram como todas as meninas, eu acho. Mary gostava de ler. Era uma menina quieta. Ela queria viajar, conhecer a Espanha e o Marrocos, a Índia. Ela era a predileta da Sra. Spence.

- E Sarah? – pergunto.

As mãos de Brigid pairam sobre os pratos como se ela tivesse esquecido por um momento do que estava fazendo ali. Silenciosamente, ela recolhe os talheres.

- Sarah era um espírito livre. Olhando para trás, penso que a Sra. Spence deveria tê-la controlado melhor. Ela eram meninas sonhadoras, atraídas por histórias de fadas, magia e coisas assim..

Olho fixamente meu pudim.

- Como foi que começou o fogo? – Cecily pergunta.

- Foi um acidente bobo. As meninas levaram uma vela para a Ala Leste. Foi depois da hora de se recolherem. Nós nunca saberemos por que ela foram lá. Provavelmente uma de suas aventuras fantásticas. – A Sra. Nightwing bebe o seu chá, pensativa. – A vela incendiou uma cortina, eu imagino, e o fogo se espalhou rapidamente. A Sra. Spence deve ter corrido para ajudá-las, a porta fechou atrás dela... – Ela pára e fica olhando para o seu chá como se este pudesse ajudá-la. Eu não consegui abri-la. Era como se alguma coisa pesada a estivesse prendendo. Acho que podemos considerar que tivemos sorte. A escola inteira poderia ter pegado fogo.

O único ruído que se ouve é o dos pratos nas mãos de Brigid.

Ann se manifesta:

- É verdade que Sarah e Mary estavam envolvidas em algo sobrenatural?
Um prato cai no chão e se espatifa. Brigid fica de quatro no chão e começa a recolher os cacos dentro do avental.

- Desculpe, Sra. Nightwing, vou buscar uma vassoura.
A Sra. Nightwing olha zangada para Ann.

- Onde foi que você ouviu uma mentira dessas?
Mexo o meu chá com concentração de uma freira rezando. Maldita Ann e sua burrice.

- Nós lemos. – Ann é interrompida por um chute rápido que eu dou em sua canela. – E-eu n-n-não me l-l-embro.

- Que bobagem! Se alguém está espalhando histórias, eu tenho que saber imediatamente...

Felicity intervém:

- Eu me sinto aliviada em saber que não é verdade e que a reputação de Spence é ilibada. Que acidente horrível. – Ela olha para Ann quando diz *acidente*.

- Eu não acredito nem um pouco em coisas sobrenaturais – a Sra. Nightwing diz, esticando o corpo e afastando a cadeira da mesa. – Mas acredito no poder da mente dos jovens em conceber todo tipo de demônios que não têm nada a ver com travessuras bem reais. Então, torno a perguntar a vocês: alguém está enchendo a cabeça de vocês com bobagens sobre magia e coisas no gênero? Porque eu não vou tolerar isto.

Tenho certeza que ela pode ouvir as batidas do meu coração do outro lado da mesa, enquanto todas nós juramos inocência em relação ao assunto. A Sra. Nightwing se levanta.

- Se eu descobrir que isso não é verdade, as culpadas serão severamente punidas. Bem, este foi um longo dia. Vamos nos dar boa-noite.

Nós prometemos ir para a cama assim que terminarmos, e a Sra. Nightwing sai para anunciar no salão que está na hora de ir dormir.

- Você caiu de cabeça quando era criança? – Felicity pergunta a Ann assim que a Sra. Nightwing sai.

- D-d-desculpe – ela gagueja. – Por que vocês não quiseram que ela soubesse do livro?

- Para confiscá-lo? De jeito nenhum – diz Felicity.

Brigid volta, enxugando as mãos num pano de prato.

- Você parece nervosa essa noite, Brigid – Felicity diz.

- Sim – ela responde, recolhendo as migalhas da mesa. – Só de ouvir falar naquelas duas eu sinto arrepios. Eu me lembro bem delas, e elas não eram as santas que a patroa diz.

Se você quiser saber alguma coisa sobre uma família, pergunte aos empregados. Meu pai sempre dizia isso. Eu ofereço uma cadeira ao meu lado para Brigid.

- Descanse um pouco, Brigid. Vai ser bom para você.

- Estou mesmo precisando. Ai, meus pés.

- Conte-nos sobre elas. A verdade – Ann diz.

Brigid assobia baixinho.

- Elas eram meninas malvadas. Especialmente aquela Sarah. Ela era muito metida. Eu era jovem na época e não era feia. Tinha muitos pretendentes que vinham me buscar no domingo para ir à igreja. Eu ia sempre à igreja, com chuva, neve ou sol. Brigid está se soltando. Nós poderíamos ficar ali a noite inteira ouvindo suas reminiscências piedosas.

- E as meninas? – provoco.

Brigid me lança um olhar zangado.

- Eu vou chegar lá. Como eu estava dizendo, eu ia à igreja aos domingos. Mas um

domingo, a Sra. Spence, que era um anjo do Senhor, me pediu para ficar e tomar conta da jovem Sarah, que não estava passando bem. Isto foi uma semana antes do incêndio. – Ela pára e tosse para causar mais efeito. – É difícil falar com a boca assim tão seca.

Ann apanha uma xícara de chá para ela.

- Ah, agora sim. Bem, eu só estou contando para vocês o que eu sei. E não pode passar destas quatro paredes. Jurem.

Nós nos apressamos em jurar, a Brigid retoma o seu relato, feliz por ser o centro das atenções:

- Eu não fiquei satisfeita por ser obrigada a ficar em casa. Meu admirador, Paulie, ia chegar, e eu ia usar um chapéu novo ainda por cima, mas conhecia as minhas obrigações. A senhorita vai compreender isto em breve, Miss Ann, assim que encontrar em emprego.

Envergonhada, Ann desvia os olhos e eu sinto pena dela.

- Uhhh, isto aqui está precisando de açúcar... – Brigid diz, estendendo a xícara como se fosse uma rainha. Ela está abusando, mas nós precisamos daquela informação, então vou buscar o açúcar e esperamos até ela dissolver dois torrões no seu chá. – Admito que não estava me sentindo muito caridosa em relação a Miss Sarah naquele dia. Mas vou buscar o café-da-manhã dela e quando volto com abandeja ela não está na cama, e sim no chão, agachada como um animal, falando com Mary. Elas estão discutindo. Eu ouço Mary dizendo: "Ah, não, Sarah, nós não podemos fazer isso, não podemos!" E Sarah diz algo como: "É fácil para você dizer isso. Você quer sumir e me abandonar." E Mary começa a chorar baixinho e Sarah a abraça e beija descaradamente. Eu quase caio no chão de susto, podem acreditar. "Nós vamos ficar juntas, Mary. Sempre." E então ela diz mais alguma coisa, eu não sei exatamente o quê, mas algo como sacrifício. "É isso que ela quer, Mary, é o que exige. É a única maneira." E então Mary a agarra e diz: "Isso é assassinato, Sarah." É isso que ela diz: *assassinato*. Fico gelada só de me lembrar.

Ann está roendo as unhas. Felicity pega a minha mão e eu vejo que a mão dela está gelada. Brigid olha por cima do ombro na direção da porta para ter certeza que estamos sozinhas.

- Bem, eu devo ter feito algum barulho. Sarah se levantou depressa, com um olhar de ódio. Ela me empurrou contra a parede. Encarou-me com aqueles olhos frios, sem alma, e disse: "Está bisbilhotando, Brigid?" Eu digo: "Não, senhorita. Só estou trazendo a sua bandeja, cumprindo ordens da patroa." Eu estava morta de medo, não tenho vergonha de confessar. Alguma coisa muito errada estava acontecendo ali. Nós estamos todas prendendo o fôlego, na expectativa. Brigid se inclina para nós.

- Ela tinha uma daquelas bonecas de feitiçaria, uma bruxa de pano do tipo que aquelas ciganinhas safadas carregam por aí, e a empurra na minha cara. Ela diz: "Brigid, você sabe o que acontece com os bisbilhoteiros e traidores? Eles são castigados." Aí ela arrancou uma mecha de cabelo da minha cabeça e a enrolou bem apertado em volta da boneca. "Fique de boca fechada", ela me avisou. "Senão, da próxima vez..." Bem, eu nunca corri tão depressa na minha vida. Fiquei o dia inteiro na cozinha. E alguns dias depois as duas meninas estavam mortas, e não posso dizer que eu tenha ficado triste com isso. Embora tenha sido uma pena o que houve com a pobre Sra. Spence.

Brigid faz o sinal-da-cruz rapidamente.

- Eu sabia que elas não iam acabar bem, aquelas duas com seus segredos e fugindo para visitar Mãe Elena sempre que os ciganos chegavam. – Brigid percebe o cutucão que Ann dá no meu braço com o cotovelo. – É, eu sei tudo sobre essas visitas a Mãe Elena. A velha Brigid não nasceu ontem. É melhor ficar longe dela. Ela não é boa da

cabeça, mas está sempre resmungando coisas sem sentido. Espero que vocês não estejam se metendo com essas coisas.

Ela nos lança um olhar severo. Praticamente deixo cair o açucareiro que ainda está na minha mão.

- É claro que não – Felicity diz, com um ar zombeteiro. Ela já conseguiu arrancar o quier de Brigid, de modo que não precisava mais agradá-la.

- Espero mesmo que não. Não quero que vocês comecem a fazer pose e a adotar nomes esquisitos como elas faziam. Elas achavam que eram duquesas ou algo assim, Sarah me obrigava a chamá-la de... como era mesmo? – Ela pára, pensa, desiste. – Bem, me fugiu da cabeça. Estava bem na ponta da minha língua. Mas se alguma vez u vir vocês três praticando aqueles truques dos ciganos, vou arrastá-las pelas orelhas até a igreja e deixar lá por uma semana. Vocês vão ver só. – Ela engole o resto do chá rapidamente. – Quem vai ser um amor e pegar mais uma xícara de chá para a pobre Brigid?

Depois de levar mais chá para Brigid e de prometer que iríamos direto para a cama, fazemos um desvio e entramos no salão. As outras meninas já foram todas dormir. Duas empregadas trabalhavam silenciosamente no salão. Apagando os lampiões, até que só o branco dos seus aventais fica visível, e depois elas também se retiram. As lareiras estão quase apagadas. O fogo tremula e solta fumaça, lançando sombras que parecem fazer colunas de mármore ganharem vida.

- Nós temos lido o diário de uma menina morta – Felicity diz, estremecendo. – Tem algo de mórbido nisso.

- Vocês acham que alguma coisa que Mary escreveu pode ser verdade? A parte sobrenatural? – ela pergunta.

Com um estalido alto, a lareira lança fagulhas e nos faz pular de susto.

- Precisamos ver Mãe Elena – Felicity diz.

Não. De jeito nenhum. Vamos fechar as cortinas e ficar aqui dentro, seguras e aquecidas, longe dos perigos da floresta.

- Você diz ir ao acampamento cigano? Esta noite? Sozinhas?- Ann diz. Não dá para saber se ela está apavorada ou excitada com a idéia.

- Sim, esta noite. Vocês sabem como os ciganos são, elas nunca ficam muito tempo aqui. Amanhã eles já podem ter ido embora. Tem que ser esta noite.

- E quanto a... – Quase digo o nome de Ithal, mas paro em tempo, Felicity me transmite aviso com os olhos.

- E quanto a quê? – Ann pergunta, intrigada.

- Os homens – eu digo, num tom de voz significativo, dirigindo a felicity. – Há homens no acampamento. Como podemos saber se estaremos a salvo?

- Os homens – Ann repete solenemente. Homens. Como uma palavra tão pequena pode produzir tanto efeito...

Felicity responde no mesmo tom, enviando-me uma mensagem em código:

- Tenho certeza de que podemos dar conta dos homens. Vocês sabem que os ciganos inventam todo tipo de mentiras. É só não os levarmos a sério.

- Eu acho que não deveríamos ir – Ann diz. – Não sem um acompanhante.

- Ah, eu concordo – Felicity diz, debochadamente. – Por que você não pede a Brigid para nos acompanhar num passeio noturno até o acampamento cigano? Tenho certeza de que ela vai concordar.

- Eu estou falando sério.

- Então fiquei aqui!

Ann imediatamente rói uma unha, e Felicity passa um braço pelos meus ombros.

- Olha, nós somos três. Vamos proteger umas às outras. Embora eu desconfie que o temor de serem atacadas não passe de um desejo secreto de vocês duas.

- Ann, acho que fomos insultadas – digo, passando o braço pelos ombros dela também. Sinto uma excitação no ar, uma determinação que nunca senti antes. E isso me agrada. – Você está dizendo que nós não merecemos ser atacadas?
Felicity abre um sorriso que anima todo o seu rosto.
- Vamos descobrir.

CAPÍTULO DEZOITO

Nós somos obrigadas a caminhar meia légua por entre arbustos espinhosos que arranham e cortam nossas pernas para alcançar o acampamento cigano. As noites estão ficando mais frias agora. O ar é úmido e gelado. Ele fere os meus pulmões ao entrar na minha boca e sair dela em pequenas baforadas brancas. Quando nos aproximamos do acampamento e contemplamos as barracas e as fogueiras, as grandes carroças de madeira e os homens tocando violino, estou com dor do lado pelo esforço. Há três cachorros grandes sentados no chão. Não sei como vamos passar por eles.

- E agora? – Na murmura, sem fôlego.

As mulheres já se recolheram às suas barracas. Algumas crianças perambulam por ali. Cinco rapazes estão sentados em volta do fogo, bebendo, contando histórias numa língua que não conseguimos entender. Um dos homens conta uma piada. Seus amigos batem palmas e riem. O som, baixo e gutural, me deixa arrepiada por dentro e me dá vontade de sair correndo em busca de segurança, ou até ser apanhada. Para enfrentar o quê, eu não sei. Minha imaginação não vai tão longe. Mas isso é o bastante para fazer o meu coração disparar.

Um dos homens é Ithal. À luz da fogueira, seus estranhos olhos dourados dançam. Eu olho para Felicity e indico com um movimento de cabeça que ele está lá.

Ann percebe e olha em volta, assustada.

- O que foi?

- Uma mudança de planos. Vamos ter que voltar amanhã, durante o dia.

Ann reclama:

- Mas você disse...

Eu me viro para voltar, mas piso num galho que se quebra, fazendo barulho. Os cachorros começam a latir. Ithal se levanta com o punhal na mão, alerta como um animal selvagem. Usando sua língua nativa, ele manda os amigos calarem a boca. E estes também ficam alertas, prontos para atacar.

- Bravo. – Felicity diz, zangada.

- Não ponha a culpa em mim. E sim na floresta – digo com os dentes trincados.

Ithal ergue um dedo na nossa direção para os companheiros. Ele grita em inglês:

- Quem está aí?

- Estamos perdidas – Ann murmura, aterrorizada.

- Ainda não – Felicity diz. Ela endireita o corpo e sai de trás da árvore enquanto tentamos puxá-la para trás.

- O que você está fazendo? – diz Ann, em pânico.

Felicity nos ignora. Ela caminha na direção deles, uma aparição vestida de veludo azul e branco, com a cabeça erguida, enquanto eles contemplam, maravilhados, aquela deusa. Eu ainda não sei qual é a sensação do poder. Mas ele com certeza se parece com isto, e eu acho que estou começando a entender por que aquelas mulheres de antigamente tinham que se esconder em cavernas. Por que nossos pais, professores e pretendentes querem que nos comportemos de forma correta e previsível. Não é porque querem nos proteger, é porque têm medo de nós.

Ithal abre um sorriso lascivo. Ele se inclina diante dela. Quando nos vê escondidas atrás da árvore, como se estivéssemos escondidas atrás do avental das nossas mães, ele assobia docemente para nós, mas ainda ostenta aquele sorriso de lobo.

Tenho vontade de correr de volta até Spence. Mas não posso deixar Felicity ali. E os

homens podem vir atrás de mim, na floresta densa e escura. Tomando a mão de Ann, caminho de cabeça erguida até aquele círculo de homens que se fecha em volta de nós.

- Eu sabia que você não ia conseguir ficar longe de mim – Ithal diz para Felicity, provocando-a.

- Sabia coisa nenhuma. Se bem me lembro, eu o deixei em pé do outro lado do muro outro dia. Esse é o seu lugar, o outro lado das coisas. – Ela está debochando dele. Não parece muito aconselhável, mas eu nunca me vi cercada por ciganos jovens e viris na floresta, no meio da noite, antes. Por isso não estou em condições de dar palpite. Só posso prender a respiração e esperar.

Ithal chega mais perto, segura a fita que prende a capa no pescoço de Felicity. Ele fala com uma voz risonha e rude, mas o sorriso não alcança os seus olhos. Estes estão zangados e feridos.

- Eu não estou do outro lado do muro esta noite.

- Por favor – Ann geme. – Nós viemos falar com Mãe Elena.

- A Mãe não está aqui neste momento – um dos homens diz. Ele é pouco mais que um menino, na verdade. Deve ter uns quinze anos, e um nariz maior que ele. Se tivermos que fugir, ele é o primeiro que vou chutar.

- Eu exijo ver Mãe Elena – Felicity diz, com calma e segurança. Eu sou a única que percebe o quanto ela está assustada, e o medo dela me apavora mais do que a própria situação.

Como foi que nos metemos nesta confusão? E como vamos conseguir sair dela?

- O que está havendo? – Kartik aparece com seu disfarce de cigano, empunhando o seu bastão de críquete. Seus olhos ficam enfurecidos quando ele me vê.

- Por favor, nós precisamos falar com Mãe Elena – digo, esperando que a minha voz não soe tão aterrorizada quanto me sinto.

Ithal ergue as mãos, expondo a grossa calosidade que cobre as suas palmas, um testemunho da vida dura que ele leva.

- Ah... esta *gadje* é sua. Eu peço desculpas, meu amigo.

Kartik diz com um muxoxo:

- Ela não... – Ele não completa a frase. – Sim, ela é minha.

Ele agarra a minha mão e me puxa para fora do círculo. Segue-se um coro de assobios e gritos. Outra mão agarra o meu outro pulso. É o garoto de nariz grande que eu havia menosprezado antes.

- Como podemos saber que ela é sua? Ela não parece muito feliz – ele diz, zombeteiro. – Talvez ela prefira vir comigo.

Kartik hesita, o suficiente para provocar um riso de desconfiança entre os homens. O outro homem está segurando o meu braço com força e sinto um gosto metálico, de medo, na boca.

Não há tempo para ser recatada. A razão não vai funcionar aqui. Sem aviso prévio, beijo Kartik. Os lábios dele, apertados firmemente contra os meus, são uma surpresa. Eles são quentes, leves como um suspiro, firmes como um pêssego contra a minha boca. Um perfume de canela paira no ar, mas eu não estou tendo nenhuma visão. É o cheiro dele em mim. Um cheiro que deixa minha cabeça vazia e que me faz ter vontade de experimentar mais.

Kartik enfia a língua por entre os meus lábios por um segundo, sufocando-me. Eu me afasto, sem ar, com o rosto rubro. Não consigo olhar para ninguém, especialmente para Felicity e Ann. O que elas vão pensar de mim agora? O que elas pensariam se soubessem o quanto gostei daquele beijo? Que tipo de moça sou eu para gostar de um beijo que provoquei tão ousadamente, sem esperar que me fosse pedido e tomado, como deveria ser?

Um homem troncudo, lá no fundo, cai na gargalhada.

- Estou vendo que ela é mesmo sua!

- Sim – Kartik diz com a voz rouca. – Eu vou levá-las até Mãe Elena para lerem a sorte. Voltem a beber. É o dinheiro delas que nós queremos, e não encrença.

Kartik nos leva até a barraca de Mãe Elena. No caminho, Felicity olha para trás, e contempla Kartik andando ao meu lado. Seus olhos pulam de mim para ele e vice-versa. Meu rosto é uma máscara de pedra, e finalmente ela vira para frente. Kartik levanta a porta da barraca para Felicity e Ann, mas me puxa de lado.

- O que você está fazendo aqui?

- Lendo a minha sorte – digo. É uma estupidez dizer isso, mas meus lábios ainda estão quentes do seu beijo e estou envergonhada demais para ser atrevida. – Peço desculpas pelo meu comportamento – eu mal consigo balbuciar. – As circunstâncias me obrigaram a isso. Espero que você não me ache atirada demais

Ele pega uma bolota no chão, atira-a no ar e bate nela com o bastão de críquete. O bastão é tão velho e quebrado que mal funciona. Seus lábios estão apertados.

- Eles nunca mais vão me deixar em paz por causa disto.

Sinto um frio na barriga.

- Desculpe por tê-lo deixado mal – digo. Ele não diz nada, e eu me sinto tão humilhada que tenho vontade de sumir.

- Onde está a outra do seu pequeno quarteto? Escondida na floresta?

Levo alguns segundos para compreender que ele está se referindo a Pippa. Recordo o modo como ele olhou para ela na floresta. Obviamente, ele não consegue parar de pensar nela. É a primeira manifestação da amabilidade que ele dá, e é surpreendente como dói.

- Ela está doente – digo, irritada.

- Nada sério, eu espero.

Não sei por que eu me sinto tão ferida pelo óbvio interesse de Kartik por Pippa. Não existe romance entre nós. Não há nada que nos une, exceto esse terrível segredo que nenhum de nós quer. Não é o desejo de Kartik que dói. É o meu próprio desejo. É saber que eu nunca vou ter o que ela tem – uma beleza tão poderosa que traz as coisas até você. Acho que vou ser sempre obrigada a correr atrás das coisas que eu quero. Vou ter sempre que me perguntar se sou realmente desejada ou se tudo não passa de um arranjo.

- Nada sério – digo, engolindo em seco. – Posso ir agora? – Faço menção de erguer a porta da barraca, mas ele agarra o meu pulso.

- Não faça isso de novo – ele avisa, empurrando-me para dentro da barraca e se afastando na direção da floresta para se tornar o olho da noite, sempre vigiando-me.

CAPÍTULO DEZENOVE

- Ah, você está aí – diz Felicity. Ela está sentada numa mesinha, junto com Ann e a velha cigana. – Mãe Elena estava contando uma história muito interessante a respeito de Ann, de que vai se transformar numa grande beldade.

- Ela disse que eu vou ter muitos admiradores – Ann interrompe, excitada.

Mãe Elena me chama com o dedo.

- Chegue mais perto, criança. Mãe Elena vai ler o seu futuro.

Atravesso a barraca coberta de pilhas de livros, lenços coloridos e garrafas de ervas e tinturas de todos os tipos. Um lampião está pendurado num gancho atrás da velha. A luz é forte e posso ver o quanto o rosto dela é escuro e enrugado. Suas orelhas são furadas e ela usa anéis em todos os dedos. Ela me estende uma cestinha com algumas moedas dentro.

Felicity pigarreia e cochicha:

- Dê a ela alguns pence.

- Mas aí vou ficar sem nada até a visita da minha família no Dia da Assembléia – cochicho de volta.

- Dê. A ela. O dinheiro. – ela diz entre dentes.

Com um suspiro, deixo cair minhas últimas moedas dentro da cesta. Mãe Elena a sacode. Satisfeita com o tilintar das moedas, ela esvazia a cesta dentro da sua bolsa.

- E então? O que vai ser? Cartas? A palma da mão?

- Mãe Elena, acho que nossa amiga se interessaria muito pela história que a senhora estava nos contando, sobre as duas meninas de Spence.

- Sim, sim, sim. Mas não com Carolina na sala. Carolina, vá buscar um pouco d'água. Não tem mais ninguém na sala. Estou começando a ficar nervosa. Mãe Elena segura suas cartas. Ela inclina a cabeça de lado como se estivesse ouvindo algo que havia esquecido – um trecho de canção ou uma voz do passado. E quando ela olha para mim é como se fossemos velhas amigas que nos tivéssemos reencontrado.

- Ah, Mary, que bela surpresa. O que Mãe Elena pode fazer por você hoje? Tenho aqui bolos de mel, bem docinhos. Sirva-se.

Suas mãos arrumam bolos imaginários numa bandeja imaginária. Nós trocamos olhares curiosos. Será uma encenação ou a pobre velha é mesmo completamente louca? Ela estende a suposta bandeja para mim.

- Mary, querida, não seja tímida. Coma um doce. Você está usando um penteado diferente. Ele fica bem em você.

Felicity faz um sinal para eu entrar no jogo.

- Obrigada, Mãe.

- Onde está nossa alegre Sarah hoje?

- Nossa Sarah? – Eu não sei o que dizer.

Felicity intervém depressa:

- Ela está praticando a magia que a senhora ensinou a ela.

Mãe Elena franze a testa.

- Que eu ensinei? Mãe não lida com essas coisas. Só com ervas e feitiços de amor e proteção. Você quer dizer elas.

- Elas? – repito.

Mãe sussurra:

- As mulheres que vêm à floresta. Para ensinar-lhes seu ofício. *A Ordem*. Isso não vai

dar bom resultado, Mary, ouve o que estou dizendo.

Nós estamos construindo um castelo de cartas. Uma pergunta errada pode fazer o castelo todo desmoronar antes de chegarmos ao topo.

- Como a senhora sabe que tipo de coisas elas nos ensinam? – pergunto.

A velha bate na cabeça com seu dedo torto.

- Mãe sabe. Mãe vê. Elas vêem o futuro e o passado. Elas o moldam. – Ela se inclina para mim. – Elas vêem o mundo dos espíritos.

A sala inteira gira, fica fora de foco e depois volta. Embora a noite esteja fria, o suor escorre pelo meu pescoço, molhando o colarinho da minha blusa.

- A senhora quer dizer os reinos?

Mãe balança afirmativamente a cabeça.

- Então a senhora pode penetrar nos reinos, Mãe? – pergunto. A pergunta ecoa nos meus ouvidos. Minha boca está seca.

- Ah, não. Só consigo vislumbrá-los. Mas você e Sarah estiveram lá, Mary. A minha Carolina me contou que vocês trouxeram para ela urzes e murta daquele jardim. – O sorriso de Mãe se apaga. – Mas existem outros lugares. As Terras Invernais. Ah, Mary, eu tenho medo do que vive lá...eu temo por você e Sarah...

- Sim, e quanto a Sarah... – Felicity diz.

Mãe torna a franzir a testa.

- Sarah é esfomeada. Ela quer mais que conhecimento. Ela quer poder. Nós precisamos mantê-la fora do caminho errado, Mary. Mantê-la longe das Terras Invernais e das coisas obscuras que vivem lá. Eu temo que ela irá invocá-las, unir-se a uma delas. E isto irá corromper sua mente.

Ela me dá um tapinha na mão. A pele dela é seca e quebradiça. Sinto que vou desmaiar. Quase não consigo formular a pergunta seguinte.

- Que...coisas obscuras?

- Espíritos feridos, cheios de ódio. Eles querem retornar a este mundo. Eles encontram suas fraquezas e se aproveitam delas.

Felicity não acredita em nada do que ela está dizendo. Por trás das costas de Mãe, ela faz uma cara de ogro. Mas eu vi as coisas obscuras agindo e dou um grito.

- Como ela pode invocar essa coisa? – Apesar do frio, eu estou coberta de suor.

- Um sacrifício é o que a coisa quer, e então o poder será dela. – Mãe sussurra. – Mas ela estará ligada para sempre à escuridão.

- Que tipo de sacrifício? – Minha voz sai com dificuldade. O olhar de Mãe Elena torna-se baço. Ela está tentando recordar alguma coisa. Eu torno a perguntar, com uma voz mais forte. – Que tipo de sacrifício?

- Não fique tão agitada... Mary – Ann diz baixinho, entre dentes.

O olhar de Mãe Elena evaporou-se. Ela me olha desconfiada.

- Quem é você?

Felicity tenta fazê-la voltar.

- É a sua Mary, Mãe Elena. Não se lembra?

Mãe geme como um animal assustado.

- Onde está Carolina com a água? Carolina, não seja teimosa, venha cá.

- Mary pode levá-la até ela. – diz Felicity.

- Pára com isso! – eu grito.

- Mary, você voltou pra mim depois de tanto tempo? – Mãe segura meu rosto com suas mãos envelhecidas.

- Eu sou Gemma – digo, com dificuldade. – Gemma, e não Mary. Sinto muito, Mãe.

Mãe Elena recolhe as mãos. Seu xale se abre, revelando o olho crescente ao redor do seu pescoço enrugado. Ela recua.

- Você. Foi você a culpada disso.

Os cachorros latem ao ouvir sua voz alterada.

- Acho melhor irmos embora – diz Ann.

- Você nos destruiu. Perdeu tudo...

Felicity joga outra moeda sobre a mesa.

- Obrigada, Mãe. A senhora ajudou muito. Os bolos de mel estavam deliciosos.

- Foi você!

Eu tapo os ouvidos para não escutar. A floresta ecoa com o som, o uivo de uma fêmea lamentando a morte de seu filhote, uma frágil criatura capturada por um predador no grande ciclo da vida. É o som mais do que tudo que me faz sair correndo, deixando para trás os ciganos, que estão bêbados demais para vir atrás de nós, e Felicity e Ann, que ficam protestando. Eu só paro quando estou bem embrenhada na floresta. Não consigo recuperar o fôlego e sinto que vou desmaiar. O maldito espartilho. Com dedos gelados, puxo com força os cordões, mas não consigo soltá-los. No fim, me vejo de joelhos, soluçando de frustração. Sinto o olhar dele sobre mim antes mesmo de vê-lo. Mas lá está ele, vigiando – apenas vigiando.

- Deixe-me em paz! – eu grito.

- Ora, que bela maneira de tratar-nos. – Felicity diz, aparecendo. Ann está atrás dela, também ofegante. – Que diabos deu em você?

- Eu me apavorei – digo, tentando recuperar o fôlego. Kartik ainda está lá. Posso sentir a presença dele.

- Mãe Elena pode ser louca, mas é inofensiva. Ou talvez não seja nada louca. Talvez, se você não tivesse fugido, sua pequena encenação tivesse acabado e ela poderia ler o nosso futuro, e nós não teríamos gastado dinheiro à toa.

- S-sinto muito – gaguejo. Não tem mais ninguém atrás da árvore. Ele foi embora.

- Que noite! – Felicity diz e sai andando na frente, deixando-me de joelhos debaixo do olhar atento das corujas.

No sonho, eu estou correndo, meus pés afundando na lama fria. Quando paro, estou na entrada da barraca de Kartik. Ele está dormindo, com as cobertas afastadas, seu peito nu exposto como uma escultura romana. Uma linha de pêlos escuros desce por seu estômago e desaparece por baixo do cós de sua calça, numa região que eu ainda não conheço.

O rosto dele. Bochechas-nariz-lábios-olhos. Por baixo das pálpebras, seus olhos se movimentam rapidamente para cima e para baixo. Os cílios fartos descansam sobre o rosto. O nariz é forte e reto. Ele desce numa linha perfeita até o alto da sua boca, que está ligeiramente aberta para deixar o ar entrar e sair.

Quero provar o gosto daquela boca outra vez. O desejo me causa vertigem, acelera a minha respiração e deixa a cabeça leve. Só existe o desejo. Encosto meus lábios nos dele e é como se eles derretessem. Aqueles olhos negros se abrem e me vêem. A escultura ganha vida. Cada músculo dos seus braços se flexiona quando ele ergue o corpo, me puxa para baixo e cai por cima de mim. O peso dele faz o ar sair dos meus pulmões, e ele sai com um leve suspiro. E sinto sua boca de novo sobre a minha, um calor, uma pressão, uma promessa de coisas ainda por vir, uma promessa que eu quero que se cumpra.

Os dedos dele são um suspiro em minha pele. Seu polegar sobe até o meu seio, traçando círculos em volta dele. Eu encosto a boca na pele salgada do seu pescoço. Sinto um joelho abrindo minhas coxas. Algo dentro de mim se rompe. É como se eu tivesse parado de respirar por um momento. Estou vazia. Buscando.

Os dedos quentes vão descendo, hesitam, depois tocam uma parte minha que eu ainda não compreendo, um lugar ainda inexplorado.

- Espere – eu murmuro.

Ele não ouve ou não quer ouvir. Os dedos, fortes e seguros e não inteiramente indesejados, estão de volta, e a palma de sua mãe está grudada em mim. Eu quero

fugir. Eu quero ficar. Eu quero as duas coisas ao mesmo tempo. Sua boca encontra a minha. Estou presa à terra por escolha dele. Eu poderia simplesmente flutuar, perder-me dentro dele e voltar renascida, outra pessoa. O polegar no meu seio esfrega a minha pele de uma forma deliciosa, como eu nunca senti antes. Meu corpo inteiro se retesa para recebê-lo. A escolha dele poderia ser minha. Ele poderia engolir-me se eu deixasse. *Relaxe. Relaxe. Relaxe.*

Não.

Escorrego a mão pelo peito dele e o empurro para trás. Ele sai de cima de mim. A falta do peso dele parece a falta de uma perna e o desejo de puxá-lo de volta é quase irresistível. Ele está com uma fina camada de suor na testa quando pisca os olhos, meio dormindo, confuso e tonto. Ele está dormindo de novo, exatamente como eu o encontrei. Um anjo moreno, fora do meu alcance.

É um sonho, apenas um sonho. É isso que digo a mim mesma quando acordo, ofegante, deitada na minha própria cama e com Ann roncando satisfeita a poucos metros de mim.

É só um sonho.

Mas pareceu tão real. Passo os dedos sobre meus lábios. Eles não estão inchados de beijar. Ainda estou inteira. Pura. Um atributo de muita utilidade. Kartik está a quilômetros mergulhado num sono que não tem nada a ver comigo. Mas aquela parte do meu corpo que eu ainda não explorei está doendo, e tenho que virar de lado e apertar os joelhos para acalmá-la.

É só um sonho.

Porém o mais assustador de tudo é que eu gostaria que não fosse.

CAPÍTULO VINTE

O Dr. Thomas deu alta a Pippa, e como é domingo e já fomos a igreja, temos a tarde inteira para fazer o que quisermos. Estamos na beira do lago, atirando os últimos botões das flores do verão na sua calma superfície. Ann ficou para trás, ensaiando sua ária para a Assembléia – o dia em que nossas famílias visão a Spence para ver as maravilhas de mulheres que estamos nos tornando.

Eu atiro um punhado de flores silvestres no lago. Elas posam sobre ele como se fosse uma praga antes de serem levadas pela brisa até a parte mais funda, no meio dele. Elas estacionam lá e vão submergindo até finalmente desaparecer em silêncio. Do outro lado do lago, algumas meninas mais moças estão sentadas numa manta, chupando ameixas, ignorando-nos do mesmo modo que nós as ignoramos.

Pippa está deitada no barco a remo. Ela não se lembra de nada do que aconteceu antes de ter o ataque, e eu sou grata a isso. Está terrivelmente envergonhada por ter perdido o controle, pelo que pode ter dito ou feito.

- Eu emiti algum ruído vulgar? – ela pergunta.

- Não – eu a tranquilizo.

- De jeito nenhum – Felicity acrescenta.

Os ombros de Pippa relaxam de encontro ao barco. Segundos depois, eles retesam de novo.

- Eu não... me sujei, não é? – Ela mal consegue dizer isso.

- Não, não – Felicity e eu dizemos ao mesmo tempo.

- É uma vergonha, não é? A minha doença.

Felicity está tecendo uma coroa de flores.

- Não é mais vergonhoso do que ter uma mãe que é uma cortesã.

- Eu sinto muito, Felicity. Eu não devia ter dito uma coisa dessas. Você me perdoa?

- Não há nada que perdoar. É verdade.

- Verdade – Pippa diz, com um muxoxo. – Mamãe diz que não posso deixar ninguém saber a respeito dos meus ataques. Ela diz que quando eu sentir um deles chegando, devo dizer que estou com dor de cabeça e me retirar.

O riso dela é amargo.

- Ela acha que eu deveria ser capaz de controlá-los.

As palavras dela me puxam para baixo como uma âncora. Eu quero desesperadamente dizer a ela que compreendo. Contar o meu segredo. Pigarreio. O vento muda. Ele sopra as pétalas de volta sobre o meu cabelo. Sinto que passou o momento. Ele afunda sob a superfície das coisas, escondendo-se da luz.

Pippa muda de assunto:

- Num bilhete mais alegre, mamãe disse que ela e papai têm uma surpresa maravilhosa para mim. Espero que seja um espartilho novo. As barbatanas deste aqui me sufocam cada vez que respiro.

- Talvez você não devesse comer tantos caramelos – diz Felicity.

Pippa está tão cansada que nem se ofende. Ela finge que está magoada.

- Eu não estou gorda! Não estou! Minha cintura mede apenas cinquenta centímetros.

Pippa tem uma cinturinha de vespa, o que os homens preferem, segundo dizem.

Nossos espartilhos são feitos para tender a essa moda, embora nos deixem sem ar e às vezes doentes de tanta pressão. Eu não faço idéia do tamanho da minha cintura.

Não sou nem um pouco delicada, e tenho ombros largos como os de um rapaz. Acho essa conversa um tédio.

- Sua mãe vem este ano, Fee? – Pippa pergunta.

- Ela está visitando uns amigos. Na Itália. – diz Felicity, terminando sua coroa. Ela coloca na cabeça como se fosse a rainha das fadas.

- E o seu pai?

- Não sei. Espero que sim. Eu adoraria que vocês três o conhecessem, e que ele visse que eu tenho amigas de carne e osso. – Ela dá um sorriso triste. – Acho que ele tinha medo de que eu me tornasse uma dessas garotas mal-humoradas que nunca são convidadas para nada. Eu fiquei um pouco assim depois que mamãe...

Foi embora.

Está é a expressão que paira no ar, não dita. Ela se junta a vergonha, aos segredos, medo, visões e epilepsia. Tantas coisas não ditas que pesam no espaço entre nós.

Quando mais tentamos diminuir a distância, mais o peso delas nos distancia.

- Faz quanto tempo que você não o vê? – pergunto.

- Três anos.

- Tenho certeza de que desta vez ele vem, Fee – diz Pippa. – E vai ficar muito orgulhoso ao ver que você se tornou uma dama.

Felicity sorri e é como se o sol brilhasse sobre nós duas.

- Sim, sim. Eu me tornei mesmo, não foi? Acho que ele vai ficar satisfeito, se vier.

- Eu lhe emprestaria as novas luvas de pelica, mas minha mãe espera vê-las nos meus dedos como prova de que somos alguém. – Pippa suspira.

- E quanto à sua família? – Felicity me fita com seus olhos alertas. – Eles virão? Os misteriosos Doyle?

Meu pai não me escreve há duas semanas. Eu penso na última carta da minha avó:

Querida Gemma,

Espero que esta carta a encontre bem. Eu tenho tido um pouco de nevralgia, mas não se preocupe, segundo o médico é apenas o estresse de cuidar do seu pai e vai melhorar quando você voltar pra casa e puder ajudar a carregar o fardo como toda boa filha. Seu pai parece sentir um certo conforto com o jardim. Ele fica sentado naquele velho banco durante horas. Às vezes fica com o olhar parado, balançando a cabeça, mas fora isso parece estar em paz.

Não se preocupe conosco. Tenho certeza de que a minha falta de ar não é nada.

Veremos você daqui a duas semanas junto com Tom, que manda lembranças e quer saber se você já arranjou uma noiva para ele, embora eu tenha certeza de que ele disse isso brincando.

Carinhosamente,

Vovó.

Fecho os olhos e tento apagar tudo isso.

- Sim, eles virão.

- Você não parece muito animada com isso.

Sacudo os ombros.

- Não pensei muito a respeito.

- Nossa misteriosa Gemma. – diz Felicity, examinando-me incomodamente. – Ainda vamos descobrir o que você está escondendo de nós.

Pippa se junta a ela.

- Uma tia louca no sótão, talvez.

- Ou um tarado que ataca meninas. Felicity mexe com as sobrancelhas. Pippa grita num arremedo de horror, mas fica animada com a idéia.

- Você se esqueceu do corcunda – digo, com uma risada falsa.

Eu estou ampliando a distância entre nós, desviando-as do assunto.

- Um corcunda tarado! – Pippa grita histericamente. Ela está mesmo recuperada. Nós todas rimos. O bosque engole o nosso som fazendo-o ecoar, e as meninas menores do outro lado do lago se espantam. Com seus aventais brancos engomados, elas parecem pássaros espalhados pela paisagem. Elas olham surpresas para nós, depois voltam a conversar entre si.

O céu de setembro é incerto. Cinzento e ameaçador num momento, azul e promissor no outro. Felicity descansa a cabeça na grama. Seu cabelo emoldura o rosto como uma mandala.

- Vocês acham que nós vamos nos divertir no encontro espiritualista de Lady Wellstone esta noite?

- Meu pai diz que espiritualismo não passa de charlatanismo – diz Pippa. Ela está balançando suavemente o barco com o pé descalço. – O que é isso?

- É a crença de que os espíritos podem falar conosco do Além por intermédio de um médium como Madame Romanoff – diz Felicity.

Nós duas erguemos o corpo ao mesmo tempo, pensando a mesma coisa.

- Vocês acham... – ela começa.

- ...que ela poderia entrar em contato com Sarah ou com Mary para nós? – eu concluo. Por que não pensei nisso antes?

- Brilhante! Mas como você vai conseguir chegar até ela? – pergunta Pippa.

Ela tem razão, é claro. Madama Romanoff jamais visitaria um bando de colegiais. Nós temos tanta chance de nos comunicar com os mortos quanto de ter assento no Parlamento.

- Eu faço o pedido, se você me ajudar a ter acesso a Madame Romanoff. – digo.

- Deixem tudo por minha conta – diz Felicity, rindo.

- Se deixarmos por sua conta, vamos acabar em apuros. – Pippa dá uma risadinha.

Felicity se levanta, rápida como uma lebre. Com dedos ágeis, ela desamarra o barco de Pippa e o empurra para o meio de lago. Pippa tenta agarrar a corda, mas não dá tempo. Ela fica à deriva no lago.

- Puxem-me de volta!

- Você não devia ter feito isso. – digo.

- Ela tem que saber o lugar dela – Felicity responde. Mas atira um remo para ela, que cai longe do barco.

- Ajude-me a puxá-la de volta – digo. As meninas-pássaros estão de pé, apreciando. Elas gostam de nos ver nos comportando mal.

Felicity senta na grama e calça a bota.

Com um suspiro, eu grito para Pippa:

- Você consegue alcançar o remo?

Ela estica o braço por cima do barco, mas o remo está longe. Ela não vai conseguir, mas se debruça mais um pouco para tentar. O barco se inclina perigosamente. Pippa cai com um grito. Felicity e as meninas menores começam a rir. Mas eu recordo a visão que tive pouco antes do ataque de Pippa, em que ela se debatia, sem ar, sob a água turva.

- Pippa! – grito, entrando no lago gelado. Minha mão encontra uma perna. Eu a peguei, e puxo com toda a força.

- Agarre-se em mim! – digo, nadando para a margem com um braço em volta da cintura dela.

Ela me empurra.

- Gemma, o que você está fazendo? Me larga! – Ela se solta. A água só vai até seus ombros. – Eu posso ir andando daqui, obrigada – ela diz, com indignação, tentando ignorar os risinhos e os dedos apontados do outro lado do lago.

Eu me sinto ridícula. Recordo distintamente a sensação de Pippa se debatendo dentro

d'água durante a minha visão. Suponho que o pânico não tenha me deixado ver as coisas com clareza. De qualquer maneira, estamos as duas sãs e salvas, apenas molhadas. E isso é o que importa.

- Eu vou matar você, Felicity – Pippa resmunga enquanto se equilibra precariamente na água. Eu me abraço com ela, aliviada por ela estar bem, e quase a faço afundar de novo.

- O que você está fazendo? – ela berra, dando tapas em mim como se eu fosse uma aranha.

- Desculpe – digo. – Desculpe.

- Eu estou cercada de malucas – ela diz, arrastando-se para a grama. – Ué, onde está Felicity?

A margem está vazia. É como se ela tivesse desaparecido. Mas então eu a vejo sumindo no bosque, com a coroa de margaridas pousada na cabeça. Ela vai andando calmamente, sem nem olhar para trás para ver se estamos bem.

CAPÍTULO VINTE E UM

A placa escrita à mão do lado de fora da elegante mansão em Grosvenor Square diz:

UMA NOITE DE TEOSOFIA E ESPIRITUALISMO COM MADAME ROMANOFF,

GRANDE VIDENTE DE SÃO PETERSBURGO.
PARA ELA, TODAS AS COISAS SÃO CONHECIDAS.
PARA ELA, TODAS AS COISAS SÃO REVELADAS.
APENAS UMA NOITE.

As ruas de Londres são uma pintura impressionista de pedras de calçamento escorregadias, postes de luz alaranjada, sebes bem aparadas e agrupamentos de guarda-chuvas pretos. Poças d'água molham a bainha do meu vestido, fazendo-o pesar. Corremos para a segurança das portas abertas, com nossos sapatos delicados pisando cuidadosamente nas pedras escorregadias.

A platéia mostra a sua classe. Há homens de smoking e cartola. Mulheres cheias de jóias e com luvas de ir à ópera. Nós todas estamos usando os nossos melhores vestidos. É estranho e maravilhoso estar usando sedas e anáguas, em vez do uniforme de todos os dias. Cecily aproveitou a ocasião para se mostrar com um chapéu novo. Ele é adulto demais para ela e muito chamativo, mas está na última moda e por isso ela fez questão de usá-lo.

Mademoiselle LeFarge está com sua melhor roupa de domingo, um vestido de seda verde com colarinho alto, uma touca de seda verde e um par de brincos pendurados, e nós corremos para elogiá-la:

- A senhora está simplesmente perfeita - Pippa diz ao entrarmos no imponente vestíbulo de mármore, passando por solícitos mordomos.

- Obrigada, meu bem. É sempre importante arrumar-se com esmero.

Cecily fica radiante, certa de que recebeu um cumprimento. Nós atravessamos as pesadas cortinas e entramos num salão de música em que caberiam facilmente duzentas pessoas. Pippa está entortando o pescoço para inspecionar a platéia.

- Vocês estão vendo algum homem atraente aqui? Alguém com menos de quarenta anos?

- Francamente - diz Felicity. - Você só se interessaria pela outra vida se houvesse chance de encontrar um marido lá.

Pippa faz beicinho.

- Mademoiselle LeFarge leva isso a sério, e eu não vi você debochando dela.

Felicity revira os olhos.

- Mademoiselle LeFarge nos tirou de Spence e nos levou a um dos endereços mais elegantes de Londres. Por mim, ela pode procurar até por Henrique VIII. Que tal não esquecermos nossa missão?

Mademoiselle LeFarge arria o corpo numa cadeira forrada de vermelho e nós nos acomodamos ao lado dela na fila. As pessoas estão começando a se aquietar. Na frente da sala tem um palco com uma mesa e duas cadeiras. Sobre a mesa está uma bola de cristal.

- A bola de cristal permite que ela faça contato com os espíritos dos mortos - Mademoiselle LeFarge murmura para nós enquanto lê o programa.

Um cavalheiro atrás de nós escuta a nossa conversa e se dirige a Mademoiselle LeFarge:

- Eu sou obrigado a dizer à senhora que tudo isso não passa de prestidigitação. Truque de mágico.

- Ah, não, o senhor está enganado - Martha se adianta. - Mademoiselle LeFarge já viu Madame Romanoff falar em estado de transe.

- Foi mesmo? - Pippa pergunta, de olhos arregalados.

- Eu soube do dom que ela tem através de uma prima que é muito amiga de uma amiga da cunhada de Lady Dorchester. - Mademoiselle LeFarge declara. - Ela é uma médium realmente notável.

O cavalheiro sorri. O sorriso dele é amável e bondoso, como Mademoiselle LeFarge. Pena que ela esteja comprometida, porque simpatizo com este homem e acho que ele daria um ótimo marido.

- Eu temo, cara senhora, cara *mademoiselle* - ele diz, enfatizando a palavra -, que a senhora tenha sido enganada. O espiritualismo não é uma ciência, é roubo. Não passa de um bando de trapaceiros habilidosos tirando dinheiro de pessoas enlutadas em troca de um fio de esperança. As pessoas vêem o que querem ver quando estão precisando.

O meu coração fica apertado. Será possível que eu só veja a minha mãe, só tenha as minhas visões porque quero ou porque estou precisando? Será que o poder do sofrimento é assim tão forte? E, no entanto, o pedaço de pano é verdadeiro. A minha esperança é conseguir comprovar alguma coisa até o final da noite.

Mademoiselle LeFarge aperta os lábios. - O senhor está enganado.

- Eu perturbei a senhora. Peço desculpas. Inspetor Kent da Scotland Yard. - Ele entrega a ela um cartão de visita, que ela se recusa a aceitar. Calmamente, ele torna a guardá-lo no bolso do paletó. - A senhora veio, sem dúvida, para entrar em contato com um ente querido? Um irmão ou primo já falecido? - Ele está jogando a isca, mas Mademoiselle LeFarge não percebe que está interessado em mais coisas do que sua preocupação com o oculto.

- Eu estou aqui como uma simples observadora da ciência, e como acompanhante das moças sob minha responsabilidade. E agora, se nos der licença, parece que a sessão vai começar.

Homens passam pelos lados do salão, diminuindo as luzes. Eles usam camisas pretas de colarinho alto e faixas vermelhas na cintura. Uma bela mulher, usando um vestido longo e ondeante, verde-musgo, sobe no palco. Os olhos dela estão delineados com kohl preto e ela usa um turbante com uma única pena de pavão. Madame Romanoff. Ela fecha os olhos e ergue a mão por cima da platéia como se estivesse nos sentindo. Quando chega no lado esquerdo do salão, ela abre os olhos e focaliza um homem robusto sentado na segunda fila.

- O senhor. Os espíritos querem comunicar-se com o senhor. Por favor, venha sentar-se aqui comigo - ela diz com um forte sotaque russo.

O homem obedece e se senta ao lado dela. Madame Romanoff contempla abola de cristal e entra em transe. Nesse estado, ela fala com o homem:

- Eu tenho uma mensagem do outro lado para o senhor ... O homem, ansioso e suado, se inclina para a frente.

- Sim! Estou ouvindo. É a minha irmã? Por favor, é você, Dora?

A voz de Madame Romanoff sai fina e doce como a de uma menina:

- Johnny, é você?

Um grito de alegria escapa dos lábios do homem.

- Sim, sim, sou eu, minha irmã querida!

- Johnny, você não deve chorar. Eu estou muito feliz aqui, com todos os meus brinquedos me fazendo companhia.

Nós ouvimos isso, boquiabertos e encantados. No palco, o homem e sua irmãzinha estão reunidos, com lágrimas e protestos de amor eterno. Eu mal consigo ficar parada. Quero que aquilo acabe para eu poder me aproximar da médium.

O inspetor atrás de nós se inclina para a frente e diz:

- Brilhante atuação. Aquele homem é um cúmplice, é claro.

- Como assim? - Ann pergunta.

- Ele é colocado na platéia para parecer que é um espectador inocente, que faz parte da multidão. Mas ele é do bando.

- O senhor quer dar licença? - Mademoiselle LeFarge se abana com o programa.

O Inspetor Kent faz um cumprimento com a cabeça e torna a sentar-se na cadeira. Eu não consigo deixar de gostar dele, com suas mãos largas e seu bigode farto, e gostaria que Mademoiselle LeFarge lhe desse uma chance. Mas ela é leal ao seu Reginald, o noivo misterioso, o que é correto - embora eu nunca o tenha visto visitá-la.

Depois de beber um copo d'água, Madame Romanoff atende a várias outras pessoas. A algumas ela faz perguntas muito genéricas, mas as pessoas enlutadas da platéia sempre se apressam a contar suas histórias. Parece que ela as induz a isso, fazendo com que dêem as respostas sem sua ajuda. Mas eu nunca vi uma médium trabalhando antes, e não tenho certeza.

Felicity inclina a cabeça e cochicha ao meu ouvido:

- Você está preparada?

Meu estômago dá cambalhotas.

- Acho que sim.

Mademoiselle LeFarge nos manda calar a boca. Elizabeth e Cecily olham desconfiadas para nós. No palco, Madame Romanoff pede um último candidato. Felicity dá um pulo da cadeira, puxando-me pelo braço.

- Ah, por favor, madame - ela diz, como se estivesse prestes a chorar, quando na verdade está fazendo força para não rir. - Minha amiga é tímida demais para pedir sua ajuda. A senhora poderia, por favor ajudar uma menina a falar com sua querida mãe, já falecida, a Sra. Sarah Rees-Toome?

Há um burburinho na sala. Perco o ar.

- Isso foi desnecessário - eu digo baixinho.

- Você quer que acreditem, não quer? Além disso, de repente você consegue alguma vantagem lá em cima.

- Meninas, sentem-se imediatamente! - Mademoiselle LeFarge puxa a minha saia com força, tentando obrigar-me a sentar. Mas não adianta. O pedido de Felicity comoveu Madame Romanoff. Dois de seus homens aparecem do meu lado, para me conduzir até a mesa. Eu não sei se mato Felicity ou se agradeço a ela. Talvez haja uma maneira de eu contatar a minha mãe também. As palmas da minha mão ficam molhadas de suor com a perspectiva de que, em poucos instantes, talvez eu consiga falar com minha mãe de novo, mesmo que tenha que fazer isso através de uma médium e do espírito de Sarah Rees-Toome.

Ao subir no pequeno palco, posso ouvir murmúrios misturados com suspiros de decepção por parte daqueles que não tiveram a chance de contatar os mortos, chance esta roubada por uma garota de cabelos vermelhos cujos olhos verdes estão cheios de esperança.

Madame Romanoff manda que eu me sente. Há um relógio sobre a mesa marcando 9h48. Ela segura as minhas duas mãos.

- Querida criança, você sofreu muito. Precisamos ajudar esta jovem a encontrar sua amada mãe. Vamos todos fechar os olhos e nos concentrar para ajudar esta jovem. Qual é o nome do ente querido que faleceu?

Virginia Doyle. Virginia Doyle. A minha garganta está seca quando eu digo "Sarah

Rees-Toome".

Madame Romanoff passa os dedos pela bola de cristal e começa a falar num tom mais baixo:

- Eu chamo agora o espírito de Sarah Rees- Toome, amada mãe. Há alguém aqui que quer entrar em contato com você. Alguém que precisa da sua presença aqui. Por um momento, tenho a impressão de que Sarah vai me dizer para deixá-la em paz, para parar de fingir que eu a conheço. Mas o que espero mesmo é ouvir a voz da minha mãe, rindo da minha duplicidade, perdoando-me tudo, até mesmo essa mentira.

Do outro lado da mesa, a voz de Madame Romanoff fica doce e cantada:

- Minha querida, é você? Ah, que saudade eu sinto de você. É só então que eu percebo que estava prendendo a respiração, à espera de um milagre. Meu coração bate loucamente em meu peito, e eu não me contenho e digo:

- Mamãe? É você?

- Sim, querida, sou eu, sua adorada mãe.

Ouvem-se algumas fungadelas na platéia. Minha mãe jamais diria algo tão piegas. Eu invento uma mentira para ver se ela cai:

- Mamãe, você tem saudade da nossa casa em Surrey? Das roseiras do jardim, perto do pequeno cupido?

Eu rezo para ela dizer: "Gemma, você enlouqueceu, meu bem?" Ou algo no gênero. Mas não isto:

- Ah, parece que posso vê-la, meu bem. O verde do Surrey. As rosas do nosso maravilhoso jardim. Mas não fique tão triste, filhinha. Eu a verei de novo um dia.

A platéia funga e suspira enquanto a mentira me revira o estômago. Madame Romanoff não passa de uma atriz. Ela está fingindo ser minha mãe, alguém chamada Sarah Rees-Toome, que mora num chalé com um estúpido cupido no jardim, quando minha mãe era Virginia Doyle, uma mulher que nunca pôs os pés em Surrey. Eu gostaria de dar a Madame Romanoff uma provinha do que é realmente aquele outro lado, onde os espíritos não ficam satisfeitos em ver você. Não me dou conta de que estou segurando com força a mão de Madame Romanoff, porque de repente há um clarão de luz, como se o mundo estivesse se abrindo, e eu estou caindo de novo naquele túnel, com a minha raiva me puxando para baixo.

Mas desta vez eu não estou sozinha.

De algum modo, consegui trazer Madame Romanoff comigo, como quase fiz com Pippa. Eu não faço a menor idéia de como isso aconteceu, mas aqui está ela, gritando de pavor.

- Maldição! Onde eu estou? - Madame Romanoff não é russa coisa nenhuma. - Que tipo de demônio é você?

Eu não consigo responder. Estou emudecida de espanto. Nós estamos numa floresta escura e coberta de neblina - um lugar que reconheço dos meus sonhos. Tem que ser o mesmo bosque coberto de brumas que Mary Dowd descreveu. Consegui. Estou nos reinos. E eles são tão reais quanto a ladra mentirosa que está do meu lado, gritando.

- O que é isso? - Ela agarra com força a minha manga.

Há movimento entre as árvores. A neblina está se mexendo. Eles começam a sair, um por um, até serem uns vinte ou mais. Os mortos. Olhos fundos. Lábios sem cor. Pele esticada sobre os ossos. Uma mulher esfarrapada carrega um bebê junto ao peito. Ela está encharcada e tem pedaços de vegetação presos no cabelo. Dois homens avançam com os braços estendidos. Eu posso ver as pontas dos ossos no lugar em que suas mãos foram cortadas. Eles continuam avançando, com murmúrios aterradores:

Juntem-se a nós. Vocês se juntarão a nós.

Madame Romanoff está berrando e se agarrando em mim.

- O que está acontecendo aqui? Jesus, tire-me daqui. Por favor! Nunca mais eu vou enganar ninguém, juro sobre o túmulo de minha mãe.

- Parem - eu digo, estendendo a mão. Surpreendentemente, isso funciona. - Qual de vocês é Sarah Rees-Toome?

Nenhum dos espíritos se apresenta.

- Algum de vocês tem este nome? Nada.

- Peça a eles para irem embora - diz Madame Romanoff. Ela pega um galho do chão e o sacode na frente do corpo, tentando afugentá-los, morta de medo. Então eu a vejo no meio das árvores. A seda azul do seu vestido. Escuto o seu riso caloroso. *Encontre-me se puder, amor.*

Eu agarro Madame Romanoff pelos ombros.

- Como é o seu nome? O seu verdadeiro nome.

- Sally - ela diz, com a voz rouca de medo. - Sally Carny.

- Sally, preste bem atenção. Eu vou ter que deixar você aqui por um momento, mas volto logo. Você vai ficar bem.

- Não! Não me deixe aqui com eles, sua desgraçada, senão eu arranco esses seus olhos verdes quando voltarmos! Você vai ver só!

Ela está berrando, mas eu já estou correndo no meio das árvores, com aquela esperança azul na minha frente, sempre fora de alcance, e aí eu chego nas ruínas de um templo. Um Buda está sentado de pernas cruzadas num altar, cercado de velas. É um lugar tranqüilo. O único som que se ouve é o canto dos pássaros. Não existe medo. Passo as pontas dos dedos pela chama azul-alaranjada das velas, mas não sinto calor nem dor. Um suave perfume de lírios passa através da porta aberta. Sinto o desejo de ver as flores da minha infância, da minha mãe e da Índia, e de repente elas estão por toda parte. A sala está cheia de flores brancas. Eu fiz isto acontecer só com o meu pensamento. É tudo tão lindo que eu poderia ficar aqui para sempre.

- Mamãe? - digo baixinho, cheia de esperança.

A sala fica mais clara. Eu não posso vê-la, mas posso ouvi-la.

- Gemma ...

- Mamãe, onde você está?

- Eu não posso aparecer nem ficar aqui muito tempo. Esses bosques não são seguros. Há espiões em toda parte.

Eu não sei do que ela está falando. Ainda não compreendi que estou aqui. Que ela está aqui.

- Mamãe, o que está acontecendo comigo?

- Gemma, você tem grandes poderes, meu amor.

A voz dela ecoa no templo:

Meu amor, amor, amor...

Sinto um aperto na garganta.

- Eu não entendo. Não consigo controlar nada disso.

- Você vai conseguir, com o tempo. Mas você precisa usar o seu poder, trabalhar com ele, senão ele vai secar, morrer, e aí você não terá como recuperá-lo. Você tem um destino grandioso, Gemma, se optar por ele.

O macaco do realejo aparece. Ele pousa no ombro do Buda, virando a cabeça para um lado e para outro, vigiando-me.

- Há pessoas que não querem que eu use o que tenho. Eu fui avisada.

Minha mãe fala calmamente, com conhecimento:

- O Rakshana. Eles têm medo de você. Têm medo do que poderá acontecer se você falhar, e mais medo ainda do poder que você terá caso consiga.

- Consiga o quê?

- Consiga trazer de volta a magia dos reinos. Você é o elo com a Ordem. A magia dela vive em você, meu amor. Você é o sinal que ela tem esperado por todos esses

anos. Mas existe perigo também. Ela também quer o seu poder, e não vai parar de procurar por você até encontrá-la.

- Quem?

- Circe.

Circe. Circe. Circe.

- Quem é ela? Onde posso encontrá-la?

- Tudo a seu tempo, Gemma. Ela é poderosa demais para você enfrentá-la agora.

- Mas ... - As lágrimas me atrapalham. - Ela matou você.

- Não se perca tentando vingar-se, Gemma. Circe escolheu o caminho dela. Você tem que escolher o seu.

- Como você sabe tudo isso?

Os lírios começam a murchar. Vão ficando marrons e murchos, e as folhas caem no chão de pedra.

- Nosso tempo acabou. Não é mais seguro aqui para você.

Volte agora.

- Não, ainda não!

- Você tem que se concentrar no lugar que deixou para trás.

A porta de luz vai aparecer. Aí você passa por ela.

- Mas quando eu vou poder falar com você de novo?

- Você pode me encontrar no jardim. Lá é seguro.

- Mas como ...

- Escolha-o e a porta a levará até lá. Eu preciso seguir adiante.

- Espere ... não vá!

Mas a voz dela desaparece numa série de murmúrios que se dissolvem no ar:

Seguir adiante. Seguir adiante. Seguir adiante.

A luz fica tão forte que me cega. Eu tenho que cobrir os olhos com o braço. Quando torno a abri-los, o templo é uma ruína abandonada, o chão de terra está coberto de flores murchas. Ela desapareceu.

A neblina é espessa entre as árvores quando eu volto para o lugar onde deixei Sally Carny. Mal consigo enxergar, mas não é por causa da neblina. São as lágrimas. Tudo o que eu queria era poder ficar ali naquela sala cheirando a lírios junto com minha mãe. Uma figura sombria aparece na minha frente e por um momento esqueço tudo, exceto o terror em minhas veias, o aviso da minha mãe de que estou sendo perseguida.

Um homem alto, de ombros largos, se aproxima. Ele usa o uniforme militar da guarda de Sua Majestade - não de oficial, mas de infantaria. Ele se aproxima de mim com timidez, com o quepe na mão. Seu rosto tem uma doçura que me é familiar. Exceto pela palidez sobrenatural, ele poderia ser um vizinho ou o noivo de alguém numa foto de família.

- Perdoe-me, mas é a senhorita que está com a minha Polly hoje?

- Polly? - repito. Eu estou falando com um fantasma, então posso ser perdoada por qualquer deslize. Tenho certeza de que já o vi antes.

- Eu a vi junto com ela, Miss Polly LeFarge?

Um homem de uniforme. Um sorriso distante. Uma fotografia desbotada sobre uma escrivaninha. Reginald, o noivo bem-amado de Mademoiselle LeFarge, está morto e enterrado, não passa de uma lembrança que ela não consegue esquecer ..

- O senhor se refere a Mademoiselle LeFarge? Minha professora? - pergunto.

- Sim, senhorita. A minha Polly falava muito em ser professora, mas eu prometi a ela que ganharia um bom dinheiro no Exército e depois voltaria para casa e cuidaria direito dela, com um casamento na igreja e um pequeno chalé em Dover. Polly ama o

mar.

- Mas você não voltou para casa - eu digo. É mais uma pergunta do que uma afirmação, como se eu ainda tivesse esperança de que um dia ele fosse aparecer no meio da aula.

- *Influenza* - Reginald diz. Ele contempla o quepe, gira-o nas mãos como se ele fosse uma roda da fortuna em alguma feira campestre. - A senhorita poderia levar uma mensagem minha para Polly? Poderia dizer a ela que Reggie irá amá-la sempre, e que eu ainda tenho aquele cachecol que ela tricotou para mim de presente de Natal antes da minha partida? Ele ajudou muito no frio. - Ele sorri para mim, e embora seus lábios estejam azuis, ainda é um bom sorriso, verdadeiro. - A senhorita faria isso por mim?

- Sim, pode deixar - eu digo baixinho.

- Muito obrigado por me ajudar a cruzar para o outro lado.

E agora acho que a senhorita deveria voltar. Se ficar, eles irão procurá-la. - Ele põe o quepe na cabeça e volta para o meio da neblina, até desaparecer completamente.

Quando volto para onde está Madame Romanoff, também conhecida como Sally Carny, ela está cantando velhos hinos religiosos com uma voz trêmula. Todos os mortos desapareceram, mas ela ainda está agarrada com aquele galho de árvore como se fosse uma tábua de salvação. Ela me vê e quase pula nos meus braços.

- Por favor, leve-me de volta!

- Por que eu deveria levá-la de volta depois de ver o modo como você trata as pessoas que perderam seus entes queridos?

- Eu nunca quis prejudicar ninguém, senhorita. Eu juro! A senhorita não pode culpar uma pobre moça por tentar ganhar a vida.

Não posso, realmente. Se não estivesse fazendo isso, Sally Carny provavelmente estaria nas ruas, tendo que ganhar a vida por outros meios ainda mais odiosos e degradantes.

- Está bem. Eu vou levá-la de volta. Mas com duas condições.

- Qualquer coisa. Pode dizer.

- Primeiro, nunca, sob nenhuma circunstância, e isso inclui embriaguez pública, você irá contar a quem quer que seja o que ocorreu aqui esta noite. Porque se fizer isso ...

- Eu não completo a frase, sem saber que ameaça fazer, mas isso não importa. Sally põe a mão no coração.

- Juro por Deus. Nem uma palavra!

- Eu estarei atenta. Quanto à segunda condição ... - Penso no rosto bondoso de Mademoiselle. - Você irá levar uma mensagem do mundo dos espíritos para alguém que está na platéia esta noite, uma mulher chamada Polly. Você vai dizer a ela que Reggie a ama muito, que ele ainda tem o cachecol que ela tricotou para ele de presente de Natal.

Eu acrescento o resto por minha conta.

- E que ele quer que ela siga adiante com sua vida e seja feliz.

Entendeu tudo?

Ela torna a pôr a mão no coração.

- Cada palavra. - Sally põe o braço em volta do meu ombro.

- Mas, senhorita ... que tal juntar-se a mim e aos rapazes? Com seu dom e o meu nome, nós poderíamos ganhar uma fortuna. Pense nisso. É só o que tenho a dizer.

- Ótimo. Então pode ficar por aqui.

- Esqueça o que eu disse! - Sally grita, e eu acredito que a amedrontei o suficiente para que ela fique de boca calada. Agora, a volta. Mamãe disse para eu pensar no lugar de onde saí. Mas nunca tentei isso antes, e não sei se vou conseguir. Eu e Sally poderemos ficar presas aqui para sempre.

- Você sabe como voltar, não sabe?

- É claro que sei - digo, irritada. Meu Deus, por favor, faça com que isto dê certo. Segurando a mão de Sally, eu me concentro no auditório. Nada acontece. Abro um olho e ainda estamos na floresta, Sally em estado de completo pânico do meu lado.

- Santa Mãe de Deus! Você não sabe voltar, sabe? Jesus do Céu, salvei-me!

- Quer ficar quieta?

Ela volta a cantar velhos hinos. Gotas de suor brotam no meu lábio superior. Fecho os olhos e penso apenas no auditório. Minha respiração fica mais alta e mais lenta. Sinto um puxão. A floresta ,ai desaparecendo na neblina; a neblina vira um grande buraco de luz, e então nós estamos novamente no palco do auditório. Funcionou! O tique-taque do relógio é um consolo em meus ouvidos, assim como a hora: 9h49. Nossa excursão inteira ao mundo dos espíritos demorou apenas um minuto, embora Sally Carny pareça ter envelhecido dez anos nesse intervalo. Eu também estava mudada. "Madame Romanoff" está de volta e fala numa voz trêmula.

- Estou recebendo agora uma comunicação de outra parte do mundo dos espíritos para alguém chamada Polly. Reggie quer que ela saiba que ele a ama de todo o coração ... - Ela faz uma pausa.

- Cachecol- eu digo entre dentes.

- Que ele tem o cachecol que ela fez para ele no Natal e que ela deve procurar ser feliz sem ele. Isso é tudo. - Ela dá um gemido alto e cai para trás na cadeira.

Segundos depois, ela "acorda". - Os espíritos falaram e agora eu preciso repousar. Agradeço a todos por terem vindo aqui esta noite e lembro a vocês que estarei me comunicando de novo no Covent Garden no próximo mês.

Enquanto a platéia aplaude, Sally "Madame Romanoff" Carny levanta da cadeira e se retira para os bastidores, enquanto seus confusos lacaios aguardam uma explicação sobre a mudança de planos ocorrida.

- Eu sabia que você estava tramando alguma coisa! - Cecily cochicha, segurando o meu braço. - Foi extraordinário?

Elizabeth interrompe:

- Você viu os espíritos entrarem no corpo de Madame Romanoff? As mãos dela ficaram geladas? Eu ouvi dizer que isso pode acontecer.

De repente, sou a garota mais popular de Spence.

- Não. Eu não vi nenhum espírito. As mãos dela estavam quentes e úmidas demais. E tenho quase certeza de que os anéis dela eram falsos - digo, caminhando rapidamente, colocando a maior distância possível entre mim e Mademoiselle LeFarge.

Elizabeth faz um beicinho.

- Mas o que vou escrever para a minha mãe acerca da experiência desta noite?

- Diga a ela para parar de gastar dinheiro com essa bobagem.

- Gemma Doyle, você é um horror - Cecily resmunga. '

- Sim - digo, encerrando o meu reinado de um minuto como Rainha de Spence.

- Que charlatã - Felicity anuncia quando me junto à multidão que está saindo do auditório. - Ela acreditou que Sarah era o nome da sua mãe. E depois, em vez da verdadeira Sarah Rees- Toome, nós acabamos com um apaixonado Reggie chamando por sua Polly.

- O que foi que houve com Mademoiselle LeFarge? Eu pensei que a essa altura ela estaria ameaçando tirar quarenta pontos de comportamento de cada uma de nós - Pippa cochicha.

- Ela deve estar esperando para falar na volta para casa - Ann diz, com uma cara apavorada. - Ela é capaz de contar à Sra. Nightwing o que fizemos, e nós não vamos poder ir ao chá dançante no mês que vem.

Isso deixa até Felicity desconcertada, e eu fico com a certeza de que vou acabar no tronco ou algo semelhante. Mademoiselle está caminhando vários passos atrás de nós. Ela não parece particularmente zangada. Ao contrário, ela enxuga os olhos com um lenço e sorri para o Inspetor Kent, que se oferece para nos acompanhar até a carruagem.

- Acho que vai ficar tudo bem - digo.

As pessoas estão todas amontoadas, tentando chegar até suas carruagens sem se molhar. Eu me separo do resto das meninas quando um casal mais velho passa na minha frente e começa a andar bem devagar. Não consigo ultrapassá-lo e avisto a cabeça loura de Felicity se afastando.

- Posso ajudá-la, senhorita? - A voz familiar é acompanhada de uma mão familiar empurrando-me para um beco ao lado da mansão.

- O que você está fazendo aqui? - eu pergunto a Kartik.

- Vigiar você - ele diz. - Pode me dizer que farsa foi aquela?

- Foi só uma brincadeira, nada mais. Uma diversão de estudantes.

Alguém grita o meu nome na rua.

- Estão me procurando - eu digo, na esperança de que ele me deixe ir.

Ele aperta o meu pulso com mais força.

- Alguma coisa aconteceu esta noite. Eu percebi muito bem.

Começo a explicar: - Foi um acidente ...

- Não acredito nisso! - Kartik chuta com força uma pedra e a faz voar.

- Não é o que você pensa - gaguejo, tentando defender-me. - Eu posso explicar ...

- Nada de explicações! Nós damos as ordens e você obedece. Chega de visões. Está entendendo? - O sorriso dele é desdenhoso. Ele está esperando que eu trema de medo e concorde com suas condições. Mas algo dentro de mim mudou esta noite. E eu não posso recuar.

Eu mordo a mão dele e ele grita, largando o meu pulso.

- Nunca mais ouse falar comigo desse jeito - digo, furiosa. - Não vou mais ser a garota assustada e obediente que você conhece. Quem é você, um estranho, para me dizer o que eu posso e o que não posso fazer?

Ele rosna para mim.

- Eu sou Rakshana.

Eu rio.

- Ah, sim, o grande e misterioso Rakshana. A poderosa irmandade que se sente ameaçada por coisas que não pode entender e tem que se esconder atrás de um menino.

A palavra o atinge como se fosse uma cusparada.

- Você não é um homem. Você é um lacaio. Eu não estou ligando nem para você nem para o seu irmão, nem para a sua ridícula organização. De agora em diante, eu vou fazer exatamente o que quiser e você não pode me impedir. Não me siga. Não me vigie. Nem mesmo tente entrar em contato comigo ou irá se arrepender amargamente. Você está entendendo?

Kartik fica parado esfregando a mão. Ele está chocado demais para dizer alguma coisa. Pela primeira vez, ele fica sem fala. E é assim que eu o deixo lá...

Mademoiselle LeFarge não ralha conosco. Ela passa a viagem inteira sentada, de olhos fechados, com um sorriso triste no rosto. Mas em suas mãos está o cartão de visitas do inspetor. O balanço da carruagem e a hora avançada fazem todo mundo dormir. Todo mundo menos eu. Eu estou acesa pelo que vi esta noite. Tudo que está no diário de Mary Dowd é verdade. Os reinos são reais, e minha mãe está lá, esperando por mim. Os avisos de Kartik não significam nada para mim agora. Eu não

sei o que irei encontrar do outro lado daquela porta de luz, e, francamente, tenho um certo medo de descobrir. O que sei com certeza é que não posso mais ignorar o poder que tenho dentro de mim. A hora chegou.

Sacudo o ombro de Felicity para acordá-la.

- O que foi? Já chegamos? - ela diz, esfregando os olhos.
- Ainda não - digo baixinho. - Eu preciso agendar uma reunião da Ordem.
- Sim, linda - ela diz sonolenta, tornando a fechar os olhos. - Amanhã, então.
- Não, é importante. Esta noite. Nós temos que nos reunir esta noite.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Eu não devia usar os meus poderes. Eu não devia provocar uma visão. Os reinos estão fechados há vinte anos, desde quando o que aconteceu com Mary e Sarah mudou tudo. Mas se eu não percorrer esse caminho, nunca mais vou ver minha mãe. Nunca vou saber nada. No fundo do meu estômago, onde as intenções se transformam em decisões, sei que estou pronta para começar a percorrer essa estrada incerta.

É isso que passa pela minha cabeça enquanto estou sentada na caverna escura junto com as outras. Está úmido e abafado. A chuva da noite não refrescou o ar. De fato, ela apenas deixou o calor ainda mais insuportável.

Felicity lê alguns trechos do diário de Mary, mas eu não consigo prestar muita atenção. O meu segredo vai ser revelado esta noite, e estou tensa com a expectativa. Felicity fecha o diário.

- Muito bem, então do que se trata?

- Sim - Pippa diz, mal-humorada. - Por que isto não pôde esperar até amanhã?

- Porque não - digo. Meus nervos estão à flor da pele. Cada som é amplificado em meus ouvidos. - E se eu dissesse a vocês que a Ordem é real? Que os reinos são reais? - Respiro fundo. - E que eu sei como chegar lá?

Pippa revira os olhos.

- Você me fez enfrentar toda essa lama para contar uma piada?

Ann resmunga e concorda com Pippa, demonstrando solidariedade à sua nova melhor amiga. Felicity olha para mim. Ela percebe que alguma coisa mudou.

- Eu não acho que Gemma esteja brincando - ela diz calmamente.

- Eu tenho um segredo - digo finalmente. - Tem uma coisa que preciso contar para vocês.

Eu não omito nada - o assassinato de minha mãe, minhas visões, o que aconteceu quando segurei a mão de Sally Carny e acabei na floresta coberta de névoa, o templo e a voz da minha mãe. A única parte que não menciono é a que se refere a Kartik. Não estou pronta para dividir isso ainda.

Quando termino, elas me olham como se eu fosse louca. Ou maravilhosa. Não sei ao certo. E agora entendo que a verdade tem uma magia própria, que eu não sei como conservar, embora esteja louca para tentar.

- Você tem que nos levar - Felicity diz.

- Não sei ao certo o que vamos encontrar lá. Não tenho mais certeza de nada - respondo.

Felicity estende a mão.

- Eu quero correr o risco.

Avisto um símbolo que nunca notei antes bem no fundo da parede da caverna. Ele está parcialmente apagado, mas ainda tem uma parte visível. Uma mulher e um cisne. À primeira vista, parece que ela está sendo atacada pela enorme ave branca, mas olhando melhor, parece que a mulher e o cisne estão unidos formando um só corpo. Uma enorme criatura mítica. Uma mulher preparada para voar, mesmo que tenha que perder as pernas para fazer isso.

Eu seguro a mão estendida de Felicity. Seus dedos estão entrelaçados fortemente com os meus.

- Vamos - eu digo.

Nós acendemos velas, e as colocamos no centro do círculo e nos juntamos, de mãos dadas, ao redor de sua luz.

- O que fazemos agora? - Felicity pergunta. A luz das velas projeta na parede a sombra dela, comprida e fina.

- Eu só fui capaz de controlá-la uma vez, quando tentei voltar esta noite - aviso. Não quero desapontá-las. E se eu não conseguir fazer de novo e elas acharem que foi tudo invenção minha?

Pippa é a primeira a ficar com medo.

- Parece um tanto arriscado para mim. Talvez fosse melhor não tentar.

Ninguém responde.

- Você não concorda, Ann?

Fico esperando que Ann concorde com Pippa, mas ela não diz nada.

- Ah, está bem, então. Mas se não der certo, eu vou dizer que avisei e não sentirei nenhuma pena de você.

- Não preste atenção nela - Felicity diz para mim.

Eu não posso deixar de prestar atenção. Também tenho esse medo.

- Minha mãe disse que eu deveria me concentrar na imagem de uma porta ... - digo, tentando controlar os meus temores.

- Que tipo de porta? - Ann quer saber. - Uma porta vermelha, uma porta de madeira, grande, pequena ... ?

Pippa suspira.

- É melhor dizer logo qual o tipo, senão ela não vai conseguir se concentrar. Você sabe que ela precisa conhecer as regras antes de começar qualquer coisa.

- Uma porta de luz - eu digo. Isto satisfaz Ann. Respiro fundo. - Fechem os olhos. Será que eu devo dizer alguma coisa para começar? Mas o quê?

No passado, escorreguei, caí, fui sugada por esse túnel. Mas desta vez é diferente. Como devo começar? Em vez de procurar pelas palavras certas, fecho os olhos e deixo que as palavras me achem.

- Eu escolho isto.

Ouvem-se murmúrios nos cantos da caverna. Eles se transformam num zumbido. No segundo seguinte, o mundo desaba sob os meus pés. Felicity está segurando a minha mão com mais força. Pippa prende a respiração. Elas estão assustadas. Sinto um formigamento nos braços, ligando-me às outras. Eu poderia parar agora. Obedecer a Kartik e reverter isto. Mas o zumbido me atrai para dentro e eu preciso saber o que existe do outro lado, não importam as consequências. O zumbido cessa e se transforma num tremor que percorre o meu corpo como uma melodia, e quando abro os olhos lá está o contorno glorioso de uma porta de luz, cintilando e me chamando como se tivesse estado ali o tempo todo, apenas esperando que eu a encontrasse. Ann tem uma expressão maravilhada no rosto.

- Incrível...

- Vocês estão vendo isso ... ? - Pippa pergunta, extasiada.

Felicity tenta abri-la, mas sua mão passa através dela. A porta é como a projeção de uma lanterna mágica. Nenhuma delas consegue abri-la.

- Gemma, tenta você - diz Felicity.

Na luz incandescente da porta, a minha mão parece ser de outra pessoa - a mão de um anjo mostrada por um momento. A maçaneta é sólida e quente sob meus dedos. Algo está surgindo na superfície da porta. Uma forma. O contorno brilha com mais força e vejo o sinal familiar do olho crescente. O meu próprio colar brilha como o símbolo na porta, como se um estivesse chamando o outro. De repente, a maçaneta girá facilmente em minha mão.

- Você conseguiu - diz Ann.

- É mesmo, consegui. - E sorrio, apesar do medo.

A porta abre e nós entramos num mundo banhado de cores tão vivas que meus olhos doem de olhar para ele. Quando meus olhos se acostumam eu o absorvo em pequenos goles. Há árvores obertas de folhas verde-douradas e vermelho-alaranjadas. O céu é de um azul-arroxeadado por sobre um horizonte banhado de um larão alaranjado, como um pôr-do-sol que nunca termina. Flores de alfazema pequeninas flutuam ao sabor de uma brisa morna cujo perfume lembra a minha infância - lírios e o tabaco do meu pai, e curry na cozinha de Sarita. Uma faixa larga de rio passa no meio, dividindo o pedaço de gramado coberto de orvalho onde nós estamos e a margem do outro lado.

Pippa toca numa folha. Esta se curva sobre si mesma, se dissolve e se transforma numa borboleta que voa para o céu.

- Ah, é tudo tão lindo.

- Extraordinário - diz Ann.

Chovem flores sobre nossos cabelos como se fossem flocos de neve. Elas fazem o nosso cabelo brilhar. Nós reluzimos.

Felicity gira sem parar, tomada de felicidade.

- É real! É tudo real! - Ela pára. - Vocês estão sentindo este cheiro?

- Sim - eu digo, respirando aquela confortadora mistura de cheiros da infância.

- Pãezinhos quentes. Nós os comíamos todos os domingos. E o cheiro do mar. Eu costumava senti-lo nos uniformes do meu pai quando ele voltava de uma viagem. Quando ele costumava voltar para casa. - Seus olhos enchem-se de lágrimas.

Pippa se espanta.

- Não, você está enganada. São lilases. Como os que eu colhia no jardim e levava para o meu quarto.

O perfume de água-de-rosas fica muito forte.

- O que é isto? - Pippa pergunta.

Escuto uma música. Uma das canções de ninar da minha mãe.

Está vindo de um vale mais abaixo. Avisto um arco prateado e caminho que vai dar num jardim exuberante.

- Espere um instante, aonde você vai? - Pippa pergunta.

- Eu volto já - digo, e saio correndo na direção da voz da minha mãe. Passo pelo arco e me vejo no meio de sebes altas cortadas por árvores que parecem guarda-chuvas. Ela está bem no centro do jardim com seu vestido azul, parada e sorrindo. Esperando por mim.

Minha voz fica embargada: - Mamãe?

Ela estende os braços e eu tenho medo de estar sonhando de novo. Mas são mesmo os braços dela que me envolvem desta vez. Sinto o cheiro de água-de-rosas em sua pele.

Fica tudo embaçado com minhas lágrimas.

- Ah, mamãe, é você. É mesmo você.

- Sim, meu bem.

- Por que você fugiu de mim por tanto tempo?

- Eu estive aqui o tempo todo. Você é que esteve fugindo.

Eu não entendo o que ela quer dizer com isso, mas não importa. Tem tanta coisa que eu quero dizer. Tanta coisa que eu quero perguntar.

- Mamãe, eu sinto tanto.

- Shhh - ela diz, acariciando o meu cabelo. - Isso tudo é passado. Venha. Vamos dar um passeio.

Nós descemos até uma gruta, passamos por um círculo de cristais altos, delicados como vidro. Uma corça vem correndo. Ela para cheirar as frutinhas na palma da mão de minha mãe. A morde as frutas e me olha com seus doces olhos castanhos. Depois

caminha devagar pela grama alta e macia e se deita debaixo de uma árvore de raízes grossas e retorcidas. Eu tenho tantas perguntas que nem sei por onde começar.

- O que são os reinos, exatamente? - pergunto. A grama é tão convidativa que eu me deito de lado nela, apoiando a cabeça na da mão.

- Um mundo entre mundos. Um lugar onde todas as coisas possíveis. - Mamãe se senta. Ela sopra um dente-de-leão. Uma chuva de petalazinhas brancas se espalha no ar. - É onde a Ordem para meditar, para praticar sua magia, para se renovar através do fogo. Todo mundo vem aqui de vez em quando, em sonhos, quando as idéias são criadas. - Ela faz uma pausa. - Na morte.

Meu coração esfria.

- Mas você não está ...

Morta. Eu não consigo dizer esta palavra. - Você está aqui.

- Por ora.

- Como você sabe tudo isso?

Mamãe olha para o outro lado. Ela acaricia o nariz da corça com gestos longos e firmes.

- A princípio eu não sabia de nada. Quando você tinha cinco anos, uma mulher me procurou. Uma das mulheres da Ordem. Ela me contou tudo. Que você era especial, a menina prometida que poderia restaurar a magia destes reinos e colocar a Ordem de volta no poder. - Ela pára.

- Continue.

- Ela também me contou que Circe estaria sempre à sua procura, para que o poder pudesse ser unicamente dela. Eu tive medo, Gemma. Eu quis proteger você.

- Foi por isso que você nunca quis me levar para Londres?

- Sim.

Magia. A Ordem. Eu, a menina prometida. Minha cabeça não suporta tudo isso. Eu engulo em seco.

- Mamãe, o que foi que aconteceu naquele dia, na loja? O que era aquela ... coisa?

- Um dos espiões de Circe. Seu cão de caça. Seu assassino. Eu não consigo olhar para ela. Estou fazendo um quadrado com pedacinhos de grama.

- Mas por que você ...

- Me matei?

Ergo os olhos e ela está me olhando com aquele seu olhar penetrante.

- Para evitar que ele me levasse. Se ele me tivesse levado viva, eu estaria perdida, seria um espírito das trevas também.

- E quanto a Amar?

Mamãe aperta os lábios.

- Ele era o meu guardião. Deu a vida por mim. Não pude fazer nada para salvá-lo. Eu estremeço, pensando no que pode ter acontecido com o irmão de Kartik.

- Não vamos nos preocupar com isso agora, está bem? - mamãe diz, afastando alguns fios soltos de cabelo do meu rosto. - Eu vou contar para você o que puder. Quanto ao resto, você vai ter que procurar as outras para reconstruir a Ordem.

Eu me espanto.

- Existem outras?

- Ah, sim. Quando os reinos foram fechados, todas elas se esconderam. Algumas esqueceram o que sabem. Outras deram as costas a tudo isso. Mas algumas ainda são fiéis, estão esperando pelo dia em que os reinos serão abertos e a magia possa ser delas de novo.

Hastes de grama espetam as pontas dos meus dedos. Tudo parece tão irreal - o pôr-do-sol, a chuva de flores, a brisa quente e minha mãe ali, tão perto que posso tocá-la. Fecho os olhos e torno a abri-los. Ela ainda está lá.

- O que foi? - mamãe pergunta.

- Eu estou com medo de que nada disso seja real. Mas é real, não é?

Mamãe contempla o horizonte. A luminosidade suaviza o contorno do seu perfil, transformando-o em algo esmaecido, como as bordas gastas de um livro preferido.

- A realidade é um estado de espírito. Para o banqueiro, o dinheiro no seu livro-caixa é bem real, embora ele não o veja nem possa tocá-lo. Mas para o Brahma ele simplesmente não existe, do modo como o ar e a terra, a dor e a perda existem. Para ele, a realidade do banqueiro é loucura. Para o banqueiro, as idéias do Brahma são tão inconseqüentes quanto a poeira.

Eu sacudo a cabeça.

- Estou perdida.

- Isto aqui parece real para você?

O vento sopra o meu cabelo sobre a minha boca, fazendo cócegas nos meus lábios, e por baixo da minha saia posso sentir a umidade da grama.

- Sim - eu digo.

- E então ...

- Se todo mundo vem até aqui de tempos em tempos, por que ninguém fala sobre isso?

Mamãe tira um tufo de dente-de-leão de cima da saia. Ele flutua no ar, brilhando como pedacinhos de pedra preciosa ao sol.

- Eles não se lembram daqui, exceto como fragmentos de um sonho que não conseguem recordar inteiro por mais que tentem. Só as mulheres da Ordem podiam atravessar essa porta. E agora você.

- Eu trouxe minhas amigas comigo. Ela arregala os olhos.

- Você foi capaz de trazê-las sozinha?

- Sim - eu digo insegura, com medo de ter feito algo errado, mas mamãe abre um sorriso satisfeito.

- O seu poder é ainda maior do que a Ordem havia suposto, então. - Ela faz um ar preocupado. - Você confia nelas?

- Sim - digo. Por alguma razão, a dúvida dela me irrita, me faz sentir de novo como se eu fosse uma garotinha. - É claro que onfio nelas. Elas são minhas amigas.

Ao longe, ouço os gritos de alegria de Felicity, e em seguida os de Ann. Elas estão me chamando.

- O que aconteceu com Sarah e Mary? Vejo outros espíritos. Por que não consigo entrar em contato com elas?

Uma lagarta sobe na minha mão. Dou um pulo. Mamãe a retira delicadamente e ela se transforma num pisco-de-peitorubro, que sai pulando com suas perninhas frágeis.

- Elas não existem mais.

- O que você quer dizer? O que aconteceu com elas?

- Não vamos perder tempo discutindo o passado - mamãe diz, mudando de assunto. Ela sorri para mim. - Eu só quero olhar para você. Meu Deus, você está mesmo se tornando uma dama.

- Estou aprendendo a valsar. Não sou muito boa nisso, mas estou tentando, e acho que já vou saber razoavelmente bem por ocasião do nosso primeiro chá-dançante. - Eu quero contar tudo a ela. E falo atropeladamente. Ela escuta com tanta atenção que eu não quero que este dia termine nunca.

Ali no chão tem um cacho de amoras, gordas e apetitosas. Antes que eu ponha uma na boca, mamãe a tira da minha mão.

- Você não deve comê-las, Gemma. Elas não são para os vivos. - Mamãe vê a confusão em meu rosto. - Aqueles que comem asfrutinhas tornam-se parte deste mundo. Não podem mais voltar.

Ela dá um empurrão no cacho e ele vai parar na frente da corça, que come as amoras gulosamente. Mamãe olha para a garotinha - aquela das minhas visões. Ela está

escondida atrás de uma árvore.

- Quem é aquela? - pergunto.

- Minha ajudante - diz mamãe.

- Como é o nome dela?

- Eu não sei. - Mamãe fecha os olhos com força, como se estivesse lutando contra a dor.

- Mamãe, o que foi?

Ela torna a abri-los, mas parece pálida.

- Nada, eu estou um pouco cansada com toda essa excitação.

Agora está na hora de você ir.

Eu fico em pé.

- Mas tem tanta coisa que eu preciso saber ainda.

Mamãe se levanta, põe os braços ao redor dos meus ombros.

- Seu tempo terminou por hoje, amor. O poder deste lugar é muito forte. Tem que ser tomado em pequenas doses. Até a Ordem só vinha aqui quando precisava.

Lembre-se de que o seu lugar é lá fora.

Minha garganta dói.

- Eu não quero deixar você.

Ela toca de leve no meu rosto com as pontas dos dedos e eu não consigo evitar as lágrimas. Ela beija a minha testa e se inclina para me olhar bem no rosto.

- Eu nunca vou deixar você, Gemma.

Ela se vira e sobe a colina, de mãos dadas com a criança. Elas caminham na direção do pôr-do-sol até se dissolverem nele e não restar mais nada, a não ser a corça, eu e o cheiro de rosas no vento.

Quando reencontro as minhas amigas, elas estão se divertindo como loucas.

- Vejam isto! - diz Felicity. Ela sopra na direção de uma árvore e seu tronco passa de marrom para azul, para vermelho e para marrom de novo.

- Olhem! - Ann enfia a mão no rio e a água se torna uma poeira dourada em sua mão. - Vocês viram isso?

Pippa está estendida numa rede.

- Acordem-me quando estiver na hora de voltar. Pensando bem, não me acordem.

Este sonho é divino demais. - Ela estende os braços por cima da cabeça, encolhe uma perna para dentro da rede e descansa no seu casulo.

Eu estou exausta. Quero voltar para o meu quarto e dormir por cem anos. E quero voltar correndo para aquele vale e ficar ali com minha mãe para sempre.

Felicity passa o braço pelos meus ombros.

- Nós temos que voltar aqui amanhã. Você pode imaginar se aquela metida da Cecily pudesse nos ver? Ela ficaria arrependida de não ter querido entrar para o grupo.

Pippa estica o braço para colher amoras.

- Não faça isso! - eu grito, dando um tapa na mão dela.

- Por que não?

- Se você comer, terá que ficar aqui para sempre.

- Não admira que elas sejam tão tentadoras - diz ela.

Estendo a mão. Relutantemente, ela as deixa cair na palma da minha mão, e eu as atiro no rio.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Nós passamos o dia como sonâmbulas, com sorrisos ridículos estampados no rosto. As outras meninas passam por nós nos corredores como folhas sopradas pelo vento. Flutuamos entre elas de aula em aula, cumprindo nosso papel, sem absorver nada. Mantemos viva a promessa da noite passada com olhares furtivos e pequenas observações em código que deixam nossas professoras perplexas e nos fazem sorrir. Compreendemos umas às outras. Compartilhamos um segredo.

Não um segredo terrível, como o que me amarra à minha família e a Kartik, mas um segredo deliciosamente proibido que nos une. A antecipação faz o sangue correr ligeiro por nossas veias e retesa nossos músculos. Fazemos o possível para suportar o dia e esperar a noite chegar para poder abrir a porta de luz dos reinos novamente. É como se fôssemos uma só pessoa. Não haverá ninguém de fora.

Nenhum intruso na nossa experiência.

Durante a aula de música, o Sr. Grunewald discorre uma hora inteira sobre os méritos de uma ópera em particular. Elizabeth, Cecily e Martha ouvem como boas meninas, tomando notas, balançando as cabeças em uníssono. Ouvir, escrever, ouvir, escrever.

Nós não anotamos uma única palavra. Estamos em outro lugar, numa terra em que podemos ser aquilo que quisermos ser. O Sr. Grunewald chama Cecily ao piano para tocar para nós a peça que vai apresentar na Assembléia. Ela toca com cuidado e correção um minueto.

- Ah, muito bem, Miss Temple. Muito preciso. - O Sr. Grunewald está satisfeito, mas agora nós sabemos o que é uma música de verdade, e é difícil fingir interesse por algo que é meramente bem executado.

Depois da aula, Cecily finge que tocou muito mal.

- Ah, eu assassinei a música, não foi? Digam a verdade. Martha e Elizabeth protestam, dizem que ela foi brilhante.

- O que você achou, Fee? - É fácil perceber que ela quer o elogio de Felicity.

- Muito bom - é só o que Felicity diz.

- Só bom? - Cecily dá uma risada forçada que pretende demonstrar indiferença. - Então deve ter sido mesmo horrível.

- É uma linda valsa - Felicity diz, entendendo mal. Ela mal consegue disfarçar um sorriso. Eu desvio os olhos, tentando não sorrir do mesmo modo ridículo.

- Não foi uma valsa, foi um minueto - Cecily corrige. Ela está uma fera.

Elizabeth olha para nós como se não estivesse nos conhecendo.

- Por que vocês estão olhando para nós desse jeito, como se fôssemos espécimes raros? - Pippa pergunta.

- Eu não sei bem. Tem alguma coisa diferente em vocês. Trocamos olhares rápidos.

- Tem algo de diferente, não tem? Como é? Se vocês têm um segredo, é melhor dividir conosco.

- Mas aí deixaria de ser segredo, não é? - Felicity ri ironicamente. A luz entra pela janela da sala. Ela faz a poeira dançar no ar.

- Pippa, querida, você vai me contar, não vai? - Elizabeth põe um braço em volta de Pippa, que foge do seu abraço.

Cecily está desapontada.

- Pip e Fee não teriam segredos para nós.

- Mas essas velhas garotas não existem mais. - Felicity dá um sorriso radiante. - Elas estão mortas e enterradas. Agora nós somos novas garotas para um novo mundo. E com isso saímos andando, deixando-as para trás na sala como um punhado de poeira que flutua devagar até o chão.

Miss Moore preparou telas para nós. O filó está bem esticado na moldura de madeira, as aquarelas estão de prontidão. As cenas bucólicas de praia e os arranjos de flores não virão em seguida? Eu observo a tigela de frutas sobre a mesa no centro da sala. Outra natureza-morta. Se ela quer uma natureza-morta, nós poderíamos pintar o futuro que Spence está preparando para nós dia após dia. Eu espero mais de Miss Moore.

- Uma natureza-morta? - Minha voz mostra o meu desprezo, Miss Moore está parada perto da janela. Sua silhueta, destacada pela luz cinzenta que vem de fora, parece a de um espantalho.

- Estou sentindo uma certa insatisfação, Miss Doyle?

- Não é muito desafiante.

- Os maiores artistas do mundo acharam por bem pintar naturezas-mortas de tempos em tempos.

Ela me pegou ali, mas eu não vou desistir sem lutar.

- Qual é o desafio que existe em uma maçã?

- Nós vamos descobrir - ela diz, entregando-me um avemal.

Felicity examina a tigela de frutas. Ela escolhe uma maçã e dá uma mordida nela.

Miss Moore tira a maçã da mão dela e torna a colocá-la na tigela.

- Felicity, por favor não coma o modelo, senão vou ser obrigada a usar frutas de cera da próxima vez e você vai ter uma surpresa desagradável.

- Acho que vai ser mesmo uma natureza-morta - suspiro molhando o meu pincel na tinta vermelha.

- Parece que estou no meio de uma rebelião. Vocês não pareceram se importar tanto em pintar da última vez.

Felicity abre um de seus sorrisos marotos.

- Nós não somos as mesmas da última vez. Na verdade, estamos completamente mudadas, Miss Moore.

Cecily suspira alto.

- Não tente argumentar com elas, Miss Moore. Elas estão impossíveis hoje.

- Sim - diz Elizabeth, com um tom de voz irônico. - Elas são garotas novas para um mundo novo. Não é isso, Pippa?

Há mais olhares furtivos que não passam despercebidos Miss Moore.

- Isso é verdade, Miss Doyle? Nós estamos no meio de uma revolução particular?

Ela me pega de surpresa. É sempre estranho estar sob a lente do microscópio de Miss Moore. É como se ela soubesse o que eu estou pensando.

- Estamos - digo finalmente.

- Percebe o que eu estou dizendo? - diz Cecily.

Miss Moore bate palmas.

- Até que seria bom ter algo novo. Eu entrego os pontos. As telas são de vocês, senhoritas. Façam como quiserem.

Nós aplaudimos entusiasticamente. O pincel parece mais leve em minha mão. Mas Cecily não está contente.

- Mas, Miss Moore, a Assembléia vai ser daqui a duas semanas, e eu não vou ter nada decente para mostrar à minha família quando ela chegar - ela diz, fazendo bico.

- Cecily tem razão, Miss Moore - diz Martha. - Não me importa o que elas querem. Eu não posso mostrar à minha família algum desenho primitivo de uma parede de caverna. Eles ficariam horrorizados.

Miss Moore ergue o queixo e olha para elas de cima para baixo.

- Eu não gostaria de ser a causa de tanto aborrecimento para vocês e suas famílias, Miss Temple e Miss Hawthorne. Tomem aqui. A tigela de frutas é de vocês. Tenho certeza de que seus pais vão gostar de uma natureza-morta.

Felicity pergunta:

- Posso fazer uma escultura, Miss Moore?

- Se quiser, Miss Worthington. Por Deus, eu não sei se estou controlando a turma ou se a turma está me controlando. - Ela entrega um pouco de argila para Felicity modelar.

- Para ter certeza de que a tarde vai ser educativa - Miss Moore diz, olhando para Cecily - vou ler alto um trecho de David Copperfield. Capítulo 1: "Se vou me tornar o herói da minha própria vida ou se este papel será desempenhado por outra pessoa, estas páginas irão mostrar ... "

No final da aula, Miss Moore examina nossas pinturas, murmurando elogios e correções. Quando chega na minha pintura - uma maçã grande, deformada, tomando toda a tela -, ela franze os lábios por um longo tempo.

- Muito moderno, Miss Doyle.

Cecily dá uma risada ao ver o desenho.

- Isto aí é para ser uma maçã?

- É claro que é uma maçã, Cecily - diz Felicity. - Acho que ficou maravilhoso, Gem. Totalmente avant-garde.

Eu não estou satisfeita.

- Ela precisa de mais luz na frente para ficar brilhante. Acrescento branco e amarelo, mas isso só faz desbotar tudo.

- Você precisa acrescentar um pouco de sombra aqui atrás. - Miss Moore molha o pincel em sépia e pinta uma curva no contorno da minha maçã. Imediatamente, o brilho da maçã é visível, e ela fica muito melhor. - Os italianos chamam isto de chiaroscuro. Significa o jogo de luz e sombra numa pintura.

- Por que Gemma não podia simplesmente acrescentar o branco para fazer a maçã brilhar? - Pippa pergunta.

- Porque você não nota a luz sem um pouco de sombra. Tudo tem luz e sombra ao mesmo tempo. Você tem que jogar com isso até ficar perfeito.

- Como você vai chamar isso? - O tom de Cecily é desdenhoso.

- A Escolha - eu digo impulsivamente, surpreendendo a mim mesma.

Miss Moore balança a cabeça, concordando.

- O fruto do conhecimento. Muito interessante realmente.

- Você quer dizer como na maçã de Eva? No Jardim do Éden?

- Elizabeth pergunta. Ela está tentando acrescentar sombras em sépia na sua pintura, e isto está deixando as suas frutas com um ar feio e machucado. Mas eu não vou dizer isso a ela.

- Vamos perguntar à artista. Foi essa a sua intenção, Miss Doyle?

Eu não sei o que quis dizer, na verdade. Tento concatenar as idéias.

- Suponho que seja qualquer escolha por saber mais, por ver além das aparências.

Felicity me lança um olhar conspiratório. Cecily sacode a cabeça.

- Bom, este nome não é muito adequado. Eva não escolheu comer a maçã. Ela foi tentada pela serpente.

- Sim - digo, organizando as idéias. - Mas ... ela não precisava ter dado uma mordida na maçã. Ela escolheu fazer isso.

- E perdeu o paraíso. Para mim não, muito obrigada. Eu ficaria ali mesmo no jardim - diz Cecily.

- Isso também é uma escolha - observa Miss Moore.

- E bem mais segura - Cecily responde.

- Não existem escolhas seguras, Miss Temple. Apenas outras escolhas.

- Mamãe diz que as mulheres não foram feitas para ter muitas escolhas. Isto as sobrecarrega. - Pippa repete isto como uma lição bem aprendida. - É por isso que nós devemos obedecer aos nossos maridos.

- Toda escolha tem conseqüências - diz Miss Moore, com um ar distante.

Felicity pega a maçã e encontra a marca de sua mordida. A polpa branca ficou marrom em contato com o ar. Ela dá outra mordida e deixa uma nova marca.

- Deliciosa - ela diz, com a boca cheia de sumo. Miss Moore dá uma risada.

- Estou vendo que Felicity não complica muito as coisas. Ela é um falcão mergulhando sobre a presa.

- Coma ou seja comida! - Felicity come mais um pedaço.

Eu estou pensando em Sarah e Mary, imaginando a escolha terrível que elas fizeram. Qualquer que tenha sido essa escolha, foi poderosa o suficiente para abalar a Ordem. E isso me leva à escolha que eu fiz no dia em que fugi da minha mãe no mercado. A escolha que parece ter sido a origem de tudo isso.

- O que acontece quando a sua escolha é malfeita? - eu pergunto.

Miss Moore tira uma pêra da tigela e nos oferece as uvas.

- Você deve tentar corrigi-la.

- Mas e se for tarde demais? E se você não puder?

Miss Moore contempla a minha pintura com um olhar de simpatia e pena. Ela pinta uma sombra bem fininha por baixo da maçã, realçando-a ainda mais.

- Então você tem que encontrar uma maneira de viver com isso.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

A tarde está bonita e os jardins de Spence estão floridos de meninas - andando de bicicleta, brincando de mímica, passeando, fofocando. Nós quatro estamos jogando tênis em dupla, Felicity e Pippa contra Ann e eu. Cada vez que a minha raquete toca na bola, tenho medo de decapitar alguém. Acho que posso acrescentar o tênis à longa lista de habilidades que não vou adquirir. Por mera sorte, consigo lançar a bola até as minhas oponentes. Ela passa por Pippa, que a vê passar com o entusiasmo de uma cozinheira esperando a água ferver.

Felicity grita exasperada: - Pippa!

- A culpa não foi minha. Esse foi um saque horrível!
- Você devia ter tentado pegá-lo - diz Felicity, girando a raquete.
- Ele estava totalmente fora de alcance!

- Mas tanta coisa está ao nosso alcance agora - Felicity diz misteriosamente.

As meninas que assistem ao nosso jogo podem não saber o que ela quer dizer, mas eu sei. Só que Pippa não está interessada.

- Isso é muito chato, e o meu braço está doendo - ela reclama. Felicity revira os olhos.

- Está bem, então. Vamos dar um passeio, que tal? Entregamos nossas raquetes para um quarteto animado, de rosto corado. Terminado o nosso jogo, damos os braços umas às outras e caminhamos no meio das árvores, passando por um grupo de meninas mais moças que estão brincando de Robin Hood. o problema é que todas querem ser Maid Marian e nenhuma quer ser Friar Tuck.

- Você vai nos levar para os reinos de novo esta noite? - Ann pergunta, depois que as deixamos para trás.

- Nada me impedirá de ir. - Sorrio. - Tem alguém que eu quero que vocês conheçam.

- Quem? - Pippa pergunta, abaixando-se para apanhar bolotas.

- Minha mãe.

Ann abre a boca de espanto. Pippa levanta rapidamente a cabeça.

- Mas ela não está ... Felicity a interrompe:

- Pippa, ajude-me a colher algumas flores para levar para a Sra. Nightwing. Isso a deixará de bom humor esta noite.

Obedientemente, Pippa acompanha Felicity em sua missão e logo nós todas estamos procurando pelas flores de setembro. Lá embaixo no lago, vejo Kartik encostado na casa de barcos, de braços cruzados, vigiando-me. Sua capa preta tremula ao vento. Eu me pergunto se ele sabe o que aconteceu com seu irmão. Por um momento, sinto uma certa pena dele. Mas aí eu me lembro das ameaças e gritos, do jeito debochado com que tentou me dar ordens, e toda a minha simpatia desaparece. Olho bem de frente para ele, com um jeito altivo e desafiador.

Pippa se aproxima.

- Minha nossa, aquele não é o cigano que me viu na floresta?
- Não me lembro - minto.
- Espero que ele não tente nos chantagear.
- Duvido muito - digo, fingindo desinteresse. - Ah, olhem, um dente-de-leão.
- Ele é bem bonito, não é?
- Você acha? - digo sem pensar.

- Para um pagão, até que é. - Ela vira a cabeça recatadamente. - Ele parece estar olhando para mim.

Não me havia ocorrido que Kartik poderia estar observando Pippa e não a mim, e por alguma razão isso me incomoda. Por mais desagradável que ele seja, quero que ele olhe só para mim.

- O que vocês estão olhando? - Ann pergunta. Suas mãos estão cheias de ervas amarelas.

- Aquele rapaz ali. Aquele que me viu de combinação outro dia.

Ann aperta os olhos.

- Ah. Ele. Não foi aquele que você beijou, Gemma?

- Você não fez isso! - Pippa diz horrorizada.

- Fez sim - diz Ann, com naturalidade. - Mas só para nos salvar dos ciganos.

- Vocês estiveram com os ciganos? Quando? Por que não me levaram?

- É uma história muito longa. Eu conto para você no caminho de volta - Felicity diz.

Pippa está reclamando por escondermos dela informações vitais, mas os olhos de Felicity vão de Kartik para mim como quem está entendendo tudo e tenho vontade de sair correndo. Então ela passa o braço pelos ombros de Pippa, contando a história de nossas aventuras no acampamento de uma forma que me exonera de qualquer culpa. Sou uma moça nobre e generosa que suportou aquele beijo só para nos salvar. Ela é tão convincente que eu mesma quase acredito.

Quando tornamos a atravessar aquela porta de luz, o jardim do reino está ali para nos receber com seus perfumes doces e um céu claro. Estou apreensiva. Não sei quanto tempo vou ter com minha mãe, e uma pequena parte de mim não quer dividir esse tempo com minhas amigas. Mas elas são minhas amigas, e talvez seja um conforto para minha mãe conhecê-las.

- Sigam-me - digo, levando-as para a gruta. Ela não está à vista. Eu só vejo as árvores e, mais adiante, o círculo de estranhos cristais.

- Onde ela está? - Ann pergunta.

- Mamãe? - eu chamo. Não há resposta. Nada, exceto o canto dos passarinhos. E se ela não estiver realmente aqui? E se eu tiver imaginado tudo?

Minhas amigas evitam encarar-me. Pippa murmura algo no ouvido de Felicity:

- Quem sabe você sonhou? - Felicity sugere delicadamente.

- Ela estava aqui! Eu falei com ela!

- Bem, ela não está aqui agora - Ann observa.

- Venha conosco - diz Pippa, tratando-me como uma criança.

- Nós vamos nos divertir. Eu prometo.

-Não!

- Estão me procurando? - Mamãe aparece com seu vestido de seda azul. Ela está linda como sempre. Minhas amigas ficam mudas em sua presença.

- Felicity, Pippa, Ann ... gostaria de apresentar-lhes Virginia Doyle, minha mãe.

As meninas murmuram educadamente "muito prazer".

- Estou muito feliz em conhecê-las - mamãe diz. - Que meninas lindas vocês são. Isso tem o efeito desejado. Elas ficam vermelhas, totalmente encantadas.

- Querem dar um passeio comigo?

Em pouco tempo elas estão contando histórias de Spence e falando sobre elas mesmas, as três competindo por sua atenção, e fico um tanto aborrecida, querendo ter a minha mãe só para mim. Mas então mamãe pisca o olho para mim e segura a minha mão, e estou feliz de novo.

- Vamos nos sentar? - Mamãe mostra uma colcha tecida com a mais fina seda, estendida na grama. Para algo tão leve, ela é surpreendentemente resistente e

confortável. Felicity passa a mão por seus fios delicados. Eles emitem tons fantásticos.

- Meu Deus - ela diz, encantada. - Vocês estão ouvindo isto? Pippa, experimente você.

Nós todas experimentamos. É como se estivéssemos regendo uma sinfonia de harpas com nossos dedos, e isso nos faz rir.

- Não é maravilhoso? Eu só imagino o que mais podemos fazer - diz Felicity.

Mamãe sorri.

- Qualquer coisa.

- Qualquer coisa? - Ann repete.

- Neste reino, o que vocês desejarem pode ser seu. Vocês só precisam saber o que querem.

Nós ouvimos o que ela diz, mas não compreendemos bem.

Finalmente, Ann se levanta.

- Eu vou tentar. - Ela pára. - O que devo fazer?

- Qual é a coisa que você mais deseja? Não, não diga para nós. Fixe-a na sua mente. Como um desejo.

Ann balança a cabeça e fecha os olhos. Passa-se um minuto.

- Nada aconteceu - Felicity murmura. - Aconteceu?

- Eu não sei - diz Pippa. - Ann? Ann, você está bem?

Ann balança para a frente e para trás sobre os tornozelos. Ela entreabre os lábios. Fico com medo de que ela tenha entrado em algum tipo de transe. Olho para minha mãe, que põe um dedo nos lábios. Ann abre a boca. O que sai é como uma música que eu nunca ouvi, límpida e sublime, doce como a voz de um anjo. O seu canto me deixa arrepiada. Cada nota parece transformá-la. Ela ainda é Ann, mas de alguma forma a música a deixa extraordinariamente bela. Seu cabelo brilha. Seu rosto fica liso e brilhante. Ela é como uma criatura das águas profundas - uma sereia que habita a superfície espelhada do rio.

- Ann, você está linda! - Pippa exclama.

- Estou mesmo? - Ela corre para o rio, contempla o seu reflexo e diz: - Estou sim! - Ela ri, encantada. É incrível ouvir uma risada de verdade saindo da boca de Ann. Ela fecha os olhos e deixa a música fluir dela.

- Incroyable! - diz Felicity, exibindo o seu francês. - Eu quero tentar!

- Eu também! - grita Pippa.

Elas fecham os olhos, pensam por um momento e tornam a abri-los.

- Eu não o vejo - diz Pippa, olhando em volta.

- Estava esperando por mim, m'lady? - Um belo cavaleiro surge de trás de um grande carvalho dourado. Ele coloca um joelho no chão diante de Pippa. Ela leva um susto.

- Eu assustei você. Perdoe-me.

- Eu deveria saber - Felicity sussurra no meu ouvido.

Pippa parece que ganhou todos os prêmios de um festival. Radiante, ela diz:

- Você está perdoado.

Ele se levanta. Não tem mais de dezoito anos, mas é alto, com o cabelo da cor do milho maduro e ombros largos vestidos numa cota de malha tão leve que é quase líquida. O efeito é o de um leão. Poderoso. Gracioso. Nobre.

- Onde está o seu campeão, m'lady?

Pippa gagueja, tentando ser elegante e controlada:

- Eu não tenho um campeão.

- Então vou pedir-lhe esta honra. Se a dama puder conceder-me este favor.

Pippa se vira para nós e seu murmúrio é quase um guincho de tanta excitação.

- Por favor, digam que eu não estou sonhando.

- Você não está sonhando - Felicity sussurra de volta. - Ou então todas nós estamos. Pippa está quase pulando de felicidade.

- Nobre cavaleiro, eu lhe concederei este favor. - Ela quer parecer altiva, mas mal consegue conter o riso.

- Minha vida pela sua. - Ele se inclina. Espera.

- Acho que você tem que dar alguma coisa sua para ele, um símbolo de afeição - digo.

- Oh. - Pippa fica vermelha. Ela tira a luva e oferece a ele.

- M'lady - o cavaleiro diz com gravidade. - Eu sou seu. - Ele estende o braço e, com um olhar na nossa direção, ela o aceita e deixa que ele a conduza para a planície mais abaixo.

- Algum cavaleiro para você? - pergunto a Felicity. Ela balança negativamente a cabeça. - O que foi que você pediu, então?

Seu sorriso é enigmático.

- Simples poder.

Mamãe olha friamente para ela.

- Cuidado com o que você pede.

Uma flecha passa zunindo sobre nossas cabeças. Ela fica cravada numa árvore bem atrás de nós. Aparece uma caçadora. Ela usa o cabelo preso no alto da cabeça como uma deusa. Carrega nas costas uma aljava cheia de flechas e traz nas mãos um arco pronto para atirar. A única coisa que ela está vestindo é a aljava. Ela está nua como um recém-nascido.

- Você podia ter-nos matado - digo, prendendo a respiração, tentando não ficar olhando para a nudez dela.

Ela recolhe a flecha.

- Mas não matei. - Ela olha para Felicity, que a está observando, intrigada e destemida. - Estou vendo que você não está com medo.

- Não - Felicity diz, pegando a flecha. Ela passa os dedos pela ponta afiada. - Apenas curiosa. - Você é uma caçadora?

Felicity devolve a flecha para ela.

- Não. Meu pai costumava caçar. Ele dizia que era o esporte que ele mais admirava.

- Mas você não o acompanhava? O sorriso de Felicity é amargo.

- Só os filhos têm permissão para caçar. As filhas não.

A caçadora segura o braço de Felicity.

- Há uma grande força neste braço. Você poderia vir a ser uma caçadora muito habilidosa. Muito poderosa. - A palavra poderosa traz um sorriso ao rosto de Felicity, e eu sei que ela vai conseguir o que deseja. - Você gostaria de aprender?

Em resposta, Felicity toma o arco e a flecha.

- Tem uma serpente enrolada no tronco daquela árvore - a caçadora diz.

Felicity fecha um olho e estica o arco com toda a força. A flecha sobe e depois cai no chão. Felicity fica desapontada.

A caçadora aplaude.

- Uma ótima tentativa. Você pode vir a ser uma caçadora.

Mas, primeiro, precisa observar.

Felicity, observar? Pode esquecer. Caçadora ou não, ela vai ter muito trabalho para ensinar Felicity a ter paciência. Mas para minha surpresa, Felicity não reclama. Ela segue a caçadora e permite pacientemente que ela demonstre a técnica correta diversas vezes.

- O que foi que você desejou? - mamãe me pergunta quando ficamos sozinhas.

- Eu já tenho o que quero. Você está aqui.

Ela acaricia o meu rosto.

- Sim. Por mais algum tempo. A minha alegria se evapora.

- O que você quer dizer?
- Gemma, eu não posso ficar aqui para sempre, ou então vou ficar presa como um desses tristes espíritos desgarrados que nunca completam a missão de suas almas.
- E qual é a sua?
- Eu tenho que consertar o que Sarah e Mary fizeram tantos anos atrás.
- O que foi que elas fizeram?

Antes que mamãe possa responder, Pippa corre para mim, quase me derrubando com seu entusiasmo. Ela me abraça com força.

- Você o viu? Ele não era um perfeito cavalheiro? Ele pediu para ser o meu campeão! Disse que daria a vida por mim! Você já ouviu algo mais romântico? Dá para agüentar isso?

- É difícil - diz Felicity, com uma careta. Ela acabou de voltar da caça, exausta, mas feliz. - Não é tão fácil quanto parece, isso eu garanto. Meu braço vai doer por uma semana.

Ela faz pequenos círculos com o ombro, com uma expressão de dor. Mas eu sei que ela está feliz por esse braço dolorido, feliz por ter tido provas de sua força oculta. Ann se aproxima, com seu lindo cabelo formando novos cachos sobre os ombros. Até o seu nariz que está sempre escorrendo parece ter secado. Ela aponta para os cristais compridos e finos arrumados em círculo atrás de mamãe.

- O que é aquilo?
- O Oráculo das Runas, o coração deste reino - diz mamãe.

Eu paro ao lado de um deles.

- Não toque nele - mamãe avisa.
- Por que não? - Felicity pergunta.
- Você tem que entender como a magia dos reinos funciona primeiro, como controlá-la, antes de deixá-la viver em você e usá-la do outro lado.
- Nós podemos levar esse tipo de poder conosco para o nosso mundo? - diz Ann.
- Sim, mas não agora. Depois que a Ordem for restabelecida, eles poderão ensinar para vocês. Até lá não é seguro.
- Por que não? - pergunto.
- Já faz tanto tempo que a magia foi usada aqui. Não há como saber o que poderia acontecer. Alguma coisa poderia sair. Ou entrar.
- Eles estão vibrando - diz Felicity.
- A energia deles é muito poderosa - mamãe diz, fazendo uma cama-de-gato com um pedaço de linha dourada.

Quando inclino a cabeça para um lado, eles parecem desaparecer. Mas quando a inclino para o outro, posso vê-los erguendo-se do chão, mais ofuscantes do que diamantes.

- Como é que funciona exatamente? - pergunto.

Ela continua a passar os dedos pelo fio dourado.

- Quando toca as runas, é como se você se tornasse a própria magia. Ela flui pelas suas veias. E então você é capaz de fazer no outro mundo o que pode fazer aqui nos reinos.

Felicity aproxima a mão de uma runa.

- Estranho. Ela parou de vibrar quando eu me aproximei.

Eu não consigo resistir. Estendo a mão, sem tocá-la, mas bem perto dela. Sou tomada por uma onda de energia. Minhas pálpebras tremem. O desejo de tocar na runa é avassalador.

- Gemma! - minha mãe grita.

Tiro a mão rapidamente. Meu amuleto brilha.

- O que foi isso?
- Você é a condutora - mamãe explica. - A magia flui através de você.

Felicity fecha a cara. Mas logo depois está rindo, imaginando alguma travessura. Ela se reclina na grama, apoiada nos cotovelos.

- Vocês podem imaginar? Se nós tivéssemos esse poder em Spence?
- Poderíamos fazer o que quiséssemos - diz Ann.
- Eu teria um armário cheio de roupas da última moda e montes de dinheiro. - Pippa dá uma risadinha.
- Eu ficaria invisível por um dia - Felicity acrescenta.
- Eu não - Ann diz com certa amargura.
- Eu poderia aliviar a dor de papai. - Olho para mamãe. Ela tem um ar grave.
- Não - ela diz.
- Por que não? - Meu rosto está vermelho.
- Nós seríamos cuidadosas - Pippa acrescenta.
- Sim, extremamente cuidadosas - Felicity diz com uma voz doce, tentando conquistar mamãe como se ela fosse uma de nossas impressionáveis professoras. Mamãe fecha o punho. Seus olhos faíscam.
- Lidar com este poder não é um jogo. É muito trabalho. Exige preparação, não a curiosidade de colegas impacientes.

Felicity fica desapontada. Eu me ofendo com este comentário, por ter sido repreendida na frente das minhas amigas.

- Nós não somos impacientes.

Mamãe pousa a mão em meu braço, sorri de leve para mim, e eu fico envergonhada por ter agido de forma tão infantil.

- Quando chegar o momento.

Pippa examina a base de uma runa.

- O que são essas marcas?
- É uma língua antiga, mais velha do que o grego e o latim.
- Mas o que está escrito? - Ann quer saber.
- "Eu transformo o mundo; o mundo me transforma."

Pippa sacode a cabeça.

- O que quer dizer isso?
- Tudo aquilo que você faz volta para você. Quando você provoca uma situação, também é afetada por ela.
- M'lady! - O cavaleiro voltou. Ele trouxe um alaúde. Logo ele está fazendo uma serenata para Pippa, com uma canção sobre beleza e virtude.
- Ele não é perfeito? Acho que vou morrer de felicidade. Eu quero dançar. Vem comigo! - Pippa arrasta Ann atrás dela, na direção do belo cavaleiro, esquecendo-se das runas.

Felicity vai atrás delas.

- Você vem?
- Eu já vou - digo para ela.

Mamãe volta a fazer sua meticulosa arquitetura de linha. Seus dedos voam, depois param. Ela fecha os olhos e soluça, como se tivesse sido ferida.

- Mamãe, o que foi? Você está bem? Mamãe!

Quando abre os olhos, ela está ofegante.

- É tão difícil manter isso longe.
- Manter o quê longe?
- A criatura. Ela ainda está procurando por nós.

A menina de cara suja espia de trás de uma árvore. Ela olha para a minha mãe com os olhos arregalados. O rosto de mamãe se suaviza. Sua respiração volta ao normal. Ela é a presença dominadora que eu me lembro, percorrendo a nossa casa, dando ordens e mudando os lugares na mesa na última hora.

- Não precisa ficar preocupada. Eu posso enganar a besta mais algum tempo.

Felicity me chama.

- Gemma, você está perdendo a diversão. - Ela e as outras estão girando ao som do alaúde e da canção.

Mamãe começa a fazer uma xícara e um pires com sua linha. Suas mãos estão tremendo.

- Por que você não se junta a elas? Eu gostaria de ver você dançando. Vá, minha querida.

Relutantemente, eu me afasto na direção das minhas amigas. No caminho, olho para a menina, ainda fitando a minha mãe com seus olhos assustados. Existe algo estranho naquela criança. Algo que eu sinto que deveria saber, embora não possa dizer o quê.

- Vamos dançar! - Felicity segura as minhas mãos, fazendo-me girar. Mamãe aplaude a nossa dança. O cavaleiro toca o alaúde cada vez mais depressa. Nós pegamos velocidade, nossos cabelos voando, segurando com força os pulsos umas das outras.

- Não solte - Felicity grita, enquanto nossos corpos se inclinam para trás, desafiando a gravidade, até nos tornarmos um simples borrão de cor na paisagem.

O céu está clareando quando voltamos para os nossos quartos. Está quase amanhecendo. Amanhã vamos passar um aperto.

- Sua mãe é linda - diz Ann, enfiando-se debaixo das cobertas.

- Obrigada - murmuro, passando a escova no cabelo. A dança, e a queda subsequente na grama, deixou meu cabelo todo embaraçado, assim como os meus pensamentos.

- Eu não me lembro da minha mãe. Você acha isso horrível?

- Não - digo.

Ann está quase dormindo, sua fala está enrolada.

- Será que ela se lembra de mim?

Começo a responder, mas não sei o que dizer. E, de todo modo, isso não importa. Ela já está roncando. Largo a escova e entro debaixo dos cobertores, sentindo alguma coisa ranger sob mim. Passo a mão e descubro um pedaço de papel escondido no meio das cobertas. Vou até a janela para ler.

Miss Doyle,

Você está envolvida num jogo muito perigoso. Se não parar agora, vou ser obrigado a tomar providências. Estou pedindo para você parar enquanto pode.

Há mais duas palavras escritas apressadamente, e depois riscadas.

Por favor.

Ele não assinou, mas sei que isso é coisa de Kartik. Rasgo o bilhete em pedacinhos. Depois abro a janela e deixo a brisa levá-los.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Durante três dias, é isso que acontece. Nós nos damos as mãos e entramos no nosso paraíso particular, onde somos senhoras de nossas vidas. Sob a orientação da caçadora, Felicity está se tornando uma competente arqueira, rápida e incansável. A voz de Ann fica mais forte a cada dia. E Pippa não é mais a princesa mimada que era há uma semana. Ela está mais gentil, menos agressiva. O cavaleiro é capaz de escutá-la como ninguém a escutava antes. Eu sempre me senti tão irritada quando Pippa abria a boca que nunca parei para pensar que talvez ela falasse tanto medo de não ser ouvida. Prometo que de agora em diante vou dar essa chance a ela.

Nós não temos medo de nos tornarmos íntimas aqui. Nossa amizade cria raízes e floresce. Usamos guirlandas de flores no cabelo, contamos piadas, rimos e gritamos, confessamos nossos temores e desejos. Até arrotos nós damos. Não há ninguém perto para nos reprimir. Ninguém para nos dizer que o que pensamos e sentimos é errado. Nós não fazemos tudo o que queremos, mas temos liberdade para querer.

- Vejam isto! - diz Felicity. Ela fecha os olhos e, em seguida uma chuva morna cai daquele pôr-do-sol eterno. Ela nos molha e a sensação é deliciosa.

- Isso não é justo! - Pippa grita, mas ela está rindo.

Eu nunca senti uma chuva tão boa. Com certeza nunca pude brincar na chuva antes. Sinto vontade de bebê-la, de deitar-me nela.

- Ahá! - Felicity grita, triunfante. - Eu fiz isso! Eu fiz!

Nós gritamos e corremos, escorregando em poças de lama.

Cobertas de lama, atiramos lama umas nas outras. Cada vez que uma de nós é atingida por um punhado de terra molhada, nós gritamos e juramos vingança. Mas na verdade estamos adorando a sensação de sujeira, de total despreocupação.

- Eu estou imunda - diz Pippa, coberta de lama da cabeça aos pés.

- Está bem, então. - Fecho os olhos, imagino o sol quente da Índia, e em segundos a chuva termina. Estamos limpas, secas e engomadas, prontas para as vésperas ou para uma visita social. Do outro lado do arco prateado, dentro daquele grande círculo, erguem-se as runas de cristal, guardando todo o seu poder.

- Não seria fantástico mostrar para todas elas o que somos capazes de fazer? - diz Ann.

Eu seguro a mão dela e, ao fazer isso, noto que seu pulso não tem nenhuma marca nova, apenas as cicatrizes de machucados antigos.

- Seria sim.

Nós nos esparramamos na grama, com as cabeças juntas, como um moinho. E ficamos deitadas assim por muito tempo, eu acho, de mãos dadas, sentindo a nossa amizade através dos dedos, na quentura sólida da pele, até que alguém tem a brilhante idéia de fazer chover de novo.

- Fale-me de novo sobre a magia das runas. - Estou deitada na grama, ao lado de mamãe, contemplando as nuvens em suas metamorfoses. Um pato gordo está perdendo a luta, transformando-se em outra coisa.

- Ela precisa de meses, anos de treinamento para funcionar - mamãe responde.

- Eu sei disso. Mas o que acontece? Elas cantam? Falam em diversas línguas? Elas primeiro cantam "Deus Salve a Rainha"? - Eu estou sendo atrevida, mas ela me provocou.

- Sim. Em mi bemol.

- Mamãe!

- Acho que já expliquei essa parte.

- Conte-me de novo.

- Você encosta as mãos nas runas e o poder penetra em você. Ele vive por um tempo dentro de você.

- É isso?

- Em linhas gerais, sim. Mas primeiro você tem que saber como controlá-lo. Ele é influenciado pelo seu estado de espírito, pelo seu objetivo, pela sua força. É uma magia poderosa. Não se deve brincar com ela. Ah, olhe, eu estou vendo um elefante. No alto, a nuvem em forma de pato virou algo que parece ter uma tromba.

- Ele só tem três pernas.

- Não, ali tem uma quarta.

- Onde?

- Bem ali. Você não está olhando.

- Estou sim! - digo indignada. Mas não importa. A nuvem está se movendo, mudando de forma outra vez.

- Quanto tempo a magia dura?

- Depende. Um dia. Às vezes menos. - Ela se senta na grama e olha para mim. - Mas, Gemma, você ...

- Eu ainda não posso usar a magia. Sim, acho que você já disse isso. Mamãe fica calada por algum tempo.

- Você acredita mesmo que está preparada?

- Sim! - respondo quase gritando.

- Dê uma olhada para aquela nuvem. Aquela que está bem acima de nós. O que você está vendo?

Eu vejo o contorno de orelhas e um rabo.

- Um gatinho.

- Tem certeza?

Ela está me provocando.

- Eu reconheço um gatinho quando vejo um. Isso não exige nenhum poder mágico.

- Torne a olhar - mamãe diz.

Acima de nós, o céu está conturbado. As nuvens giram e rompem em relâmpagos. O gatinho sumiu e o que aparece no lugar dele é uma forma ameaçadora, como num pesadelo. Ela se precipita sobre nós e eu tapo o rosto com o braço.

-Gemma!

Retiro o braço. O céu está calmo. O gatinho se transformou num enorme gato.

- O que foi isso? - murmuro.

- Uma demonstração - diz mamãe. - Você precisa ser capaz de ver o que existe realmente lá. Circe irá tentar fazer você ver um monstro onde só existe um gatinho, e vice-versa.

Eu ainda estou tremendo.

- Mas pareceu tão real.

Ela pega a minha mão e ficamos ali deitadas, sem nos mover.

Ao longe, Ann está cantando uma velha canção folclórica, algo sobre uma mulher vendendo moluscos e mexilhões. É uma canção triste e me faz sentir estranha por dentro. Como se eu estivesse perdendo alguma coisa que não sei o que é.

- Mamãe, e se eu não conseguir fazer isso? E se tudo der errado?

As nuvens se juntam e depois se separam. Nada está tomando forma ainda.

- Esse é um risco que teremos que correr. Olhe.

Acima de nós, as nuvens formaram um anel esfumaçado, sem princípio nem fim, e no centro há um círculo perfeito, inteiramente azul.

Na sexta-feira, recebo uma visita de surpresa. Meu irmão está esperando por mim no salão. Um bando de meninas está inventando desculpas para passar por ali só para

poder olhar para ele. Fecho a porta atrás de mim, impedindo que o rebanho de admiradoras de Tom olhe para ele, antes que a minha náusea me domine.

- Ora, se não é a minha Dama Sorumbática! - Tom diz, levantando-se. - Já conseguiu arranjar uma esposa decente para mim? Eu não sou exigente, basta que seja bonita, calada, com uma pequena fortuna e seus próprios dentes na boca. Na realidade, sou flexível com relação a todos esses pontos, exceto a pequena fortuna. A não ser, é claro, que seja uma grande fortuna.

Por alguma razão, a visão de Tom, confiado, esnobe, superficial, me enche de alegria. Eu não tinha percebido a falta que sentia dele. Eu me atiro em seu pescoço. Ele primeiro fica duro, depois me abraça de volta.

- Sim, bem, devem estar tratando você como um cachorro para você ficar tão feliz em me ver. Você está com uma aparência muito boa.

- Eu me sinto bem, Tom. De verdade. - Eu gostaria tanto de contar a ele sobre mamãe, mas sei que não posso. Ainda não. - Tem notícias da vovó? Como vai papai? O sorriso de Tom desaparece.

- Ah, sim. Eles vão bem.

- Ele virá na Assembléia? Mal posso esperar para revê-lo e apresentá-lo às minhas amigas.

- Bem, eu não contaria muito com isso, Gemma. Talvez ele não tenha condições de viajar neste momento. - Tom ajusta os punhos da camisa. É um tique nervoso. Algo que comecei a perceber que ele só faz quando está mentindo.

- Entendo - digo baixinho.

Há uma batida na porta e Ann entra, arregalando os olhos. Ela fica chocada ao me ver sozinha no salão com um homem. Cobre os olhos com a mão para não olhar para nós.

- Sinto muito. Eu só queria dizer a Gemma, Miss Doyle, que estamos prontas para ensaiar a nossa valsa.

- Agora eu não posso. Estou com visita.

Tom se levanta, aliviado.

- Não perca o seu ensaio por minha causa. Você está bem? - Ele olha espantado para Ann, que ainda está cobrindo os olhos.

- Ora, pelo amor de Deus - resmungo. Eu faço as apresentações necessárias. - Miss Ann Bradshaw, gostaria de apresentar-lhe o Sr. Thomas Doyle. Meu irmão. Eu vou levá-lo até a porta E depois podemos ensaiar aquela valsa infernal.

- Aquele era o seu irmão? - Ann pergunta timidamente enquanto deslizo com ela pelo salão de baile.

- Sim. O próprio. - Ainda estou aborrecida por causa das notícias sobre papai. Eu esperava que ele já estivesse melhor.

- Ele parece muito amável. - Ann pisa nos meus dois pés e eu me encolho de dor.

- Tom? Ah! Ele só abre a boca para se gabar. Ele se acha o máximo. Pobre da mulher que se casar com ele.

- Eu ainda acho que ele parece muito simpático. Um verdadeiro cavalheiro.

Meu Deus. Ela gosta do meu irmão. Isso é tão inusitado que chega a ser tragicômico.

- Ele está ... comprometido com alguém?

- Não. Ninguém parece estar à altura do seu primeiro amor.

Ann faz uma cara desapontada. Ela pára sem avisar e eu me entorto toda antes de voltar para o seu lado. - Ah?

- Ele mesmo.

Ela leva alguns instantes para entender a piada, mas então ri e fica vermelha. Eu não tenho coragem de dizer a ela que Tom está atrás de uma esposa rica, provavelmente bonita também, e que ela nunca irá poder competir. Se ao menos ele pudesse vê-la e

ouvi-la como ela é nos reinos. É de enlouquecer que as coisas que podemos fazer ali - todo aquele poder - tenham que permanecer lá por enquanto.

- Eu não posso dançar mais nem um passo com você, senão vou ficar roxa por uma semana.

- É você que não consegue se lembrar do ritmo - Ann diz, indo atrás de mim.

- E você não consegue se lembrar de que os meus pés e o chão são coisas diferentes.

Ann começa a responder, mas somos interrompidas por Felicity, que está parada no meio da sala. Ela sacode um pedaço de papel acima da cabeça.

- Ele vem! Ele vem!

- Quem vem? - pergunto.

Ela agarra nossas mãos e começa a rodar.

- Meu pai! Acabei de receber um bilhete. Ele vem para a Assembléia! Não é maravilhoso? - Ela pára. - Nossa, eu preciso me preparar. Vamos, não fiquem aí paradas! Se eu não aprender a valsar como uma dama até domingo, estou frita!

O paraíso azedou. Mamãe e eu estamos brigando.

- Mas por que eu não posso tirar a magia dos reinos e levá-la para onde ela possa realmente ajudar?

- Eu já disse: ainda não é seguro. Quando você fizer isso, quando levar a magia para fora do portal, ele estará aberto. Qualquer pessoa que souber como entrar poderá entrar. - Ela faz uma pausa e tenta se controlar. Eu recordo aquelas brigas de antigamente que me faziam odiá-la.

Arranco um galho cheio de amoras e fico revirando-o em minhas mãos.

- Você poderia ajudar-me a fazer isso. Aí eu estaria segura.

Mamãe tira as frutinhas da minha mão.

- Não, eu não posso. Eu não posso voltar, Gemma.

- Você não quer ajudar papai. - É cruel dizer isso, e eu sei que é.

Ela respira fundo.

- É injusto dizer isso.

- Você não confia em mim. Você não me acha capaz!

- Ah, pelo amor de Deus, Gemma. - Os olhos dela faíscam. - Ontem mesmo você não foi capaz de saber a diferença entre uma nuvem e uma ilusão. O espírito maligno controlado por Circe é muito mais esperto do que isso. Como você pretende afastá-lo?

- Por que você não me diz como? - retruco.

- Porque eu não sei! Não existe uma regra, entende? Trata-se de conhecer o espírito em questão, de conhecer sua vulnerabilidade. Trata-se de não permitir que ele use as suas vulnerabilidades contra você.

- E se eu usasse um pouco de magia, só o suficiente para ajudar papai e minhas amigas, nada mais?

Ela me segura pelos ombros como se eu fosse uma criança.

- Gemma, você tem que me ouvir. Não tire a magia aqui dos reinos. Prometa-me.

- Sim, tudo bem! - digo, me libertando de suas mãos. Não posso acreditar que estamos brigando de novo. Meus olhos estão cheios de lágrimas. - Desculpe. Amanhã é a Assembléia. Eu preciso dormir.

Ela concorda com a cabeça.

- Vejo você amanhã?

Estou zangada demais para responder. Saio pisando duro para me juntar às minhas amigas. Felicity está parada no alto da colina, atirando com o arco. Ela parece o baixo-relevo de uma deusa. Com um golpe seguro, ela lança a flecha, que parte ao meio um pedaço de madeira. A caçadora a elogia, e as duas se juntam para confabular. Eu não posso deixar de imaginar sobre o que elas falam durante suas

caçadas, nem por que Felicity me conta cada vez menos sobre isso. Talvez eu esteja envolvida demais com meus próprios assuntos para interessar-me pelos dela. Pippa está deitada na rede enquanto seu cavaleiro a regala com alguma história de feitos cavalleirescos realizados em sua homenagem. Ele olha para ela como se ela fosse a única mulher do mundo. E ela bebe isso como ambrosia. Ann está ocupada cantando, contemplando o rio, onde ela reuniu uma platéia imaginária de centenas de pessoas que aplaudem, suspiram e a idolatram. Eu sou a única aqui perdida, sentindo-me descontente e impotente. A excitação das nossas aventuras começou a desaparecer. De que adianta possuir esse suposto poder se não posso usá-lo? Pippa finalmente se aproxima, com uma rosa nas mãos.

- Eu gostaria de ficar aqui para sempre.
- Mas você não pode ficar - digo.
- Por que não? - Ann pergunta, aproximando-se por trás de mim. O cabelo dela está solto e cai em ondas pelos seus ombros.
- Porque este não é um lugar para se ficar - respondo defensivamente. - É um lugar de sonhos.
- E se eu escolher o sonho? - Pippa diz. É típico de Pippa dizer uma coisa assim. Tola e sarcástica.
- E se eu me recusar a trazer você da próxima vez?

Felicity conseguiu acertar um coelho. Ele pende, sem vida, da sua flecha.

- O que aconteceu?

Pippa faz beicinho.

- É a Gemma. Ela não quer nos trazer mais aqui. Felicity ainda está segurando a flecha suja de sangue.
- Qual é o problema, Gemma? - O rosto dela está sério e determinado, e eu sou a primeira a desviar os olhos.
- Eu não disse isso.
- Bem, foi o que você insinuou - diz Pippa.
- Vamos esquecer essa discussão idiota? - digo.
- Gemma. - Pippa estica o lábio inferior com exagero. - Não fique zangada.

Felicity faz a mesma careta ridícula.

- Gemma, pare com isso, por favor. É muito difícil falar com a boca desse jeito.

Ann entra no jogo.

- Eu só vou sorrir depois da Gemma. Vocês não podem me obrigar.
- Sim. - Felicity ri com aquela careta de buldogue estampada no rosto. - E as pessoas vão dizer: "Elas eram tão atraentes. É uma pena esse problema no lábio."

Eu não consigo me conter e começo a rir. Elas rolam comigo na grama, nós quatro gritando e fazendo caretas idiotas até ficarmos exaustas e chegar a hora de irmos embora.

A porta aparece e nós passamos, uma a uma, pelo portal. Eu sou a última a sair. Minha pele está começando a se arrepiar com a energia de cortar o fôlego da porta quando avisto mamãe segurando a mão da meninazinha. Por baixo do avental branco, o vestido da menina é colorido e esquisito. Algo que não se veria numa escola de meninas da Inglaterra. Interessante eu nunca ter notado isso antes. As duas estão olhando para mim, atentas e esperançosas. Como se eu pudesse mudar as coisas para elas. Mas como posso ajudá-las se não sei nem como ajudar a mim mesma?

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Hoje é o Dia da Assembléia . O meu dicionário não tem um verbete especial para esta data, mas se tivesse seria mais ou menos assim:

Dia da Assembléia (s.). Costume tradicional de colégios internos pelo qual a família dos estudantes tem permissão para uma visita, que resulta em humilhação geral e nenhuma diversão.

Penteei o cabelo, me arrumei toda como uma perfeita dama - ou o mais perto disso que consegui chegar. Mas por dentro, ainda estou abalada com a minha visita a mamãe e com a discussão que tivemos. Eu me comportei horivelmente. Esta noite vou pedir desculpas a ela, e tornar a sentir seu abraço carinhoso. Eu bem que gostaria de poder contar à minha família - especialmente a papai - que estive com mamãe. Que em algum lugar fora deste mundo ela está viva, linda e carinhosa como sempre foi. Eu não faço idéia do que irei encontrar quando descer as escadas, e estou ansiosa e cheia de esperança. Papai poderia entrar na sala, saudável e bem-arrumado no seu lindo terno preto. Poderia me trazer um presente, algo embrulhado em papel dourado. Ele poderia chamar-me de sua pedra preciosa, poderia fazer até mesmo a azeda Brigid rir de suas histórias, poderia abraçar-me. *Ele poderia. Ele poderia. Poderia. Será que existe algum ópio que seja mais forte do que esta palavra?*

- Talvez eu pudesse ir junto com você - diz Ann quando eu tento domesticar o meu cabelo pela centésima vez. Ele não quer ficar enrolado no alto da minha cabeça como convém a uma dama.

- Você ficará mortalmente entediada em cinco minutos - digo, beliscando meu rosto para ele parecer rosado, mas a cor desaparece em segundos. Eu não quero Ann junto de mim quando não sei ao certo o que vou encontrar.

- O seu irmão virá hoje? - Ann pergunta.

- Sim, que Deus nos ajude - resmungo. Não quero encorajar Ann no que se refere a Tom. Dois cachos caem na minha testa. Tenho que dar um jeito nesse cabelo.

- Pelo menos você tem um irmão para implicar com você. Pelo espelho do lavatório, avisto Ann sentada com um ar infeliz em sua cama, vestida com suas melhores roupas, sem ter para onde ir, sem ter ninguém para ver. Estou reclamando da chateação de ser obrigada a receber a minha família enquanto ela vai passar o dia inteiro sozinha. O Dia da Assembléia deve ser um tormento para ela.

- Está bem - eu digo com um suspiro. - Se você está disposta a agüentar a tortura, pode vir comigo.

Ela não diz obrigada. Nós duas sabemos que se trata de um ato de caridade, mas para qual de nós eu ainda não sei. Olho para ela. Um vestido branco apertado demais no corpo rechonchudo. Fiapos de cabelo engordurado escapando do coque, caindo sobre os olhos lacrimejantes. Ela não é a beldade que eu vi ontem à noite no jardim.

- Vamos dar um jeito nesse seu cabelo. Ela tenta não se olhar no espelho.

- O que tem de errado com o meu cabelo?

- Nada que uma boa escovadela e alguns grampos não possam consertar. Fique quieta. Solto o cabelo dela. A escova prende num emaranhado de nós no couro cabeludo.

-Ai!

- O preço da beleza! - digo sem me desculpar. Afinal de contas, ela disse que queria ir comigo.

- O preço da calvície, isso sim.

- Se você ficasse parada, não seria tão difícil.

Ela de repente fica tão imóvel que parece uma pedra. A dor serve como motivação. Uso um monte de grampos para fixar o cabelo dela no lugar. Não fica nada mal. Pelo menos melhorou e fico impressionada comigo mesma. Ann vai para a frente do espelho.

- O que você acha? - pergunto.

Ela vira a cabeça de um lado para outro.

- Eu gostava mais do outro jeito.

- Deixa de ser ingrata. Você não vai ficar emburrada assim o dia inteiro, vai? Porque se for ...

Felicity abre a porta e se encosta com um ar provocador no portal, fazendo-se coquete.

- Bonjour, mesdemoiselles. Sou eu, a Rainha de Sabá. Podem deixar para se ajoelhar mais tarde. - Os cordões do seu espartilho estão tão apertados que seus seios foram projetados para a frente. - O que vocês acham, queridas? Eu não estou irresistível?

- Linda - respondo. Quando Ann hesita, eu chuto o pé dela.

- Sim, linda - ela diz.

Felicity sorri com um ar de encantamento.

- Ele vem. Mal posso esperar para ele ver que nesses dois últimos anos eu me tornei uma verdadeira dama. Vocês podem acreditar que já faz dois anos que eu não vejo o meu pai? - Ela rodopia pelo quarto. - Vocês precisam conhecê-lo. Ele vai adorar vocês todas, eu tenho certeza. Quero que ele veja que estou progredindo aqui. Alguma de vocês tem um perfume para me emprestar?

Ann e eu sacudimos negativamente a cabeça.

- Nenhum perfume? Eu preciso estar cheirando bem! - O bom humor de Felicity desaparece.

- Tome - digo, tirando uma rosa de um jarro que está sobre o parapeito da janela. As pétalas se desmancham facilmente, deixando um sumo doce e pegajoso nos meus dedos. Eu o passo atrás das orelhas e nos pulsos de Felicity.

Ela cheira o pulso e diz:

- Perfeito! Gemma, você é um gênio! - Ela me abraça e me beija de leve. É um tanto desconcertante esse lado de Felicity; é como ter um tubarão de estimação que se acha um peixinho dourado.

- Onde está Pippa? - Ann pergunta.

- Lá embaixo. Os pais dela vieram junto com o Sr. Bumble. Vocês podem imaginar? Vamos torcer para ela o mandar andar hoje. Bom - Felicity diz. - Adieu, les filles. Vejo vocês mais tarde.

Com uma reverência, ela sai numa nuvem de rosas e esperança.

- Então vamos - digo para Ann, limpando os últimos traços de flor dos meus dedos. - Vamos enfrentar logo isso, certo?

O salão da frente está apinhado de meninas e seus diversos familiares quando chegamos lá embaixo. Até os infames trens indianos são mais organizados. A minha família não está à vista.

Pippa se aproxima de nós com a cabeça baixa. Uma mulher com um ridículo chapéu de plumas vem atrás dela. Ela está com um vestido que ficaria mais adequado numa mulher mais jovem e num evento noturno. Há dois homens com ela. Réconheço o bigodudo Sr. Bumble imediatamente. O outro eu imagino que seja o pai de Pippa. Ele é moreno como ela.

- Mamãe, papai, quero apresentar-Ihes Miss Gemma Doyle e Miss Ann Bradshaw - ela diz, num fio de voz.

- Muito prazer. É tão agradável conhecer as amiguinhas de Pippa. - A mãe de Pippa é tão bonita quanto a filha, mas seu rosto é mais duro, um fato que ela tentou disfarçar com um monte de jóias.

Ann e eu os cumprimentamos educadamente. Após um instante de silêncio, o Sr. Bumble pigarreia.

A Sra. Cross dá um sorriso que transforma os seus lábios numa linha reta.

- Pippa, você não está esquecendo alguém? Pippa engole em seco.

- Gostaria também de apresentar o Sr. Bartleby Bumble. - O resto sai como se fosse um gemido: - Meu noivo.

Ann e eu ficamos mudas de espanto.

- Muito prazer em conhecê-las. - Ele olha para nós com um ar de superioridade. - Espero que sirvam logo o chá - diz, olhando para o relógio com um ar de impaciência. Esse velho mal-educado, de rosto gordo, vai ser o marido da linda Pippa? Pippa, que só pensa no amor romântico, puro, eterno, foi vendida para um homem que ela não conhece e do qual não gosta. Ela olha fixamente para o tapete persa como se este fosse se abrir para engoli-la e salvá-la.

Ann e eu estendemos a mão para cumprimentá-lo.

- É bom ver que a minha noiva é amiga de jovens educadas - o Sr. Bumble declara. - Há tanta coisa que pode prejudicar uma jovem impressionável. A senhora não concorda, Sra. Cross?

- Ah, é claro que sim, Sr. Bumble.

Ele merece ter a cabeça decepada e enfiada num espeto para todo mundo ver. Aviso: se você for rebelde, não ponha os pés aqui. Nós acabaremos com você.

- Ah, lá está a Sra. Nightwing. Ela precisa saber das novidades. Talvez queira anunciá-las hoje. - A Sra. Cross desliza pela sala com o marido atrás. O Sr. Bumble sorri para a nuca de Pippa como se ela fosse o principal prêmio exposto nessa feira.

- Vamos? - ele diz, oferecendo-lhe o braço.

- Posso falar um instante com minhas amigas, por favor? Contar-lhes as novidades? - Pippa pede com um ar triste. O idiota pensa que isso é um elogio.

- É claro, minha querida. Mas não demore muito. Depois que ele se afasta, seguro as mãos de Pippa.

- Por favor, não - ela diz. Seus olhos cor de violeta enchem-se de lágrimas. Eu não consigo pensar em nada para dizer.

- Ele parece muito distinto - Ann diz após um instante de silêncio.

Pippa dá uma risada amarga.

- Sim. Nada como um advogado rico para pagar as dívidas de jogo de papai e nos salvar da ruína. Eu sou apenas a isca. - Ela não diz isso com amargura. E é isso que dói. Ela aceitou o seu destino sem resistência.

Atrás dela, o Sr. Bartleby Bumble está esperando ansiosamente pela sua futura esposa.

- Eu tenho que ir - Pippa diz com o entusiasmo de alguém que vai ao encontro do seu carrasco.

- O anel dela é lindo - Ann diz após alguns instantes. Por cima do barulho da multidão, nós podemos ouvir a Sra. Nightwing cumprimentando-a com entusiasmo, seguida de outras pessoas.

- Sim, é muito bonito - eu digo. Nós duas estamos tentando enfrentar a situação com naturalidade. Nenhuma de nós quer admitir o horror da situação ou a culpa por termos escapado desse triste destino. Pelo menos por enquanto. Espero que quando chegar a minha vez eu não seja empurrada para o primeiro homem que encantar a minha família.

Felicity se aproxima. Ela tem um lenço na mão que fica torcendo sem parar.

- O que aconteceu? Pela cara de vocês parece que o mundo acabou.

- Pippa está noiva do Sr. Bumble - explico.

- O quê? Pobre Pippa - ela diz, sacudindo a cabeça.

- O seu pai veio? - pergunto, na esperança de uma notícia mais alegre.

- Ainda não. Perdoem-me, mas eu estou nervosa demais para ficar esperando aqui.

Vou ficar no jardim até ele chegar. Vocês têm certeza de que eu estou com uma aparência apresentável?

- Pela última vez, sim - digo, revirando os olhos.

Felicity está tão ansiosa que não me dá uma resposta atravessada. Em vez disso, ela faz um ar agradecido e, como quem está prestes a vomitar, sai correndo para o gramado.

- Ora, se não é Lady Doyle.

Com um grande floreio e uma reverência exagerada, Tom anuncia a sua chegada.

Vovó está ao lado dele com seu melhor traje de luto.

- Papai está aqui? Ele veio? - Entorto o pescoço nervosamente, procurando por ele.

- Sim - Tom diz. - Gemma...

- Onde ele está?

- Olá, Gemma.

A princípio eu não vejo papai. Mas lá está ele, escondido atrás de Tom, um fantasma em seu terno preto mal-ajustado. Ele tem grandes olheiras escuras. Vovó segura o seu braço numa tentativa de ocultar o quanto ele está tremendo. Tenho certeza de que ela deu a ele apenas uma fração da dose habitual para forçá-lo a vir, com a promessa de dar o resto depois. Eu mal consigo conter o choro.

Fico envergonhada de minhas amigas o verem desse jeito. E fico envergonhada de estar envergonhada.

- Olá, papai - consigo dizer, beijando seu rosto encovado.

- Alguém sabia que estaríamos vendo uma rainha hoje? - ele diz brincando. Quando ri, ele tem um acesso de tosse, e Tom tem que ampará-lo. Eu não consigo olhar para Ann.

- Estão servindo o chá no salão - digo, conduzindo-os pela escada até uma mesa de canto, longe da multidão e das fofocas. Depois que nos sentamos, apresento Ann.

- Encantado em vê-la de novo, Miss Bradshaw - Tom diz.

Ann fica vermelha.

- E onde está a sua família? - minha avó pergunta, olhando em volta, à procura de alguém mais interessante com quem conversar, além de nós duas. Ela iria fatalmente fazer esta pergunta, e ela terá que ser respondida, e aí nós faremos um silêncio incômodo ou então minha avó irá dizer alguma coisa indelicada fingindo ser delicada.

- Estão todos fora do país - minto.

Ann não tenta corrigir-me. Acho que ela está grata por não ter que explicar que é uma órfã e suportar a piedade educada e muda de todo mundo. Minha avó mostra-se subitamente interessada no assunto, imaginando, tenho certeza, se os parentes de Ann são ricos ou nobres ou ambas as coisas.

- Que interessante. E para onde eles foram?

- Suíça - digo, na mesma hora em que Ann responde "Áustria".

- Áustria e Suíça - digo. - É uma viagem longa.

- Áustria - meu pai diz. - Tem uma piada engraçada sobre os austríacos ... - Ele pára, com as mãos tremendo.

- Sim, papai?

-Hummm?

- Você estava dizendo alguma coisa a respeito dos austríacos - digo.

Ele franze a testa.

- Eu estava?

Sinto um nó na garganta. Ofereço o açucareiro a Tom. Ann observa, fascinada, cada movimento dele, embora ele mal a tenha notado.

Então - Tom diz, deixando cair três torrões de açúcar dentro do chá -, Miss Bradshaw, minha irmã já a deixou maluca com esse jeito franco que ela tem?

Ann fica vermelha.

- Ela é uma pessoa muito alegre.

- Alegre? Nós estamos falando da mesma Gemma Doyle? Vovó, parece que Spence é mais que uma escola. É um lugar milagroso.

Todo mundo ri educadamente à minha custa, e, sinceramente, eu não me importo. É tão bom ouvi-los rir que eu não me importaria que eles se divertissem à minha custa a tarde inteira. Papai brinca com a colher como se não soubesse o que fazer com ela.

- Papai - digo docemente. - Posso servir-lhe um pouco de chá?

Ele esboça um sorriso.

- Sim, obrigado, Virginia.

Virginia. Ao ser pronunciado o nome de minha mãe, faz-se um silêncio incômodo.

Tom fica mexendo o chá sem parar.

- Sou eu, papai. Gemma - digo calmamente.

Ele aperta os olhos, inclina a cabeça de lado, estudando-me. Vagarosamente balança a cabeça, concordando.

- Ah, sim. É mesmo. - E volta a brincar com a colher.

Meu coração vira uma pedra que afunda rapidamente. Nós conversamos sobre banalidades. Vovó fala do seu jardim e dos seus conhecidos, e diz quem não está falando com quem atualmente. Tom fala sobre seus estudos, enquanto Ann o ouve embevecida, como se ele fosse um deus. Papai está alheio a tudo. Ninguém pergunta como estou ou o que ando fazendo. Não se interessam nem um pouco por isso. Somos todas uns espelhos, nós, meninas, e só existimos para refletir suas imagens da forma como eles gostariam de ser vistos. Vasos ociosos, desprovidos de ambições, desejos e opiniões, esperando para ser preenchidos com a água tépida da obediência. Mas surge uma fissura no vaso. Eu estou rachando.

- Tem alguma notícia de mamãe? A polícia descobriu algo novo?

Tom fica uma fera:

- Lá vamos nós de novo. Miss Bradshaw, perdoe a minha irmã. Ela tem uma estranha tendência ao drama. Nossa mãe morreu de cólera.

- Ela sabe. Eu contei a ela - digo, observando a reação deles.

- Sinto muito que a minha irmã tenha feito uma brincadeira de tão mau gosto com você, Miss Bradshaw. - As palavras ditas entre dentes são um aviso. - Gemma, você sabe que a nossa pobre mãe morreu de cólera.

- Sim, a cólera dela. É incrível que sua cólera não nos tenha matado a todos. Ou talvez tenha. Talvez ela esteja espalhada no nosso sangue, sufocando-nos devagar com o seu veneno - respondo com um sorriso igualmente venenoso.

- Acho melhor mudarmos de assunto. Miss Bradshaw não precisa ser submetida a uma situação dessa natureza. - Vovó me faz calar bebericando o seu chá.

- Acho que a minha pobre mãe é um excelente tópico de conversa. O que você acha, papai?

Vamos, papai. Mande-me parar. Diga para eu me comportar, mande-me para o inferno, qualquer coisa. Onde está o seu velho espírito combativo? Mas sua boca frouxa emite apenas o ruído do ar entrando e saindo. Ele não está prestando atenção. Está perdido no seu próprio reflexo, que olha de volta para ele, embaçado e distorcido, na concavidade brilhante da colher de chá que ele revira com seus dedos esqueléticos.

Eu não suporto a visão deles, unidos contra a verdade, surdos e mudos a tudo que seja remotamente verdadeiro.

- Obrigada por terem vindo. Como podem ver, eu estou me dando muito bem aqui. Vocês cumpriram o seu dever, e agora estão livres para voltar para os seus afazeres, sejam eles quais forem.

Tom ri.

- Bem, este é um belo agradecimento. Deixei de ir a um jogo de críquete para vir aqui. Você não deveria estar sendo civilizada?

- Você está sendo infantil e mal-educada, Gemma. E na frente da sua convidada. Miss Bradshaw, por favor, perdoe a minha neta. Gostaria de um pouco mais de chá? - Vovó serve o chá sem esperar pela resposta. Ann fica olhando para a xícara, grata por ter para onde olhar. Eu a estou deixando desconcertada. Estou deixando todo mundo desconcertado.

Eu me levanto.

- Não quero arruinar a tarde de ninguém, então vou me despedir. Você vem, Ann?

Ela olha timidamente para Tom.

- Eu não terminei o meu chá - ela diz.

- Ah, pelo menos uma dama de verdade entre nós. - Tom aplaude de leve. - Bravo, Miss Bradshaw.

Ela sorri de cabeça baixa. Tom oferece-lhe bolo, e Ann, que nunca recusou um só pedacinho de comida em sua vida, recusa como uma dama bem-nascida e bem-criada, para não parecer gluttona. Eu criei um monstro.

- Como quiser - resmungo. Eu me inclino diante de papai. seguro suas mãos e o puxo para fora da mesa. As mãos dele tremem. Sua testa está coberta de suor. - Papai, eu estou indo. Por que você não me acompanha?

- Sim, meu bem. Para ver o lugar, eh? - Ele tenta esboçar um sorriso, que se transforma numa careta de dor. O que quer que vovó tenha dado a ele, não foi o suficiente. Ele vai precisar de mais em breve, e então ficará totalmente alheio a tudo. Damos alguns passos, mas ele tropeça e tem que se segurar numa cadeira. Todo mundo olha, mas Tom se aproxima rapidamente e o leva de volta para a mesa.

- Pronto, papai - ele diz um tanto alto demais, para que a pessoas ouçam. - O Dr. Price disse que o senhor ainda não deve forçar esse tornozelo que torceu jogando pólo.

Satisfeitas, as pessoas tornam a baixar a cabeça, exceto uma delas. Cecily Temple nos localizou. Seguida pelos pais, ela se dirige à nossa mesa.

- Olá, Gemma. Ann.

O rosto de Ann é o retrato do pânico. Cecily avalia a situação. - Ann, você vai cantar para nós mais tarde? Ann tem uma linda voz. Ela é aquela que eu mencionei para vocês, que tem uma bolsa de estudos.

Ann se encolhe na cadeira. Vovó fica confusa.

- Eu pensei que você tivesse dito que os seus pais estão viajando...

Ann contrai o rosto e eu sei que ela vai chorar. Ela sai correndo da mesa, derrubando uma cadeira.

Cecily finge estar sem graça.

- Puxa, espero não ter dito a coisa errada.

- Toda vez que você abre a boca para falar, diz a coisa errada - respondo.

Vovó diz, zangada:

- Gemma, o que está havendo com você hoje? Você está doente?

- Sim, perdoem-me todos vocês - digo, atirando o meu guardanapo na mesa. - A minha cólera está se manifestando de novo.

Mais tarde, haverá necessidade de um pedido de desculpas - *Sinto muito, não sei o que deu em mim, desculpe*. Mas, por ora, estou livre da tirania deles disfarçada em

preocupação. Ao atravessar o salão e descer as escadas, sou obrigada a apertar o estômago para não respirar depressa demais e desmaiar. Felizmente, as portas que dão para o jardim estão abertas para entrar ar e saio para o gramado, onde estão jogando croqué. Mães elegantes com chapéus de abas largas batem em bolas coloridas de madeira com seus bastões enquanto os maridos sacodem a cabeça e as corrigem delicadamente com outro braço aqui, um abraço ali. As mães riem e tornam a errar, de propósito, ao que parece, para poderem ficar bem juntinho dos maridos. Passo despercebida no meio delas, desço a colina e vou para junto de Felicity, que está sentada sozinha num banco de pedra.

- Eu não sei quanto a você, mas já estou cansada desse espetáculo absurdo - digo, forçando um tom jocoso na voz, que não reflete o que estou sentindo. Uma lágrima quente me escorre pelo rosto. Eu a enxugo e contemplo o jogo de croqué. - Seu pai veio? Que pena que eu não o vi.

Felicity não diz nada.

- Fee? O que foi que houve?

Ela me passa o bilhete que tem nas mãos, escrito num belo cartão.

Minha querida filha,

Sinto dizer isso tão em cima da hora, mas o dever me chama para outro lugar, e o dever para com a Coroa é da maior importância, como você certamente irá concordar. Tenha um ótimo dia, e quem sabe nos veremos no Natal.

Afetuosamente,

Seu pai

Eu não sei o que dizer.

- Nem é a letra dele - ela diz finalmente, com uma voz sem expressão. - Ele nem se deu ao trabalho de escrever o bilhete.

No gramado, as meninas menores brincam alegremente e roda, passando sob os braços umas das outras, caindo no chão com ataques de riso, enquanto suas mães as vigiam de perto, preocupadas com vestidos sujos e cabelos que escapam de fitas e chapéus. Duas meninas passam saltitando, de braço dado, recitando o poema que aprenderam para essa ocasião, algo que mostre que elas se tornaram perfeitas daminhas:

"Ela largou a teia, largou o tear, Deu três passos pela sala,

Viu o nenúfar florir,

Viu o elmo e a pluma,

Ela avistou Camelot."

No alto, o sol está perdendo a luta. Pedacos de azul espiam de trás de ameaçadoras nuvens cinzentas, tentando segurar o sol com as pontas dos dedos.

"A teia voou e ficou flutuando;

O espelho quebrou-se de cima a baixo.

- A maldição me pegou - gritou

A Senhora de Shalott. "

As meninas atiram a cabeça para trás e riem de sua leitura dramática. O vento agora vem do leste. A tempestade está chegando. Posso sentir o cheiro de umidade no ar, uma coisa viva, fétida. Algumas gotas isoladas caem, lambendo minhas mãos, meu rosto, meu vestido. Os convidados exclamam, surpresos, erguem as palmas das mãos para o céu, como se o estivessem interrogando, e correm para se abrigar.

- Está começando a chover.

Felicity fica olhando para a frente, sem dizer nada.

- Você vai se molhar - digo, me levantando, pronta para correr para o abrigo da escola. Felicity não faz menção de entrar. Então eu vou, deixando-a lá, embora não ache certo fazer isso. Quando chego na porta, ainda posso vê-la lá, sentada no banco molhado, ficando toda encharcada. Ela abriu o bilhete do pai e ficou vendo a chuva molhar cada traço de tinta, apagando cada palavra, até o papel estar branco como novo.

CAPÍTULO VINTE E SETE

É uma noite totalmente lúgubre. Uma chuva fria e abundante cai do céu, indicando que o verão realmente terminou. Um frio úmido penetra nos nossos ossos, fazendo doer os dedos, as costas, o coração. Os trovões roncavam cada vez mais perto, competindo com o barulho constante da chuva. De vez em quando um relâmpago rasga o céu, com sua luz se espalhando, esfumaçada. A boca da caverna treme. Nós estamos todas aqui. Molhadas. Com frio. Silenciosas. Infelizes. Felicity está sentada numa pedra, trançando a mesma mecha de cabelo, destrançando e tornando a trançar. Seu fogo está totalmente extinto, levado pela chuva para onde quer que ela leve as coisas.

Pippa puxa as pontas da capa em volta do corpo para se agasalhar e anda de um lado para outro, gemendo.

- Ele tem cinquenta anos! É mais velho que o meu próprio pai! É horrível pensar nisso.

- Pelo menos alguém quer se casar com você. Você não é um pária. - É Ann, tirando a palma da mão de cima da chama da vela. Ela aproxima a mão da chama até onde consegue agüentar e depois torna a levantá-la. Mas pela careta que ela faz, percebo que se queimou de propósito, querendo ter certeza de que ainda é capaz de sentir alguma coisa.

- Por que todo mundo quer ser meu dono? - Pippa resmunga.

Ela está com a cabeça entre as mãos.

- Por que todo mundo quer controlar a minha vida, minha aparência, com quem eu me relaciono, o que faço ou deixo de fazer? Por que não me deixam em paz?

- Porque você é linda - Ann responde, vendo o fogo lamber sua mão. - As pessoas sempre acham que podem ser donas das coisas bonitas.

A risada de Pippa é amarga e se mistura com suas lágrimas.

- Ah! Por que as mulheres acham que o fato de ser bonita resolve todos os problemas? Ser bonita só cria problemas. É uma infelicidade. Eu queria ser outra pessoa.

Ela pode se dar o luxo de fazer esse comentário - que só moças bonitas podem fazer. Ann responde a isso com uma exclamação de incredulidade.

- É verdade! Eu queria ser... eu queria ser você, Ann.

Ann fica tão perplexa que deixa a mão um segundo a mais sobre a chama, puxando-a de volta com um grito de dor.

- Mas por que você iria querer ser eu?

- Porque - Pippa suspira - você não tem que se preocupar com essas coisas. Você não é o tipo de pessoa que está sempre sendo assediada, que não tem espaço nem para respirar. Ninguém quer você.

- Pippa! - digo.

- O que foi? O que foi que eu disse agora? - Pippa choraminga. Ela não se dá conta da sua crueldade.

Ann fecha a cara, aperta os olhos, mas está tão castigada pela vida que não diz nada, e Pippa é egoísta demais para notar.

- Você quer dizer que eu não chamo a atenção - Ann diz com uma voz neutra.

- Exatamente - Pippa diz, olhando-me vitoriosa pelo fato de alguém naquela caverna compreender a sua desgraça. Um segundo depois, Pippa percebe o que fez. - Puxa. Puxa, Ann, eu não quis dizer isso.

Ann troca de mão, colocando a esquerda sobre a vela.

- Ann, Ann querida. Você tem que me perdoar. Eu não sou inteligente como você. Metade do que digo não é o que sinto. - Pip abraça Ann, que não resiste ao fato de ter alguém, seja quem for, dando atenção a ela, mesmo que seja alguém que a vê apenas como uma conveniência, como um colar ou uma fita de cabelo. - Vamos, conte-nos uma história. Vamos ler o diário de Mary Dowd.

- Para que se já sabemos como ele termina? - Ann diz, voltando a brincar com a vela.

- Elas morrem no incêndio.

- Mas eu quero ler o diário!

- Pippa, será que você não pode deixar ninguém em paz esta noite? - Suspiro. - Nós não estamos com vontade.

- É fácil para você dizer isso. Não é você que vai ser obrigada a se casar contra a vontade.

O céu ruge enquanto ficamos ali sentadas, cada uma no seu canto, solitárias, apesar de juntas.

- Querem que eu conte uma história? Uma história nova e terrível? Uma história de fantasmas?

A voz, ecoando fracamente na enorme caverna, pertence a Felicity. Ela se volta para nós, abraça os joelhos, puxando-os contra o peito.

- Estão prontas? Posso começar? Era uma vez quatro meninas. Uma era bonita. Uma era inteligente. Uma era charmosa e uma... - Ela olha para mim. - Uma era misteriosa. Mas havia algo de errado com elas. Sangue ruim. Grandes sonhos. Ah, vou deixar esta parte de fora. Desculpem, isso devia ter vindo antes. Elas eram todas umas sonhadoras, essas meninas.

- Felicity... - eu digo, porque é ela e não a história que está começando a me assustar.

- Vocês queriam uma história, e eu vou lhes contar uma.

Um relâmpago cruza as paredes da caverna, iluminando metade do rosto dela e deixando a outra metade na sombra.

- Uma por uma, noite após noite, as meninas se reuniam. E elas pecavam. Vocês sabem que pecado era esse? Ninguém sabe? Pippa? Ann?

- Felicity. - A voz de Pippa é ansiosa. - Vamos voltar e tomar uma xícara de chá. Está frio demais aqui.

A voz de Felicity se expande, enche o espaço à nossa volta, como um sino tocando.

- O pecado delas foi acreditar. Acreditar que podiam ser diferentes. Especiais. Elas acreditaram que poderiam mudar o que eram, danificadas, não amadas. Coisas descartadas. Elas seriam vivas, adoradas, desejadas. Necessárias. Mas isso não era verdade. Esta é uma história de fantasmas, lembram? Uma tragédia.

Surge outro relâmpago, que me permite ver o rosto de Felicity, molhado de lágrimas, o nariz escorrendo.

- Elas foram enganadas. Traídas por suas próprias esperanças idiotas. As coisas não poderiam ser diferentes para elas, porque elas não eram especiais, afinal de contas. Então a vida as levou, e elas se deixaram levar, percebem? Elas desapareceram diante dos seus próprios olhos, até se tornarem apenas fantasmas vivos, assombrando umas às outras com o que poderia ser. O que não pode ser. - A voz de Felicity vai sumindo. - E então, esta não foi a história mais assustadora que vocês já ouviram?

A chuva cai incessantemente, misturada com o som estrangulado do choro de Felicity. Ann parou de torturar as próprias mãos. Agora ela está olhando fixamente

através da chama para as paredes da caverna que mostram a sua história, que não prometem nada. Pippa gira no dedo o anel de noivado até parecer que ela irá quebrá-lo.

Talvez seja o temporal me deixando maluca. Talvez seja a idéia da linda Pippa, casada com um homem que ela não ama, que não a ama, que só quer comprá-la. Talvez seja o fato de imaginar Ann calando a sua voz para trabalhar para aristocratas pomposos e seus filhos odiosos. Ou Felicity tentando conter as lágrimas. Talvez porque cada palavra que ela disse seja verdade.

Qualquer que seja a razão, estou pensando numa saída, em trazer a magia dos reinos para cá. Estou pensando naquelas mães de hoje à tarde com seus vestidos enfeitados e suas vidas vazias. E estou pensando no aviso da minha mãe de que eu ainda não estou pronta para usar todos os meus poderes.

Mas eu estou pronta, mamãe. Estou sim.

Do lado de fora, uma nova série de trovoadas soa como um aviso, uma prece. Ao meu redor, na semi-escuridão, estão os símbolos gravados em pedra com o suor e o sangue de mulheres que partiram antes de nós. Seus sussurros me sugerem uma única palavra:

Acredite.

Eu vejo o brilho do anel indesejado de Pippa. Ouço a respiração ruidosa de Ann. Sinto o desespero invadindo o silêncio com o seu desejo não convidado.

Tem que haver algo melhor do que isto.

Minha voz ergue-se como um pássaro alçando vôo até o topo invisível da caverna.

- Existe uma maneira de mudar as coisas...

CAPÍTULO VINTE E OITO

- Você tem certeza de que sabe como usar essas runas? - Ann pergunta enquanto arrumamos as velas no centro do nosso círculo.
- É claro que ela sabe! Pare de tentar assustá-la - Pippa diz. - Você sabe, não sabe?
- Não. Mas Mary e Sarah fizeram isso. Não pode ser tão difícil. Mamãe disse para eu simplesmente colocar minhas mãos sobre as runas e ... e então ...
Então o quê? A magia penetra em mim. É muito pouco para eu me pautar.
Felicity está ao meu lado. Ela parou de chorar.
- Vamos experimentar e ver o que acontece. Só isso. Apenas uma experiência - digo, como se quisesse convencer a mim mesma.

Nós entramos nos reinos através da nossa porta de luz e vamos rapidamente para a gruta. As runas erguem-se diante de nós, alta e imponentes. São guardas protegendo os segredos do céu.

- Eu não vi ninguém - Felicity afirma, ofegante.

- Então eu acho que ninguém nos viu - Pippa diz.

Prometa-me que não irá retirar a magia dos reinos, Gemma ...

Eu prometi a ela. E, no entanto, não posso abandonar minhas amigas a essa vida vazia.

Já faz tanto tempo que essa magia foi usada. Não há como dizer o que poderá acontecer.

Isso não significa que algo de terrível irá acontecer. Talvez mamãe esteja se preocupando à toa. Vamos tomar muito cuidado. Nada vai conseguir entrar.

A caçadora aparece.

- O que vocês estão fazendo?

Pippa dá um grito de surpresa.

- Nada - digo, depressa demais.

Ela fica calada, nos vigiando.

- Você vai caçar hoje? - ela finalmente pergunta a Felicity.

- Hoje não. Amanhã - Felicity responde.

- Amanhã - a caçadora repete. Ela se vira e caminha na direção do arco prateado, olhando para trás uma só vez, com uma expressão estranha. E então desaparece.

- Essa foi por um triz - Ann diz, soltando o ar que estava prendendo.

- Sim, acho melhor agirmos rápido - digo.

- O que você acha que vai acontecer conosco? - A voz de Pippa está apreensiva.

- Só tem uma maneira de descobrir - respondo, aproximando-me das runas. Posso sentir a energia delas me chamando. Vou tocar nelas apenas por um ou dois segundos, não mais do que isso. O que poderá acontecer em tão pouco tempo?

As meninas encostam suas mãos em mim. Estamos conectadas, como um aparato moderno que produz luz elétrica. Vagarosamente, encosto as palmas das mãos na superfície morna dos cristais. Eles vibram contra a minha pele. A vibração se transforma em tremor. É muito mais poderoso do que eu poderia ter sonhado. Eles brilham, levemente a princípio, depois com mais força, a luz se espalhando rapidamente e formando uma coluna que gira ao redor e através de mim. Posso sentir minhas amigas dentro de mim - o pulsar do sangue em suas veias. O ritmo de nossos corações batendo em uníssono, como o galopar de cavalos pelos campos

cobertos de neve, a esperança chocando-se com a liberdade dentro de nós. Os pensamentos voam como um apito de locomotiva. Diferentes vozes, diferentes línguas se sobrepõem, fundindo-se num murmúrio fugidio. Está rápido demais. Eu não consigo absorver tudo. Vou me partir em pedaços. Preciso me soltar, mas não consigo.

E então o mundo desmorona.

O imenso céu noturno nos envolve em seu cobertor. Estamos no alto de uma montanha. As nuvens passam sobre nós numa velocidade espantosa, enroscando-se e desenroscando-se. O vento forte é um rugido chicoteando nossos cabelos. E no entanto não existe medo. Nada mais em mim é igual a antes. Cada célula do meu corpo está alerta, cada sentido aguçado. Nós não precisamos falar. Podemos perceber o que as outras estão sentindo.

De repente noto o rosto de Felicity; o cinzento dos seus olhos parece maior. A pupila escura no centro do seu olho gira até eu ser puxada para dentro, onde fico flutuando num mar aberto, com icebergs erguendo-se entre as ondas, ouvindo o grito das baleias ali pertinho. Como líquido, sou derramada naquele mar, sou engolida inteira, e depois caio pelo fundo dele até um lusco-fusco londrino. Abaixo de mim está o Tâmis, pontilhado de reflexos luminosos dos postes de luz. Eu estou voando. Eu estou voando. Nós todas estamos, subindo tão alto que as chaminés e os telhados parecem moedas atiradas num bueiro. *Feche os olhos, feche os olhos, Gemma.* Eu estou acordada num deserto, sob a lua cheia. As dunas sobem e descem como se respirassem. Meu pé afunda. Eu estou me desmanchando na areia marrom e quente. Sob meus dedos, a areia fina adquire a suavidade da pele. Seu corpo rola sob o meu como uma planície. Kartik é como um país pelo qual eu quero viajar - vasto, perigoso e desconhecido. Quando nos beijamos, eu torno a cair, de volta ao topo daquela montanha onde Felicity, Pippa e Ann estão paradas, de volta de suas viagens, e no entanto temos a impressão de nunca termos saído de lá. Nós sorrimos umas para as outras. Nossos dedos se tocam, nossas mãos se entrelaçam. Há uma luz branca ofuscante. E depois nada.

- Gemma, acorde. - Ann me sacode de leve. Meu quarto entra em foco aos poucos, o teto, a luz cinzenta da janela, o assoalho gasto de madeira. Eu me recordo vagamente da noite passada, os reinos, as runas, a estranha expressão da caçadora, nós quatro voltando para casa depois, mas é tudo muito nebuloso. Perdi todo o senso de tempo e direção.

- Que horas são? - pergunto.

- Está na hora do café-da-manhã.

Não pode ser, penso esfregando a cabeça.

- Mas está - ela responde.

Que estranho.

- Como você soube o que eu estava pensando? - pergunto.

- Não sei - ela diz, arregalando os olhos. - Escutei dentro da minha cabeça.

- A magia ... - digo, sentando-me na cama. Felicity e Pippa entram no quarto.

- Vejam o meu vestido - Pippa diz, radiante. Ele tem uma mancha de grama na bainha.

- Que pena, Pip - digo.

Ela ainda está sorrindo como uma idiota. Ela fecha os olhos e em segundos a mancha desaparece.

- Você a fez desaparecer - Ann diz, maravilhada.

Pippa sorri. Ela vira a sala de um lado para outro, deixando a luz bater nela.

- Então nós conseguimos - digo. - Nós trouxemos a magia dos reinos para cá. - E está tudo bem.

Eu me visto em tempo recorde. Atravessamos o corredor e descemos a escada como uma brisa, cochichando umas com as outras em frases inacabadas que, de alguma forma, são terminadas dentro de nossas cabeças. Estamos tão animadas com nossa descoberta que não conseguimos parar de rir.

Sob a escada, há uma pequena estátua de um cupido.

- Eu quero me divertir um pouco - Pippa diz, fazendo-nos parar. Ela fecha os olhos, faz um movimento com as mãos sobre a estátua de gesso do menino e de repente ele ostenta grandes seios.

- Ah, que coisa horrível, Pip! - diz Felicity. Nós caímos na gargalhada.

- Pensem nas possibilidades de redecação! - Pippa diz, rindo histericamente.

Brigid está vindo pelo corredor na nossa direção.

- Minha nossa, conserte isso rápido! - sussurro.

Nós nos atrapalhamos todas tentando esconder a coisa.

- Eu não posso fazer isso sob pressão! - Pippa diz em pânico.

- Que bagunça é essa? - Brigid põe as mãos na cintura. - O que vocês têm aí? Saiam da frente para eu ver.

Relutantemente, nós obedecemos.

- Mas o que é isso? - Brigid está segurando a estatueta da dançarina de canção mais feia do mundo, originalmente um cupido com seios.

- É a última moda em Paris - Felicity diz calmamente. Brigid a coloca de volta no pedestal.

- Devia estar no lixo, se querem saber minha opinião. Ela se afasta e nós caímos de novo na gargalhada.

- Foi o melhor que eu consegui fazer - Pippa diz. - Nessas circunstâncias.

Todas as cabeças se viram quando chegamos para o café e tomamos nossos lugares na mesa comprida. Cecily não consegue parar de olhar para Ann.

- Ann, o seu vestido é novo? - ela pergunta entre uma dentada e outra no bacon. Nós chegamos tão tarde que só sobrou mingau.

- Não - Ann responde.

- Então você mudou o penteado?

Ann sacode negativamente a cabeça.

- Bom, alguma coisa melhorou em você.

Isso faz o resto do grupo rir baixinho. Cecily volta a comer o seu bacon.

Felicity larga a colher com força na mesa.

- Você é muito mal-educada, Cecily. Sabia disso? Acho que você não deveria dizer mais nada hoje.

Cecily abre a boca para responder a Felicity, mas as palavras não saem. Ela só consegue emitir alguns sussurros. Ela leva as mãos à garganta.

- Cecily, o que foi? - Elizabeth dá um pouco de água para ela beber.

- O gato comeu a língua dela - Felicity diz, com um riso debochado.

- Fee, você vai ter que devolver a voz de Cecily alguma hora - Pippa diz a caminho da aula de francês.

Felicity balança a cabeça.

- Eu sei. Mas você tem que admitir: isto é um progresso.

Mademoiselle LeFarge está com um sorriso particularmente sarcástico no rosto quando nós chegamos. É um mau presságio.

- Bonjour, mes filles. Hoje nós vamos ter uma aula de conversação para testar o francês de vocês.

Uma aula de conversação. Eu sou péssima nisso, e imagino por quanto tempo vou conseguir passar despercebida.

Elizabeth levanta a mão.

- Mademoiselle, a nossa Cecily perdeu a voz.

- É mesmo? Isso foi muito súbito, Mademoiselle Temple.

Cecily tenta falar, mas não consegue. Ann dá um sorrisinho para ela e Cecily faz uma cara de pavor. Ela enterra o nariz no livro.

- Muito bem - Mademoiselle LeFarge diz. - Mademoiselle Doyle, você começa.

Estou perdida. *Por favor, por favor, eu tenho que conseguir.*

Meu estômago treme. Este pode ser o dia em que Mademoiselle LeFarge irá me rebaixar para uma turma mais atrasada. Ela me lança uma pergunta sobre o Sena e fica esperando a resposta. Quando abro a boca, ficamos todas estarelecidas. Eu estou falando francês como uma parisiense, e descubro que sei um bocado sobre o Sena. E sobre geografia da França. Sua monarquia. A Revolução. Estou me sentindo tão inteligente que quero continuar falando até o final da aula, mas finalmente Mademoiselle LeFarge recupera-se do choque, infringindo a sua própria regra ao fazer isso.

- Isso foi extraordinário, Mademoiselle Doyle! Realmente extraordinário - ela gagueja em inglês. - Como podem ver, senhoritas, quando vocês querem ser aplicadas, os resultados são evidentes! Mademoiselle Doyle, hoje você vai ganhar trinta pontos por bom comportamento, um recorde na minha aula!

Alguém deveria fechar a boca de Martha, de Cecily e de Elizabeth antes que a chuva venha e as afogue como se fossem perus.

- O que fazemos agora? - Pippa murmura quando nos sentamos para a aula do Sr. Grunewald.

- Acho que é a vez de Ann - digo. Ann fica nervosa.

- E-eu? Eu n-n-não sei ...

- Vamos. Você não quer que todo mundo saiba o que é capaz de fazer?

Ela franze a testa.

- Mas não vai ser eu, vai? Vai ser a mágica. Como o seu francês.

Isso me faz ficar vermelha.

- Fiquei um tanto empolgada. Mas você sabe mesmo cantar, Ann. Vai ser você na sua melhor forma.

Ann está cética. Ela morde nervosamente o lábio.

- Acho que não vou conseguir.

Somos interrompidas pela chegada do austríaco baixinho e gordo. O Sr. Grunewald geralmente está de mau humor. Mas hoje ele supera a si mesmo.

- Calem já a boca! - ele grita, passando a mão pelo cabelo ralo e branco. Uma por uma, nós somos chamadas à frente da turma para praticar o mesmo hino. Uma por uma, somos severamente criticadas. Nossas vogais são mal articuladas. Nós não abrimos suficientemente a boca. Desafino numa nota alta e ele guincha como se estivesse sendo torturado. Finalmente, chega a vez de Ann.

A princípio ela está tímida. O Sr. Grunewald grita e resmunga, o que não ajuda.

Ordeno mentalmente a Ann que solte sua voz. *Cante, Ann. Vamos!* E então, ela canta. É como um pássaro deixando o ninho, voando livre, cada vez mais alto.

Ficamos em silêncio, embevecidas. Até o Sr. Grunewald pára de contar. Ele olha para ela com um ar extasiado.

Sinto tanto orgulho dela. Como minha mãe pôde querer impedir que usássemos essa magia? Como ela pôde achar que não estávamos prontas para ela?

Quando ela termina, o Sr. Grunewald aplaude. O homem cujas mãos nunca se juntaram para bater palmas está aplaudindo Ann. Todas as meninas começam a aplaudir também. Elas agora a vêem de forma diferente, como sendo alguém. E não é isso que todo mundo quer? Ser visto?

Nós nos deleitamos na glória deste dia até a noite. É então que sentimos o resto da magia esvaindo-se de nossos corpos, deixando-nos exaustas. A Sra. Nightwing presta atenção em Pippa.

- Miss Cross, você está parecendo muito cansada esta noite.

- Estou mesmo cansada, Sra. Nightwing. - Pippa fica vermelha. A Sra. Nightwing nem sonha com o que está acontecendo enquanto dorme embalada pelo seu *sherry*.

- É melhor você se deitar agora mesmo. Você vai querer estar bonita amanhã para receber o Sr. Bumble.

- Arg, esqueci que ele vinha me visitar - Pippa diz enquanto subimos pesadamente a escada até nossos quartos.

Ann espreguiça os braços acima da cabeça, parecendo um gato.

- Por que você não desmancha com ele? Diga simplesmente que não está interessada nele.

- Minha mãe vai ficar muito satisfeita com isso - Pippa diz, debochando.

- Nós podemos voltar aos reinos e fazer você ficar horrorosa - Felicity diz.

- De jeito nenhum!

Chegamos no alto da escada. O teto está manchado dos lampiões a gás. Engraçado que eu nunca tenha notado isso antes.

- Então está bem. Diga adeus ao Senhor Perfeição e seja a esposa de um advogado - Felicity diz, com um risinho cínico.

O ar de preocupação de Pippa desaparece e dá lugar a uma nova determinação.

- Eu poderia simplesmente contar a verdade a ele. Sobre a minha epilepsia.

As paredes também estão manchadas de fuligem. Eu também não havia notado isso.

- Ele vem me fazer uma visita amanhã, às onze horas - diz Pippa.

- Vamos dar uma corrida nele, está bem? - sugere Felicity. Com um bocejo, passo pelos retratos já tão familiares, aquelas mulheres semi-apagadas. Mas esta é uma noite para se ver coisas pela primeira vez. Em sua severa moldura preta, um dos retratos começou a se deformar por trás do vidro. Provavelmente a umidade. Ele está se desmanchando. Mas tem outra coisa. Quando olho mais de perto, vejo o contorno na parede onde um quinto retrato esteve pendurado.

- Que estranho - eu digo para Ann.

- O quê? - Ela boceja.

- Olhe ali na parede. Veja a marca. Havia uma outra fotografia.

- É, havia. E daí? Talvez tenham se cansado dela.

- Ou talvez fosse a turma de 1871, Sarah e Mary - digo.

Ann entra no nosso quarto, espreguiçando-se e bocejando.

- Ótimo. Então você procura por ele.

Sim, eu penso. Talvez eu faça isso. Não acredito que não houvesse uma foto.

Acho que ela foi retirada.

Meu sono é agitado, cheio de sonhos. Eu vejo o rosto da minha mãe nas nuvens, bondoso e justo. As nuvens se afastam. O céu muda. Ele se transforma num monstro cinzento com buracos no lugar dos olhos. Tudo fica escuro. A meninazinha aparece. O branco do seu avental, o vestido exótico sob ele sobressaem no escuro. Ela se vira devagar e começa a chover. Cartas. Estão chovendo cartas de tarô. Elas pegam fogo ao cair.

Não. Eu não quero este sonho.

Ele desaparece. Eu estou sonhando de novo com Kartik. Um sonho faminto. Nossas bocas estão em toda parte ao mesmo tempo. Os beijos são ardentes e violentos. Ele rasga a minha camisola, expondo a pele do meu pescoço. Ele enterra os lábios na curva da minha garganta, dando-me pequenas mordidas que não chegam a doer mas

me deixam excitada. Nós rolamos juntos, uma roda de mãos e línguas, dedos e lábios. Sinto uma pressão dentro de mim que parece que vai me fazer explodir. E quando sinto que não vou mais agüentar, acordo assustada. Minha camisola está colada no corpo de suor. Minha respiração é ofegante. Fico deitada com os braços esticados ao lado do corpo, sem me mover, por um longo tempo, até conseguir finalmente dormir e não sonhar.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

O Sr. Bumble chega às onze horas em ponto para visitar Pippa. Ele está elegante com seu bonito paletó preto, camisa engomada, gravata, polainas imaculadamente brancas protegendo os sapatos e um chapéu-coco bem escovado na mão. Se eu não soubesse quem ele é, acharia que era um pai amoroso em visita à filha, não à futura esposa.

A Sra. Nightwing preparou uma pequena sala de visitas. Ela trouxe o tricô para poder sentar-se silenciosamente num canto como dama de companhia. Mas nós pensamos nisso também. Felicity está tendo uma crise súbita de dor de estômago. Ela está lá em cima, contorcendo-se de dor na cama. Temem que seja apendicite, e a Sra. Nightwing é obrigada a correr para o lado dela. O que me deixa com a função de dama de companhia. Então eu me vejo sentada no canto com um livro enquanto uma xícara de chá cor-de-rosa treme nas mãos de Pippa.

O Sr. Bumble olha para ela como se estivesse avaliando um pedaço de terra que pensa em comprar.

- Creio que o seu anel é bastante satisfatório, não? - Não se trata de uma pergunta, mas de uma chance de ser cumprimentado pelo seu bom gosto.

- Ah, sim - Pippa diz, distraída.

- E a sua família? Vai bem?

- Sim, obrigada.

Eu tusso e lanço um olhar para Pippa. *Anda, acaba logo com isso.* Ao me ouvir tossir, o Sr. Bumble me lança um leve sorriso. Eu torno a tossir e mergulho no livro.

- E espero que você também esteja bem - ele insiste.

- Ah, sim - Pippa diz. - Bem, não.

Lá vamos nós.

Ele interrompe o gesto de levar a xícara aos lábios no meio do caminho.

- Ah, nada de sério, eu espero, minha querida.

Pippa leva o lenço aos lábios, como se estivesse dominada pela emoção. Eu poderia jurar que ela conseguiu produzir lágrimas de verdade. Ela é muito convincente e eu estou impressionada.

- O que foi, minha querida? Você precisa se abrir comigo, seu noivo.

- Como posso fazer isso se contribuí para enganá-lo! Ele recua um pouco, com a voz subitamente fria:

- Continue. Como foi que você me enganou?

- É a minha doença. Eu tenho ataques horríveis que podem acontecer a qualquer hora.

O Sr. Bumble fica rígido.

- Há ... há quanto tempo você tem essa ... doença? - Seus lábios bem-educados mal conseguem pronunciar essa palavra.

- A vida inteira, eu acho. Meus pobres pais têm sofrido tanto. Mas como o senhor é um homem honrado, o meu coração não permite que eu prossiga com esta farsa. Bravo. O teatro britânico está perdendo uma ótima atriz. Ela me olha de soslaio. Eu sorrio, aprovando.

O Sr. Bumble parece alguém que comprou uma bela peça de porcelana e, quando chegou em casa, descobriu que ela estava rachada.

- Eu sou um homem honrado. Um homem que honra os seus compromissos. Vou falar imediatamente com os seus pais.

Pippa agarra a mão dele.

- Ah, não! Por favor! Eles jamais me perdoariam por ter contado a verdade. Por favor, entenda que eu só estou pensando no seu bem-estar.

Ela olha para ele com aqueles olhos grandes e suplicantes. Seu charme produz o efeito desejado.

- Você entende que se eu romper esse noivado a sua reputação, a sua virtude serão questionadas?

Ah, sim. Ninguém vai nos querer se a velha virtude for questionada. Deus me livre.

- Sim - Pippa diz de olhos baixos. - Por isso é que eu acho que seria melhor que eu o recusasse. - Ela tira o anel do dedo e o deixa cair na palma da mão dele. Espero para ver se ele vai pedir para ela reconsiderar, se irá reafirmar o seu amor, apesar da doença dela. Mas ele parece aliviado, e fala com um tom imperioso:

- E o que vou dizer aos seus pais, então?

- Diga que eu sou jovem e tola demais para ser sua esposa, e que o senhor foi nobre o bastante para permitir que eu rompesse o noivado e salvasse a minha reputação. Eles não vão insistir.

Pippa nunca foi tão bonita quanto agora, com a cabeça erguida, os olhos brilhando em triunfo. Pela primeira vez, ela não está sendo levada pela correnteza, mas está nadando contra ela.

- Muito bem, então.

A Sra. Nightwing entra.

- Ah, Sr. Bumble, sinto tê-lo feito esperar. Uma de nossas meninas ficou um pouco histérica, mas parece estar bem agora.

- Não tem importância, Sra. Nightwing. Eu já estava de saída.

- Tão cedo? - A Sra. Nightwing parece desapontada.

- Sim. Eu tenho um assunto urgente para resolver. Senhoras, bom-dia a todas.

Confusa, mas educada, a Sra. Nightwing o acompanha.

- Como me saí? - Pippa pergunta, caindo na cadeira como se fosse um pedaço de chumbo.

- Você foi brilhante. A própria Lily Trimble não teria feito melhor.

Pippa examina o dedo nu.

- Mas foi uma pena ficar sem o anel.

- Você poderia ter esperado até ele pedir para você devolvê-la.

- Mas ele não teria pedido.

- Exatamente!

Estamos rindo quando a Sra. Nightwing entra, desconfiada e questionadora.

- Pippa, está tudo bem entre você e o Sr. Bumble? Pippa engole em seco.

- Sim, Sra. Nightwing.

- Então você poderia me dizer onde está o seu anel?

Nós não tínhamos pensado nisso - como explicar a perda do anel para todo mundo.

Agora estamos em apuros, penso. Mas Pippa ergue o queixo, com um leve sorriso nos lábios.

- Ah, isso. Ele notou um defeito nele.

Nós nos sentamos, protegidas pelos lenços coloridos do salão privado de Felicity.

Pippa e eu estamos relatando as aventuras da manhã com o Sr. Bumble, falando mais ou menos ao mesmo tempo:

- E então Pippa disse ...

- ... ele encontrou um defeito!

Rimos até perder o fôlego e ficarmos com dor do lado.

- Ah, isso é sublime - Felicity diz, enxugando os olhos. - Tomara que nunca mais tenhamos que olhar para o infeliz Sr. Bumble.

- Sra. Bartleby Bumble. - Pip enfatiza os bês. - Vocês podem imaginar que horror?

Tornamos a rir e acabamos com soluços.

- Gemma, eu quero ir de novo - Felicity diz depois que nos acalmamos.

Ann concorda com a cabeça.

- Eu também.

- É arriscar a sorte fazer isso de novo tão cedo - digo.

- Por favor - Ann insiste.

Felicity concorda.

- Afinal de contas, não aconteceu nada de tão terrível. E pense no quanto foi maravilhoso ter todo esse poder na ponta dos dedos. Talvez a sua mãe estivesse apenas fazendo o que as mães sabem fazer melhor, preocupando-se sem necessidade.

- Talvez - eu digo. Tenho que admitir que estou apaixonada pela sensação que a magia das runas proporciona. Só mais uma visita não pode fazer mal. E então eu prometo que vou parar e obedecer à minha mãe. - Está bem - digo. - Para as cavernas.

- Ah, honestamente, estou cansada demais para ir até a floresta esta noite - Pippa reclama.

- Nós poderíamos fazer isso agora. Aqui mesmo - Felicity diz.

Pippa arregala os olhos.

- Você está louca? Com a Sra. Nightwing e as outras aqui por perto?

Felicity levanta a ponta de um lenço. Agrupadas ao redor do fogo em grupos de três e quatro, as outras não estão prestando atenção em nós.

- Elas nunca vão saber que nós saímos daqui.

Fazemos a viagem até o alto da montanha, caindo dentro de nós mesmas sem tentar parar. Eu só tenho um instante de dificuldade. Sou uma sereia, erguendo-me do mar, mas quando olho para baixo, a água é o rosto da minha mãe, nervoso e amedrontado. Fico com medo e tenho vontade de parar. Mas no instante seguinte nós somos transportadas de volta para a tenda de Felicity. Nossos olhos estão brilhantes, nossa pele rosada, nossos sorrisos cúmplices estão de volta. Nossos corpos dão a sensação de ser suspiros voluptuosos quando ficamos paradas no grande salão, totalmente invisíveis.

Ó Deus, a enorme e terrível beleza disso. Ao nosso redor, o movimento da sala perdeu velocidade, igualando-se ao ritmo letárgico de uma caixa de música quase sem corda. As vozes são grossas e cada palavra parece levar um tempo interminável para ser dita. A Sra. Nightwing está sentada em sua cadeira, lendo David Copperfield em voz alta para as meninas menores. A tentação é demais para mim. Eu toco no braço dela, bem de leve. Ela não pára de ler, mas devagar, bem devagar, sua mão livre repousa no lugar que eu toquei. Ela coça o lugar que a minha mão tocou, como quem coça uma picada de inseto logo esquecida. É extraordinário.

Pippa dá um gritinho de alegria.

- Elas não podem nos ver! É como se não estivéssemos aqui!

Ah, as coisas que eu gostaria de fazer ...

- Por que não fazê-las? - Felicity diz, erguendo uma sobrancelha. Ao dizer isso, ela vira o livro nas mãos da Sra. Nightwing, deixando-o de cabeça para baixo. A Sra. Nightwing leva alguns segundos para registrar o que aconteceu, mas quando o faz, fica totalmente perplexa. As meninas, sentadas aos pés dela, cobrem a boca com as mãos para não rir.

- Por que tudo está tão lento? - digo, encostando a mão numa coluna de mármore. Esta se contorce sob minha mão e eu a retiro depressa.

A coluna está viva.

Centenas de pequenas fadas e sátiros de mármore movem-se sobre a superfície. Uma horrível gárgula abre suas asas, inclina a cabeça de lado.

- Você agora vê as coisas como elas realmente são - ela diz. - Os outros pensam que isso é apenas um sonho. Mas são eles que vivem no sonho, não nós. - Ela cospe e limpa o nariz na asa.

- Arg - Felicity diz. - Nojento. Estou tentada a esmagá-la. Com um grito, a gárgula sai voando para o alto da coluna. Um pequeno elfo de olhos amarelos sorri para mim.

- Por que você não nos liberta? - A voz dele é um murmúrio suave.

- Libertar vocês?

- Nós estamos presos aqui. Liberte-nos, só por um momento, o suficiente para esticarmos nossas asas.

- Está bem - eu digo. Afinal, esse parece ser um pedido justo.

- Vocês estão livres.

Com berros e guinchos, as fadas e ninfas descem correndo pela coluna como água e começam a correr pelo chão, agarrando pedaços de queijo, nacos de pão, peças de xadrez. É um caos com todas aquelas criaturas correndo e voando por ali.

- Minha nossa! - Pippa grita.

Um sátiro do tamanho do meu polegar vai até uma menina que está sentada no tapete. Ele olha por baixo do vestido dela e solta um gemido sensual.

- Tão doce e macia - ele diz.

- Que criaturas imundas - Felicity diz, rindo. - As damas de Spence estão em perigo.

- Nós não podemos deixar que eles façam isso - digo, também achando graça nas travessuras deles. Quando o sátiro sobe na perna da menina, eu o tiro com os dedos.

- Ah, isso não - eu o repreendo.

Ele se contorce e xinga em protesto. Num instante o seu rosto se transforma numa máscara demoníaca e ele enfia os dentes afiados no meu pulso. Com um grito de dor, eu o largo. É a minha imaginação ou, de repente, ele fica maior? Felicity dá um grito de susto do meu lado e eu vejo que é verdade - o monstro está crescendo. Ele paira sobre nós, com seus chifres tocando o teto.

- Vamos ver se você é doce ou azeda - ele diz com uma voz rouca e grossa.

- O que está acontecendo? - Pippa diz, apavorada. - Faz ele parar!

- Pare agora mesmo! - grito. O sátiro simplesmente ri ao nos ver tão assustadas.

Pippa me agarra, aterrorizada.

- Não está funcionando! Por que não está funcionando?

- Eu não sei! - grito de volta. Usar a magia é mais complicado do que pensei.

- Eu sabia que isso era uma má idéia - Pippa choraminga.

Não era ela que estava me implorando para fazer isso há poucos momentos?

- Nós temos que colocá-los de volta nas colunas - Felicity berra.

Uma gárgula pula na minha perna. Com um movimento rápido, eu a agarro pelas asas, corro até a lareira e seguro aquele bicho horroroso bem perto do fogo. Ela grita de terror:

- Diga-me como desfazer isso.

Ela me xinga e eu abaixo um pouco a mão, até as chamas lambem suas pernas.

- Diga-me, senão vou atirá-la lá dentro.

A gárgula pede ajuda aos amigos, mas o sátiro apenas ri.

- Vá em frente. Que diferença vai fazer uma gárgula a menos no mundo? Vai ser muito divertido.

Eu abaixo mais um pouco a criatura.

- Diga-me!

Ela grita:

- Sim, sim! Eu vou dizer! Repita comigo: *Por suas mentiras, no mármore vocês repousarão...*

Uma ninfa de seios nus pula sobre a lareira.

- Sua desgraçada! Não diga mais nada a ela!

Durante mil anos e nunca morrerão...

A ninfa tenta atacá-la, erra e cai dentro do fogo, que a aceita com um chiado.

...de olhos arregalados, a gárgula berra.

- É isso. Essa é a frase!

- Anda logo! Diz a frase! - Felicity grita. O sátiro as encurralou num canto.

Com a boca seca, eu começo:

- *Por suas mentiras, no mármore vocês repousarão...*

Gritos horríveis enchem a sala. Os monstros gostam de sua liberdade. Meu coração está batendo tão depressa quanto suas asas, e a segunda parte sai de um jato:

- *Durante mil anos e nunca morrerão!*

A poucos centímetros de mim, o sátiro encolhe até ficar de novo do tamanho do meu polegar. Fadas, ninfas, gárgulas e sátiros voam de marcha a ré pelo ar, até grudarem nas colunas, gritando o tempo todo. Eles cospem e xingam. Vagarosamente o mármore os congela e silencia, e seus rostos zangados e suas bocas abertas são o único testemunho do que aconteceu.

Estou tremendo e molhada de suor. Nós todas estamos um horror.

Pippa estremece.

- Nunca gostei desta sala. Agora eu sei por quê.

- Acho que já tivemos magia demais por uma noite - Felicity diz, enxugando a testa com as costas da mão.

Só Ann não concorda. Ela vai para perto de Cecily e Elizabeth.

- Só mais um pouco de diversão.

- O que você vai fazer? - Pippa pergunta.

Ann sorri.

- Nada que elas não mereçam.

CAPÍTULO TRINTA

- Deve ser... mais ou menos... agora - Felicity diz, abrindo a cortina de lenços bem a tempo de ouvir os berros de Cecily e Elizabeth, seguidos de um grito da Sra. Nightwing: "Céus!"

Elas estão completamente nuas, suas roupas estão espalhadas pela sala - uma meia atirada sobre um banquinho, uma combinação estendida no chão. Quando elas percebem seu estado, as duas berram e tentam se cobrir com os braços. Cecily tenta usar Elizabeth como um escudo humano, enquanto Elizabeth grita e puxa o cabelo de Cecily.

- O que significa isso! - A Sra. Nightwing se espanta. A sala se enche de risinhos, gritos de susto e dedos apontados. Finalmente, Miss Moore cobre as duas com um cobertor, enquanto a Sra. Nightwing as arrasta para o hall, onde podemos ouvir sua voz erguendo-se num tom que é quase operesco.

- Isso foi brilhante - Felicity diz, rindo. Ann sorri, radiante.

Sua vingança foi realmente doce. Tenho aquela sensação estranha no estômago que vem sempre que me divirto com alguma coisa que sei que vou lamentar mais tarde. Tento não pensar nisso. Meu olhar cai em Miss Moore. É provavelmente a minha consciência culpada se manifestando, mas pelo olhar penetrante que ela me lança posso quase jurar que ela sabe o que nós fizemos.

Alguma coisa que Pippa diz provoca outro ataque de riso. Eu não ouvi. Estava observando Miss Moore vindo na nossa direção.

- Será que fomos invadidos por hienas? - ela pergunta, enfiando a cabeça dentro da tenda.

Nós tentamos nos compor.

- Perdoe-nos, Miss Moore. Nós não devíamos rir. Aquela cena foi muito chocante - diz Felicity, esforçando-se para não rir.

- Sim. Chocante. E muito estranha - Miss Moore diz. Ela torna a olhar para mim. Olho para o chão. - Posso entrar?

- Sim, entre, por favor - Pippa responde, abrindo espaço para ela.

- Eu nunca entrei neste santuário antes, Felicity. É muito bonito.

- Conheço um lugar que é muito mais bonito - Felicity responde. Lanço um olhar de advertência para ela.

- É mesmo? Algum lugar que eu conheço?

- Ah, acho que não. É um lugar secreto. Uma espécie de paraíso particular. - Felicity sorri com um ar sonhador.

- Então é melhor não me contar. Não sei o que eu faria no paraíso.

Ela dá uma risada jovial. Tento imaginar como Miss Moore deve ter sido quando menina. Ela era obediente? Cruel? Rebelde? Tímida? Tinha uma boa amiga e um lugar secreto para se refugiar do mundo? Será que algum dia ela foi como nós?

- O que é que vocês estão lendo?

O diário está bem à vista. Ann estende a mão para pegá-lo, mas Miss Moore é mais rápida. Fico com o coração na boca enquanto Miss Moore examina o diário.

Felicity é ligeira.

- É só um romance bobo. Nós o encontramos na biblioteca. Seguindo a sua sugestão.

- Isso foi sugestão minha?

- Quer dizer, ir à biblioteca.

Miss Moore abre o livro. Nós não ousamos olhar umas para as outras.

- "O Diário Secreto de Mary Dowd." Minha ... - Uma folha cai no chão. - O que é isso?

Meu Deus! A ilustração! Felicity e eu quase damos um encontrão uma na outra na pressa de alcançar a imagem proibida antes dela.

- Nada - Felicity diz. - É só um desenho.

- Entendo. - Miss Moore vira uma página, depois outra.

- Nós nos revezamos lendo em voz alta - Ann diz. Nós nos agitamos em nossos assentos.

Os olhos de Miss Moore não deixam as páginas do livro quando ela diz:

- Talvez esta noite eu me junte a vocês. Vocês permitiriam? Não podemos dizer não.

- É claro - Felicity diz. - Vou mostrar onde foi que nós paramos. Acho que já estamos quase no fim.

Os olhos de Miss Moore percorrem a página aberta em suas mãos. A espera é interminável. Tenho certeza de que ela vai nos levar para a Sra. Nightwing a qualquer momento. Mas, finalmente, sua voz cheia e profunda enche a tenda:

"6 de abril de 1871

O que fizemos não pode ser desfeito. Esta noite, fui para a floresta com Sarah. Era uma linda noite de lua cheia. Logo depois, a filha de Mãe Elena, Carolina, apareceu. Nós lhe havíamos prometido uma boneca.

- Vocês trouxeram a minha boneca?

- Sim - Sarah disse a ela. - Ela está esperando por você logo depois daquelas árvores. Venha, Carolina, nós vamos levar você até onde ela está.

Era uma mentira cruel, que ocultava nossas horríveis intenções. Mas a criança acreditou em nós. Ela nos deu a mão e foi caminhando alegremente conosco, cantando uma velha cantiga.

Quando chegamos perto da escola, ela perguntou:

- Onde está a minha boneca?

- Lá dentro - eu disse, com uma pedra no lugar do coração.

Mas a criança teve medo e se recusou a ir.

- A sua linda boneca está esperando por você. E nós temos caramelos também - Sarah disse.

- E vou deixar você usar o meu lindo avental branco - eu disse, vestindo-a com o meu avental e dando um laço atrás. - Puxa, como você está bonita. - Isto animou-a consideravelmente e ela nos seguiu até a cúpula da Ala Leste, onde nós acendemos nossas velas.

Miss Moore faz uma pausa. O silêncio é completo. É isso.

Tudo o que resta para ela fazer é fechar o livro e atirá-lo no fogo. Mas ela só parou para limpar a garganta, e logo depois recomeça:

"- Onde está a minha boneca? - a criança choramingou, e Sarah atirou a velha boneca de trapos para ela. Não era o que estava esperando, e ela chorou.

- Shh, shh - eu disse, tentando consolá-la.

- Deixa ela - Sarah disse, zangada. - E vamos fazer isso logo.

Tem uma hora na vida de todo mundo em que se escolhem caminhos, em que o caráter é formado. Eu poderia ter escolhido um caminho diferente. Mas não escolhi. Fracasei para comigo mesma. Enquanto segurava a criança, cobrindo sua boca com a mão para silenciar os seus gritos, Sarah chamou o monstro no seu esconderijo no coração escuro das Terras Invernais.

- Venha para nós - ela gritou com os braços erguidos. - Venha e me conceda o poder que deve ser meu.

E então, aconteceu uma coisa horrível. Fomos arrastadas para uma visão naquele mundo impreciso entre este e o outro. Um imenso abismo negro se aproximou,

transformando-se no monstro. Ah, eu teria corrido se minhas pernas tivessem permitido. Os gritos dos condenados quase fizeram o meu coração parar. Mas Sarah sorriu, atraída por ele. A criança lutava comigo, aterrorizada, e apertei o rosto dela com mais força, tentando fazê-la calar, tentando bloquear o meu próprio medo. Então, lentamente, levantei a mão e cobri o pequeno nariz também. Ela percebeu qual era a minha intenção e resistiu. Mas era a vida dela pela nossa, ou foi assim que pensei. Apertei com força a criança, até que ela parou de lutar e ficou imóvel no chão da Ala Leste, com os olhos arregalados, morta para o mundo. Então percebi, horrorizada, o que tinha feito.

A criatura deu um berro de raiva.

- Eu precisava dela inteira! Agora o seu sacrifício não vale nada para mim.

- Mas você prometeu ... - murmurei. Os olhos de Sarah brilharam de ódio.

- Mary, você estragou tudo! Você nunca quis que eu tivesse o poder, nunca quis ser minha irmã! Eu devia ter sabido.

- Você vai pagar por isso - a criatura gritou, agarrando o braço de Sarah. Ela deu um grito e, quando consegui recuperar o uso das pernas, diário, corri como o vento até Eugenia, contei tudo a ela, e ela pegou o seu robe e uma vela. Quando nós voltamos, a criança estava lá, para me lembrar do meu pecado, mas Sarah tinha desaparecido.

Eugenia disse com determinação:

- Temos que ir até as Terras Invernais.

Nós nos vimos naquela terra de gelo e fogo, de árvores nuas e noite eterna. A criatura tinha começado a agir, e os olhos de Sarah estavam negros como pedras.

Eugenia enfrentou-a:

- Sarah Rees-Toome, as Terras Invernais não tomarão você. Volte comigo. Volte.

A criatura virou-se para ela:

- Ela me chamou. Ela tem que pagar, senão o equilíbrio dos reinos estará ameaçado.

- Eu irei no lugar dela.

- Não! - gritei, enquanto a criatura se recuperava da surpresa e abria um sorriso cruel.

- Que seja. Nós podemos fazer muita coisa com alguém tão poderoso. Com o tempo, nós poderemos invadir o outro mundo.

Então Sarah gemeu. Eugenia atirou o seu amuleto do olho crescente na minha direção.

- Mary, corra! Leve Sarah com você para o outro lado da porta, e eu fecharei os reinos!

A coisa urrou furiosa:

- Nunca!

Eu não conseguia me mover, não conseguia pensar.

- Não! Não faça isso! - gritei. - Nós não podemos perder os reinos!

Então a coisa a fez gritar de dor. Seus olhos encheram-se de súplica, e eu perdi o ar, pois nunca tinha visto Eugenia assustada antes.

- Os reinos devem ficar fechados até conseguirmos encontrar o nosso caminho de novo. Agora ... corra! - ela gritou. E eu corri, arrastando Sarah comigo. Eugenia fez a porta aparecer e saltamos para a segurança. E, na última vez que vi Eugenia, ela estava recitando o feitiço para fechar os reinos, enquanto a escuridão a engolia sem deixar traços. Então a coisa correu atrás de nós. Coloquei o amuleto contra a porta, trancando-a.

- Abra a porta de novo, Mary. - Sarah estava de pé. Ela tinha sido transformada pela criatura, as duas estavam unidas.

- Não, Sarah. A magia se foi. Nós terminamos com ela. Olha. - A porta de luz começou a desaparecer diante dos nossos olhos.

Ela correu para cima de mim, derrubando a vela. Em segundos, a sala estava em chamas. Eu não sei dizer o que aconteceu em seguida, pois saí correndo da Ala Leste, fui correndo na direção da floresta e vi uma estranha luz tomar conta do céu, vi as chamas queimando e a minha amiga mais querida queimando junto. Então a magia da Ordem e dos reinos se foi. Posso sentir todos os traços dela sumindo do mundo com a primeira luz da manhã. Ela se foi, assim como Mary Dowd. Ela não existe mais. Esta noite, ela foi para a floresta, e acho que irá viver na floresta da minha alma pelo resto dos meus dias."

Miss Moore fecha o livro. Estamos sem fala.

- Por favor, continue - Pippa diz, sua voz um mero sussurro. Miss Moore vira as páginas.

- Não posso. Não tem mais nada. Parece que é aqui que a nossa história termina, numa floresta escura. - Ela se levanta e endireita a saia. - Obrigada por dividirem isso comigo, senhoritas. Foi muito interessante.

- Eu não posso acreditar que Mary tenha matado aquela pobre menina - Ann diz quando ficamos sozinhas de novo.

- Sim - diz Felicity. - Quem faria uma coisa dessas?

- Um monstro - digo. *Ela não existe mais.* Foi o que minha mãe disse. Uma sensação incômoda me invade e não vai embora.

Não sei por quê.

Não consigo dormir. Ainda tem muita magia correndo nas minhas veias, e a história de Mary e Sarah me deixou inquieta, como se eu tivesse que provar que o que estamos fazendo é diferente. Bom. Eu me visto rapidamente e caminho pela floresta até chegar diante da barraca de Kartik, onde ele está sentado, lendo.

Saio de trás de uma árvore, assustando-o.

- O que você está fazendo aqui? - ele pergunta.

- Eu não consegui dormir.

Ele volta a ler seu livro. Quero que ele saiba que sou boa, que não sou como Mary e Sarah. Eu nunca faria a coisa horrível que elas fizeram. Por alguma razão, quero desesperadamente que ele goste de mim. Quero que ele acorde depois de sonhar comigo, suado e cheio de vida. Não sei dizer por quê. Mas quero.

- Kartik, e se eu pudesse mostrar a você que o Rakshana está errado? E se eu pudesse provar a você que o meu poder, a magia da Ordem, é maravilhoso?

Ele arregala os olhos.

- Diga-me que você não fez o que acho que fez.

Dou um passo à frente. Não reconheço minha própria voz, de tão desesperada e chorosa.

- Não há nada de errado nisso. É lindo. Eu sou ... - Quero dizer "linda", mas não digo porque estou à beira das lágrimas.

Ele sacode a cabeça, recua. Eu o estou perdendo. Eu deveria deixá-lo em paz. Ir embora. Parar. Mas não consigo.

- Deixe-me mostrar a você. Eu levarei você comigo. Nós poderemos procurar o seu irmão!

Estendo a mão, mas ele praticamente pula para o outro lado da barraca.

- Não. Eu não devo ver. Eu não devo saber.

- Segure a minha mão. Por favor!

- Não!

Por que achei que poderia conquistá-lo? Por que achei que poderia fazê-lo ver-me de outra forma? Pior, e se o modo como ele me vê for o que eu realmente sou - algo para ser temido, e não amado? Uma aberração. Um monstro.

Eu me viro e corro o mais rápido que posso, e ele não vem atrás de mim.

Estou subindo penosamente a escada até meu quarto quando Brigid me faz parar, com uma vela na mão e de touca na cabeça.

- Quem está aí?

- Sou eu, Brigid - digo, torcendo para ela não se aproximar de mim e notar que estou completamente vestida.

- O que você está fazendo por aí na calada da noite?

- Por favor, não conte à Sra. Nightwing. É só que eu não estava conseguindo dormir.

- Pensando sobre sua mãe, então?

Balanço a cabeça concordando, sentindo-me mal por causa da mentira.

- Está bem. Vai ficar só entre nós duas. Mas agora vá para a cama.

Essa súbita bondade de Brigid me deixa arrasada. Sinto todas as minhas defesas me abandonando.

- Boa-noite - murmuro, passando por ela na escada.

- Ah, mais uma coisa, pensei naquele nome estranho. O nome que Sarah passou a usar. Eu me lembrei enquanto estava lavando a louça hoje à noite. Eu me lembrei da Srta. Spence me dizendo: "Ah, a nossa Sarah pensa que é uma antiga deusa, igual aos gregos." Foi então que o nome veio na minha cabeça, quando eu estava lavando as xícaras com desenhos gregos.

- Sim? - pergunto. De repente eu me sinto muito cansada e sem disposição para ouvir uma das longas histórias de Brigid.

- Circe - ela diz, descendo a escada, com sua sombra à frente. - Era esse o nome que ela costumava usar: Circe.

Circe é Sarah Rees-Toome.

Sarah Rees-Toome, que não morreu no incêndio há vinte anos, mas que está viva e bem, esperando por mim. Ela não é mais uma sombra, mas uma inimiga de carne e osso. Alguém que eu poderia achar antes que ela me achasse. Se ao menos eu tivesse alguma idéia de onde ela está ou como é a sua aparência.

Mas não tenho. Estou completamente à mercê dela. Ou não?

Circe, Sarah Rees-Toome, foi uma aluna de Spence, da turma de 1871. Uma garota numa fotografia que foi retirada, mas que está em algum lugar. Encontrar essa fotografia não é mais uma questão de mera curiosidade. É uma necessidade, a única maneira que eu tenho de encontrá-la antes que ela me encontre.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Na manhã seguinte, nossas experiências noturnas com poder e magia começam a deixar suas marcas. Nossos rostos estão pálidos e abatidos, nosso lábios partidos. Minha mente está enevoada e estou tão cansada que mal consigo falar inglês, imagine francês, o que apresenta problemas na aula de Mademoiselle LeFarge. E o fato de eu ter chegado atrasada não ajuda em nada.

Mademoiselle LeFarge resolve fazer uma brincadeira com o meu atraso. Agora que sou sua melhor aluna, um exemplo brilhante da sua competência como professora, ela está inclinada a ser brincalhona comigo:

- *Bonjour, Mademoiselle Doyle. Quelle heure est-il?*

Eu sei a resposta. Está na ponta da minha língua. Alguma coisa sobre o tempo, acho. Se ao menos eu tivesse um restinho de magia em mim para me ajudar a atravessar a aula dela. Mas, infelizmente, vou ter que me contentar com meus poucos recursos.

- Ahn... o tempo está...

Que droga. Como se diz mesmo chuva em francês? Le chuva?

La chuva? Chuva é masculino ou feminino? É tão chata que deve ser masculino.

- *Le tempo está le chuvoso* - digo, enrolando a última parte, embora o le faça soar mais francês.

As meninas riem, o que só convence Mademoiselle LeFarge de que estou zombando dela.

- Mademoiselle Doyle, isso é um acinte. Há dois dias, você se mostrou uma aluna exemplar. Agora tem a audácia de debochar de mim. Talvez você faça melhor numa turma de meninas de oito anos. - Ela me dá as costas e durante o resto da aula é como se eu não existisse.

A Sra. Nightwing notou a nossa palidez. Ela nos obriga a dar um passeio no jardim, achando que o ar frio irá colorir um pouco os nossos rostos. Aproveito a oportunidade para contar às minhas amigas sobre o meu encontro com Brigid na noite anterior.

- Então Circe é Sarah Rees-Toome. E ela está viva. - Felicity sacode a cabeça, incrédula.

- Nós temos que achar aquela fotografia - digo.

- Dizemos à Sra. Nightwing que estamos procurando uma luva. Ela nos deixa procurar por toda parte. Vasculhamos os quartos, um a um - Ann sugere.

Pippa geme.

- Isso vai levar um ano.

- Vamos nos dividir, cada uma fica com um andar, que tal? - digo.

Pippa me olha com aqueles seus enormes olhos de corça.

- Nós temos mesmo que fazer isso?

Eu a empurro na direção da escola.

- Sim.

Depois de uma hora de busca, eu ainda não encontrei o retrato. Revistei tantas vezes o terceiro andar que devo ter gastado os tapetes. Com um suspiro, paro diante das fotografias de turma existentes, desejando que elas falem, que me digam onde encontrar a que está faltando. As damas não me obedecem.

Sou atraída para a fotografia de 1872, com sua superfície enrugada. Delicadamente, eu a retiro da parede e a viro ao contrário. As costas da fotografia estão lisas, nem um pouco estragadas. Torno a virá-la e lá está a frente enrugada. Como pode ser isso? A menos que não seja a mesma fotografia.

Apressadamente, puxo as pontas da fotografia e é como se eu estivesse puxando um carpete. Tem outra fotografia atrás da que está na moldura. Sinto um silvo nos ouvidos. Oito formandas agrupadas no gramado. No fundo, o contorno inconfundível de Spence. Embaixo, em letras pequenas, está escrito *Turma de 1871*. Achei! Os nomes estão escritos embaixo com uma caligrafia difícil de ler:

Da esquerda para a direita: Millicent Jenkins, Susanna Meriwethet; Anna Nelson, Sarah Rees-Toome...

Minha cabeça gira. Meus dedos procuram Sarah. Ela virou a cabeça no momento em que a fotografia foi tirada, deixando um perfil borrado que é difícil de identificar. Aperto os olhos, mas não consigo ver muito.

Meus dedos passam para a moça ao lado dela. Minha boca fica seca. Ela está olhando diretamente para a câmera com seus olhos inteligentes e penetrantes - olhos que conheci a vida inteira. Procuro o nome dela, embora já saiba que nome vou encontrar, aquele que ela abandonou e deixou morrer num incêndio anos antes de eu nascer. Mary Dowd.

A moça que olha para mim naquele retrato da turma de 1871 é Mary Dowd - minha mãe.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Eu espero até as outras estarem sentadas na mesa para jantar, e aí vou até o meu quarto. Com o cair da noite, ele vai desaparecendo aos poucos. As formas se tornam impressões de coisas. Tudo é desnudado à sua essência. Eu estou preparada. De olhos fechados, invoco a porta. O conhecido pulsar percorre as minhas veias e entro sozinha no outro mundo, no jardim, onde flores cheirosas caem à minha volta como cinzas.

- Mamãe - digo, e minha voz soa estranha e dura aos meus ouvidos.

Um vento suave começa a soprar. Acompanhando-o, com a chuva, vem o cheiro de água-de-rosas. Ela está vindo.

- Encontre-me se puder - ela diz com um sorriso. Eu não vou sorrir de volta. Não vou nem mesmo olhar para ela. - O que é?

Minha mãe não é a mulher que eu pensei que ela fosse. Eu nunca a conheci de verdade. Ela é Mary Dowd. Uma mentirosa, uma feiticeira. Uma assassina.

- Você é Mary Dowd.

O sorriso dela murcha.

- Você sabe?

Em parte eu ainda tinha esperança de que estivesse enganada e de que ela fosse rir, que fosse me dizer que era um engano e me explicar tudo. A verdade é um golpe.

- Ninguém procurou você e contou aquelas coisas a meu respeito. Você sabia. Você sempre fez parte da Ordem. Tudo o que você me disse foi uma invenção.

A voz dela é surpreendentemente suave:

- Não. Nem tudo. Estou quase chorando.

- Você mentiu para mim.

- Só para te proteger.

- Essa é outra mentira. - Sinto tanto ódio; estou quase doente de ódio. - Como você pôde fazer isso?

- Foi há tanto tempo, Gemma.

- E isso é desculpa? Você levou aquela garotinha para a Ala Leste. Você a matou!

- Sim. E passei o resto da vida expiando essa culpa.

Um pássaro canta uma canção noturna no galho de uma árvore.

- Todo mundo achou que eu tinha morrido, e de certa forma morri mesmo. Mary Dowd desapareceu e no lugar dela surgiu Virginia. Construí uma vida nova para mim mesma, com seu pai e depois com Tom e você.

As lágrimas escorrem pelo meu rosto. Ela tenta segurar a minha mão, mas eu me afasto dela.

- Ah, Gemma, como eu poderia contar para você o que tinha feito? Essa é a maldição das mães, sabe. Nós nunca estamos preparadas para o imenso amor que sentimos pelos nossos filhos, para o quanto desejamos poder protegê-los e torná-los perfeitos.

- Ela pisca os olhos rapidamente, tentando não chorar. - Pensei que poderia começar de novo. Que tudo estava esquecido e que eu estava livre. Mas não estava. - A voz dela tem um quê de amargura. - Vagarosamente, eu comecei a perceber que você era diferente. Que o poder há muito desaparecido da Ordem e dos reinos estava recomeçando em você. Tive medo disso. Eu não queria que você carregasse esse fardo. Pensei que se não dissesse nada poderia proteger você até isso tudo passar e tornar a se transformar em lenda. Desaparecer. Mas eu estava errada, é claro.

Ninguém foge do destino. E aí foi tarde demais, Circe me encontrou antes que eu tivesse a chance de contar tudo para você.

- Ela não morreu no incêndio.

- Não. Achei que ela tinha morrido até um ano atrás, quando Amar me procurou e me contou que ela estava usando a sua ligação com a criatura para nos encontrar. Ela tinha ouvido dizer que uma de nós era um portal para os reinos de novo. Só não sabia quem. - Ela sorri para mim, mas seu sorriso é triste.

Eu paro de chorar. Minha raiva cresce e se torna uma nova morada, bonita e atraente, um lugar onde quero morar para sempre.

- Ótimo. Você completou a missão da sua alma. Você me contou a verdade - digo, cuspiendo a última palavra. - Por que não vai embora e me deixa em paz, então?

- A missão da minha alma está em suas mãos - ela diz suavemente, naquela voz que cantava para me fazer dormir, que me dizia que eu era linda quando eu não era. - A escolha é sua.

- O que eu poderia fazer por você agora?

- Perdoar-me.

Os soluços que eu estava reprimindo são liberados.

- Você quer que eu lhe perdoe?

- Só assim eu poderei descansar.

- E quanto a mim? Você acha que eu poderei ficar em paz algum dia sabendo o que sei?

Ela toca o meu rosto. Eu me encolho.

- Sinto muito, Gemma. Mas não podemos viver o tempo todo na luz. Você tem que pegar o pouco de luz que puder e levar para o escuro com você.

Não consigo pensar em nada para dizer. Não pedi nada disso, e nunca me senti mais sozinha em toda a minha vida. Eu quero feri-la.

- Você estava errada sobre as runas. Nós usamos a magia duas vezes e nada aconteceu.

Ela me olha zangada.

- Você o quê? Eu disse para você não fazer isso. Não é seguro, Gemma.

- Como vou saber se isso não é mais uma de suas mentiras? Por que devo acreditar no que você diz?

Ela leva a mão à boca e anda de um lado para outro.

- Então os reinos ficaram desprotegidos. A criatura de Circe já pode ter estado aqui e corrompido um de nós. Gemma, como você pôde fazer isso?

- Eu faço a mesma pergunta a você - digo, me afastando.

- Aonde você vai? - ela pergunta.

- Vou voltar - digo.

- Gemma. Gemma!

Eu saio do jardim. A caçadora me surpreende. Eu não a ouvi aproximar-se de mim com seu arco e flecha apontados.

- o veado está próximo. Quer caçar comigo?

- Fica para outra vez - digo.

Ela se inclina para colher algumas frutinhas, e enfia uma na boca. Oscila diante de mim como um pêndulo.

- Quer uma?

Ela sabe que eu não posso comer a fruta. Então, por que está me oferecendo?

- Não, obrigada - digo, andando um pouco mais depressa. Como se eu não tivesse me movido, ela está na minha frente, estendendo a mão cheia de frutinhas.

- Tem certeza? Elas estão deliciosas.

Sinto os cabelos eriçarem-se na minha nuca. Alguma coisa está errada.

- Desculpe, mas eu preciso ir agora - digo, mas ouço uma vozinha fina atrás de mim enquanto caminho apressadamente pelo tapete de grama ao lado do rio.

- *Finalmente... finalmente...*

Ann está parada ao lado da minha cama, no escuro.

- Gemma, você está acordada?

Fico de olhos fechados e torço para ela não perceber que estou chorando.

Felicity e Pippa me sacodem e sou obrigada a olhar para elas.

- Vamos - Felicity murmura. - As cavernas nos esperam, senhorita.

- Não estou me sentindo bem. - Eu me viro de novo para a parede.

- Não seja desmancha-prazeres - Pippa diz, cutucando-me com a bota.

Eu não digo nada, apenas focalizo um ponto na parede.

- O que houve com ela? - pergunta Pippa.

- Eu disse para você não comer o fígado. - Ann diz.

- Bem - Felicity diz, suspirando. - Espero que você melhore. Mas não espere escapar tão facilmente amanhã à noite.

Não tenho a menor intenção de entrar nos reinos de novo. Nem amanhã nem nunca.

A porta do meu quarto se fecha, levando o restinho de luz, e o pontinho na parede desaparece.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

O Sr. Bumble não é o tolo que achamos que fosse. Ele procurou os Cross e contou tudo a eles, que ficaram horrorizados por terem perdido o controle sobre a única coisa que sempre deveria estar sob seu controle - sua filha. Eles asseguraram ao Sr. Bumble que aquilo foi uma invenção maluca de uma jovem nervosa com a perspectiva de se casar. Afinal de contas, como uma jovem tão linda como Pippa poderia deixar de ser o retrato da saúde? O Sr. Bumble aceita esta explicação, pois eles são os pais, e nós somos apenas umas meninas bobas. Mas esse episódio provocou uma cena em Spence. Então, nós quatro estamos reunidas no gabinete da Sra. Nightwing, sob o olhar reprovador do papel de parede de caudas de pavão, escutando as acusações e assistindo, impotentes, ao cerceamento da nossa liberdade. Amanhã, Pippa vai partir com seus pais e se casará com o Sr. Bumble no final da semana. Os preparativos já começaram. A ordem será restaurada. O orgulho, garantido. Quem se importa com a felicidade de uma garota diante de uma coisa tão importante que é manter as aparências?

Ela fica olhando para baixo, mordendo com força o lábio inferior, completamente derrotada, enquanto a Sra. Nightwing tenta acalmar seus pais e seu noivo. A Sra. Nightwing puxa uma longa corda e toca uma sineta - que soa na cozinha -, e instantes depois Brigid aparece, bufando por causa das escadas.

- Brigid, por favor, leve o Sr. Cross e o Sr. Bumble para a biblioteca e ofereça-lhes um cálice do nosso melhor Porto.

Isso agrada aos homens. Eles estufam o peito e sorriem.

- Espero que aceitem isso com um pedido de desculpas e minha palavra de que não haverá mais nenhum episódio desagradável. - A Sra. Nightwing lança um olhar de soslaio para o Sr. Bumble.

O Sr. Cross faz um gesto apaziguador.

- Felizmente, não houve nada de mais sério.

O Sr. Bumble franze o bigode como se estivesse escolhendo um charuto.

- Eu sou um homem sensato. Mas a senhora deveria manter essas meninas com rédeas mais curtas. Elas não deveriam ter tanta liberdade para tomar decisões. Não é saudável.

Fecho os olhos e imagino o Sr. Bumble mergulhando de cabeça pela escadaria e quebrando o pescoço antes de poder provar aquele vinho do Porto. A grande ironia é que contamos a verdade a ele. E agora vamos ser punidas por isso.

- O senhor tem toda a razão. Vou seguir o seu conselho ao pé da letra, Sr. Bumble - a Sra. Nightwing diz, numa rara demonstração de obediência. Ela o está adulando, mas ele é vaidoso demais para perceber isso.

Os homens saem junto com Brigid. A Sra. Cross se levanta e endireita as luvas nas mãos, alisando as rugas.

- Vamos, Pippa. Temos que tirar suas medidas para o vestido de noiva. Acho que um cetim duchesse ficaria bem.

Pippa dá um gemido com os lábios trêmulos.

- Por favor, mamãe! Não me obrigue a casar com ele. A Sra. Cross aperta os lábios e diz, furiosa:

- Você está envergonhando esta família.

- Pippa - a Sra. Nightwing diz, colocando-se entre as duas. - Você vai ser uma linda noiva. Vai ser a sensação de Londres. E depois da sua lua-de-mel, quando estiver imensamente feliz e tudo isso estiver esquecido, você voltará para nos visitar.

A Sra. Cross se acalma e seus olhos ficam úmidos. Ela segura o queixo de Pippa carinhosamente.

- Eu sei que você sente desprezo por mim agora. Mas prometo que um dia você vai me agradecer. O casamento traz independência. É verdade. Se você for esperta, vai poder ter tudo o que quiser. Agora vamos escolher um vestido, está bem?

Pippa acompanha sua mãe, mas antes de sair olha para nós com uma expressão tão desesperada que tenho a impressão de que sou eu que estou sendo obrigada a me casar contra a vontade.

Agora somos só nós três diante da Sra. Nightwing e de sua imponente escrivania. Uma gaveta está aberta. O diário de Mary Dowd é atirado com força sobre a superfície polida de mogno. O medo me revira o estômago. Nós estamos marcadas para morrer agora.

- Quem pode me contar sobre isso?

Os segundos soam alto no relógio sobre a lareira.

-Ann?

Ann está à beira das lágrimas.

- É u-um l-l-livro.

- Estou vendo que é um livro. Examinei cada página dele. - A Sra. Nightwing nos lança um olhar faiscante por cima dos óculos. - Cada página.

Nós sabemos a que página ela está se referindo, e trememos de medo.

- Miss Worthington, poderia dizer-me como conseguiu este diário?

Felicity levanta a cabeça.

- A senhora revistou o meu quarto?

- Estou esperando por uma resposta. Ou serei obrigada a falar com seu pai a esse respeito?

Felicity parece que vai romper em prantos. Eu engulo em seco.

- Ele é meu - digo.

A Sra. Nightwing vira a cabeça de repente e pisca os olhos. O efeito é de uma coruja localizando sua presa.

- Seu, Miss Doyle?

Meu estômago treme.

- Sim.

Ótimo. Tomara que me expulsem. Assim, isso tudo vai acabar.

- E onde, pode me dizer, você pegou essa porcaria?

- Eu o encontrei.

- Você o encontrou? - ela repete lentamente as minhas palavras, mostrando o quanto está acreditando nelas. - Onde?

- Na floresta.

A Sra. Nightwing olha furiosa para mim, mas eu estou anestesiada demais para sentir medo.

- Parece que tem havido muita coisa na floresta. Pippa me confessou.

Ao meu lado, posso ouvir Ann começar a chorar e Felicity agitando-se na cadeira. Mas eu estou oca por dentro, esperando pelo inevitável.

- Ela me disse que foi Miss Moore que deu o livro para vocês. Não era o que eu esperava. E me sinto puxada de volta para a sala por aquilo.

- É verdade?

Abro a boca para dizer que não, que a culpa é minha, mas Felicity é mais rápida:

- Sim - ela diz tão calmamente que eu mal posso acreditar. - Foi Miss Moore.

- Sinto muito em saber disso. Mas você vai ter que me contar tudo, Miss Worthington.

- Não. Não é verdade - digo, finalmente encontrando a voz.

- Você mesma disse que o tinha conseguido na biblioteca. - Felicity tem um brilho duro e desesperado nos olhos. - E Miss Moore disse que se quiséssemos saber mais sobre a Ordem, que deveríamos procurar na biblioteca.

- A Ordem? E por que Miss Moore iria encher a cabeça de Vocês com essas bobagens?

- Ela nos levou até as cavernas para vermos os desenhos.

- Alguns deles foram feitos com sangue - Ann diz. Elas estão unidas nisso.

- Eu nunca dei licença a Miss Moore para levar vocês a caverna nenhuma - a Sra. Nightwing diz.

- Mas ela nos levou assim mesmo, Sra. Nightwing. - Felicity arregala os olhos, tentando fazer um ar inocente.

- Não foi isso que aconteceu. Eu encontrei o diário...

Felicity segura o meu braço. Parece que ela está só encostada nele, mas na verdade ela o está apertando com força.

- A Sra. Nightwing já sabe o que aconteceu, Gemma. Agora nós temos que contar a verdade.

Para a Sra. Nightwing, ela diz:

- Ela até leu um trecho dele para nós na minha tenda no salão.

Fico em pé.

- Porque nós pedimos a ela!

- Miss Doyle, sente-se imediatamente!

Caio de volta na cadeira. Não consigo olhar para Felicity.

- Existem acusações muito sérias contra Miss Moore. - A Sra. Nightwing já se agarrou à idéia que irá servir de desculpa para nós, para Spence e para ela. Ela precisa pôr a culpa em alguém. Ela precisa acreditar em qualquer coisa, exceto na verdade: de que somos capazes de fazer tudo aquilo sozinhas. E que o fizemos debaixo do nariz dela.

- Isso é verdade, Ann?

- Sim - Ann diz, sem gaguejar.

- Sra. Nightwing - eu digo. - A culpa é toda minha. A senhora pode me castigar como quiser, mas, por favor, não ponha a culpa em Miss Moore.

- Miss Doyle. Eu sei que você é generosa, mas não há nada a ganhar protegendo Miss Moore.

- Mas eu não a estou protegendo!

A Sra. Nightwing pergunta num tom mais calmo:

- Miss Moore leu um trecho deste livro para vocês?

- Sim, mas...

- E ela levou vocês até as cavernas?

- Só para ver os desenhos...

- Ela contou histórias sobre ocultismo?

Eu não consigo emitir nenhum som. Apenas concordo com a cabeça. Ouvi dizer que Deus está nos detalhes. Acontece o mesmo com a verdade. Se você deixar de fora os detalhes, o ponto crucial, pode crucificar alguém com ela. A Sra. Nightwing se recosta na cadeira. Esta range e suspira sob o seu peso.

- Sei como as jovens são impressionáveis. Fui jovem um dia - ela diz, embora eu só consiga vê-la atrás das grades do que ela é hoje. - Sei o quanto as meninas gostam de agradar e como pode ser poderosa a influência de uma professora. Vou lidar imediatamente com Miss Moore. E para que esse tipo de comportamento não torne a ocorrer, vou providenciar para que todas as portas sejam trancadas à noite e que as chaves permaneçam comigo até vocês tornarem a merecer a minha confiança.

- O que vai acontecer com Miss Moore? - pergunto num fio de voz.

- Eu não vou tolerar um tal desprezo à minha autoridade por parte de uma das minhas professoras. Miss Moore será demitida.

Isso não pode estar acontecendo. Ela vai demitir nossa querida Miss Moore. O que foi que nós fizemos?

Um berro assustador quebra o silêncio da sala. Ele vem do andar de baixo. A Sra. Nightwing se levanta e sai correndo pelas escadas, e nós vamos atrás dela. Brigid está parada no assoalho de losangos do saguão, segurando alguma coisa.

- Que os santos me protejam! É ela... Ela veio atrás de mim. A Sra. Nightwing a segura pelos ombros. Os olhos de Brigid estão arregalados de medo. Ela deixa cair no chão o que estava segurando como se fosse uma cobra. É uma marionete vestida de cigana, ligeiramente queimada, com uma mecha de cabelo apertada em volta da garganta.

Circe.

- Ela voltou - Brigid choraminga. - Meu Jesus, ela voltou!

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

O Reverendo Waite nos manda ficar em pé, com a Bíblia na mão, e ler os versículos 1 a 40, capítulo 11, do Livro dos Juízes. Nossas vozes enchem a capela.

E Jefté fez o seguinte juramento ao Senhor: Se Vós me entregares imediatamente os filhos de Amon, eu prometo que a primeira pessoa que chegar à porta da minha casa para me receber, quando eu voltar... eu oferecerei em sacrifício pelo fogo.

- Eu tive que contar a ela sobre Miss Moore - Pippa cochicha ao meu ouvido. - Foi o único jeito de podermos ficar juntas pela última vez.

Na frente da igreja tem um vitral de um anjo. Falta um pedaço de vidro no olho do anjo, como uma ferida aberta. Olho fixamente para o buraco e não digo nada, murmurando os versículos da Bíblia, ouvindo as palavras girando à minha volta .

...e o Senhor entregou-os em suas mãos...

- Afinal, ela não é totalmente inocente, você sabe disso.

E Jefté chegou... na sua casa, e sua filha foi recebê-lo... e ela era a sua única filha...

- Por favor, Gemma, eu preciso vê-lo de novo. Você sabe o que é perder alguém sem ao menos dizer adeus?

Quando olho com força, o buraco cresce e o anjo desaparece. Mas quando pisco, vejo o anjo, não o buraco, e tenho que começar de novo .

...quando ele a viu... ele rasgou as roupas e disse: Que horror, minha filha! Você me entristeceu muito... pois eu fiz uma promessa ao Senhor e não posso voltar atrás...

Pippa começa a implorar de novo, mas a Sra. Nightwing se vira para nos vigiar do seu banco. Pippa enterra o rosto na Bíblia e lê com renovado fervor:

...E ela disse ao pai: Faça uma coisa por mim: deixe-me sozinha por dois meses, para eu poder percorrer as montanhas, e lamentar a minha virgindade...

Algumas das meninas mais moças dão risadinhas ao ler isso.

Segue-se um coro de ssshhh por parte das professoras - todas elas, exceto Miss Moore, que não está aqui. Ela está no colégio, fazendo as malas para partir .

...E ele a mandou embora... e ela foi junto com suas companheiras... para as montanhas.

O Reverendo Waite fecha a Bíblia.

- Palavra do Senhor. Oremos.

Nós nos sentamos barulhentos e vamos passando nossas Bíblias de mão em mão, até elas estarem empilhadas nas extremidades dos bancos. Passo a minha para Pippa, que a segura com força.

- Só uma última noite. Antes de eu ir embora para sempre. É só o que estou pedindo. Eu largo a Bíblia, que cai no colo dela. Volto a olhar fixamente para o anjo. É a escuridão chegando, deixando tudo enevoado. Mas, por um momento, eu poderia jurar que as asas do anjo bateram, suas mãos apertaram com força a espada, e a cravaram no cordeiro. Eu desvio os olhos e a visão desaparece. Um truque de luz.

Não me junto às outras no salão depois do jantar. Eu as ouço chamando por mim. Não respondo. Fico sentada sozinha na sala de visitas, com um livro de francês aberto no colo, fingindo prestar atenção nas conjugações e tempos verbais que fazem os meus olhos arderem. Mas na verdade estou esperando pelos passos dela no corredor. Não sei ao certo o que vou dizer, mas sei que não posso deixar Miss Moore ir embora sem tentar explicar ou me desculpar.

Logo depois do jantar, ela passa vestindo um elegante traje de viagem. Na cabeça, usa um chapéu de aba larga enfeitado de flores. Ela parece estar partindo para um cruzeiro de férias - e não deixando Spence envolta em mentiras e vergonha.

Eu a sigo até a porta da frente.

- Miss Moore?

Ela abotoa a luva no pulso, estica os dedos lá dentro.

- Miss Doyle, o que a traz aqui? Você não está perdendo um interessante momento de socialização?

- Miss Moore - digo com a voz embargada. - Eu sinto tanto. Ela dá um sorriso triste.

- Sim, acho que sente.

- Eu queria... - Paro, tentando não chorar.

- Eu lhe daria o meu lenço, mas acho que ele já está com você.

- Desculpe - digo, lembrando-me do lenço que ela me emprestou depois do ataque de Pippa. - Perdoe-me.

- Só se você perdoar a si mesma.

Balanço a cabeça afirmativamente. Alguém bate na porta.

Miss Moore não espera por Brigid. Ela a abre e manda o cocheiro pegar sua mala e colocá-la na carruagem.

- Miss Moore...

- Hester.

- Hester - digo, sentindo-me culpada por a estar chamando pelo primeiro nome. - Para onde você vai?

- Eu gostaria de viajar um pouco. Depois vou alugar um apartamento em Londres e oferecer os meus serviços como professora particular.

O cocheiro está pronto. Miss Moore faz um sinal para ele.

Quando ela se vira para mim, sua voz está embargada, mas seu aperto de mão é firme:

- Gemma... se um dia você precisar de alguma coisa ... - Ela pára, procurando as palavras. - O que eu quero dizer é que você parece ser diferente dessas outras moças. Acho que talvez o seu destino não seja freqüentar chás-dançantes e lugares da moda. Qualquer que seja o caminho que você resolva seguir na sua vida, espero continuar a fazer parte dela, e que você se sinta livre para me procurar.

Sinto um arrepio no braço. Sou tão grata a Miss Moore. Não mereço a bondade dela.

- Você fará isso? - ela pergunta.

- Sim - respondo.

Com a cabeça erguida, ela solta a minha mão e se dirige para a carruagem. Na metade do caminho, ela me chama.

- Você vai ter que encontrar uma maneira de tornar interessantes aquelas naturezas-mortas.

Com isso, ela entra na carruagem e faz um sinal ao cocheiro.

Os cavalos relinham e trotam na direção do portão, levantando poeira. Fico observando a carruagem diminuir ao longe, até virar uma curva e desaparecer na noite junto com Miss Moore.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Às dez e meia, a Sra. Nightwing faz a sua ronda para assegurar-se de que todas as suas franguinhas estão recolhidas ao leito, bem longe dos lobos de plantão. Quando o relógio bate meia-noite no salão, Pippa e Felicity batem de leve na nossa porta, para avisar que podemos sair para a nossa última noite juntas.

- Como vamos sair? - pergunto. - Ela trancou as portas.

Felicity sacode uma chave.

- Parece que Molly, a arrumadeira dos andares de cima, me devia um favor depois que eu a surpreendi com o cavaliário. Agora, vistam-se.

As cavernas nos recebem pela última vez. As noites estão mais frias e sentamos bem juntinhas para nos aquecer perto das nossas últimas velas. Quando elas compreendem que não vou levá-las aos reinos, ficam furiosas comigo.

- Mas por que você não quer nos levar? - Pippa geme.

- Eu já disse. Não estou me sentindo bem.

Não tenho intenção de tornar a cruzar aquela porta de luz. O que vou fazer é melhorar o meu francês. Aperfeiçoar a minha postura. Aprender a fazer reverências e a desenhar. Vou ser o que querem que eu seja. E nada de ruim tornará a acontecer. É possível fingir ser diferente do que sou e, se eu fingir durante muito tempo, vou passar a acreditar nisso. Minha mãe acreditou.

Pippa se ajoelha aos meus pés e põe a cabeça no meu colo como uma criança.

- Por favor, Gemma! Querida Gemma. Eu deixo você usar minhas luvas de renda. Eu dou de presente as minhas luvas para você!

- Não! - O meu grito ecoa nas paredes da caverna.

Pippa se joga no chão em desespero.

- Fee, fala com ela. Eu não consigo.

Felicity esta surpreendentemente calma.

- Parece que Gemma não irá mudar de idéia esta noite.

- E o que vamos fazer agora? - Pippa choraminga.

- Ainda temos um pouco de uísque sobrando. Tome um pouco. - Felicity tira a garrafa pela metade do seu esconderijo numa fenda da rocha. - Isso vai fazer você mudar de idéia.

Depois de dois rápidos goles, ela sacode a garrafa na minha frente. Eu me levanto e vou para outra pedra.

- Você ainda esta zangada por causa de Miss Moore?

- Dentre outras coisas.

Eu estou zangada por a termos traído daquele jeito. Estou zangada porque minha mãe é uma mentirosa e uma assassina. Porque meu pai é um viciado. Porque Kartik me despreza. Porque tudo o que eu faço parece dar errado.

- Muito bem - Felicity diz. - Então pode ficar de mau humor. Quem quer um gole? Como posso contar a elas o que sei? Eu mesma não quero saber. Eu queria poder fazer aquilo tudo desaparecer, voltar ao primeiro dia nos reinos, quando tudo parecia possível de novo. Felicity passa a garrafa de mão em mão, e logo elas estão vermelhas, com os olhos vidrados e o nariz escorrendo por causa do calor súbito do uísque no seu sangue. Felicity gira pela caverna, recitando poesia:

*"Mas em sua teia ela ainda se deleita
Em tecer as visões mágicas do espelho,*

*Pois freqüentemente, nas noites silenciosas,
Um funeral, com plumas e luzes
E música, dirigia-se a Camelot ... "*

- Ah, isso de novo não - Ann resmunga, encostando a cabeça na pedra.
Felicity está me provocando com o poema. Ela sabe que ele me faz lembrar de Miss Moore. Como um dervixe rodopiante, ela ergue os braços, rodando cada vez mais depressa.

*"Ou quando a lua brilhava no céu,
Surgiam dois jovens amantes recém-casados.
'Eu estou cansada de sombras', disse
A Senhora de Shalott. "*

Ela se apóia na parede da caverna para não cair. Rola o corpo contra a superfície irregular, até ficar de novo de frente para nós. Mechas de cabelo, molhadas de suor, estão grudadas na testa e no rosto. Ela tem uma expressão estranha no rosto.

- Pip, querida, você quer mesmo ver a seu cavaleiro?

- Mais do que tudo no mundo!

Felicity agarra a mão de Pippa e corre na direção da entrada da caverna.

- Esperem por mim - Ann diz, correndo atrás delas.

Elas se jogam na noite como beduínos, e eu vou atrás delas. O ar frio é um choque na nossa pele úmida.

- Felicity, o que você está aprontando? - pergunto.

- Alguma coisa nova - ela diz, provocando-me.

O céu, indiferente mais cedo, pulsa com a luz de um milhão de estrelas. A lua dourada, do início do outono, passando sobre fiapos de nuvens, anuncia que em breve será tempo de colheita, ocasião em que os fazendeiros erguem um brinde ao lendário assassinato de John Barleycorn.

Felicity uiva para a lua no céu.

- Shhh - Pippa diz. - Você vai acordar a escola inteira.

- Ninguém vai ouvir. A Sra. Nightwing tomou dois sherries esta noite. Nós não a acordaríamos nem se a puséssemos no meio de Trafalgar Square com um pombo em cada mão. - Ela solta outro uivo.

- Eu quero ver o meu cavaleiro - Pippa diz.

- E você verá.

- Não se Gemma se recusar a nos levar.

- Nós todas sabemos que existe um outro caminho - Felicity diz. Sob a luz do luar, sua pele clara brilha. Sinto um arrepio na espinha.

- O que você está querendo dizer com isso? - Pippa pergunta.

Algo se move no meio das árvores. Há um som de galhos se partindo e um movimento rápido e furtivo. Nós pulamos de susto. Um veado se aproxima da clareira. Ele cheira o chão, em busca de comida.

- É só um veado. - Ann respira aliviada.

- Não - Felicity diz. - É o nosso sacrifício.

A lua se esconde por um momento atrás das nuvens e nossos rostos ficam pontilhados de luz.

- Você não está falando sério - digo, saindo do meu mutismo mal-humorado.

- Por que não? Nós sabemos que elas fizeram isso. Mas vamos ser mais espertas. -

Ela parece um animador de parque de diversões tentando atrair a multidão para uma barraca.

- Mas elas não conseguiram controlar a experiência... - eu digo. Felicity me interrompe:

- Nós somos mais fortes do que elas. Não vamos cometer os mesmos erros. A caçadora me disse...

A caçadora me oferecendo as frutinhas, cochichando com Felicity durante as caçadas. Alguma coisa está tentando tomar forma em minha mente, mas sem conseguir. Só o medo permanece, claro e inegável.

- O que tem a caçadora?

- Ela me conta coisas. Coisas que você não sabe. Foi ela que me contou que eu poderia ter o poder, se lhe oferecesse um sacrifício.

- Não... isso não...

- Ela me disse que você reagiria desse jeito. Que não deveríamos confiar em você porque quer todo o poder dos reinos para si mesma.

Pippa e Ann olham de Felicity para mim e de volta para ela, esperando.

- Você não pode fazer isso - digo. - Eu não vou deixar.

Felicity avança e me joga no chão.

- Você. Não. Pode. Nos. Impedir.

- Felicity... - Ann não sabe se me ajuda ou se sai correndo.

- Você não entende? Gemma quer todo o poder para si mesma! Ela quer ter poder sobre nós.

- Isso não é verdade! - Eu me levanto e dou um passo para trás, afastando-me delas. Pippa vem por trás de mim. Eu posso sentir a sua respiração no meu pescoço.

- Então, por que você não nos leva? - Fico encurralada.

- Não posso dizer.

- Ela não confia em nós - Felicity diz. A suspeita se espalha como uma doença. Ela cruza os braços em triunfo, deixando que a desconfiança se instale.

O veado está logo acima de nós. Pippa o observa. Ela desloca o peso do corpo de um pé para o outro.

- Eu não teria que me casar com ele, teria? Felicity segura as mãos dela.

- Nós poderíamos mudar tudo.

- Tudo - Ann diz, juntando-se a elas.

Uma vez eu vi um incêndio começando na Índia. A princípio, foi só uma fagulha que se soltou da fogueira feita por um mendigo e foi levada pelo vento. Em poucos minutos, havia fogo por toda parte, os telhados de sapê ardendo em chamas, mães correndo pelas ruas, carregando os filhos no colo.

É assim que começa um incêndio. Com uma fagulha. E eu vejo a fagulha sendo levada pelo vento.

- Está bem - digo, querendo evitar que elas façam isso sozinhas. - Esta bem. Eu levo vocês. Vamos voltar para a caverna e formar o círculo.

- Esse tempo já passou - Felicity diz, cruzando os braços.

- Como assim?

- Eu estou dizendo que não queremos mais depender de você, Gemma. Nós vamos entrar nos reinos por nossos próprios meios.

- Mas eu vou levar...

Pippa me dá as costas.

- Como vamos pegá-lo?

- Vamos afugentá-lo até o desfiladeiro. Lá nós o encurralamos. - Felicity desabotoa os punhos e tira a blusa.

- O que você está fazendo? - eu pergunto, alarmada. Felicity explica para as outras, ignorando-me:

- Tirem as blusas. Nós não podemos caçar um veado usando espartilho e anáguas. Temos que ficar nuas, como a caçadora.

Essa situação está ficando totalmente fora de controle. Eu tenho a impressão de estar vendo um prédio desabar, sem ter como evitar.

Ann cruza os braços sobre os seios.

- Isso é mesmo necessário? Não podemos caçar o veado assim como estamos?

- E como você vai explicar as manchas para a Sra. Nightwing? - Felicity está nua. Seu corpo é branco como um tronco de árvore descascado. Sua voz, dura e agressiva, soa acima do farfalhar das folhas secas:

- Fique se quiser. Mas eu não vou voltar ao que era antes. Não posso.

Pippa se senta na grama, tira as botas e começa a remover suas anáguas. Ann faz o mesmo.

- Ann, Pippa, escutem. Isso não está certo. Vocês não podem fazer isso. Por favor, ouçam o que eu estou dizendo! - Elas não me dão atenção, tiram a roupa com uma pressa nervosa. O veado levanta a cabeça. Elas se agacham no chão da floresta. Felicity ergue o dedo pedindo silêncio. O veado percebe o perigo e corre para o abrigo das árvores.

Com um grunhido, elas saem correndo, nuas, na direção da floresta, até não passarem de uma rajada branca, um bater de asas de anjo no meio da noite. Eu corro atrás delas, e elas correm atrás do veado. Este aparece e desaparece no meio das árvores. Felicity vai na frente, sua pele um farol luminoso. Eu ouço o barulho dos galhos partidos, da minha respiração ofegante. E então algo que soa como uma queda mais a frente.

Quando chego no despenhadeiro, Ann e Pippa estão paradas na beira, ofegantes. O veado não está à vista. Um grande naco de terra foi arrancado. Cuidadosamente, eu me aproximo da borda. Minha bota lança uma chuva de terra e pedras para dentro do despenhadeiro, e eu tenho que me agarrar numa raiz para não despencar.

O veado está caído no fundo, tentando erguer a cabeça, emitindo ruídos terríveis. Felicity se aproxima dele, agachada. Ela se inclina sobre ele, acariciando o seu pelo marrom, acalmando-o baixinho. Ela não vai fazer isso. Um sentimento de alívio me invade enquanto aguardo que ela suba pelo despenhadeiro.

As nuvens se movem e se adelgaçam. A lua nos ofusca com seu brilho. Banha Felicity com uma luz branca, transformando-a numa estátua congelada no tempo.

Ela está mexendo em alguma coisa lá embaixo no escuro. De repente, ergue a mão. E golpeia violentamente com a pedra. E torna a golpear. Até não haver mais nada se movendo no despenhadeiro, exceto ela e criaturas pequenas demais para serem vistas de onde nós estamos. Lentamente, Ann e Pippa descem a encosta com movimentos de caranguejo e cada uma delas também faz uso da pedra. Suas costas nuas, tensas e arqueadas, brilham na noite. Quando elas se afastam, a coisa no fundo do despenhadeiro não se parece mais com um veado acima do pescoço. A cabeça é uma polpa, um melão maduro caído no chão e aberto ao meio. Eu me viro e vomito sobre um arbusto.

Quando volto a olhar, elas estão subindo pela encosta íngreme, de gatinhas. No escuro, o sangue salpicado em suas peles de alabastro parece tinta preta. Felicity sobe por último. Ela ainda está segurando a pedra suja de sangue.

- Está feito - ela diz, sua voz quebrando o silêncio da noite.

É assim que começa o incêndio.

E assim que nós queimamos.

Está tudo fugindo ao meu controle.

Ela põe a pedra na minha mão. O peso dela me puxa para a frente e eu tropeço. Ela gruda na minha mão.

- O que acontece agora? - Ann pergunta. No escuro, não há resposta, apenas uma leve brisa agitando as folhas secas sobre nossas cabeças.

- Nós damos as mãos e fazemos aparecer a porta de luz - Felicity diz.

Elas se dão as mãos e fecham os olhos, mas nada acontece.

- Onde ela está? - Pippa pergunta. - Por que não a vejo?

Pela primeira vez nesta noite, Felicity parece perdida.

- Ela me prometeu...

Não funcionou. Elas foram enganadas. Eu sentiria pena delas se não estivesse ao mesmo tempo aliviada e horrorizada.

- Ela prometeu ... - Felicity murmura.

Kartik aparece na clareira, pára quando nos vê, sujas de sangue e descompostas. Ele dá um passo para trás, pronto para sair dali, mas Felicity o vê.

- O que você está fazendo aqui? - ela grita.

Kartik não responde. Ele olha para a pedra em minha mão.

Eu a deixo cair depressa, e ela bate no chão com estrondo.

Felicity se aproveita daquele instante de distração. Agarrando um galho afiado, ela ataca Kartik, arranhando-o no peito. O sangue escorre do rasgão na camisa dele, e ele se dobra ao meio, surpreendido com o golpe. Ela exhibe sua habilidade como arqueira. Ela posiciona o galho, pronta para enfiá-lo nele.

- Eu disse que arrancaríamos seus olhos da próxima vez - ela diz.

Eu tinha achado Felicity perigosa um momento antes, quando ela se sentia poderosa.

Eu estava errada. Magoada e impotente, ela é mais perigosa do que eu poderia imaginar.

Ferido, Kartik está impossibilitado de se defender.

- Pare! - grito. - Deixe-o ir e eu levo vocês para os reinos.

Felicity está ofegante, com o galho erguido na altura dos olhos dele.

- Fee - Pippa choraminga, parecendo assustada. - Ela vai nos levar.

Vagarosamente, Felicity o deixa em paz e volta para perto de nós.

- Ela nos entregará o poder quando estivermos lá - ela diz, tentando salvar as aparências. - Eu tenho certeza disso.

No chão, atrás dela, Kartik está preocupado. Faço um sinal para ele saber que vai ficar tudo bem, embora eu não saiba de nada. Eu não faço idéia do que estará esperando por nós do outro lado daquela porta. Não sei o que elas começaram, se é que começaram alguma coisa. Eu só sei que tenho que fazer isso.

Felicity me lança um olhar duro. As coisas mudaram para sempre. Não tem volta. Eu as acompanho até a floresta para elas se vestirem. Logo elas estão prontas.

- Segurem minhas mãos - eu digo, torcendo pelo melhor, temendo o pior.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

A porta pulsa, iluminada quando passamos por ela, tudo parece estar como antes. O rio segue cantando suavemente. O por-do-sol ainda é uma linda festa de cores. As flores flutuam no ar.

- Estão vendo? - Felicity diz, com um brilho de triunfo nos olhos. - Nada mudou. Eu disse a vocês que ela só queria ficar com o poder para si mesma.

Eu a ignoro, atenta a qualquer coisa que esteja fora do lugar. Elas deslizam na direção da campina, entrando no jardim de mãos dadas como um trio de bonecas de papel recortadas de um álbum.

O vento muda, trazendo o perfume de rosas, e um outro cheiro desconhecido que me faz correr atrás delas.

- Esperem! Felicity, por favor, escute, eu acho que devemos voltar.

- Voltar? Nós acabamos de chegar - ela diz, debochando de mim.

O rosto de Ann é uma pedra.

- Nós não vamos voltar sem o poder de atravessar a porta sozinhas.

De repente a caçadora aparece do nosso lado. Eu levo um susto. É estranho eu não tê-la ouvido aproximar-se. Não posso deixar de me lembrar de quando ela me ofereceu as frutinhas. Isso me deixa gelada. Ela passa o dedo pelo rosto sujo de sangue de Felicity, limpa a mancha com o polegar. Depois leva o dedo a boca, prova o sangue e sorri.

- Estou vendo que você realizou um sacrifício.

- Sim - Felicity diz. - Você nos concederia o poder de entrar nos reinos?

- Eu não prometi que faria isso? - Ela sorri, mas seu sorriso é frio. - Sigam-me.

Eu agarro o braço de Felicity.

- Isso está errado. Nós não deveríamos ir - murmuro.

- Não, alguma coisa finalmente está certa - ela diz, puxando o braço e correndo atrás das outras.

Eu vou atrás delas e passo pelo arco prateado, entrando na gruta. Minha mãe não está à vista. Os cheiros da minha infância pairam no ar. Curry. Fumaça de cachimbo. E uma outra coisa. Está ali de novo. Aquele cheiro desagradável. Nós chegamos às Runas do Oráculo, o coração de tudo.

O vento muda. O cheiro está de volta. Por trás das lembranças existe algo pungente, como carne apodrecendo ao sol. Será que ninguém mais está sentindo esse cheiro?

- O que fazemos agora? - Pippa pergunta.

- Usem a magia para me levar para o outro lado - a caçadora diz.

- Se nós juntarmos as mãos e levarmos você para o outro lado, você nos dará o poder que precisamos, de ir e vir de acordo com a nossa vontade?

- Eu não. A minha mestra. Ela lhes dará o que vocês merecem.

Minha atenção é redobrada.

- A sua mestra? - Felicity está confusa.

Tudo em mim diz que preciso fugir dali. Seguro o braço de Felicity e, como se pudesse sentir o meu terror, ela recua lentamente. A caçadora parece crescer. Seus olhos ficam negros; sua voz se transforma num assobio:

Venham a mim, minhas lindezas.

O céu se abre num mar de nuvens escuras. Rápida como um raio, ela cresce diante de nós, um espectro enorme, guinchante, carregando as almas dos condenados dentro de sua capa preta. Felicity não consegue arredar pé, não consegue tirar os olhos daquele rosto de caveira, os olhos de contornos vermelhos e o centro preto, os dentes afiados. A coisa segura o braço dela. Felicity fica aterrorizada. Como tinta, o preto se derrama sobre os olhos dela, tingindo-os.

- Não! - eu grito, atirando-me sobre Felicity, caindo no chão junto com ela. Ela está tremendo toda, seus olhos ainda estão negros. Gritando, Pippa cai no chão e se arrasta pela colina na direção do rio.

- Ann! Ajude-me! Nós temos que levá-la de volta agora!

Nós nos colocamos dos dois lados de Felicity e corremos para o rio. Temos que encontrar Pippa. Temos que sair dali. Está soprando uma ventania. Ela arranca galhos e folhas das árvores, fazendo-os voar sobre nós. Um galho passa raspando pela minha cabeça e arranha o meu rosto.

O espectro cria mais um par de braços e depois mais outro.

Ele vem na nossa direção, pronto para nos esmagar com seu abraço. Felicity está voltando a si, cambaleando e depois correndo. Nós alcançamos o rio, mas onde está Pippa?

O grito de Ann corta o ar:

- Socorro!

Ela está olhando para dentro do rio, arrancando os cabelos. A aparência dela mudou. Está coberta de tumores horríveis. O cabelo dela começa a cair e feridas surgem em seu couro cabeludo. É como se sua pele estivesse derretendo e se desprendendo dos ossos.

- Pare de olhar para si mesma, Ann! Pare! - eu grito.

- Não posso! Não posso!

Ela se inclina na direção da água. Tento agarrá-la, mas ela é pesada e não consigo movê-la, e de repente cai de volta na grama, graças a um puxão dado por Felicity. O cinza dos olhos de Ann voltou.

- Onde está Pippa? - ela grita por cima do barulho do vento.

- Eu não sei - grito de volta.

Alguma coisa se arrasta sobre minha mão. Cobras deslizam sobre a grama que murcha e seca. Nós pulamos para cima de uma pedra. Pêras caem das árvores e apodrecem a nossos pés. Ann está chorando, vendo sua pele dissolver-se.

- Socorro! - O grito de Pippa chega até nós. Corremos pela grama seca e a vemos.

Ela está num barco, no meio do rio, para onde o vento a levou. O espectro caminha pela margem, obrigando-nos a manter distância.

Sim, isso mesmo, venham buscá-la... - Ele ri.

- Por favor! Ajudem-me! - Pippa grita. Mas não há nada que possamos fazer. Ela está fora do nosso alcance. Nós não podemos permitir que a coisa nos pegue. Estou com tanto medo que só consigo pensar numa coisa: tenho que nos tirar daqui.

- Pela porta, depressa! - grito.

O vento atira o cabelo de Felicity contra o seu rosto pálido.

- Nós não podemos abandonar Pip!

- Nós voltaremos para buscá-la! - eu grito, puxando sua mão.

- Não!

- Não me deixem! - Pippa vai até a proa do barco. Este se inclina sob o seu peso.

- Pippa, não! - grito, mas é tarde demais. Ela pula no rio e este se fecha sobre suas mãos como gelo, sepultando tudo, exceto o seu grito estrangulado. Recordo a minha visão no dia do ataque de Pippa, sendo puxada para fundo do rio. E agora, com grande horror, finalmente compreendo.

Enraivecida, a coisa dá um urro e corre em nossa direção, berrando.

- Pippa! Pippa! - Felicity grita até ficar rouca.

- Felicity, nós temos que ir... agora!

O espectro está quase sobre nós. Não há tempo para pensar.

Eu só posso agir. Alcanço a porta e nos transporto para as cavernas enquanto as velas tremem e se apagam. Estamos todas lá, em segurança, ao que parece. Mas, no chão, o corpo de Pippa está rígido e se debate incontrolavelmente.

Ann grita:

- Pippa? Pippa? Felicity está soluçando:

- Você a deixou lá! Você fez isso!

A última chama treme e se apaga.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

- Você tem que me ajudar!

Eu estou parada, com os olhos esgazeados, diante da barraca de Kartik. Ele não discute comigo, não diz uma palavra, nem mesmo quando conto a ele o que aconteceu. Ele coloca Pippa sobre o ombro e a carrega pela floresta até Spence. Só pára quando passamos pelo despenhadeiro e pelo cadáver do veado que deixamos lá. Ele ajuda a levar Pippa até o quarto dela, e eu corro até a porta do quarto da Sra. Nightwing. Bato furiosamente na porta, chamando por ela com um desespero que não consigo controlar.

Nossa diretora abre a porta. Sua touca desliza por suas longas tranças grisalhas.

- O que aconteceu? Miss Doyle, o que está fazendo toda vestida? Por que não está na cama?

- É Pippa - digo. - Ela... - Eu não consigo terminar a frase, mas não importa. A Sra. Nightwing percebe o desespero em minha voz. Ela começa a agir com aquela firmeza inabalável que a caracteriza, uma qualidade que eu nunca havia apreciado inteiramente até este momento.

- Diga a Brigid para chamar o Dr. Thomas imediatamente.

As luzes ficam acesas a noite inteira. Eu me sento na janela da biblioteca, abraçando os meus joelhos, toda encolhida. Quando vou adormecendo, eu a vejo. Molhada. Com os olhos vazios. Desaparecendo sob a superfície com um grito de socorro. Enterro as unhas nas palmas das mãos para me manter acordada. Felicity anda de um lado para outro. Ela evita olhar para mim, mas seu silêncio é eloqüente.

Voce a deixou lá, Gemma. Sozinha naquele túmulo de água.

Uma lanterna se move no gramado. Kartik. A luz tremula na sua gaiola de metal. Tenho que me esforçar para vê-lo. Ele está carregando uma pá e sei que ele está voltando para o que não pode ignorar no despenhadeiro. Ele vai enterrar o veado. Mas se vai fazer isso para proteger a mim ou a si mesmo eu não sei.

Fico ali sentada durante muito tempo e vejo a noite dar lugar a manhã, o roxo se transformar em amarelo, o amarelo desaparecer até se ter a impressão de que a escuridão jamais cobriu o céu. Quando o sol aparece no meio das árvores, estou pronta para fazer uma última viagem.

- Guarde isto - digo, enfiando o amuleto do olho crescente na mão de Felicity.

- Mas por quê?

- Se eu não voltar... - Eu paro. - Se algo der errado, você vai precisar encontrar as outras. Elas vão precisar saber que você é uma delas.

Ela contempla o amuleto prateado.

- Voce vai decidir se virá atrás de mim. - Faço uma pausa. - Ou se deixará os reinos fechados para sempre. Está entendendo?

- Sim - ela murmura. - Prometa que você voltará.

Eu aperto com força o pedacinho de seda do vestido da minha mãe.

- Eu vou tentar.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Não há pássaros. Nem flores. Nem pôr-do-sol. Há uma nebulosidade cinzenta e fantasmagórica cobrindo tudo que está do outro lado da porta de luz. O barco vazio ainda está no rio, preso no gelo.

- Se você me quiser, eu estou aqui - grito. O meu grito ecoa em volta de mim. Aqui, aqui, aqui.

- Gemma? Gemma! - Minha mãe surge de trás de uma árvore. Sua voz, firme e confiante, me atrai. - Mamãe?

Os olhos dela enchem-se de lágrimas.

- Gemma, eu estava com medo... mas você está bem. - Ela sorri, e eu me sinto confortada. Estou cansada e insegura, mas ela está aqui agora. Ela vai me ajudar a consertar as coisas.

- Mamãe, desculpe. Eu estraguei tudo. Você me disse para não usar a magia ainda, e eu usei, e agora está tudo arruinado, e Pippa ... - Eu não consigo dizer mais nada, não posso nem mesmo pensar nisso.

- Shh, Gemma, não há tempo para lágrimas. Você está aqui para levar Pippa de volta, não é?

Eu faço que sim com a cabeça.

- Então não há tempo a perder. Depressa, antes que a criatura volte.

Eu a sigo e atravesso o arco prateado, atravesso o jardim e vou até o centro daqueles cristais altos que tem tanto poder.

- Coloque as mãos sobre as runas.

Eu hesito. Não sei por quê.

- Gemma - ela diz, estreitando os olhos -, você tem que confiar em mim ou sua amiga estará perdida para sempre. Você quer carregar isso na sua consciência?

Penso em Pippa se debatendo na água gelada. Onde eu a deixei. Minhas mãos pairam sobre as runas.

- Isso mesmo, minha querida. Está tudo esquecido agora. Em breve estaremos juntas de novo.

Encosto a mão esquerda na runa. A vibração percorre o meu corpo. Estou enfraquecida das outras viagens, e a magia começa a me oprimir com o seu poder. É demais para mim. Mamãe estende a mão para mim. Lá está ela, viva e aberta. Eu só preciso segurá-la. Ergo o braço. Meus dedos estendem-se na direção dos dedos dela, até minha pele vibrar com a proximidade da dela. Nossos dedos se tocam.

Finalmente...

Na mesma hora, a coisa que estava disfarçada em minha mãe ergue-se e cresce até ficar do tamanho das pedras. Com um berro, a criatura agarra o meu braço. Eu posso sentir o frio que vem dela espalhando-se pelo meu braço, pelas minhas veias, indo até o meu coração. O calor me abandonando. Eu não sou páreo para ela.

Tudo começa a cair. Nós estamos caindo juntas, rapidamente, passando pela montanha e pelo céu, atravessando o véu que separa os reinos do mundo mortal. A coisa ri de alegria.

- *Finalmente... finalmente...*

Essa nova magia me pega de surpresa, invadindo-me e tomando conta da minha vontade. Ela é avassaladora, a força daquele poder. Eu não quero perdê-lo. Eu posso usá-lo para controlar, para ferir, para vencer.

A criatura ri.

- Sim... é intoxicante, não é?

Sim, oh, sim. Foi isso que minha mãe e Circe sentiram, e que tiveram medo de perder - um poder que elas não poderiam ter no seu próprio mundo? Raiva. Alegria. Êxtase. Ira. Tudo delas. Tudo meu.

- Estamos quase lá - a coisa sussurra.

Abaixo de mim, Londres se estende como um leque, enfeitado e delicado. Uma cidade que eu queria conhecer quando morava na Índia. Uma cidade que eu ainda quero conhecer. Sozinha.

A coisa percebe o meu desconforto.

- Você poderia governá-la - ela diz, quase lambendo a minha orelha.

Sim, sim, sim.

Não. Não mesmo. Não presa a esta criatura. O poder jamais seria meu. Ela me controlaria. Não, não, não. Deixe que isto vença. Fique junto. Eu estou cansada. Sinto-me pesada. Tão pesada que poderia dormir para sempre. Deixar Circe vencer. Abandonar minha família e minhas amigas. Flutuar ao sabor da correnteza.

Não.

Com isso a coisa parece ficar mais fraca. Você precisa conhecer a si mesma. Saber o que quer. Foi isso que mamãe me disse. O que eu quero... O que eu quero ...

Eu quero voltar. E a coisa está indo comigo. De repente, Londres se torna um pontinho, fora de alcance. Eu estou puxando a coisa para longe do mundo junto comigo, de volta ao topo da montanha, de volta a gruta e as runas.

Gritos e urros, os berros horríveis dos condenados me atingem.

- Você nos enganou!

Eles se tornam uma parede assustadora que chega até o céu.

Eu nunca vi nada mais terrível, e por um momento não consigo sentir nada, a não ser um medo tão real que fico imobilizada. Aquelas mãos descarnadas me agarram pelo pescoço e apertam. Em pânico, eu resisto, usando a magia para ferí-las. Cada vez que elas atacam, eu vou ficando com menos energia.

As mãos tornam a apertar o meu pescoço, e eu já estou quase sem forças para resistir.

- Sim, é isso. Entregue-se a mim.

Eu não consigo pensar. Mal consigo respirar. No alto, o céu se torna cinzento e negro. Nós estamos sentadas contando nuvens no céu azul. Azul como o vestido de seda da minha mãe. Azul como uma promessa. Uma esperança. Ela voltou para me buscar. Eu não posso abandoná-la a isto.

Aquelas órbitas negras, que giram sem parar, se aproximam. O cheiro de podre enche as minhas narinas. Meus olhos enchem-se de lágrimas. Só me resta aquela esperança e um sussurro.

- Mamãe ... eu lhe perdôo.

A pressão diminui. A coisa arregala os olhos, abre a boca horrenda. Seu poder encolhe.

- Não!

Eu sinto a minha força voltar. Minha voz fica mais firme, as palavras ganham vida:

- Eu lhe perdôo, mamãe. Eu lhe perdôo, Mary Dowd.

A criatura se contorce e grita. Eu me livro de suas garras. Ela está perdendo a luta, está encolhendo. Ela urra de dor, mas eu não paro. Repito isso como um mantra enquanto agarro uma pedra e golpeio a primeira runa. Esta desaba numa chuva de cristal, e eu golpeio a segunda.

Pare! O que você está fazendo?, ela grita.

Eu destruo a terceira e a quarta runas. Por um momento, a coisa muda de forma, se torna a minha mãe, fraca e trêmula sobre um pedaço de grama seca.

- Gemma, por favor, pare. Você está me matando.

Eu hesito. Ela se vira para olhar para mim, com o rosto manchado de lágrimas.

- Gemma, sou eu. É mamãe.

- Não. Minha mãe está morta.

Acerto a quinta runa, caindo para trás sobre a terra dura.

Com um soluço, a coisa solta o espírito da minha mãe. Ela encolhe, torna-se uma fina espiral de gemidos, até ser sugada para dentro do céu e só restar o silêncio.

Fico deitada, imóvel.

- Mamãe? - digo. Não estou esperando uma resposta, e esta realmente não vem. Ela foi embora mesmo desta vez. Eu estou sozinha. E, de alguma forma, é assim que deve ser.

De certo modo, a mãe da qual me lembro era uma ilusão tanto quanto as folhas que transformamos em borboletas na nossa primeira viagem aos reinos. Eu vou ter que deixá-la ir para aceitar a mãe que só agora estou descobrindo. Uma pessoa que foi capaz de cometer assassinato, mas que lutou contra as forças do mal para voltar e me ajudar. Uma mulher assustada e fútil, e um membro poderoso de uma Ordem ancestral. Mesmo agora, eu não estou querendo saber de tudo isso. Seria tão fácil refugiar-me naquelas ilusões e me agarrar a elas. Mas não vou fazer isso. Eu quero tentar abrir espaço para a realidade, para as coisas que posso tocar e cheirar, provar e sentir - braços ao redor dos meus ombros, lágrimas e raiva, decepções e amor, a sensação estranha que senti quando Kartik sorriu para mim ao lado de sua barraca e minhas amigas seguraram minha mão e disseram: sim, nós vamos seguir você... O mais real de tudo é que sou Gemma Doyle. Eu ainda estou aqui. E, pela primeira vez em muito tempo, estou grata por isso.

Tenho muito em que pensar, mas agora estou na beira do rio. O rosto pálido de Pippa empurra o gelo, seus cachos escuros espalham-se sob a superfície. Uso uma pedra para quebrar o gelo. A água sobe pelas fendas.

Para tirá-la, tenho que enfiar a mão naquele rio lodoso, proibido. Ele é quente como um banho. Convidativo e calmo. Fico tentada a mergulhar naquela água, mas não ainda. Consigo agarrar a mão de Pippa e puxo com toda a minha força, tirando-a da água, até ela estar na margem. Ela engasga e tosse, vomita a água do rio na grama.

- Pippa? Pippa!

Ela está tão pálida e fria. Ela tem olheiras negras sob os olhos. - Pip, eu vim para levá-la de volta.

Aqueles olhos cor de violeta se abrem.

- De volta. - Ela repete as palavras baixinho, olha com saudades para o rio, cujos segredos eu quero ao mesmo tempo saber e manter bem distantes de mim, por enquanto.

- O que vai acontecer comigo?

Eu não tenho mais mágica em mim para contar mentiras. - Eu não sei.

- Sra. Bartleby Bumble, então?

Eu não digo nada. Ela acaricia o meu rosto com sua mão fria e molhada, e sei o que ela está pensando, não por alguma magia, mas porque ela é minha amiga e eu a amo.

- Por favor, Pip - digo, e paro porque começo a chorar. - Você tem que voltar.

- Eu tenho que... A minha vida inteira foi assim.

- Isso poderia mudar...

Ela sacode a cabeça.

- Eu não sou uma lutadora. Não sou como você.

No meio da grama ressecada pelo inverno, ela encontra um punhado de frutinhas murchas, pouco maiores do que sementes. Ela as segura na palma da mão como se fossem moedas.

Minha garganta dói.

- Mas se você as comer...

- O que foi que Miss Moore disse? Não há escolhas seguras. Só escolhas diferentes. - Ela lança um último olhar para o rio e leva a mão rapidamente à boca. Há um instante de silêncio tão profundo que posso ouvir a minha respiração. E então sua pele ganha cor, seu cabelo se encrespa, seu rosto fica rosado. Ela está radiante. Tudo a minha volta ganha vida, a terra está revivendo, surgem flores e folhas douradas. No horizonte, nasce um novo céu cor-de-rosa. E o cavaleiro está à espera, com a luva dela na mão.

A brisa quente empurrou o barco até a praia.

Esta é a hora da despedida. Mas eu tenho passado por muitas despedidas ultimamente, e tenho uma vida inteira de despedidas pela frente, então não digo nada. Ela sorri, eu sorrio de volta. E isso basta. Ela sobe no barco e o deixa carregá-la até o outro lado do rio. Quando chega do outro lado, o cavaleiro ajuda-a a saltar para a grama verde e macia. Sob a área prateada do jardim, a filhinha de Mãe Elena, Carolina, está vigiando. Mas assim que percebe que não é a pessoa que ela está esperando, ela desaparece, carregando sua boneca.

Quando eu volto, encontro Felicity do lado de fora do quarto de Pippa, encostada na parede. Ela me abraça, soluçando. No fundo do corredor, Brigid funga enquanto coloca um lençol sobre um espelho. Ann sai do quarto de Pippa, com os olhos vermelhos, o nariz escorrendo.

- Pippa... - Ela não consegue terminar. Mas nem precisa. Eu já sei que Pippa partiu. Na manhã em que enterramos Pippa, está chovendo. Uma chuva fria de outubro que transforma em lama o pedaço de terra em minha mão. Quando chega a minha vez junto ao túmulo, a terra escorrega por entre os meus dedos sobre o caixão de Pippa e faz um ruído quase imperceptível.

A manhã inteira, Spence funcionou como uma máquina bem lubrificada. Cada um fazendo a sua parte, com rapidez e eficiência. É estranho como as pessoas ficam decididas depois de uma morte. Toda a indecisão de repente desaparece e as tarefas são realizadas com objetividade - trocar a roupa de cama, escolher um vestido ou um hino, lavar a louça, murmurar uma prece. Todos os pequenos atos, simples, conscientes da vida são uma defesa da morte que sofremos a cada dia.

As meninas da primeira série tiveram permissão para viajar os cinquenta quilômetros até a casa de campo dos Cross para o funeral. A Sra. Cross insistiu que Pippa fosse enterrada com o seu anel de noivado de safira, o que, sem dúvida, incomoda enormemente o Sr. Bumble. Ele passa o funeral inteiro olhando para o relógio e fazendo caretas. Com uma voz grave e sonora, o paroco fala da beleza de Pippa e da sua bondade. Não foi essa moça sem graça que eu conheci. Eu gostaria de me levantar e dar o meu testemunho sobre ela - a Pippa que podia ser fútil, egoísta e cheia de ilusões românticas; a Pippa que também podia ser corajosa, determinada e generosa. E mesmo que eu dissesse tudo isso a eles, isto ainda não faria justiça a ela. Nunca se pode conhecer totalmente uma pessoa. Por isso é que a coisa mais terrível do mundo é aceitar alguém em confiança, esperando que a pessoa faça o mesmo com você. Esse é um equilíbrio tão precário, é um espanto que se faça isso. E no entanto...

O pároco dá a bênção final. Não há mais nada a fazer, a não ser deixar os coveiros iniciarem o seu trabalho. Eles ajeitam suas toucas e enfiam suas pás na lama,

enterrando uma garota que era minha amiga. O tempo todo eu o sinto vigiando-me do meio das árvores. Quando me viro para olhar, ele está lá, com sua capa preta. Assim que a Sra. Nightwing se afasta para confortar os Cross, saio de mansinho e vou até junto de Kartik, que está escondido atrás de um anjo de mármore.

- Eu sinto muito - ele diz. De modo simples e direto, sem aquela bobagem sobre Deus ter chamado para junto de si um anjo, e quem somos nós para tentar entender os Seus mistérios. A chuva bate no meu guarda-chuva num ritmo incessante.

- Eu a deixei partir - digo, contente de poder finalmente confessar de certa forma. - Acho que eu poderia ter me esforçado mais para impedi-la. Mas não o fiz. - Kartik me deixa falar.

Será que ele dirá ao Rakshana o que eu fiz? Não que isto importe. Eu já tomei a minha decisão. Os reinos agora são minha responsabilidade. Em algum lugar lá dentro, Circe está esperando, e eu tenho que organizar a Ordem de novo, há erros para serem reparados, muitas coisas para aprender.

Kartik está calado. Só a chuva constante me responde. Finalmente, ele se vira para mim.

- Você está com o rosto sujo de terra.

Limpo o rosto com as costas da mão. Ele sacode a cabeça para eu saber que a mancha ainda está lá.

- Onde? - pergunto.

- Aqui. - E só o seu polegar roçando devagar por baixo do meu lábio, mas é como se o tempo tivesse diminuído de velocidade e aquele polegar levasse uma infinidade para percorrer o meu rosto. Não é nenhum feitiço, mas tem tanta magia que eu mal posso respirar. Ele afasta a mão, consciente do que fez. Mas o seu toque permanece.

- Meus pesâmes - ele murmura, virando-se para ir embora.

- Kartik?

Ele pára. Está encharcado até os ossos, seus cachos pretos estão grudados na cabeça.

- Não existe volta. Você pode dizer isso a eles.

Ele inclina a cabeça de lado, com um ar interrogativo, e percebo que ele não sabe se eu estou me referindo aos meus poderes ou ao seu toque. Começo a explicar, mas percebo que também não tenho certeza. E, de todo modo, ele já foi embora, correndo para se abrigar na carroça que eu avisto mais adiante na estrada.

Quando volto para perto dos outros, Felicity está olhando para o túmulo, chorando na chuva. - Ela se foi mesmo, não é?

- Sim - digo, surpresa com a minha própria segurança.

- O que aconteceu comigo do outro lado, com aquela coisa?

- Eu não sei.

Nós contemplamos as pessoas, manchas pretas num mar de chuva cinzenta. Felicity não consegue olhar para mim.

- Às vezes eu vejo coisas, eu acho. Pelo canto do olho, atormentando-me, e em seguida elas desaparecem. E sonhos. Sonhos terríveis. E se algo terrível aconteceu comigo, Gemma? E se eu estiver marcada?

A chuva é um beijo frio na minha manga e eu passo o braço pelo dela.

- Nós estamos todas de certa forma marcadas.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Tinham nos dado o dia para descansar e refletir, por isso Mademoiselle LeFarge fica surpresa ao me ver na porta de sua sala. Ela fica embasbacada quando entrego a ela cinco páginas de tradução de francês.

- Está muito bom - ela anuncia depois de analisar cuidadosamente o meu trabalho. Há um vaso de flores na sua mesa, onde antes ficava o retrato de Reginald. Ela arruma os papéis e me devolve com suas correções feitas à tinta.

- Bom trabalho, Mademoiselle Doyle. Acho que ainda há esperança para você. Dans chaque fin il y a un début.

Minha capacidade de traduzir não é suficiente para isso. - No fim, também, tem uma debutante?

Mademoiselle LeFarge sacode a cabeça.

- Em cada final existe um começo.

A chuva parou, mas trouxe com ela um vento de outono que deixa o meu rosto rosado como se tivesse levado um tapa. Outubro floresce em jorros de vermelho e dourado. Em breve as árvores perderão sua capa e o mundo ficará nu.

A quilômetros daqui, Pippa está deitada em seu caixão, tornando-se uma lembrança, mais uma das lendas de Spence para ser cochichada tarde da noite. *Você ouviu falar da garota que morreu naquele quarto no final do corredor?* Eu não sei se ela se arrepende da sua escolha. Gosto de pensar nela como a vi pela última vez, caminhando confiante na direção de algo que eu não verei, assim espero, por muito tempo ainda.

Em um mundo além deste aqui, aquele rio continua a cantar docemente, encantando-nos com o que queremos ouvir, dando forma ao que precisamos ver para prosseguir no caminho. Naquelas águas, todas as decepções são esquecidas, todos os erros são perdoados. Quando olhamos para elas, vemos um pai forte. Uma mãe amorosa. Quartos aconchegantes onde somos abrigadas, adoradas, desejadas. E a incerteza do nosso futuro não passa de um sopro numa vidraça.

O chão ainda está molhado. Os saltos das minhas botas afundam, tornando difícil a caminhada, mas vejo as carroças dos ciganos logo à frente no meio das árvores. Estou indo entregar um presente. Ou um suborno. Ainda não estou bem certa dos meus motivos. O fato é que estou a caminho.

O pacote está embrulhado no jornal de hoje. Eu o deixo do lado de fora da carroça de Kartik e volto para junto das árvores para esperar. Ele aparece logo, carregando uma ave num barbante. Ele vê o pacote e olha em volta para ver quem pode tê-lo deixado ali. Não vendo ninguém, ele o abre e encontra o bastão de críquete do meu pai. Eu não sei se ele irá aceitá-lo ou se irá considerá-lo um insulto.

Ele passa as mãos pela madeira, suavemente. Um leve sorriso se forma em sua boca, que percebo ser a boca mais linda do mundo. Ele apanha uma maçã do chão e a atira no ar. O bastão acerta-a em cheio, lançando-a bem alto, numa feliz combinação de direção e possibilidades. Kartik dá um pequeno grito de satisfação e um soco no ar. Eu me sento e o fico vendo acertar a maçã, diversas vezes, e penso: Críquete é um jogo feito para o perdão e, da próxima vez, tenho que dar uma bola para ele.

Perdão. A frágil beleza desta palavra toma conta de mim enquanto volto pela floresta, passando pela caverna e pelo despenhadeiro, onde a terra aceitou o corpo do veado,

deixando apenas uns poucos ossos saindo do túmulo improvisado por Kartik, para provar que isso aconteceu de verdade. Em breve, eles também terão desaparecido. Mas perdão... Eu vou me agarrar a este frágil fio de esperança, lembrando-me de que em cada um de nós existe bondade e maldade, luz e escuridão, arte e dor, escolha e remorso, crueldade e sacrifício. Nós somos o nosso próprio chiaroscuro, o nosso pedaço de ilusão lutando para emergir em algo sólido, em algo real. Temos que perdoar isso em nós. Eu tenho que me lembrar de me perdoar. Porque tem muita zona cinzenta para ser trabalhada. Ninguém pode viver o tempo todo na luz. O vento muda, trazendo com ele o perfume de rosas, forte e doce. Do outro lado do despenhadeiro eu a vejo sobre as folhas secas. Uma corça. Ela olha para mim e sai correndo por entre as árvores. Corro atrás dela, mas não a estou perseguindo. Estou correndo porque posso, porque preciso. Porque quero mostrar a ela até onde posso ir, antes de ser obrigada a parar.

FIM

Créditos:

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Digitalizado Por:

ALINE ALMEIDA

